

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO ACERVO DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA
IMPERIAL DE BELAS ARTES E SEU USO COMO MATERIAL DIDÁTICO (1834-1857)

Rosani Parada Godoy

Rio de Janeiro
2015

Rosani Parada Godoy

PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO ACERVO DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA
IMPERIAL DE BELAS ARTES E SEU USO COMO MATERIAL DIDÁTICO (1834-1857)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Linha de Pesquisa: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a.Icléia Thiesen.

Rio de Janeiro

2015

G589 Godoy, Rosani Parada.
Processos de formação do acervo da biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834-1857) / Rosani Parada Godoy, 2015.
189 f. ; 30 cm

Orientadora: Icléia Thiesen.
Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) –
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,
2015.

1. Taunay, Félix-Émile, 1795-1881. 2. Porto-Alegre, Manuel de Araujo, 1806-1879. 3. Academia Imperial de Belas Artes (Brasil). Biblioteca. 4. Bibliotecas - Desenvolvimento da coleção. I. Thiesen, Icléia. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado Profissional em Biblioteconomia. III. Título.

CDD 025.21

Rosani Parada Godoy

**PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO ACERVO DA BIBLIOTECA DA
ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES E SEU USO COMO
MATERIAL DIDÁTICO (1834-1857)**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Biblioteconomia, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovada em: _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dr^ª Icléia Thiesen (Orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^º Dr^º Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^ª Dr^ª Lena Vania Ribeiro Pinheiro
Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

Dedico esta pesquisa a Deus. Fiel em cumprir as Suas promessas na minha vida.

AGRADECIMENTOS:

A Deus: Aquele que torna tudo possível em minha vida. Ao que jamais se ausenta e que por Sua presença sou capaz de prosseguir, mesmo nas adversidades da vida e conquistar Suas promessas.

À minha mãe querida, que mesmo não estando mais ao meu lado, permanece, por meio das lembranças de quem ela foi, me motivando a nunca desistir dos meus sonhos. Nada poderia expressar o quanto ela contribuiu para que esse sonho se tornasse real.

Ao meu pai pelo amor dedicado, pelo exemplo de vida, de caráter, por valorizar e apoiar os meus estudos. Pelas horas de conversas, que me incentivaram, apesar das lutas, a prosseguir e alcançar o alvo.

Às minhas amadas filhas Rebeca e Raquel, pela paciência, compreensão, companheirismo e força em todos os momentos.

Ao meu marido que me incentivou a voltar a exercer a profissão de bibliotecária.

Aos meus queridos irmãos Kátia, João Ricardo e Marcos David, por estarem sempre ao meu lado.

À minha querida orientadora Iceleia Thiesen, por compreender, o espírito desta pesquisa e confiar em mim. Pelo carinho, incentivo, paciência e respeito às minhas limitações nos momentos difíceis por quais passei. Por sua sábia e preciosa orientação, sempre direcionando o caminho a seguir.

À Selma Sodré que desde o início se dispôs a ouvir as minhas ideias, acreditando nelas e contribuindo sempre com sua experiência de vida e incentivo.

À Wanessa, pelas contribuições ao longo de toda a pesquisa, pela ajuda nas diversas revisões, pela disponibilidade, amizade e carinho.

Às queridas professoras Sonia Pereira e Dalila Santos que nas inúmeras vezes em que busquei apoio, tão carinhosamente contribuíram com seus conhecimentos para enriquecer esta pesquisa.

Aos estagiários Barbara, Alessandro e Larissa.

À museóloga Renata Carvalhaes, sempre disponível nas dúvidas em relação aos documentos primários utilizados.

A todos os professores do Mestrado que contribuíram com o compartilhamento do conhecimento.

Aos membros da banca examinadora de qualificação e de defesa, Prof^o Dr^o Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda e Prof^a Dr^a Lena Vania Ribeiro Pinheiro pelas valiosas contribuições.

Obrigada!

RESUMO

GODOY, Rosani Parada. **Processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834-1857)**. 2015, 189 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

A pesquisa objetiva demonstrar os processos de formação da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). Analisar seus aspectos históricos com o intuito de reconstruir o processo de formação de uma coleção que guarda em si a memória institucional do ensino artístico no Brasil. Considerar a forma como eram realizadas as aquisições e as providências tomadas, visando caracterizar o que hoje chamaríamos de “política de aquisição de acervo”, pelos dirigentes da AIBA. Nesse aspecto, dois personagens se destacam: Felix Emilio Taunay (1795-1881), diretor da Academia de 1834 a 1851 e Manuel de Araujo Porto-alegre (1806-1879), diretor da Academia de 1854 a 1857. Nosso objetivo é analisar a constituição desse acervo voltado para a formação dos artistas no século XIX. As bases sólidas implementadas por Taunay no método de ensino, perduraram durante boa parte do século XIX. Foi também nesse momento que foi constituída a base do acervo da Biblioteca, norteando futuras ações de outros diretores que viriam a dirigir a Academia e a Biblioteca. A gestão de Porto-alegre, de 1854 a 1857 e a Reforma Pedreira instaurada por ele, foi um marco no ensino da AIBA, com a inclusão de novas disciplinas, influenciando, inclusive, nas avaliações para a aquisição de novas obras que passariam a fazer parte do acervo da Biblioteca. Nesse contexto caracterizar os processos de formação do acervo da AIBA à luz da literatura e de documentos primários disponíveis em arquivos e bibliotecas, entre os quais, o arquivo histórico do Museu D. João VI ressaltando a contribuição do acervo da Biblioteca da AIBA para o ensino de Belas Artes desenvolvido na antiga Academia Imperial de Belas Artes no século XIX. Concluímos que o acervo constituído tornou possível viabilizar o ensino de artes no Brasil. A Biblioteca da AIBA difundia a cultura, servindo também como um espaço de sociabilidade. A “Política de aquisição do acervo” foi bem sucedida por ter a AIBA investido na aquisição e no incentivo à doação de obras de interesse à formação do artista e ter como selecionadores os diretores e secretários, principalmente Taunay e Porto-alegre que se destacam em todo o processo de formação da Biblioteca norteando os futuros dirigentes da AIBA que deram prosseguimento aos serviços de seleção e aquisição. As Comissões de

Professores proporcionaram um efeito positivo, já que os professores nomeados eram profundos conhecedores na área. A análise de documentos primários produzidos no século XIX permitiu identificar essa experiência inovadora para a época, cujo conhecimento não se encontra acessível em outras fontes de estudos. O modelo de ensino utilizado pela Academia, com o suporte de uma Biblioteca atualizada e competente, mesmo para os padrões europeus da época, trouxe resultados tão eficientes que modificou toda uma geração de artistas. A Biblioteca da Academia foi privilegiada por ter sido constituída em um momento da construção da nação. Era uma geração comprometida com a independência, desse modo, trouxeram a cultura europeia para o Brasil através dos livros, possibilitando que a Academia se tornasse eficiente em formar artistas e representar o Brasil por meio da arte. Os dados obtidos na pesquisa serão utilizados como instrumento de gestão e salvaguarda para o acervo raro e especial da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da UFRJ.

Palavras-chave: Felix Emilio Taunay. Manuel de Araujo Porto-alegre. Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (Brasil). Academia Imperial de Belas Artes (Brasil). Desenvolvimento da coleção.

ABSTRACT

GODOY, Rosani Parada. **Processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático (1834-1857)**. 2015, 189 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Biblioteconomia) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This research aims to demonstrate the processes of formation of “Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA)”. We will analyze its historic aspects with the purpose of rebuilding the process of formation of a collection which keeps in itself the institutional memory of the artistic education in Brazil. We will analyze the way the acquisitions were made and the actions taken, aiming to characterize what today we would call “policies for collection acquisition”, by the directors of AIBA. In this aspect, two characters stand out: Felix Emilio Taunay (1795-1881), director of “Academia” from 1834 to 1851 and Manuel de Araujo Porto-alegre (1806-1879), director of “Academia” from 1854 to 1857. Our objective is to analyze the constitution of this collection focusing on the formation of the artists in the 19th century. The solid bases practiced by Taunay in the method of teaching lasted great part of the 19th century. It was also in this moment that the basis of the collection for the “Biblioteca” was constructed, giving directions to future actions of other directors that came to direct the “Academia” and the “Biblioteca”. The management of Porto-alegre, from 1854 to 1857, and “Reforma Pedreira” set up by him were a landmark in the education of AIBA, with the inclusion of new chairs, even influencing the evaluations for the acquisitions of new work that would become part of the collection of the “Biblioteca”. In this context we will characterize the processes of formation of the collection of the “Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA)” in the light of the literature and of primary documents available in records and libraries, among which, the historic records of “Museu D. João VI” standing out the contribution of the collection of “Biblioteca” of AIBA to the teaching of “Belas Artes”, developed in the old “Academia Imperial de Belas Artes” in the 19th century. We concluded that the collection made it possible to enable the education of art in Brazil. The “Biblioteca da AIBA” spread culture and also served as a space for sociability. The “policy for the collection acquisition” was well succeeded for having AIBA invested in the acquisition and encouraged the donation of works of art of interest to the formation of artists, also for having the directors and secretaries as selectors, mainly Taunay and Porto-alegre that were highlighted in all the process of formation of “Biblioteca”, guiding future

directors of AIBA that continued the work of selection and acquisition. The Professors Comissions provided a positive effect, since the appointed professors were experts in the area. The analysis of primary documents produced in the 19th century allowed the identification of this innovative experience to the time, whose knowledge isn't available in other sources of study. The teaching model used by "Academia", with the support of an updated and capable "Biblioteca", even for the European standards of that time, brought so efficient results, that modified a whole generation of artists. The "Biblioteca da Academia" was privileged to have been made at the time of the nation building. It was a generation committed to the independence, so they brought the European culture to Brazil through books, enabling that the "Academia" became efficient making artists and representing Brazil through the art. The data obtained in the research will be used as instrument of management and safeguard to the rare and special collection of "Biblioteca de Obras Raras da Escola de BelasArtes" of UFRJ.

Keywords: Felix Emilio Taunay. Manuel de Araujo Porto-alegre. Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (Brasil). Academia Imperial de Belas Artes (Brasil). Development of collection.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS.....	21
3 A ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES (AIBA): HISTÓRICO, SEDES, REFORMAS.....	30
4 A BIBLIOTECA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES: TAUNAY, PORTO-ALEGRE E A FORMAÇÃO DO ACERVO-BASE.....	52
5 O PAPEL DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ARTISTA NO SÉCULO XIX.....	102
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXO 1 - Decreto nº 1.603, de 14 de maio de 1855.....	147
ANEXO 2 - Decreto de 12 de agosto de 1816.....	178
ANEXO 3 - Elementos do Catálogo da Biblioteca, [1846].....	180

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Ateliê de Debret no Catumbi, Rio de Janeiro.....	32
Figura 2 - Planta nº 885 da Academia Imperial de Belas Artes, pelo arquiteto Grandjean de Montigny.....	34
Figura 3 - Voyage pittoresque et historique au Bresil de Jean Baptiste Debret. 1834. v.3. p. 211-212.....	34
Figura 4 - Página de rosto da reprodução do Projeto do Plano para a Imperial Academia das Bellas- Artes do Rio de Janeiro, 1827 com dedicatória de Alfredo Galvão, 1963.....	36
Figura 5 - Anverso e reverso da medalha comemorativa da Abertura da Academia Imperial de Belas Artes, 1826.....	37
Figura 6 - Edifício da Academia Imperial de Belas Artes, 1826.....	37
Figura 7 - Edifício da Academia Imperial de Belas Artes, 1890.....	38
Figura 8 - Documento 1093, quadro funcional, 1839.....	39
Figura 9 - Pórtico da Academia Imperial de Bellas Artes no Jardim Botânico, [20-?].....	41
Figura 10 - Risco do engenheiro Paula Freitas.	41
Figura 11 - Escola Nacional de Belas Artes, 1983.....	42
Figura 12 - Planta da Escola Nacional de Belas Artes no livro Fachadas dos prédios da ex Av. Central, atual Rio Branco, 1903.....	43
Figura 13 - Fachada do prédio da Escola Nacional de Belas Artes, [20-?].....	43
Figura 14 - Documento 4425, registro de empréstimo para o Conselheiro Diretor realizado pelo diretor Porto-alegre, 1855.....	47
Figura 15 - Documento 4439, relação das obras emprestadas ao professor Ernesto Gomes.....	48
Figura 16 - Estatuto da AIBA de 1890, tabela de vencimento.....	51
Figura 17 - Painel Alegoria às artes por Palliere, [1855].....	58
Figura 18 - Documento 1518 - registro dos serviços de Antonio Roberto da Silva Peixoto que prestava à Biblioteca da AIBA, sendo também ajudante do porteiro, 1837.....	60
Figura 19- Ofício citando Job Justino como bibliotecário, 1837.....	61

Figura 20 - Página de rosto e ilustração do livro <i>Architecture Toscane</i> , de Grandjean de Montigny, 1815.....	65
Figura 21 - Página de rosto do livro <i>A Arte de pintar a óleo conforme prática de Bardwel</i> , 1836.....	68
Figura 22 - Página de rosto do livro <i>Epitome de anatomia relativa as Bellas-Artes, seguido de hum compendio de physiologia das paixões, e de algumas considerações geraes sobre as proporções, com as divisões do corpo-humano</i> , 1837.....	69
Figura 23 - Documento 3069, 5 de outubro de 1865.....	70
Figura 24 - Documento 2829, 10 de novembro de 1887.....	71
Figura 25 - <i>Le Antichità Romane</i> de Giambattista Piranesi, 1835, v.8.....	77
Figura 26 - Página de rosto, falsa página de rosto e poema da página 143 do livro <i>Colombo</i> , de Manuel de Araujo Porto-alegre, 1866.....	79
Figura 27- Capa e primeira página do <i>Catálogo de Obras Raras ou valiosas da Biblioteca de Obras Raras da Escola Nacional de Belas Artes</i> , 1945.....	84
Figura 28 - Ilustração do livro <i>L'antichità romana</i> , de Luigi Rossini, [1820].....	87
Figura 29 - Documento 4453, de 24 de outubro de 1874.....	91
Figura 30 - Documento 4454, de 28 de outubro de 1874.....	92
Figura 31 - Página de rosto do livro <i>Il costume antico e moderno</i> , de Giulio Ferrario, 1827-1834.....	93
Figura 32 - Ilustração do livro <i>Il costume antico e moderno</i> , 1827-1834.....	93
Figura 33 - Desenho Grandjean de Montigny. Detalhamento de Arco. Nanquim sobre papel, [s.d.]. Documento 000.904.....	94
Figura 34 - Frontispício e página de rosto do livro <i>Real Museu Borbonico</i> , 1824.....	96
Figura 35 - Primeira página do catálogo da Fimin Didot, 1861.....	98
Figura 36 - Primeira página do catálogo <i>Elementos do Catálogo da Biblioteca</i> , manuscrito por Taunay, 1846	98
Figura 37 - Página de rosto, dedicatória e ilustração do livro <i>Le Musée Français</i> , de Groze-Magnan, 1803.....	99
Figura 38 - Documento 3646. <i>Catálogo da B. L. Garnier</i> , 1856.....	99

Figura 39 - Detalhe da Loggia (Pilastra XI) de Giovanni Ottaviani, [18-?]	106
Figura 40 - A última ceia de Giovanni Ottaviani, [18-?].....	107
Figura 41 - Detalhe de A última ceia de Giovanni Ottaviani, [18-?].....	107
Figura 42 - Fronstispício e página de rosto do livro Voyage pittoresque et historique au Brésil, de Jean Baptiste Debret, 1834-1839.....	109
Figura 43 - Ilustração do livro Voyage pittoresque et historique au Brésil, de Jean Baptiste Debret, 1834-1839.....	109
Figura 44 - Recibo de compra de Livros da A. Morel, 1875. Fonte: UZEDA, H. C. O ensino de arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro: 1826-1889, 2000. p. 219.....	119
Figura 45 - Página de rosto e página 185 do livro La mimique, 1902.....	121
Figura 46 - Página de rosto e página 104 de Le geste por Charles Hacks, [1892].....	122
Figura 47 - Página de rosto do livro Anatomie du gladiateur combattant..., de Jean-Galbert Salvage, 1812.....	123
Figura 48 - Ilustração do livro Anatomie du gladiateur combattant..., de Jean-Galbert Salvage, 1812, prancha 10.....	123
Figura 49 - Ilustração do livro Anatomie du gladiateur combattant..., de Jean-Galbert Salvage, 1812, prancha 3.....	124

1 INTRODUÇÃO

Ao estudar o tema *Processos de formação da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) - 1834 a 1857* analisaremos seus aspectos históricos com o intuito de reconstruir o processo de formação de um acervo que guarda em si a memória institucional do ensino artístico no Brasil. O objeto de estudo desta dissertação é a *Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes*, aprofundando a formação do seu acervo, o seu objetivo principal. É de nosso interesse ainda, identificar como interferiu na formação dos artistas no século XIX e saber em que medida seria possível identificar e reconstituir o pensamento social refletido no acervo da referida Biblioteca, já que a AIBA tem sua trajetória intimamente ligada à história política e social do país. Daí a importância de evidenciar sua contribuição para o ensino de Belas Artes desenvolvido na antiga Academia Imperial de Belas Artes no século XIX.

Em 1822 a construção da Independência nacional tornou-se uma preocupação do Estado. O passado reconstruído de modo intelectual torna-se uma importante fonte de legitimação do novo regime (PEREIRA, 2012). A Biblioteca da AIBA acompanharia todo esse processo de nacionalização, como uma biblioteca singular e atrelada, em todo tempo, à Academia.

Esta pesquisa não tem a intenção de analisar o *desenvolvimento de coleções*, mas tem como foco os processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes e seu uso como material didático, no período de 1834 a 1857, que avaliamos como o período fundador da Biblioteca e que norteou futuras ações de outros diretores que viriam a dirigir a Academia e também a Biblioteca. O recorte cronológico da pesquisa abrange primordialmente o período mencionado por justificar-se também como o período em que se iniciam as ações de Felix Emilio Taunay¹ e conseqüentemente sua atuação na Biblioteca da Academia. As bases sólidas implementadas por Taunay no método de ensino, perduraram durante boa parte do século XIX, sendo assim, a pesquisa, em certos momentos, relata fatos que ultrapassam o período estabelecido, porém, necessários para melhor compreensão da sua trajetória, evidenciando a relevância do acervo-base da Biblioteca. Não se trata de analisar, enfatizamos, o desenvolvimento de determinada coleção, mas de compreender como se deu a formação do acervo que hoje constitui a Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ).

¹ Adotaremos a grafia como Taunay assinava seu nome.

Procuramos preencher algumas lacunas, sem a pretensão de esgotar todos os fatos que ocorreram na sua longa trajetória. Analisamos a forma como eram realizadas as aquisições e as providências que eram tomadas, visando caracterizar o que hoje chamaríamos de “política de aquisição de acervo”, pelos dirigentes da Academia Imperial de Belas Artes. Nesse aspecto, dois personagens se destacam: Felix Emilio Taunay (1795-1881), diretor da Academia de 1834 a 1851 e Manuel de Araujo Porto-alegre² (1806-1879), diretor da Academia de 1854 a 1857. Com a gestão de Porto-alegre e a *Reforma Pedreira* (ANEXO 1) instaurada por ele, em 1855, houve um marco no ensino da AIBA influenciando o desenvolvimento do acervo. Nosso objetivo foi analisar a constituição de um acervo voltado para a formação dos artistas no século XIX, iluminando assim os objetivos propostos nessa pesquisa. Os objetivos foram traçados com essa finalidade, assim como o contexto histórico que pode explicar tais ações.

Caracterizamos e analisamos os processos de formação do acervo da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes - AIBA à luz da literatura e de documentos primários disponíveis em arquivos e bibliotecas, entre os quais, o arquivo histórico do Museu D. João VI e do Center for Research Libraries da Universidade de Chicago. A análise será fundamentada em autores consagrados como Roger Chartier, Rubens Borba de Moraes e Robert Darnton, levando em consideração suas abordagens sobre os temas História dos livros, das Bibliotecas e da Leitura e Biblioteca e Sociedade. Consideramos ainda autores que abordaram o tema Formação e Desenvolvimento de Coleções e Organização de Bibliotecas: Gabriel Naudé, século XVII, Namur e Jacques-Charles Brunet, século XIX e Shialy Ramamrita Ranganathan, este último do século XX.

Ao realizarmos a pesquisa histórica também abordamos alguns teóricos da área de História da Arte, principalmente aqueles que possuem trabalhos publicados que enfatizam o ensino de artes no século XIX e, que um dia se dedicaram a pesquisar e conhecer as particularidades deste ensino, como Adolfo Morales de los Rios Filho³, Alfredo Galvão⁴, Sônia Gomes Pereira⁵ e que podem iluminar as questões referentes ao momento vivido, clarificando certos conteúdos de cunho teórico que constam nos livros analisados.

² Adotaremos a grafia com “a” minúsculo, como Porto-alegre assinava seu nome.

³ Formado em 1914 pela Escola Nacional de Belas Artes, organizou, para o Terceiro Congresso de História Nacional em 1938, publicado pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, o histórico mais completo sobre o assunto, sob o título *O ensino artístico: subsídio para sua história*.

⁴ Alfredo Galvão foi um dos maiores estudiosos da história da AIBA e diretor no período de 1955 a 1958.

⁵ A professora Sonia Gomes Pereira é historiadora da arte e tem-se dedicado há muitos anos ao estudo da arte brasileira do século XIX e início do XX, com ênfase especial no estudo da antiga Academia Imperial de Belas Artes, depois Escola Nacional de Belas Artes, a partir das fontes primárias, conservadas no Museu D. João VI e na Biblioteca de Obras Raras da EBA / UFRJ. Tem inúmeras publicações sobre o assunto.

Atualmente, como Bibliotecária responsável pela Biblioteca de Obras Raras⁶ da Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), antiga Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), tivemos a oportunidade de estar em contato com o acervo de livros e gravuras que foi constituído a partir da criação da AIBA. Durante seu manuseio, foram surgindo questões sobre a formação desse conjunto de livros que reúnem um acervo de valor incalculável para os estudos sobre a Academia e sobre o ensino de artes. O valor, do ponto de vista histórico, é inegável. Enfatizamos que, conhecer a história da biblioteca também se faz necessário por ser o ponto de partida para definições de procedimentos especiais em relação ao acervo por seus valores de raridade e preciosidade, esclarecendo certos fatos que possibilitariam, em grande medida, delinear uma melhor gestão, em muitos aspectos, desse valioso patrimônio cultural. Os fatos mencionados somados a grande admiração pelo acervo levaram-nos à pesquisa histórica que deu origem a esta dissertação de mestrado. Historiadores, museólogos, antropólogos, publicaram trabalhos os quais abarcam o acervo da Biblioteca da AIBA, porém nenhum foi abordado sob o ponto de vista de um bibliotecário onde as práticas biblioteconômicas, já realizadas na época, fossem observadas e ressaltadas.

A importância desse acervo se dá, inclusive, pela origem da sua formação que assinala a vinda da Missão Artística Francesa, em 1816, e consequente fundação da Academia Imperial de Belas Artes. A primeira no Brasil com ensino oficial. O Rio de Janeiro como sede da Corte e Capital do Reino precisou ser moldado para atender às necessidades do Rei, incluindo a criação de estabelecimentos de educação. A Academia Imperial de Belas Artes foi uma das instituições que tiveram um importantíssimo papel na construção da cidade, sede da corte e capital do reino (PEREIRA, 2014).

A pesquisa também se justifica por contribuir para os estudos sobre a história das bibliotecas, com enfoque na formação, características e relevância do seu acervo. Está de acordo com recomendações da IFLA, através da Library History Section, que procura incentivar esse tipo de pesquisa em todos os países. Segundo Silva (2012) na América Latina, onde a presença das bibliotecas já completou mais de 500 anos, a sua história ainda não mereceu a atenção devida.

⁶ O Professor Almir Paredes Cunha, museólogo, responsável pela criação do Museu D. João VI e diretor da EBA/UFRJ no período de 1976 a 1980, durante sua gestão também foi responsável pela separação e avaliação dos livros considerados como raros e valiosos da Biblioteca da Escola, tomando como base critérios de raridade estabelecidos por antigos bibliotecários que identificaram essa parte do acervo como raro. O Professor Almir separou fisicamente o acervo raro do acervo geral, por entender ser um conjunto de grande valor histórico e ser necessário protegê-lo e conservá-lo em ambiente destacado do acervo geral que tem como características o livre acesso ao público e um tratamento diferenciado, entre outras.

Na seção dois trataremos dos procedimentos metodológicos que permitem alcançar os objetivos propostos.

Não há como separar a história da AIBA da história da sua Biblioteca, pois que a história de uma, será por igual a história da outra. Assim sendo, a seção três, *A Academia Imperial de Belas Artes (AIBA): histórico, sedes, reformas*, compreende a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, com a Missão Artística Francesa em 1816, tendo como objetivo a implantação de uma Academia de Artes no Rio de Janeiro. Aborda as reformas da AIBA, e os estatutos referentes à Biblioteca.

A seção quatro, *A Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes: Taunay, Porto-alegre e a formação do acervo-base* destaca os elementos da sua formação, resultante do desenvolvimento da Academia. Com a criação da AIBA é necessário criar uma Biblioteca que dê suporte aos professores, para efetivação do ensino de artes. Por consequência os alunos formados adquiriam o conhecimento necessário para "ilustrarem", através da arte, uma época em que a identidade do Brasil estava sendo formada. A seção ainda trata dos primeiros planos do Diretor Henrique José da Silva⁷ e seu Secretário Felix Emilio Taunay no que diz respeito à localização, missão e objetivos da Biblioteca. Discorre também sobre a grande atuação de Taunay, primeiramente como secretário e posteriormente como diretor da AIBA. As contribuições de Manuel de Araujo Porto-alegre são evidenciadas no processo de formação e desenvolvimento do acervo. Esta seção ainda aborda suas ações enquanto diretor da AIBA, assim como na Biblioteca. Procura demonstrar como as novas ideias e pensamentos expressados por Porto-alegre e as mudanças ocorridas nesse momento, como a Reforma Pedreira, passam a influenciar a administração da Academia, com um novo método de ensino. Discorre sobre a estrutura do ensino das Belas Artes e a reforma que sofreu, demonstrando como a mentalidade de então, os estímulos à produção artística e a influência europeia refletiram no desenvolvimento do acervo. Correlaciona os processos da formação do acervo-base da Biblioteca com as informações e os pensamentos vindos da Europa que refletem diretamente na composição do acervo. O processo de seleção e aquisição também é abordado revelando que já existia uma "política de seleção e aquisição", inclusive ilustrando o processo pelo qual estas eram realizadas pela Biblioteca da AIBA.

A seção cinco, *O papel da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes no processo de formação do artista no século XIX* procura demonstrar o método de ensino, ou seja, o ensino sistematizado, de tendência neoclássica, assentado em normas acadêmicas que

⁷ Diretor da AIBA de 1820 a 1834.

formou os alunos da Academia. Aborda o acervo da Biblioteca da AIBA como material de estudo: os livros e as gravuras. A seção arrola alguns títulos de obras incorporadas ao acervo ao longo da trajetória da Biblioteca, que comprovam sua importância e seu uso como suporte do ensino, por meio de pareceres de professores da época e da atualidade, evidenciando como o acervo-base da Biblioteca atravessa o tempo, com valores eternos, sendo utilizada, inclusive atualmente, como ponte para o ensino de artes, conforme os depoimentos citados. Destacamos o trabalho da professora doutora Sônia Gomes Pereira que se baseou em documentos primários para realização das suas pesquisas direcionadas ao ensino de Artes na Academia.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Rubens Borba de Moraes foi um dos pioneiros na temática História do Livro e das Bibliotecas com o trabalho *Livros e bibliotecas no período colonial*, publicado em 1979, com segunda edição em 2006. No prefácio da obra, Moraes (2006) assinala que “a história do livro e das bibliotecas no Brasil é [...] pouco sabida”, enfatiza o potencial de pesquisa presente em bibliotecas e coleções brasileiras, defendendo que “se quisermos estudar a história das ideias, a divulgação das técnicas, toda a evolução cultural brasileira, enfim, é indispensável estudar a história do livro e das bibliotecas”, ressalta que se faz necessário “estabelecer fatos” no que diz respeito à formação de bibliotecas e, que “somente os livros não explicam a difusão de ideias, mas explicam muitos outros acontecimentos” (MORAES, 2006, p.185). Este livro aborda temas como A Biblioteca Real no Rio de Janeiro, a Fundação da Biblioteca Pública da Bahia, o comércio de livros, as bibliotecas particulares, entre outros. Destacamos também outros trabalhos de Moraes que muito contribuiu para analisarmos a importância das bibliotecas dentro do contexto social e cultural: *O Bibliófilo Aprendiz*, de 1998, que é uma espécie de introdução ao mundo dos livros; *Bibliografia Brasileira* – espécie de catálogo onde descreve obras raras sobre o Brasil, de 1530 a 1900; *O Domingo dos Séculos* – literário publicado em 1924 e *Bibliografia da Imprensa Régia* – editado postumamente.

Os títulos citados são referência para a realização de estudos de cunho histórico sobre as bibliotecas brasileiras.

Edson Nery da Fonseca, assim como Borba de Moraes, também foi pioneiro no campo. Um dos textos de sua autoria é o *Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil*, publicado na Revista do Livro em 1957, que nos faz ter uma visão do desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil. Fonseca comenta o *Plano para o estabelecimento de uma bibliotheca publica na cidade de S. Salvador*, de autoria de Pedro Gomes Ferrão Castello Branco, 1811. Este é considerado um dos primeiros documentos da história das bibliotecas no Brasil. Outros textos de sua autoria que merecem ser citados são: *Bibliotecas e bibliotecários da província*, de 1959; *Ramiz Galvão, bibliotecário e bibliógrafo*, de 1963 e *A biblioteconomia brasileira no contexto mundial*, de 1959.

Robert Darnton, pesquisador pioneiro no campo da história do livro, no ensaio *O que é a história do livro*, da obra *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, 1990, assinala que a finalidade da História do Livro é entender como as ideias eram transmitidas por vias expressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade nos últimos 500 anos. Darnton prossegue afirmando que livros não se limitam a

relatar história: eles a fazem e que o estudo de bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar “o que” com “o quem” da leitura. Esse ensaio foi reavaliado por Darnton e publicado em capítulo no livro *A questão dos livros: passado, presente e futuro*, 2010. Conforme o autor esclarece “o texto gerou muitos debates e tem sido bastante indicado em cursos”. A história do livro vem sendo reconhecida como uma importante nova disciplina.

Na apresentação do livro intitulado *O grande massacre dos gatos*, 2011, o citado autor nos traz um “novo olhar” para a pesquisa histórica. Darnton analisa as maneiras de pensar na França do século XVIII, e defende uma interpretação renovadora. Para tal, é preciso revelar como os indivíduos atribuíam significado e emoção à realidade social. A construção desta perspectiva permite entender sua ‘visão de mundo’, e a constatação de realidades multifacetadas, diversificadas e muitas vezes surpreendentes, possibilitando “apreciar alguns pontos incomuns, que podem ser os mais reveladores.”

Darnton (2010, p.13, 15) defende que “a imersão no passado é capaz de proporcionar uma perspectiva útil para eventos do presente e do futuro” e, que documentos que não se podem considerar típicos do pensamento de uma época, podem nos fornecer maneiras de entrar nele. Pressupomos que pelo conteúdo do acervo, possamos traçar um perfil das ações de Taunay e Porto-alegre, dentre outros diretores, relativas à aquisição do mesmo. Paralelamente, ao estudarmos o acervo, talvez possamos compreender também as manifestações artísticas dos leitores e alunos da AIBA/ENBA, suas ideias e visões de mundo, a partir da bibliografia dos cursos que os formaram.

Ao pesquisarmos a “política de aquisição” realizada na época da formação do acervo, segundo ideias do historiador Robert Darnton, “imersão no passado”, sendo possível traçar um perfil das ações de Taunay e Porto-alegre, dentre outros diretores, relativas à aquisição do acervo e a compreensão dos critérios estabelecidos para decisões em relação à Biblioteca diante de todo um contexto histórico e cultural. Ainda citando Darnton, percebemos o livro como “força histórica” e agente transformador da conduta de uma sociedade. Diante dessa afirmação entendemos que, no caso da Biblioteca da AIBA, a chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, e a criação da Academia foram determinantes para o entendimento das Belas Artes no Brasil. Os livros que foram sendo, ao longo do tempo, incorporados ao acervo da Biblioteca, esclarecem a forma de pensar, métodos de ensino, movidos por valores, ideias, ideais, ideologias, políticas, dos professores e diretores da época ao se utilizarem do rico conteúdo didático neles contido.

Chartier e Roche (1995, p. 105) afirmam que ao arrolar itens de coleções específicas, oriundas de colecionadores de renome, a primeira noção de valor atribuída a esses livros é que

eles podem delinear o perfil intelectual do colecionador original. A trajetória intelectual de Chartier abrange várias linhas de pesquisa que muito contribuíram para a história cultural. Uma primeira linha seria a história das instituições de ensino e das sociabilidades intelectuais; uma segunda linha de pesquisa, que perpassa o conjunto de sua obra, é constituída pela história do livro e das práticas de escrita e de leitura. Sua reflexão teórica inovadora abriu novas possibilidades para os estudos em história cultural e estimula a permanente renovação nas maneiras de ler e fazer a história⁸.

Chartier afirma ainda que há algo específico no discurso histórico, pois esse é construído a partir de técnicas específicas. Pode ser uma história de eventos políticos ou a descrição de uma sociedade ou uma prática de história cultural, para produzi-la o historiador deve ler os documentos, organizar suas fontes, manejar técnicas de análise, utilizar critérios de prova. A história do livro foi se convertendo em história das leituras, examinando os distintos modos de leitura, interpretação e apropriação do texto em uma sociedade, bem como as formas plurais com que leitores diferenciados apreendiam e manejavam os discursos contidos nos livros.

Ao examinarmos as obras desses teóricos que têm como objeto de estudo os livros, a História das Bibliotecas e da Leitura, observamos que ao realizarem pesquisas nessa área, passaram a valorizar a história das culturas. A história das bibliotecas é indissociável da história da cultura e do pensamento, já que são um lugar de memória onde se depositam os extratos das inscrições das gerações passadas. Pela leitura da literatura citada no quadro teórico foi possível compreendermos como se dava a formação de diversas bibliotecas do século XIX o que foi altamente esclarecedor em relação às ações de políticas de aquisição e seleção dos acervos, dentre outras, comuns ao período estudado.

Sobre o tema Desenvolvimento de Coleções e Organização de Bibliotecas, mencionaremos breves conceitos de autores como Gabriel Naudé, em seu trabalho “*Advis pour dresser une bibliotheque*” publicado em 1627, com tradução para o inglês e publicado em 1903. O autor apresenta a biblioteca como uma instituição necessariamente pública e universal, defendendo a importância da seleção para formar uma coleção útil. Os conceitos de Naudé diferem dos pensamentos da época, principalmente quanto à concepção de bibliotecas, como a de Alexandria, voltadas para a acumulação e armazenamento. Namur em seu *Manuel du bibliothécaire*, publicado em 1834 nos fornece algumas recomendações sobre os processos

⁸ Dentre suas muitas obras: *A História cultural: entre práticas e representações*; *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*; *Leituras e Leitores na França do Antigo Regime*; *História da leitura no mundo ocidental*; *Práticas da leitura*; O príncipe, a biblioteca e a dedicatória, artigo publicado no livro *O poder das bibliotecas*.

da seleção no âmbito das bibliotecas. Jacques-Charles Brunet trata de temas relacionados na biblioteconomia de livros raros e na quinta edição da sua obra *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*, 1860, aborda a importância de incluir uma análise das obras arroladas como instrumento auxiliar no momento da seleção. Shialy Ramamrita Ranganathan, teórico do século XX, que em sua obra *As cinco leis da Biblioteconomia*, publicada em 1931, de igual modo aborda e nos orienta sobre a importância do processo de seleção em uma biblioteca.

Dentre os teóricos analisados, na área de História da Arte, abordaremos Adolfo Morales de los Rios Filho, que tratou do assunto "Ensino artístico" no livro *O ensino artístico: subsídios para a sua história*, publicado em 1942. Nele o autor traça a história da Academia Imperial de Belas Artes, desde a negociação da vinda da Missão Artística, até sua transformação em Escola Nacional de Belas Artes, com a República.

Foram pesquisados estudos que tratassem de temas referentes à História das Bibliotecas nas bases de dados da BRAPCI, Grupos de Trabalhos dos ENANCIBs, Banco de Teses e Dissertações (IBICT), Biblioteca Master, na área da Biblioteconomia e Documentação, verificando-se a pouca ênfase dada ao tema, especialmente no que diz respeito à formação e desenvolvimento de bibliotecas universitárias no século XIX.

Villalta (2010) considerou as contribuições publicadas antes da década de 80 do século XX assim como os trabalhos desenvolvidos posteriormente, percebendo que os assuntos mais estudados estão voltados para a posse de livros e práticas de leitura, enfatizando a circulação das ideias na sociedade brasileira.

O poder das bibliotecas, sob a direção de Marc Baratin e Christian Jacob, é uma coletânea que reúne os textos apresentados e discutidos durante o colóquio "Alexandria ou a memória do saber", França, 1993. Embora não seja propriamente uma história dessas instituições milenares *O poder das bibliotecas* desenvolve, a partir de diversos pontos de vistas, e com base em diferentes abordagens, um rico painel das práticas de leitura erudita e do papel que assumiram na transmissão das heranças intelectuais do Ocidente e do recurso dos livros como depósito e instrumento de conhecimentos.

Há outras obras que discorrem sobre a história das bibliotecas. Lucianno Cãnfora, em *A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca da Alexandria*, de 1989, relata a história da biblioteca alexandrina. Mais do que uma história sistemática, é a análise de inúmeros mistérios ligados a uma enorme coleção de livros, histórias de volumes perdidos e reencontrados, de furtos e falsificações e disputas entre colecionadores. Cãnfora contrapõe à narração histórica à análise das fontes.

Bibliotecas privadas en el mundo colonial, de Teodoro Hampe Martínez, 1996, analisa as coleções particulares de livros que pertenciam a pessoas ligadas à sociedade peruana durante os séculos XVI e XVII. Enfatiza os livros como canais transmissores de ideias, mentalidades e atitudes, e como veículo de comunicação direta com os círculos acadêmicos da Espanha, guiados por um ideal de harmonizar com as normas intelectuais, científicas e morais que ao mesmo tempo prevaleciam no continente europeu.

Biografia da Biblioteca Nacional (1807-1990), 1994, de Gilberto Vilar de Carvalho que se propõe estudar a história da Biblioteca Nacional desde a sua origem, em 1807, quando seu acervo inicial ainda compunha a biblioteca dos reis portugueses, até a década de noventa do século XX, momento em que escreve o seu livro. Trata-se de uma obra importante e que serve como referência a quem se propõe estudar a história desta instituição e da formação de acervos de bibliotecas em geral.

A conturbada história das Bibliotecas, de Matthew Battles, 2003. A obra revela particularidades da história da composição dos acervos de algumas das mais tradicionais universidades e instituições norte-americanas, e dos sistemas e contextos em que são compreendidos os livros e bibliotecas no universo anglo-saxão, com uma pesquisa histórica muito bem documentada.

A dissertação de Mestrado em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, 2013: *O Estado Novo (1937-1945) e a Política de Aquisição de Acervo do Museu Nacional de Belas Artes* de Carlos Henrique Gomes da Silva tem como objetivo investigar a existência da política de desenvolvimento de coleções para o acervo do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), Rio de Janeiro, no período de 1937 a 1945, chamado de Estado Novo. Cabe mencionar que esse acervo foi proveniente da Pinacoteca e Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (1826-1889) e Escola Nacional de Belas Artes (1889-1965). São abordados o contexto histórico e político e a trajetória da formação do seu acervo, tendo por base os processos de aquisição da instituição. Foi possível conhecer a tramitação dos processos de aquisição e compreender as ideias e postura do Governo e da diretoria do MNBA, em relação à construção do patrimônio do Museu e do Brasil.

A tese de Doutorado em História Social, defendida na USP em 1994 por Tania Maria Bessone, intitulada *Palácio dos destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*, conquistou o segundo lugar no Prêmio Arquivo Nacional de Pesquisa em 1997, dando origem ao livro de mesmo título, publicado em 1999. Bessone se concentra no período do Brasil Império, abordando as relações culturais e história do livro e da leitura. O tema tem como objeto o livro e sua inserção na sociedade carioca no período de transição

do século XIX para o XX, e, sobretudo a sua importância na formação de bibliotecas particulares. A autora assinala que as bibliotecas formadas nesse período, tanto de uso público como privado, são referências importantes para conhecer as ambições dos homens responsáveis pela formação desses acervos, como indivíduos e também como homens públicos.

Civilizadoras Instituições: bibliotecas provinciais brasileiras no século XIX foi tema do Relatório de estágio de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) – IBICT-UFRJ, por Silva (2012). O autor trabalha o tema das bibliotecas provinciais sob o aspecto histórico, utilizando documentos primários, que incluem os relatórios provinciais que davam conta às Assembleias das realizações efetuadas no ano antecedente e apresentavam os problemas e as medidas necessárias a serem aprovadas para a melhoria das administrações provinciais. Nesse estudo o autor cita diversas fontes, que por sua pertinência ao espírito desta dissertação, são indicadas a seguir:

Bibliotecas e sociedade na primeira república brasileira: fatores sócio-culturais que atuaram na criação e instalação de bibliotecas de 1890 a 1930, por Gomes (1981), que analisou as bibliotecas brasileiras criadas na Primeira República, considerando a relação entre biblioteca e sociedade. Gomes procurou conhecer os possíveis fatores que levaram à instalação e crescimento de bibliotecas no período de 1890 a 1930 em confronto com o contexto sociocultural da época; *História e Memória da Biblioteca Pública do Amazonas (1870 a 1910)*, dissertação de mestrado de autoria de Arruda (2000), apresentada na Universidade Federal do Amazonas. O trabalho visou resgatar o registro da história e da memória da instituição analisando o processo de formação da cidade de Manaus; dois trabalhos sobre a Biblioteca Pública Provincial do Maranhão: *Recomeço de uma história: percurso histórico e a recriação da Biblioteca Pública do Maranhão na Primeira República*, por Silva (2008), monografia para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão, em que o autor analisou o período histórico da criação da Biblioteca e seu percurso durante o século XIX. O outro trabalho, foi realizado por Castro e Pinheiro (2006), analisa a sua trajetória, com recorte temporal desde a sua criação em 1829 até 1889. Os autores apresentaram os fatos que levaram a sua criação e procuraram entender o papel que a mesma cumpriu na formação da mentalidade e no que diz respeito à educação maranhense. Utilizaram entre outras fontes de informação os relatórios do presidente da província relativos aos anos de 1859 e 1866. O trabalho inseriu-se da linha de pesquisa “História, memória das instituições de educação e das práticas de leituras” desenvolvida no Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão; *Baptista Caetano*

de Almeida: um mecenas do projeto civilizatório em São João d'El-Rei no início do século XIX: a biblioteca, a imprensa e a sociedade literária, por Motta (2000). Foi tema da dissertação de mestrado, na Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, em que a autora discorre sobre a primeira biblioteca municipal no País abordando o contexto histórico da época e destacando o papel de seu criador Baptista Caetano de Almeida.

Reflexões sobre a formação do acervo da academia de direito do Largo de São Francisco: do século XIX aos nossos dias, apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação – Florianópolis, SC, 07 a 10 de julho de 2013 apresentadas por Maira Cunha de Souza Maria et al., reflete sobre a história da formação do acervo acadêmico dos cursos jurídicos do Brasil criados no século XIX, especificamente da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Os autores refletem sobre a primeira Biblioteca Pública de São Paulo, fundada em 1825, que exerceu grande influência para que o Convento dos frades franciscanos recebesse a Escola de Direito.

O trabalho de Icléia Thiesen intitulado *A coleção Arthur Ramos: da formação à invisibilidade*, 2011, discorre sobre a formação da biblioteca, do arquivo e do Museu-apartamento de Arthur Ramos, que ilustra e documenta as pesquisas realizadas pelo antropólogo ao longo do tempo. O trabalho nos fornece informações que espelham a memória e a trajetória científica de Arthur Ramos, contribuindo para entendermos o processo de formação da coleção. A autora se utiliza dos documentos primários sob a custódia da Biblioteca Nacional, dos livros pessoais utilizados em seus estudos, entrevistas publicadas em jornais, entre outros.

Partimos do pressuposto de que esses autores podem nos ajudar a compreender a formação do acervo da Biblioteca da AIBA, assim como a definir e analisar as fontes de pesquisa de que dispomos. Pretendemos, assim, uma análise histórica da formação e desenvolvimento da Biblioteca da AIBA, e não apenas reduzir a pesquisa a relações de nomes de diretores, estatísticas, descrição de coleções e serviços.

A pesquisa utilizou como fontes primárias os Relatórios Anuais, datados de 1832 a 1888, em que constam Ofícios e Relatórios que os dirigentes da AIBA enviavam ao Ministro da Educação e Instrução Pública, Nicolau Pereira de Campos Vergueira. A disponibilização dos referidos Relatórios e de inúmeras outras fontes primárias resulta do Projeto de Imagens de Publicações Oficiais Brasileiras, mantido pelo Center for Research Libraries (CRL) da Universidade de Chicago⁹ e constitui um consórcio de universidades. Foram também

⁹Nos relatórios anuais do Ministério dos Negócios do Império, havia invariavelmente um espaço reservado à Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro; quando publicadas, essas notícias, no geral sucintas, eram por

analisados documentos históricos do arquivo do Museu D. João VI, extraindo as ações de Felix Emilio Taunay e Porto-alegre, observando leituras, relações pessoais e locais que mantiveram contato no período em que assumiram a direção da Academia, com vistas a compreender suas escolhas e preocupações, e como certas questões por ambos foram abordadas. Foram analisados documentos tais como: Estatuto e regimento institucional; Atas das reuniões de congregação; Portarias, ordens e instruções de serviço; Bibliografias dos programas de cursos e disciplinas ministrados; Cartas emitidas e recebidas, notadamente, as de agradecimento; Listas desideratas.

Nesses documentos, indagações relativas ao histórico da Biblioteca – algumas, elementares – puderam ser respondidas, a saber: Qual a data de criação da biblioteca?¹⁰ Qual era a sua missão ao ser criada? Qual a procedência do seu acervo? Qual são as obras fundadoras do acervo e que constitui, por isso, o acervo memorial, básico-histórico da biblioteca? Quais tipos e recursos de aquisição eram praticados?

A metodologia foi centrada na leitura, análise de conteúdo e interpretação desses documentos para extrair informações sobre o processo de criação, formação e desenvolvimento da biblioteca da AIBA no período citado.

Para o alcance dos objetivos mencionados, as seguintes ações foram realizadas: Exame dos Relatórios dos Ministros digitalizados e disponíveis no site do Center for Research Libraries referente à Academia Imperial de Belas Artes; Identificação em cada relatório das ocorrências referentes à compra de livros, doações, verbas, enfim tudo que diz respeito à Biblioteca da antiga Academia Imperial de Belas Artes; Leitura de todas as fichas de resumo referentes aos documentos primários do acervo do Museu D. João VI, sendo um total de 6.500 e anotação de todos os descritores que mencionavam a Biblioteca da AIBA, pois nessa época a base de dados do Museu apresentava-se inoperável, sendo impossível fazer a pesquisa virtualmente; Sistematização destas informações, em ordem cronológica, para arquivo em computador pessoal; Leitura dos textos dos relatórios e identificação de variáveis a serem estudadas (temas selecionados); Exame e análise dos documentos primários existentes no arquivo permanente do Museu D. João VI, alguns consultados em imagens digitais, disponíveis no site do Museu da Escola de Belas Artes (atas, ofícios, cartas enviadas); Consulta às Bases de dados da BRAPCI, aos Grupos de Trabalhos dos ENANCIBs, Banco de

vezes acompanhadas de Anexos mais detalhados, escritos pelos próprios diretores da instituição oficial de ensino artístico fluminense. Nos relatórios, pode-se encontrar referências aos mais diversos eventos relacionados à Academia, [...] portanto uma rica fonte de informações sobre a arte oitocentista (VALLE, A., DAZZI, C.).

¹⁰ Durante a pesquisa não foi encontrado nenhum registro oficial da data em que a Biblioteca da AIBA foi de fato aberta ao público, além dos discursos mencionados nas atas das reuniões de congregação.

Teses e Dissertações (IBICT), Biblioteca Master e artigos publicados na SciELO, utilizando os seguintes descritores: História das bibliotecas, Formação de bibliotecas no século XIX, História do livro, Formação de bibliotecas universitárias no século XIX, Biblioteca e sociedade, Formação de bibliotecas públicas e Academia Imperial de Belas Artes; Leitura e análise de textos produzidos na área de História dos Livros e das Bibliotecas; Entrevistas com funcionários em exercício e funcionários já aposentados da Escola de Belas Artes, que conhecem profundamente o acervo desenvolvido pela Biblioteca da Academia; Breves depoimentos de professores que atualmente ministram disciplinas na EBA, anotadas em caderno de campo foram analisados nesta pesquisa.

Quanto aos dados sobre a constituição da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes encontramos apoio nos documentos primários existentes no arquivo permanente do Museu D. João VI e em trabalhos publicados por especialistas em Artes, entre eles Alfredo Galvão, diretor da Escola Nacional de Belas Artes no período de 1955 a 1958, especificamente no que diz respeito à vinda da Missão Artística Francesa e Ensino de Artes no Brasil.

3 A ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES (AIBA): HISTÓRICO, SEDES, REFORMAS

Não poderíamos falar da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes sem apresentarmos um breve histórico da sua origem. A AIBA foi criada em 1816, e paralelamente às suas atividades formou uma Biblioteca com um acervo de livros e gravuras valiosos e significativos. O contexto da criação da Academia nos remete ao período do século XIX, abordado em um breve histórico que explica o objeto central.

O século XIX foi um período considerado decisivo para a formação da identidade cultural do País. A vinda do Príncipe Regente e da corte portuguesa em 1808 promoveu no Brasil uma grande transformação política, econômica e cultural. Diversas iniciativas foram tomadas por D. João VI (1767-1826), como a abertura dos Portos ao comércio estrangeiro, a liberdade de comércio e de exploração de indústria, a organização da Polícia da Corte, construção e funcionamento de um grande teatro, fundação de hospitais, a criação do Jardim Botânico, o funcionamento da Escola Militar, dentre muitas outras. Estava praticamente encerrado o pacto colonial de monopólio com a Metrópole e, daí em diante, o Brasil entrava no circuito de expansão do capitalismo europeu, exposto às influências diretas de outros países, além de Portugal (PEREIRA, 2008, p.13). Para completar esse conjunto de iniciativas, faltava uma escola ou instituto teórico-prático de aprendizagem artística e técnico-profissional. Segundo Morales de los Rios (1942, p. 12) "o assunto deveria, pois, merecer-lhe toda a atenção", pois, segundo Pereira (2008, p. 14-15) "visava dar ao Brasil um perfil atualizado, lançando as bases de instituições que promovessem a infraestrutura econômica – necessária ao desempenho capitalista – e a fundamentação cultural – indispensável à formação de uma elite local, segundo os parâmetros iluministas".

Segundo Schwarcz (2008) a história conta que a ideia de contratar artistas franceses com certo mérito em seu meio, a fim de emancipar a arte em território brasileiro, surgiu e foi cultivada por Dom Antônio de Araújo de Azevedo, conhecido como Conde da Barca (1752-1817), homem "verdadeiramente sábio e profundamente instruído". Por incentivo do Conde, em 1815, Dom João VI mandou contratar na Europa um grupo de artistas e artífices indispensáveis para fundar, no Rio de Janeiro, uma escola de ciências, artes e ofícios. O grupo de artistas embarcou no veleiro *Calpé*¹¹, em uma viagem de dois meses, chegando ao Rio de

¹¹ *Calpé*, um pequeno barco à vela, com três mastros, norte-americano. O nome *Calpé* (grafado na popa do brigue como *Calphe*, segundo a usual escrita da época) tinha a sua significação no caso. *Calpé* era o nome de uma das colunas de Hércules - a setentrional - que, segundo a tradição fabulosa, ladeava a entrada do

Janeiro em 26 de março de 1816. Podemos afirmar que a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios AIBA futura Academia Imperial de Belas Artes foi, desde o princípio, idealizada e formada por homens extremamente cultos que visavam facilitar o progresso da cultura e das artes. Antes de embarcar para o Brasil, o Conde da Barca exercera o cargo de secretário do Rei D. João I, de Portugal, ministro de D. Maria I e ministro plenipotenciário na Holanda, Rússia e França. Segundo Morales de los Rios (1942, p. 13) era conhecidíssimo na Europa. Muito protegeu aqueles que se dedicavam às Ciências, Letras ou Belas Artes. Possuía uma importante biblioteca, hoje integrada na Biblioteca Nacional, como *Coleção Arajuense*.

A Missão Artística Francesa, liderada por Joachim Lebreton (1760-1819) inicia oficialmente o ensino artístico no país. Este era um momento de circunstâncias políticas atribuladas e da queda de Napoleão. A história da Academia tem sua origem nas negociações entre Lebreton e o governo português no início do século XIX com a intenção de propagar a arte em território brasileiro, propôs ao referido governo a criação de uma instituição de ensino das Belas Artes no Brasil (TAUNAY, 1983 apud WANDERLEY, 2011a, p. 23). Enfatizamos que o objetivo da Missão era desenvolver as artes, introduzindo traços eruditos da cultura da Europa, de acordo com o modelo da civilização francesa (CAMPOFIORITO, 1983, p. 17-27). Em 12 de agosto de 1816, por volta de cinco meses depois da chegada dos franceses, a escola idealizada pelo Conde da Barca e Joachim Lebreton recebeu coroamento oficial, através da promulgação do Decreto de 12 de agosto de 1816 (ANEXO 2), que oficializava a criação da Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios e fixou as pensões anuais que receberiam os respectivos professores e funcionários com a finalidade de promover e difundir o ensino de conhecimentos considerados indispensáveis para a “comodidade e civilização dos povos” (RIO DE JANEIRO, 1816). Apesar de já oficializada, a Escola só começaria a funcionar, de fato, em 1826, como abordaremos adiante. Como os professores ainda não tinham condições de ministrar suas aulas, pela demora da abertura da AIBA, Debret¹², por exemplo, alugou uma sala que servia de ateliê (Figura 1). A denominação foi mudada para Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil. Ainda foi renomeada Academia das Artes e em 1826, já após a independência de Portugal, Academia Imperial de Belas Artes.

Mediterrâneo. Os missionários viriam formar no Brasil o promontório artístico-espiritual em que, dali por diante, se apoiaria a arte nacional; eles construiriam - com a sua competência, dedicação e abnegação - outra coluna de Hércules, tão soberana e artística quanto às outras, que representaria o marco da entrada dos artistas brasileiros no conceito e no apreço mundial (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 18).

¹² Jean-Baptiste Debret nasceu em 1778 e faleceu em 1848. Membro do Instituto da França, pintor de história e decoração. A ele se deve a organização da primeira Exposição de Belas Artes no Brasil em 1829.



Figura 1: Ateliê de Debret no Catumbi, Rio de Janeiro, [1816].
 Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/331507222546655282/>.

O Conde da Barca considerava a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios a "menina dos seus olhos", porém infelizmente, não chegou a vê-la funcionar, pois dia 21 de junho de 1817 faleceu com a idade de 65 anos. Antes de sua morte, porém, o Conde da Barca teve a sorte de compartilhar com o Marquês de Marialva¹³ seus planos em relação à Missão sendo apresentado a Joachim Lebreton (1760-1819), secretário da Classe ou Academia de Belas Artes do Instituto Real da França, a "pessoa mais adequada para dar solução ao assunto" (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p.15).

Lebreton assume a direção da Escola, cujo grupo de apoio era composto por vários artistas de relevância: Nicolas Antoine Taunay¹⁴, Auguste Taunay¹⁵, Jean-Baptiste Debret, Grandjean de Montigny¹⁶, Simão Pradier¹⁷, entre outros funcionários e participantes (SCHWARCZ, 2002, p. 311). Por se tratar de uma Escola em que também seriam ensinados ofícios mecânicos, completavam o quadro docente diversos artífices. Esse grupo de artistas tinham diversos motivos, ou de razão política ou de motivos particulares, para virem para o Brasil:

Uns, tinham o único escopo de encontrar no Brasil a tranquilidade que não lhes era lícito gozar em sua terra. Outros, esperavam que seus talentos e produções melhor seriam apreciados dali por diante, em país estranho. E, alguns, por exclusivo interesse econômico [...] Não foi sem dificuldades que o Governo francês permitiu a emigração, a granel, de artistas de

¹³ D. Pedro José Joaquim Vito de Menezes Coutinho, Marquês de Marialva e Marquês Estrebeiro-Mor, embaixador extraordinário de Portugal junto à Corte de Luis XVIII. Homem do mais alto prestígio.

¹⁴ Pai de Felix Emilio Taunay, nascido em 1755 e falecido em 1830, membro do Instituto da França, Pintor histórico e paisagista.

¹⁵ Nasceu em 1768 e faleceu em 1824, irmão de Nicolas Antoine Taunay, Professor de Escultura na AIBA. Esculpiu as estátuas, alegorias e baixos-relevos da fachada do edifício projetado por Montigny, sede da Academia.

¹⁶ Auguste-Henri-Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), de origem nobre e educado na França com grande esmero. Cursou a École des Beaux Arts, onde teve grandes arquitetos como professores.

¹⁷ Nasceu em 1786 e faleceu em 1848. Foi o Gravador oficial da Missão. Retornou à França em dois anos após desembarcar no Brasil, sendo desligado da organização da Academia.

incontestável valor, verdadeiras celebridades (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 15, 17).

A Missão Artística era completa. Ainda segundo Morales de los Rios (1942, p. 40) era subdividida em duas partes:

a) quadro superior e artístico, com um chefe, seis professores e três assistentes; b) quadro complementar ou de artes mecânicas, com seis mestres de artes e ofícios. Foi a esses quadros de professores, mestres e auxiliares, satisfazendo as exigências didáticas, artísticas e técnicas da futura Escola (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 40).

Cabe aqui ressaltar que Lebreton desde muito jovem dedicou-se ao estudo das Belas Artes, tornando-se um grande conhecedor nesse assunto, seu currículo é extenso, tendo sido chefe da Seção de museus, conservatórios e bibliotecas do Ministério do Interior da França, mais tarde diretor da Seção de Belas Artes desse mesmo Ministério, inclusive, incumbido de representar o Governo junto à Administração do Museu do Louvre, e também Membro e Secretário Perpétuo do Instituto da França (TAUNAY, 1956, p. 55-7). Elaborou o *Dictionnaire de l'Academie des Beaux-Arts*, obra começada a publicar em 1858 e concluída sob Napoleão III, e escreveu os livros: *Logique adaptée à la rhétorique* e *L'Acoord des vrais principes de l'Église, de la morale et de la raison sur la constitution civile du clergé*.

As mortes do Conde da Barca, em 1817 e de Lebreton, 1819, nomes importantes para o prestígio da Academia fez com que essa se enfraquecesse. Sendo assim, o caminho fica livre para Henrique José da Silva (1772-1834) (LUZ, 2005, p.52) artista de nacionalidade portuguesa, que atuou como diretor da instituição no período de 1820 a 1834, também responsável pelas aulas de desenho. Henrique José teve como secretário Felix Emilio Taunay.

Segundo Pereira (2010) a falta de recursos destinados à Academia e também a rivalidade entre os artistas franceses e portugueses geraram uma série de empecilhos e tribulações nos primeiros anos de existência da AIBA, atrasando sua inauguração. Só com o aparecimento de "homens de pulso" é que a situação avançou e, conseqüentemente a Academia foi inaugurada. As obras cessaram no terceiro trimestre de 1826, embora incompletas, pois não fora executado o plano original de Montigny, que previa dois pavimentos. Após dez anos o que estava concluído era todo o primeiro pavimento (centro e alas) e o corpo central - templo grego - do segundo pavimento, onde estava a sala da Biblioteca (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 87) e a sala da congregação. Somente depois de 1882, o Palácio da Academia ganhou um segundo pavimento em toda a sua extensão, e a

Biblioteca passou a ocupar uma sala pouca coisa menor, na ala direita do segundo piso, com três grandes janelas (GOMES JUNIOR, 2008).

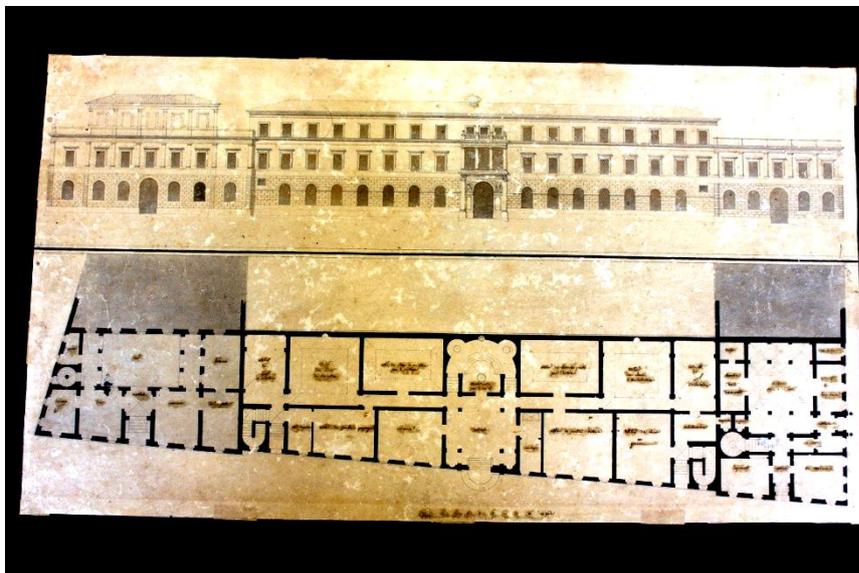


Figura 2: Planta n° 885 da Academia Imperial de Belas Artes, pelo arquiteto Grandjean de Montigny. [s.d]. Fonte: Acervo do Museu D. João VI. Fotografia da autora (2014).

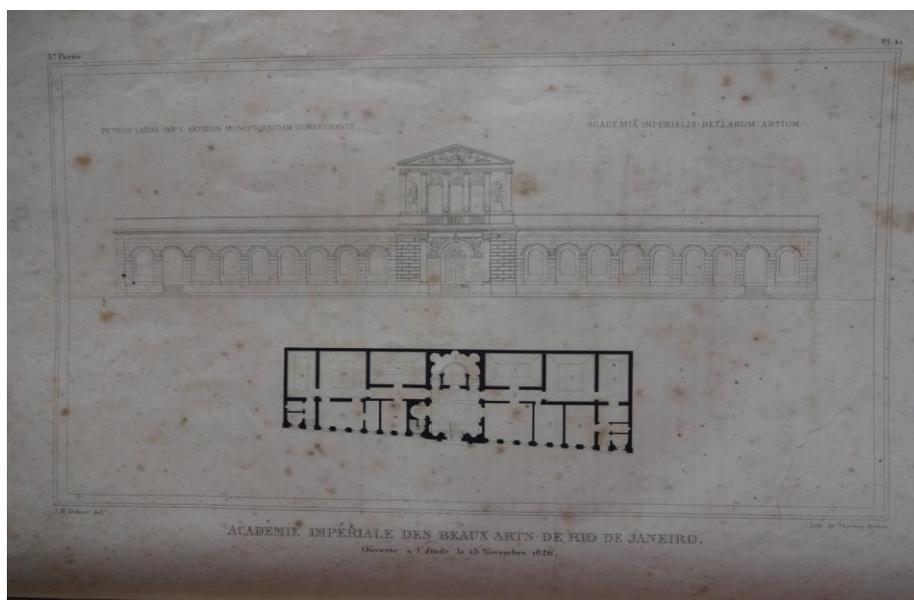


Figura 3: Voyage pittoresque et historique au Bresil de Jean Baptiste Debret, 1834. v.3. p. 211-212. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA. Fotografia da autora (2014).

O desenho de Debret (Figura 3) evidencia que não foi concluído o projeto original (Figura 2) de Grandjean de Montigny, ficando reduzido o antigo e grandioso plano do pequeno corpo central, cujo segundo e último andar simulava um templo de estilo helênico. Segundo descrição de Taunay (1911, p. 180) a entrada principal do edifício fechava uma

grade que deixava ver o espaçoso e belo vestíbulo, cujo fundo apresentava uma linda porta coroada pelo brasão imperial, baixo relevo semi-circular esculpido em madeira. Os painéis desta porta, semelhante às duas outras laterais do vestíbulo, ostentavam grandes e magníficas rosáceas, trabalho precioso de Marc Ferrez¹⁸, irmão de Zepherin Ferrez¹⁹. O portal da fachada da Academia, única parte que restou da demolição no ano de 1938, encontra-se atualmente no Jardim Botânico no Rio de Janeiro (Figura 9).

Como mencionado anteriormente, as divergências entre o diretor português Henrique José da Silva e os artistas franceses criaram muitas dificuldades ao pleno funcionamento da instituição, criando um sentimento geral de insatisfação em relação à Academia. Debret toma as rédeas da situação, ao apresentar ao Ministério dos Negócios do Império um projeto de reelaboração dos estatutos da academia, publicados em 1827. Os novos estatutos da Academia de Belas Artes, aprovados em 1831, também ficaram conhecidos como Reforma Lino Coutinho e deixavam clara a decepção com o funcionamento da mesma. Na prática, o Ministro Lino Coutinho apenas oficializou os estatutos provisórios publicados em 1827 (FERNANDES, 2001, p. 65).

O Projecto do plano para a Imperial Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro, que por ordem de S. E. o Ministro dos Negocios do Imperio foi feito pelos professores da mesma Academia do anno de 1824 e publicado em 1827, no capítulo que informa sobre a composição dos Membros Honorários da Academia, são citados os diretores da Biblioteca Imperial e Publica, do Jardim Botânico e do Museu. Os mesmos foram convocados para constarem como membros dessa Comissão. Percebemos o respeito e a confiabilidade que o diretor, o secretário e os professores da AIBA atribuíam ao bibliotecário:

Com effeito, que garantia mais segura se pode ter para a prosperidade da Academia, do que ser esta dirigida por huma Junta composta de Membros, cada hum dos quaes appresenta hum Chefe revestido da confiança publica, e esta adquerida pelos seus trabalhos scientificos? Huma Academia das Bellas Artes dirigida desde o seu principio por huma Sociedade Scientifica em breve chegará a sua perfeição (PROJECTO DO PLANO..., 1827).

¹⁸ Marc Ferrez nasceu na França em 1788 e faleceu em 1850. Veio para o Brasil juntamente com seu irmão Zepherin Ferrez, após a vinda da Missão Artística. Escultor, gravador, professor de artes plásticas.

¹⁹ Nascido em 1797, França e falecido em 1851. Medalhista, escultor, gravador, professor. Chegou ao Brasil, Rio de Janeiro, após a Missão juntamente com seu irmão Marc Ferrez. Trabalhou com gravuras de medalhas e esculturas. Foi o primeiro professor oficial da cadeira de Gravura da AIBA em 1836.

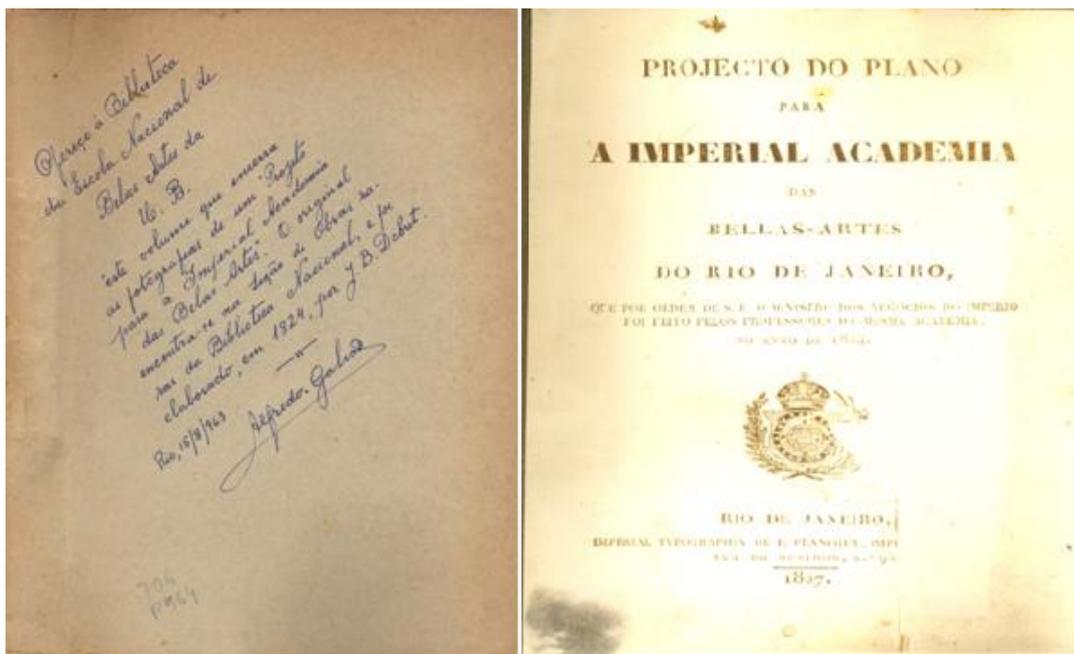


Figura 4: Página de rosto da reprodução do Projeto do Plano para a Imperial Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, 1827, com dedicatória de Alfredo Galvão, 1963. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

O pensamento dos dirigentes da Academia refletia o valor que continuamente prestaram ao profissional que dirigia a Biblioteca Pública. Esse fato, com toda certeza refletiria também durante toda a trajetória da Academia na futura Biblioteca da AIBA. À frente da Biblioteca sempre estavam os diretores e secretários da Academia.

Duas medidas tomadas nesse documento foram de fundamental importância para o futuro da instituição. Em primeiro lugar, ficou estabelecido que, dali por diante, D. Pedro II seria considerado Fundador e Protetor Perpétuo da Academia Imperial de Belas Artes. Em segundo lugar, o Ministro do Império assumiu o papel de Presidente do Corpo Acadêmico, tornando-se responsável pela instituição. Desse modo, “ficava referendado, [...], o papel da AIBA como órgão do Estado, o que lhe dava a proteção do monarca e lhe garantia espaço na agenda do ministério” (SQUEFF, 2004, p.172).

O então diretor Henrique José da Silva, que não tinha um bom relacionamento com Jean Baptiste Debret, e não aprovava a proposta apresentada por ele ao Governo brasileiro, publicou um artigo intitulado *Reflexões Abreviadas sobre o Projeto do Plano para a Academia Imperial das Belas Artes* que se diz composto pelo Corpo Acadêmico. Nesse *Plano* ressalta que a proposta organizada por Debret não foi composta pelo Corpo Acadêmico da instituição, “pois não teriam sido ouvidos todos os membros da Academia” (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 126).

Em 12 de outubro de 1820 é criado um novo decreto que estabelece uma Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil, mas essa como a primeira não iniciou os trabalhos, e ainda no mesmo ano, dia 23 de novembro foi publicado outro decreto determinando que as aulas de desenho, pintura, escultura e gravura se iniciassem anexando a relação dos nomes dos mestres com o nome do nobre diretor Henrique José da Silva e sob o novo nome de Academia das Belas Artes.

Somente em 5 de novembro de 1826 conseguiram cumprir o objetivo maior da Missão, que era a abertura da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, passando a funcionar, dez anos após a sua criação, tendo como regulamento interno ideologias semelhantes à dos professores franceses, anteriormente ignoradas e criticadas pelo diretor Henrique José da Silva.

Para comemorar tal acontecimento Zepherin Ferrez gravou uma bela medalha de ouro. Atualmente se encontra no Museu Imperial de Petrópolis, Rio de Janeiro.



Figura 5: Anverso e reverso da medalha comemorativa da Abertura da Academia Imperial de Bellas Artes, 1826, gravada por Zeferin Ferrez. Fonte: <http://www.afsc.org.br/boletins/boletim58/boletim58.pdf>.



Figura 6: Edifício da Academia Imperial de Belas Artes, 1826. Fonte: <http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/academia-belas-artes.html>.



Figura 7: Edifício da Academia Imperial de Belas Artes, 1890. Fotografia de Marc Ferrez²⁰. Fonte: <http://www.riodejaneiroaqui.com/portugues/academia-belas-artes.html>.

A Academia perde mais um membro importante da Missão quando alguns acontecimentos ocorridos no ano de 1831 contribuem para o retorno de Debret à França, neste mesmo ano. Dentre eles destacamos o fato da abdicação de D. Pedro I, gerando um novo contexto de instabilidade no governo e a instalação das salas da Tipografia Nacional no edifício da Academia causando grande desconforto aos professores e alunos, por falta de espaço, pois o governo ordenara que cedesse metade da Academia, provisoriamente, para as atividades da Tipografia. Dizia o aviso ministerial: "Sabiam, porém, todos, o que valia esse *provisorio*, bem lhe conheciam a latitude" (TAUNAY, 1911, p. 169). De fato, a Tipografia ficou estabelecida na Academia por "longos annos" (TAUNAY, 1911, p. 9). Devido a tantas dificuldades e cansado de tantos embates, Debret decide deixar o Brasil levando consigo o discípulo Manuel de Araujo Porto-alegre, o qual frequentará em Paris o ateliê de Antoine-Jean Gros e de François Debret até 1837.

Araujo Porto-alegre retorna ao Brasil para se tornar um importante contribuidor da história da arte brasileira na segunda metade do século XIX, como veremos na seção quatro desta dissertação. "As dificuldades promovidas por um ambiente de intensa animosidade não deixaram, contudo, de impulsionar grandes conquistas" (DIAS, 2009, p.57).

Segundo Taunay (1911, p. 172) em 31 de outubro de 1834, com a morte do diretor Henrique José da Silva, Grandjean de Montigny foi apresentado pela Congregação, por seus

²⁰ Marc Ferrez, nascido em 1843 e falecido em 1923, era sobrinho do gravador, de mesmo nome, Marc Ferrez, irmão de Zepherin Ferrez. Foi um fotógrafo renomado que retratou cenas do período do Império.

ao pensionista na Europa. Esses projetos tornaram-se realidade posteriormente na reforma pela qual passou a Academia.

Sobre o desenvolvimento da Academia, o Ministro e Secretário de Estado José Ignacio Borges, declara que a AIBA estava se desenvolvendo e atingindo seus objetivos com a direção de Taunay:

A Academia de Bellas Artes desta Corte vai sendo proveitosa á nossa mocidade, em quem não falta talento para tudo quanto se propõem aprender. Ella conta em numero de seus discípulos, muitos premiados nesse anno, que em Esculptura, Pintura e Desenho estimularão sem duvida a competencia em seus condiscípulos para os igualarem ou excederem. Está actualmente muito bem acomodada por se lhe haverem restituído as salas que se lhe havião tirado para a Typographia; e pouco mais tem a desejar para se achar habilitada a produzir grandes gênios em qualquer dos ramos de sua instrucção (BRASIL, 1836, p.11).

Vários decretos, nomes e propostas viriam assim narrar a história da Academia no Brasil.

Com o Decreto de 12 de agosto de 1816 foi criada a Escola de Ciências, Artes e Ofícios que ressaltava o ensino dos ofícios; com o Decreto de 12 de outubro de 1820 foi criada a Real Academia de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil que privilegiava o ensino das Belas Artes; com o Decreto de 23 de novembro de 1820 foi criada, sem uma nomenclatura oficial, a “Academia Real e Escola das Belas Artes” que evidenciava o ensino do ofício e o ensino das Belas Artes; e com o Decreto de 17 de novembro de 1824 foi criada a Academia Imperial das Belas Artes, que destacava o ensino das Belas Artes (WANDERLEY, 2011b). Com o advento da República, a Academia passará a chamar-se Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) e, a partir de 1971, será denominada Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nome que mantém ainda hoje.

Segundo Cybele Vidal Neto Fernandes (1996, p. 149) podemos dividir a história da Academia em três fases: a primeira fase de 1826 a 1831, orientada pelo estatuto elaborado por Debret, Montigny e os irmãos Ferrez e publicado em 1827. Uma segunda fase de 1831 a 1855, referente ao estatuto modificado ainda por sugestões de Debret e uma terceira fase de 1855 a 1890, quando foi introduzida a Reforma Pedreira.

A Academia ficou sediada no edifício projetado pelo arquiteto Grandjean de Montigny (1776-1850), na esquina da Av. Passos com Travessa das Belas Artes, sendo esse edifício demolido em 1938, conforme já mencionado anteriormente.



Figura 9: Pórtico da Academia Imperial de Belas Artes no Jardim Botânico, [20-?]. Fonte: <http://www.marcellio.com/rio/enjberfo.html>.

Em 1908, a ENBA passa a ocupar a nova sede, na recém-aberta Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, numa construção em estilo eclético *fin-de-siècle*, e com características neoclássicas, projeto de Adolfo Morales de los Rios (1858-1928), arquiteto e um dos mestres da ENBA, (MORALES DE LOS RIOS, 1923, p.97-103 apud SILVA, C. H., 2013).

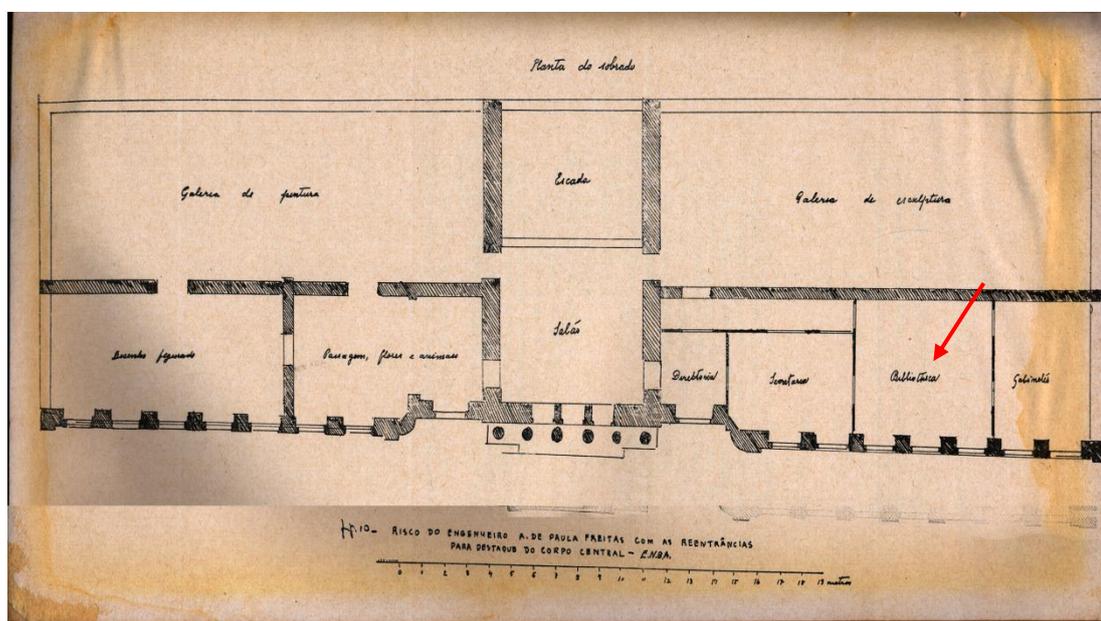


Figura 10: Risco do engenheiro A. de Paula Freitas. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n.15, 1961. Fotografia da autora (2015).



Figura 11: Escola Nacional de Belas Artes. Foto de Marc Ferrez, 1983. Fonte: http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/ctricci_enba.htm.

Henrique Bernardelli²¹, a fim de divulgar os traços fisionômicos dos principais artistas ligados à Missão e dos seus contratantes pinta, a fresco, nas *loggias*²² da fachada principal do edifício, os retratos de Joachim Lebreton, Nicolas Taunay, Marc Ferrez.

²¹ Henrique Bernardelli (Valparaíso, Chile 1858 - Rio de Janeiro, 1936). Pintor, desenhista, gravador, professor. Chega com a família ao Brasil no começo da década de 1860, se estabelecendo no Rio Grande do Sul. Em 1867, transfere-se para o Rio de Janeiro. Três anos depois, matricula-se na Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). É aluno de Zeferino da Costa (1840-1915), Agostinho da Motta (1824-1878) e Victor Meirelles (1832-1903). Leciona na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) de 1891 a 1905.

²² É um elemento arquitetônico aberto inteiramente ou em um dos lados - como uma galeria ou pórtico - coberto e, normalmente, sustentado por colunas e arcos.

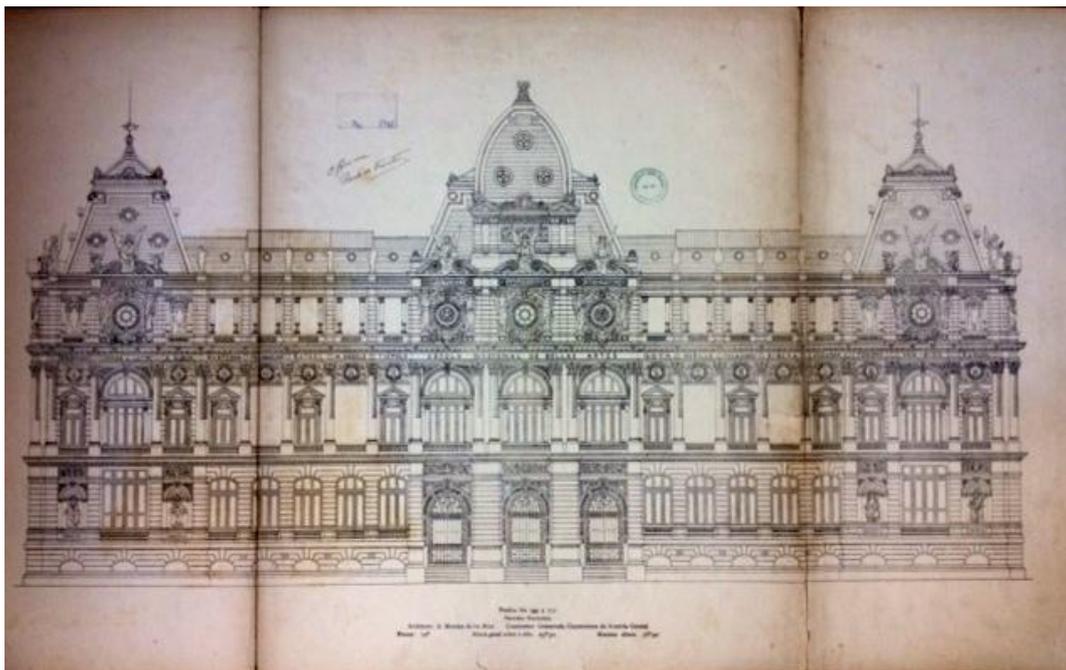


Figura 12: Planta da Escola Nacional de Belas Artes no livro *Fachadas dos prédios da ex Av. Central, atual Av. Rio Branco*, 1903. Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2015).



Figura 13: Fachada do prédio da Escola Nacional de Belas Artes, [20-?]. Fonte: <http://www.cultura.rj.gov.br/espaco/museu-nacional-de-belas-artes-1>.

Após um século da fundação da Academia, precisamente em 1937, um importante fato ocorre por iniciativa do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema: criava-se o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)²³ em 13 de janeiro, pela lei nº 378. Segundo o governo da época, separar a pinacoteca da Escola Nacional de Belas Artes era uma medida didática que tinha necessidade de mudanças urgentes. O crescimento dos trabalhos da Escola e o seu grande desenvolvimento deixava a Pinacoteca relegada a um segundo plano. Muitos problemas eram visíveis, como a apresentação e disposição das obras expostas nas galerias,

²³ As duas instituições, no entanto, ocupavam o mesmo prédio: o MNBA na parte da frente, voltada para a avenida Rio Branco, e a ENBA a sua parte posterior, na esquina das ruas Araújo Porto-Alegre e México.

que muito deixavam a desejar. Em relação à Escola, a pequena coleção de Lebreton com as doações imperiais e de particulares, somados às aquisições e incorporações devido ao Prêmio de Viagem, aumentou em demasia o acervo de obras da Escola ficando muito complexo uma administração conjunta a estes dois setores. Um setor haveria de ser sacrificado. Sendo assim, Capanema interfere para a criação do Museu, nomeando como diretor o pintor Oswaldo Teixeira (SOUZA, 1990). A Escola Nacional de Belas Artes permaneceu no mesmo prédio por 38 anos, mudando-se para a Ilha do Fundão, em 1975.

O MNBA possuía a missão de recolher, conservar e expor as obras de artes, pertencentes ao patrimônio federal. O período da divisão do acervo é um momento em que no Brasil são forjadas políticas voltadas à ideia de patrimônio como instrumento de proteção da memória nacional (SILVA, 2013).

A AIBA ao longo de sua trajetória apresentou três Reformas: em 1831, chamada de Reforma Lino Coutinho, em 1855, Reforma Pedreira e a terceira em 1890. Como citado anteriormente, o projeto que estruturava o ensino, redigido por Joaquim Lebreton embasou o estatuto provisório da AIBA que vigorou até 1831. No mesmo ano, a Reforma Lino Coutinho orientou os dezessete anos da gestão de Felix Emilio Taunay. A criação da Academia fazia parte do discurso corrente, no início do século XIX de implantar uma civilização no país, sendo assim, a finalidade dessa instituição exigia a formação de uma biblioteca, dotada de livros que atendessem às necessidades acadêmicas dos mestres e dos alunos. As obras produzidas por eles refletiriam, em dado momento, o contexto de uma época de grandes transformações.

Em 1855 Manuel de Araujo Porto-alegre foi convidado por D. Pedro II, a reestruturar o estatuto em vigor, dando origem à Reforma Pedreira. As determinações dessa Reforma, com algumas alterações, nortearam todas as atividades da Academia até ao final do Segundo Reinado, época em que é realizado o estatuto de 1890. Esses abordavam minuciosamente as atribuições dos profissionais da Academia, inclusive as do bibliotecário. Observamos a listagem de diversos serviços executados por responsáveis pela Biblioteca.

Até 1855, os estatutos eram extremamente simplificados e não específicos em relação aos serviços da Biblioteca, por não definirem claramente sua finalidade, seu sistema de gerência e os serviços prestados. Até 1890, não encontramos nenhum Estatuto exclusivo dos serviços da Biblioteca, ou qualquer registro de normas da mesma, estando sempre atrelado aos da AIBA.

No plano de reforma no regimento e estudos da Academia das Belas Artes, 1831, Capítulo II, artigo 5º são relatadas as funções dos secretários, dentre elas observamos que

realizavam funções na Biblioteca: “Compete ao secretario redigir as actas das sessões; escrever a correspondência da Academia, guardar no archivo os officios, cartas, e mais papeis; e por fim formalizar a lista das matriculas, e **cuidar da biblioteca**”²⁴ (grifo nosso). Nesse período o secretário era Felix Emilio Taunay. Cabe mencionar que o cargo de secretário, até então, não tinha valor efetivo na estrutura acadêmica brasileira, mas Taunay altera esse fato quando se dedica de forma exemplar, assemelhando-se, no que diz respeito aos trabalhos exercidos pelos franceses no Instituto da França (DIAS, 2009, p. 63).

Além do diretor e do secretário, o porteiro também auxiliava nos serviços da Biblioteca. O 7º capítulo, artigo 133, parágrafo 8º do Estatuto da AIBA de 1831, esclarece que:

8º - A embaraçar a sahida de qualquer livro ou painel, ou objecto de arte, ou mural do edificio sem ordem por escripto que lhe será entregue do Diretor ou do Secretário, excepto se fôr algum trabalho proprio do Professor ou alunno da casa, ou de pessôa que o levar.
[...] Disporá o serviço de modo que os serventes, sob sua inspecção, farão mensalmente uma limpeza nos livros da Bibliotheca (NOTAÇÃO 1483, 1831).

A Reforma de 1831 determinava que a Academia seria dotada, para o estudo e trabalho dos alunos e amadores de: painéis, gessos de estátuas, bustos, ornatos antigos, modelos de desenho e do peculiar ao modelo vivo, sendo esses materiais indispensáveis. Assim também como as gravuras, os livros e os tratados de: desenho, pintura, escultura, arquitetura, história antiga e moderna, e mitologia ficavam sob à guarda da Biblioteca.

Em relação a realização do empréstimo do acervo, muitas obras recebidas pela Biblioteca já chegavam com instruções do diretor ou do secretário sobre “circulação e empréstimo”. Observamos que *Le Musée Français*, em hipótese alguma poderia sair da Academia. Quanto aos exemplares do *Relatório do Ministerio do Imperio* enviados, em nome do Imperador, anualmente, o secretário solicita que a Biblioteca da Academia também os colocasse à disposição dos usuários. Taunay não deixa claro se a obra só poderia ser consultada na Biblioteca, ou se era possível realizar empréstimo. Transcrevemos abaixo o documento referente ao Relatório do ano de 1837:

O Regente em Nome do Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo Manda remeter a V. Mde. Dois exemplares do *Relatorio do Ministerio do Imperio*, apresentado à Assembleia Geral Legislativa na sua Sessão ordinária do

²⁴Disponível no site www.dezenovevinte.net/documentos/documentos.htm

corrente anno, a fim de que, collocando-se na Bibliotheca da Academia das Bellas Artes desta Corte, possa o seu conteúdo chegar ao conhecimento dos que quizerem consulta-los. Paço em 21 de Junho de 1837. Felix Emilio Taunay (RIO DE JANEIRO, 1831).

Pela leitura dos estatutos da Academia também observamos que práticas biblioteconômicas eram realizadas. Em 1855, época em que se instaurava a "Reforma Pedreira", o título do estatuto em vigência que diz respeito à Biblioteca, abaixo transcrito na íntegra, nos confirma algumas dessas ações. Algumas bem rigorosas, demonstrando atenção e precaução no que diz respeito à preservação do acervo, inclusive com as obras raras/preciosas já existentes nessa época:

Titulo XI

Da Bibliotheca

Art. 81. A Bibliotheca da Academia estará aberta e franca todos os dias uteis das 8 da manhã às 2 horas, e das 4 às 6 da tarde, e nella poderão estudar:

Os Membros da Academia. Os alumnos. E as pessoas que obtiverem licença do Director.

Art. 82. Ninguém poderá levar consigo obra alguma sem licença do Director. Esta licença nunca excederá o prazo de vinte dias, e jamais comprehenderá as obras raras ou preciosas.

Art. 83. A pessoa que extraviar qualquer livro, ou o transmittir sem autorização a outra pessoa perderá para sempre o direito de obter a licença do Artigo antecedente, além de ser obrigado a indemnisar o valor da obra.

Para a boa ordem do serviço, além do Catalogo, haverá hum livro de recibos, onde os professores escreverão de proprio punho as obras que levão para as suas aulas, e onde se notarão as que forem restituídas. Haverá além disto outro livro, para os recibos das pessoas que obtiverem a licença do Art. 81.

Art. 84. He expressamente prohibida a transfoleação nas estampas dos livros. O individuo que tal praticar, nunca mais poderá entrar na Bibliotheca da Academia (RIO DE JANEIRO, 1855).

Na Reforma de 1855 o serviço de empréstimo ganha maior destaque. Os artigos 81, 82 e 83 já mencionam normas de uso, empréstimo e devolução, incluindo as regras para circulação do acervo: data prevista para devolução, autorização do diretor para realizar empréstimos e as obras que não estavam sujeitas a empréstimo.

A imagem abaixo comprova que o então diretor Porto-alegre era responsável pelos empréstimos. De próprio punho, anotava os títulos que saíam da Biblioteca:

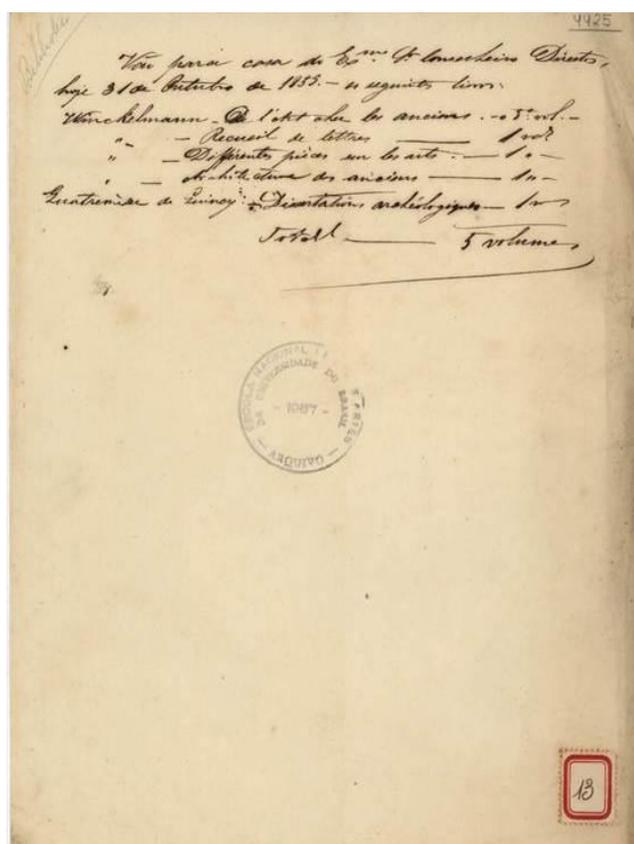


Figura 14: Documento 4425, registro de empréstimo para o Conselho Direto realizado pelo diretor Porto-alegre, 1855. Fonte: Museu D. João VI.

“Vão para casa do Exmo Conselho Direto, hoje 31 de Outubro de 1855, os seguintes livros:

- Wickelmann - De l'art les ancienes - 3º vol. ; - Recueil de lettres – 1 vol.; Differentes pieces en les arts – 1 vol. ; Architecture des anciens – 1 vol.
- Quatremère de Quincy – Dissertations archéologiques – 1vol.

Total – 5 volumes” (RIO DE JANEIRO, 4425, 1855).

Nos Estatutos de 1855, não foi registrada nenhuma informação quanto ao bibliotecário, apenas os serviços da Biblioteca. Dentre estas, estavam a seleção e aquisição. A leitura dos documentos primários e dos estatutos da AIBA revela que os poucos empréstimos realizados eram permitidos somente para os diretores, professores, alunos e, para algumas personalidades importantes, não vinculadas à Academia, desde que autorizadas pelo diretor ou secretário. Tomás Gomes dos Santos, em Ofício de 19 de fevereiro de 1858 menciona, referindo-se à Biblioteca que “[...] cumpre, pois que a vamos dotando de algumas obras de mérito, que sejam consultadas pelos Proffessores e alunos da caza” (RIO DE JANEIRO, 4136, 1858).

Destacamos outros fatos que nos remetem aos empréstimos da Biblioteca: Em 20 de novembro de 1865, João Maximiano Mafra²⁵, solicita em uma nota, ao Professor Ernesto Gomes, professor de Matemática Aplicadas, a relação de livros que estariam em seu poder, alegando que precisaria delas para completar o catálogo da Biblioteca. O Professor reenvia a nota com a relação das quatorze obras sob sua guarda (RIO DE JANEIRO, 4439, 1865). Dentre as obras, algumas de Desenho, Tratados de Perspectiva e Matemática.

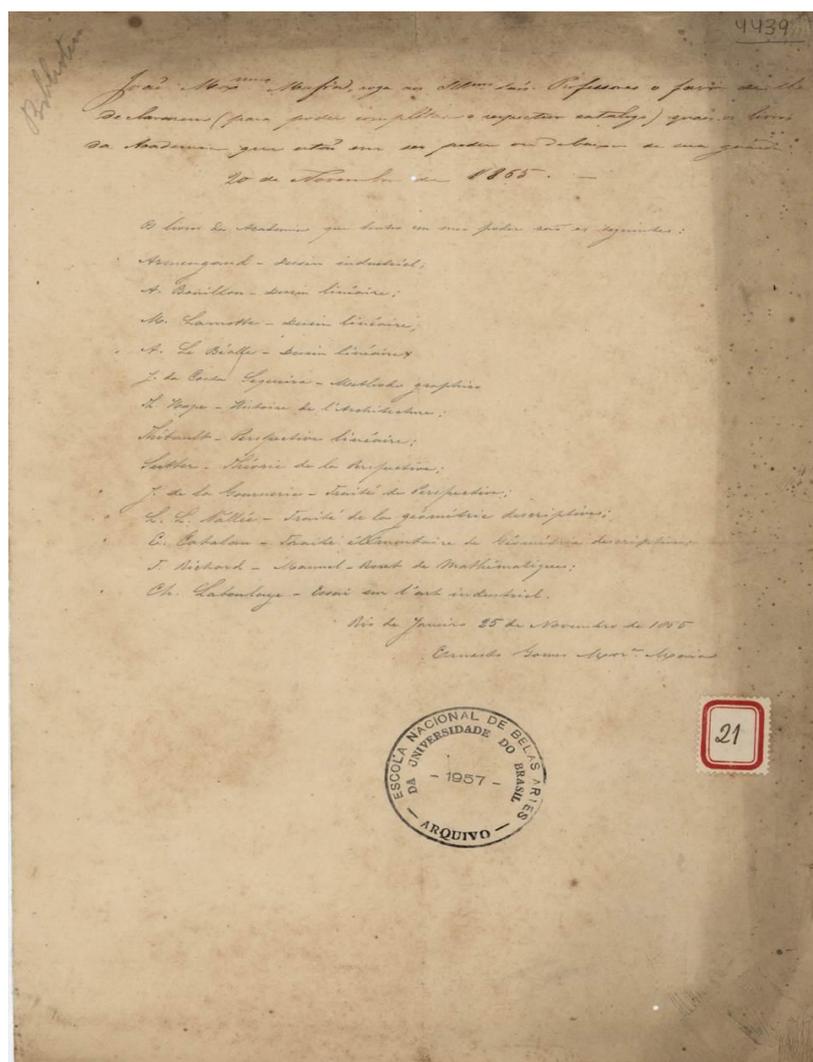


Figura 15: Documento 4439, Lista de livros emprestados, 1865. Fonte: Museu D. João VI.

Observamos que era costume os professores retirarem livros da Biblioteca para utilizá-los em sala de aula e que não havia um limite do número de obras que poderiam ser emprestadas a um mesmo usuário. O pedido de devolução dos livros que estavam em seu poder, feito pelo diretor, se justifica pela necessidade da atualização do catálogo da

²⁵ João Maximiano Mafra, 1823-1908. Professor substituto de Pintura Histórica da Academia, por concurso, desde 1851, a 12 de agosto de 1854 era nomeado secretário da instituição, permanecendo nesse cargo até aposentar-se em 1890.

Biblioteca, que deveria ser revisto de cinco em cinco anos, "a fim de fazer os necessarios accrescentamentos" (RIO DE JANEIRO, 2197, s.d.) e a carta do secretário Mafra em 1887, dirigida ao doutor Samuel Pertence²⁶ solicitando devolução do livro *Anatomie du Gladiateurs*, de Galbert Salvager, de propriedade da Academia, corroborando com a informação de que empréstimos para pessoas não vinculadas à Academia eram realizados²⁷, desde que autorizados pelo diretor.

Constatamos também nos frequentes Relatórios da Academia que a Biblioteca, em 1872, ainda tinha como bibliotecário o diretor Tomás Gomes dos Santos²⁸ e seu secretário que o ajudava a dirigi-la. Os relatórios informam ainda que o diretor julgava insatisfatórios os vencimentos do secretário por ter muitas obrigações:

O secretário, que é o auxiliar do diretor na polícia da casa, que fiscaliza todo o serviço e põe em execução as ordens do diretor, que é o bibliothecario da Academia e seu archivista, cargo que exige habilitações especiaes e variadas, difíceis de reunir em um mesmo individuo, vence apenas 50\$ mensais (BRASIL, 1872).

Em outro Relatório desse mesmo ano, o diretor respondendo ao Ministério do Império que, de praxe, exigia relatórios frequentes acerca dos estabelecimentos literários da Corte, dentre eles, a Academia, nos dá mais algumas informações sobre o andamento da Biblioteca:

Em cumprimento do aviso circular do Ministério do Império acerca dos Estabelecimentos literários da Côrte, tenho a honra de informar a V.Ex^a sobre a biblioteca d'esta Academia, o seguinte: 1º - Antes da reforma da Academia decretada em 14 de maio de 1855, possuía a Academia alguns livros importantes, mas que não formavão propriamente uma biblioteca, a fundação d'esta pois pôde datar-se d'aquelle Decreto. 2º - Não tem a biblioteca empregado algum especial; o Diretor da Academia a governa e pela ajuda do secretario. 3º Possue 834 volumes impressos, e não tem manuscritos; 4º - Esta biliotheca tem sido até hoje consultada quase exclusivamente pelos Professores e alguns alunos, que o fazem durante as horas de serviço escolar e não há d'isso assentamento; as poucas vezes tem sahido alguma obra fora da biblioteca. 5º- A maior parte dos livros são ornados de estampas, entre as quaes há gravuras de subido valor, e assim

²⁶ Médico interno do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, em 1889. Cirurgião adjunto do Corpo de Polícia do Rio de Janeiro. Em 1910 era diretor do Instituto Pasteur. <http://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira/ascendentes.asp?codpessoa=70716>. Acesso em: 09 de maio de 2014.

²⁷ Segundo informação do resumo da ficha catalográfica do Museu D. João VI, a qual não possui o número de localização do documento primário.

²⁸ Dr. Tomás Gomes dos Santos (1803-1874), bacharel em Letras pela Sorbonne e doutor em medicina pela Universidade de Montpellier, era professor de clínica e higiene da Faculdade de Medicina; médico da Câmara Imperial; deputado provincial e geral, vice-presidente em exercício da província do Rio de Janeiro e diretor da Instrução Primária da Corte e foi diretor da Academia de 1857 a 1874.

algumas obras são de alto preço (3 de maio de 1872) (RIO DE JANEIRO, 4447, 1872).

Os anos se passam, porém, a Academia ainda enfrenta problemas antigos, como a falta de verbas para contratação de funcionários extremamente necessários ao bom andamento da Biblioteca. Preocupado com a conservação dos livros, dentre outros serviços que a Biblioteca necessitava, o diretor Antonio Nicolau Tolentino ao Conselheiro Barão Homem de Mello, Ministro e Secretário dos Negócios do Império, esclarece que a Biblioteca tinha urgente necessidade de contratar um auxiliar para realizar estas funções esclarecendo que Arthur Pereira da Fonseca solicitava este cargo, pois o volume de trabalho do Secretário era intenso:

Informando o incluso requerimento de Arthur Pereira da Fonseca, que pede ser addido à Secretaria desta Academia e encarregado da respectiva bibliotheca, cumpre expor o seguinte: Por mais de uma vez tenho manifestado aos dignos assessores de V. Ex^a a indeclinavel necessidade de um auxiliar para diversos trabalhos de escrita e do arrolamento e conservação dos livros da Bibliotheca. Minhas repetidas solicitações forão attendidas com a designação de um individuo que por algum tempo servio nesta Academia, mas pouco depois, por motivos de economia, foi dispensado por aviso de 19 de Fevereiro de 1878 do exercicio em que se achava (RIO DE JANEIRO, 4387, 1881).

O Estatuto de 1890 não nos oferece muitas informações referentes à Biblioteca, apenas o Artigo 65, que informa as atribuições do bibliotecário. Dentre estas, organizar o catálogo da Biblioteca que incluía os livros, manuscritos e estampas e arrolar os móveis da Biblioteca, fazer a escrituração da repartição a seu cargo e facilitar aos usuários do mesmo os trabalhos de estudo e consulta, fiscalizando a conservação dos livros. Outro artigo do mesmo estatuto aborda o desenvolvimento do acervo: "Art. 69. A bibliotheca constará dos livros, gravuras e estampas pertencentes à Academia de Bellas Artes e mais do que se forão adquirido para ella à medida do desenvolvimento da Escola e das exigencias do ensino". Segundo tabela de vencimentos do mesmo artigo referente ao pessoal da ENBA, o bibliotecário recebia 2:400\$000.

Tabella dos vencimentos do pessoal da Escola Nacional de Bellas Artes a que se referem os estatutos que acompanham o decreto n. 983 desta data

1 director.....	6:000\$000
7 professores sendo :	
1 de desenho figurado, 1 de modelo vivo, 2 de pintura, 1 de esculptura, 1 de desenho de architectura e 1 de gravura, medalhas e pedras preciosas a 4:800\$000.....	33:600\$000
41 professores sendo :	
1 de sciencias naturaes, physica e chimica, 1 de geometria descriptiva, perspectiva e sombras, 1 de desenho geometrico, plantas e desenho topographico, 1 de elementos de architectura e desenho elementar de ornatos, 1 de mythologia de archeologia e ethnographia, 1 de historia das artes, 1 de anatomia e physiologia, 1 de calculo e mecanica e de materiaes de construcção e resistencia dos materiaes, 1 de architectura, historia e theoria e 1 de stercotomia, a 3:600\$000.....	39:600\$000
1 secretario.....	3:600\$000
1 bibliothecario.....	2:400\$000
2 conservadores e restauradores de quadros, a 2:400\$000..	4:800\$000
1 amanuense.....	1:800\$000
1 inspector de alumnos.....	1:200\$000
1 porteiro.....	2:000\$000
3 guardas, a 1:080\$000.....	3:240\$000
	98:240\$000

Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1890.— Benjamin Constant.

Figura 16: Estatuto da AIBA, tabela de vencimento, 1890. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

Somente a partir de 1901, os estatutos irão mencionar as atribuições do bibliotecário, em um capítulo específico, abrangendo 10 artigos.

Após examinarmos os estatutos e relatórios da AIBA, verificamos que seus dirigentes desconheciam a importância e a necessidade de definir Planos de Ação para a Biblioteca, para o bibliotecário e seus serviços de forma minuciosa e específica, tais quais: Finalidade; Acervo; Aquisição, Recursos; Organização da Coleções; Serviço de Referência; Conservação; Uso das Coleções e Pessoal.

4 A BIBLIOTECA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES (AIBA): TAUNAY, PORTO-ALEGRE E A FORMAÇÃO DO ACERVO-BASE

Até o século XIX, a cultura e o saber, no Brasil, se desenvolveram, basicamente, nas entidades religiosas, como os conventos, onde foram criados os primeiros colégios e bibliotecas escolares, sendo muitas abertas à comunidade em geral. Após a proibição de Marquês de Pombal da instalação de novos conventos e a expulsão dos jesuítas do Brasil, o poder dos mesmos diminui quanto à difusão da cultura e do conhecimento. Sem os cuidados desses religiosos, as bibliotecas sofreram com roubos, desvios e deterioração. No século XIII, na Europa, começaram a ser "fundadas as bibliotecas das universidades, ao mesmo tempo em que surgiram os grandes colecionadores de livros entre a nobreza, cujas coleções viriam a formar o núcleo de algumas bibliotecas nacionais" (ORTEGA, 2004 apud LEMOS, p. 217, 1998). Com a chegada da família Real ao Rio de Janeiro, se inicia uma reformulação governamental, criando novas instituições de ensino, e conseqüentemente novas bibliotecas, como a da Academia Imperial de Belas Artes (MORAES, 2006, p.15, 24, 32, 152, 156).

As bibliotecas formadas no século XIX, de um modo geral, como instituições culturais, tornaram-se um dos símbolos do processo civilizatório. Como assinala Silveira:

A história das bibliotecas acaba por se converter na história daquilo que uma sociedade decide preservar e transmitir ao longo de seu "continuum" histórico. Através da estrutura de seus acervos, cada uma dessas instituições oferece ao lugar onde se insere uma espécie de espelho, que reflete os interesses e fraquezas de seus interlocutores, assim como a pluralidade identitária que conformam os estratos vitais de uma nação. As bibliotecas são espaços onde se inscrevem as angústias e as esperanças de uma época, bem como suas contradições e confusões (SILVEIRA, 2010, p.79-80).

Frei Custodio Alves Serrão, então diretor do Museu Nacional, em 1843, no *Relatório dos Trabalhos e Aquisições havidas no Museu*, dirigida ao Ministro e Secretario d'Estado dos Negócios de Império, assinala que as bibliotecas já eram vistas como propagadoras do conhecimento e preservadoras da memória de uma nação, além de contribuírem para futuros estudos:

[...] Se as Bibliothecas são o deposito do mundo intellectual e dos documentos que encerrão a vida da humanidade em todos seos periodos, os Musêos, como as Bibliothecas, resumem o mundo material, e seos exemplares attestando-lhes as modificações, servem como medalhas da Natureza para revelar a historia e revoluções do globo. Estes preciosos depositos, registrando todas as fontes de riqueza material de humã Nação,

forneem de mais ao legislador ideas exactas e elementos necessarios não são só para as grandes concepções, na criação de recursos, como tambem na especulação de outros estudos que tendão a engrandecer a sua gloria e dignidade. 6 de Março de 1844. Ilmº. Snr. José Carlos Pereira d'Almeida Torres, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio. Frei Custodio Alves Serrão (BRASIL, 1844 apud CUNHA, 1966, p.27).

De acordo com Wandelli,

A história do livro e da leitura começa a sair dos círculos dos bibliófilos e eruditos para satisfazer a curiosidade pública geral [...] acorremos ao passado para compreender e suportar melhor a revolução tecnológica, sem a impressão de se dar um salto no abismo escuro. A História nos dá, senão a garantia, ao menos a impressão de que o futuro vizinho é fruto e continuação de nossos próprios passos (WANDELLI, 2002, p.40).

A Biblioteca da Academia iniciou e desenvolveu seus serviços baseando-se na propagação do ensino da arte, desse modo, sempre trouxe seu nome atrelado ao da Academia Imperial de Belas Artes. Com a necessidade da formação de uma biblioteca para dar suporte ao ensino de artes, inicia-se a constituição do acervo sendo formado principalmente com a transferência de livros da Biblioteca Pública Imperial, por doações que começaram com nossos imperadores, somando-se a de professores e suas famílias, a de artistas, a de ministros de Estado, de instituições nacionais e estrangeiras e outros diferentes doadores que tinham como ponto comum o interesse pela preservação da memória artística em benefício da pesquisa acadêmica (LUZ, 1999, p.150). A AIBA também realizava compras de livros e estampas com verba própria. Enfatizamos que a Biblioteca da AIBA já iniciou seu acervo com algumas obras, que na época já eram consideradas raras e especiais (RIO DE JANEIRO, 4434, 1865) (GALVÃO, 1959, p. 61).

Para um satisfatório funcionamento a Biblioteca tinha como um dos seus objetivos a eficiência quanto à seleção. O acervo da Biblioteca da AIBA não foi desenvolvido aleatoriamente, todo o processo de seleção era cuidadosamente analisado. Assim, o acervo ia sendo enriquecido, com novos livros e estampas²⁹ à medida que a Academia se desenvolvia. Os professores, ao cumprirem com as exigências do ensino, faziam suas solicitações por meio

²⁹ Atualmente, parte desses livros encontra-se na Biblioteca de Obras Raras/EBA/UFRJ e parte das gravuras e desenhos encontram-se arquivados no acervo do Museu D. João VI/EBA/UFRJ, criado em 1979. Tanto a Biblioteca como o Museu funcionam como um rico laboratório para pesquisadores da graduação e pós-graduação. Devido a algumas mudanças de endereços, dentre outros fatos ocorridos, alguns livros se perderam. Outros ficaram no Museu Nacional de Belas Artes, com a divisão do acervo em 1937. A investigação acerca desses itens é intenção para uma próxima pesquisa.

de listagens de livros relevantes para o ensino a fim de prepararem os alunos que representariam a Arte no País.

Como considera Naudé (1903, p. 87-91) no quarto capítulo da tradução para o inglês “*Instructions concerning erecting of a library*”, a seleção das obras que farão parte do acervo constitui a “natureza da biblioteca”. O autor enfatiza que os livros deverão ser escolhidos priorizando as necessidades dos seus usuários. Ainda afirma que não devemos escolher os livros pela quantidade de volumes, mas sim pela “qualidade de seus assuntos” e que “os principais autores que tem chefiado as artes e as ciências devem ser levados em consideração”.

Para Ranganathan, (2009, p.336) “os materiais selecionados também devem estar de acordo com os objetivos da instituição mantenedora” e que os livros estão “ansiosos” para encontrar os leitores adequados a eles, pois “seu destino, por assim dizer, são as mãos dos leitores” (GOMES, MOTTA, CAMPOS, s.d.).

Os serviços de seleção e aquisição (solicitar doações e solicitar verbas ao Governo para compras) eram realizados com esmero, pelo diretor e pelo secretário da Academia. Coordenar os serviços de empréstimos e os serviços de melhorias na sala da biblioteca, como a decoração, obras e reparos necessários também fazia parte das suas atribuições, tendo como auxiliares o porteiro da Academia e seu ajudante como contínuo da Biblioteca, que também prestavam serviços.

Com o passar do tempo e o enriquecimento do acervo da Biblioteca com as obras sendo incorporadas, surge a necessidade de um local mais apropriado para a sua guarda e consulta. Destacamos a insatisfação do diretor Henrique José da Silva, em relação ao espaço da Academia, inclusive no que diz respeito à Biblioteca, dando origem a uma série de reformas que viriam a beneficiá-la, ainda que não de forma ideal. Em Ofício de 2 de junho de 1833, o diretor expressa sua insatisfação:

A Congregação não tem sala de Sessões; ajunta-se no Gabinete de hum dos Professores o local destinado a servir de Bibliotheca e de sala de sessões, acha-se agora occupado por duas aulas juntas, a de Pintura de Paysagem e a de Architectura Civil, além de escrivaninha do Secretario; e daquele aperto nascem incommodos e inconvenientes [...] (RIO DE JANEIRO, 6150, 1831-1841).

Em Decreto de 18 de junho de 1833, foi aprovada pela Secretaria d’Estado dos Negócios do Imperio a liberação de verba no valor de 740\$800 réis para realização de diversas medidas necessárias, inclusive a instalação da Biblioteca. Assim, em 11 de setembro

de 1833, a Secretaria, como de costume, remete à Academia um aviso solicitando que a mesma emita listagem discriminada dos serviços realizados com a verba liberada, assim como à diferentes autoridades das Províncias e os chefes de repartições, e estabelecimentos públicos que diretamente se correspondiam com essa Secretaria. Com a verba liberada, o então Diretor Henrique José da Silva, tendo como secretário Felix Emilio Taunay, em ata da Sessão de 13 de setembro de 1833, p. 38, declara que: “[...] e a respeito da sala em que terá lugar esse curso, assentou-se que seria melhor dar a sala semi-circular o destino de receber a biblioteca e arquivos, servindo ao mesmo tempo para as reuniões dos Professores” (RIO DE JANEIRO, 6150, 1831-1841). A Biblioteca, desde o início, teve um papel de destaque no planejamento da AIBA, pela sua localização no projeto original do edifício. Foi planejada para ocupar o andar superior da sala central, única parte construída no segundo andar do prédio que ainda não havia sido concluído. Nessa mesma Sessão o diretor se dirige à Grandjean de Montigny, solicitando que notificasse ao carpinteiro encarregado das obras do estabelecimento para comparecer à Congregação a fim de determinar, na presença dele, a conclusão dos trabalhos da sala semi-circular, agora Biblioteca. O Diretor Henrique José expressava uma preocupação em relação ao prazo estabelecido para o término das obras, já que era necessário que a sala estivesse concluída antes do início do ano letivo.

Em 20 de março de 1834, finalmente a Biblioteca é aberta aos estudantes. Transcrevemos as palavras do Diretor Henrique José em seu discurso de abertura do ano letivo:

Abriu-se então o portão da biblioteca e o porteiro chamando os alumnos, o diretor dirigio lhes a seguinte falla em nome da Congregação: Sres. principia uma nova era para a Academia da Bellas Artes. Até agora hum simples relatório dirigido à Secretaria d’Estado dos Negocios do Imperio tem sido a recompensa, talvez limitada, dos vossos trabalhos; Em consequência de não chegar a aprovação dos novos Estatutos senão no mez de Julho do anno p.p. Não foi possível à Congregação alterar o costume antigo, e faz-se a relação, cuja leitura haveis de ouvir (aqui o Secretario leu parte do officio da Congregação (L. 3 parágrafo 33). De hoje em diante, Senhores, a Nação, por seus digníssimos Representantes que approvarão os nossos Estatutos, convida os alunos da Academia a ambicionarem as recompensas Nacionais. No fim do presente anno escolar, os concorrentes, que se approximarem mais à perfeição (hè assim que a Congregação interpreta a ultima disposição do artigo 9 do Cap.3) (o Secretario leu o artigo) hão de ser remunerados com prêmios de valor ainda incerto (porque há da dignidade da Academia das Bellas Artes distribuir prêmios iguais aos das outras Academias, e a Congregação já reppresentou a esse respeito) porém cuja aplicação, ao menos na forma determinada pelos Estatutos, não pode faltar ao merecimento. E, na verdade, em pouca conta [...] (RIO DE JANEIRO, 6150, 1831-1841).

Com a obra concluída na data de 11 de agosto de 1834 a Academia atende às exigências da Secretaria d'Estado dos Negócios do Imperio, mencionadas anteriormente, elaborando uma listagem com os serviços discriminados separadamente. Esta listagem nos permite perceber o quanto a Biblioteca foi beneficiada, com diversos serviços realizados na sala semi-circular:

Ilm. ° e Exmo. Sr. Tenho a honra de dirigir à V. Exc. ^a, em nome da Congregação dos Lentes da Academia das Bellas Artes desta Corte, a conta das diversas aplicações da quantia de setecentos e quarenta mil e oitocentos Reis, que a Academia recebeu, como socorro extraordinário, pela repartição dos Negocios da Fazenda, em consequência dos avisos da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio com a data de 11 de setembro do anno de 1833.

V. Exc. ^a verá que os objetivos principaes daquela despeza acha-se preenchidas com a abertura da aula do modelo vivo e o estabelecimento dos Archivos e Biblioteca.

[...]

1 – Três exemplares da obra intitulada Proporções do corpo humano à cada um – 6\$000;

2 - Porta principal da sala semi-circular (servia à Biblioteca) - 25\$000;

3 – A bandeira da mesma porta – 20\$000;

4 – Ao escultor que formou as rosaceas da mesma porta – 66\$000;

5 – Seis prateleiras de vinhatão em cada um dos nichos da sala semi-circular formando Biblioteca – 120\$000;

6 – Cortina para a Biblioteca – 12\$000 (RIO DE JANEIRO, 6124, 1833-1843, p.41-43).

A sala da Biblioteca da Academia servia também para expor as pinturas realizadas pelos alunos, que além de embelezá-la e enriquecê-la, tinha a função de aprendizado para os que ali entrassem. Muitas dessas obras expostas eram as vencedoras dos Concursos³⁰ dos quais os alunos da Academia participavam, como observamos nas Emendas aos estatutos atuais oferecidas pela Congregação dos Lentes³¹ da Academia das Bellas Artes, em observância do Aviso da Secretaria do Estado dos Negócios do Imperio, artigo 8º, do dia 21 de janeiro de 1834, em que afirma: "[...] e deve-se declarar que as obras premiadas pertencem à Academia, e ficarão expostas por todo o anno imediato na Biblioteca ate serem supridas pelas do concurso seguinte, entrando então na Collecção do Estabelecimento" (RIO DE JANEIRO, 6124,1833-1843, p. 36).

Dentre as várias atividades e solenidades que eram realizadas na Biblioteca, destacamos a entrega dos prêmios aos alunos, em 1836. “A solenidade foi realizada na sala

³⁰ Com a finalidade de estimular a emulação, aos alunos eram criados concursos trimestrais, anuais e prêmios honoríficos, que correspondiam a uma medalha grande ou pequena de ouro.

³¹ Lente era o nome que se dava aos professores que ministravam ensino em escola secundária e superior.

semi-circular, com a presença do Ministro, da Congregação, dos alunos e do público interessado” (UZEDA³², 2000, p. 120). Era costume de D. Pedro II comparecer a essas premiações prestigiando, assim, a Academia. Segundo Debret (1834, p. 211-212, v. 3) em sua obra *Voyage pittoresque au Brésil*, ao explicar o desenho da planta do edifício da Academia em 15 de novembro de 1815, referindo-se ao espaço designado para a Biblioteca relata: “*Notre architecte, pour utiliser dignement l’intérieur du temple, assez vaste d’ailleurs pour contenir une belle bibliothèque, en fait également une sale d’assemblée pour les professeurs*”.³³

Anos depois, na gestão de Porto-alegre, o mesmo contribuiu para que a Biblioteca prosseguisse sendo adornada e vista como um local para exposição de obras que conservassem a memória do ensino acadêmico na AIBA. Porto-alegre, além de reorganizá-la e enriquecê-la, instalou-a dignamente, em sala especial, com decorações de Leon Grandjean Pallière³⁴.

Pallière, ao voltar da Europa, aceita o pedido do então diretor Porto-alegre para pintar a alegoria no teto da sala da Biblioteca. Como retribuição ao governo imperial, que custeou seus estudos na Europa, por meio do prêmio de viagem, Pallière não cobrou valor algum pela tarefa. Segundo Morales de los Rios (1942, p. 199) quando a “desnecessária” demolição do edifício da AIBA em 1938 foi realizada, este importante trabalho foi retirado e colocado em um painel, em uma das paredes da ENBA. Em relação a alegoria pintada, Duque Estrada (1995) muito a elogia, o que nos faz imaginar a sala da Biblioteca um lugar belíssimo.

A composição é de uma simplicidade tocante, de uma preciosa pureza de linhas que lembra, em harmonia e singeleza, a severidade das linhas gregas. O colorido é simples, rico em limpidez, feliz na tonalidade. O caráter decorativo relaciona-se perfeitamente com o fim a que a sala é destinada, e com o caráter do edifício. Nem mais um desperdício de linha, uma prolixidade, um desgarre de pincel. Sob a cúpula azul do céu estão reunidas a escultura, a arquitetura e a pintura. A arquitetura, a grande arte social por excelência, figura no centro, sobre uma grande cadeira grega, tendo ao lado as co-irmãs. As expressões dessas três figuras, delineadas pelo molde formoso e ao mesmo tempo grave de onde saíram as peregrinas belezas do paganismo, se traduzem em serenidade, saber e talento. Sobretudo, a que preside a reunião patenteia, nos corretíssimos traços fisionômicos, galhardo

³² Professora adjunta do Departamento de Estudos e Processos Museológicos - DEPM da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO. Pesquisadora da História da Arquitetura no Rio de Janeiro.

³³ Nosso arquiteto, para utilizar dignamente o interior do templo, muito grande para conter uma bela biblioteca, igualmente uma sala de reuniões para os professores (Tradução nossa).

³⁴ A decoração executada por Pallière na Academia foi de lá retirada quando o Governo demoliu o edifício de Montigny, e encontra-se atualmente no Museu Nacional de Belas Artes. Esclarecemos que a obra, nesse momento está em processo de restauração. Segundo os restauradores responsáveis o trabalho será concluído em setembro de 2015.

talento e soberana calma (DUQUE ESTRADA, 1995 apud GOMES JUNIOR, 2008).



Figura 17: Painel Alegoria às artes de Pallière, 1855.

Fonte: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/46/Jean_L%C3%A9on_Palli%C3%A8re_-_Alegoria_%C3%A0s_Artes.jpg.

Ainda em relação à decoração, o secretário João Maximiano Mafra, em reunião da congregação da AIBA, pede a palavra e faz a seguinte proposta aos membros:

Reconhecidos aos imensos benefícios que aos artistas brasileiros e a esta Academia, tem feito o Exm^o Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz³⁵, propomos que a Academia mande fazer o busto em mármore do mesmo Excellentissimo Sr. para ser colocado na sala da nossa Bibliotheca. – Academia das Belas Artes, em 2 de junho de 1855 (RIO DE JANEIRO 6151, 1841-1856, p. 596).

A proposta foi unanimemente aprovada por todos os presentes na reunião. Em catálogo intitulado *Noticia do Palacio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de*

³⁵ Luiz Pedreira do Couto Ferraz recebeu o título de Barão em 1867 e o de Visconde do Bom Retiro, em 1872. Nasceu na Corte, em 1818. No ano de 1848, governou o Espírito Santo. Governou a Província do Rio de Janeiro até 1853 e organizou a legislação do ensino primário e secundário a nível provincial. Como Ministro do Império, 1853-1855, regulamentou o ensino público e particular na Corte, seguindo as diretrizes do “laboratório fluminense”. Presidiu o IHGB (LIMEIRA; SCHUELER, 2008).

Janeiro e da Exposição de 1859, a Biblioteca especial é descrita, nos fazendo refletir o quão mais bela se tornou com a intervenção de Porto-alegre:

[...] a belleza da sala semi-circular, e d'aquella que serve de bibliotheca, attestão a capacidade do distincto architecto que gozou a intimidade de *Percier e Fontaine* [...]. A decoração desta sala é de um estylo sério e recorda a escola italiana. O tecto pintado pelo Sr. Palliere Grandjean Ferreira ex-Pensionista do Governo em Roma, representa uma allegoria ás Bellas Artes: a Pintura, a Esculptura, a Architectura, a Poesia e a Musica se preparão para illustrar o feliz reinado do Sr. Pedro II, Augusto Protector das Bellas Artes. *Os retratos de Apelles*, o pintor de Alexandre; *de Vinci* que, primeiro, escreveu as leis eternas da perspectiva e das sombras, e achou nos recursos de seo genio o typo da Divindade de Christo; de *Alberto Duro*, o antigo chefe da escola allemã; de *Buonattrotti*, o artista de tres almas, e de seu émulo o divino *Raphael*; de *Ticiano* e do *Tintoreto*, cujas palhetas revelarão todas as maravilhas das côres; do nobre *Vellasques*; do prodigioso *André del Sarto*; e do brusco *Rembrant*, magico pintor dos effeitos da luz; de *Rubens*, e de seo discipulo *Vandick*, chefes immortaes da escola flamenga; do sabio *Poussin*, admiravel mestre da escola franceza; e de *Murillo*, que fez de seo pincel o caminho que vai da mendicidade das ruas ás alturas da mais feliz opulencia, ornão os quatorze medalhões que ladeião o quadro do centro (NOTÍCIA DO PALÁCIO..., 1859, p. 9-11).

Após tecer elogios a Grandjean de Montigny e a Palliere, o texto prossegue descrevendo o mobiliário que completa a ornamentação da sala que abrigava as valiosas obras da Biblioteca:

As parêdes da sala estão guarnecidas com paineis, quasi todos producções de alguns artistas nacionaes que forão discipulos da Academia. Nas estantes começa a necessaria Bibliotheca especial das Bellas Artes, creada com a reforma da Academia: a par do valioso *Museo Francez, das Obras Architectonicas, do sabio Cavalleiro Canina, da Galleria de Versailles, e dos Annaes do Museo*, que com outras menos importantes, já a Academia possuia, existem agora o Museo Bourbonico, dadiua de S. M. a imperatriz em 1854, as preciosissimas Obras completas de Piranesi, muito raras na Europa, as obras de *Palladio, Denon, Hittorf, Paillot de Montabert*, e outras. Todos estes melhoramentos, realizados no ministerio do Illm. Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, se devem ao zelo e à illustração do ex-Director da Academia, o Illm. Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, cujos serviços e dedicacão ás Bellas Artes jamais serão esquecidos (NOTÍCIA DO PALÁCIO..., 1859, p. 9-11).

Complementando a citação acima, Gomes Junior (2008) assinala que,

O programa iconográfico da sala da Biblioteca, com a forte presença de artistas associados ao barroco, está articulado à mudança no plano do pensamento e a uma certa adesão à mobilidade da sociedade moderna que coloca em questão as antigas regras fixas da arte. [...] a decoração do recinto da antiga sala da biblioteca tinha algo de inquietante para boa parte dos livros lá abrigados.

Ponderando sobre a abordagem de Gomes Júnior, percebemos que os livros de tratados clássicos se sentiam "incomodados" com a presença da decoração do espaço da Biblioteca.

Na Academia, o espírito da beleza estava presente na sua construção, refletindo toda a preocupação dos diretores em decorá-la primorosamente. Segundo Cunha (2005, p. 121) beleza é a "propriedade que corresponde a certas normas de equilíbrio, proporções harmônicas [...] que despertam emoções agradáveis nos seres humanos, sendo ligada a critérios estéticos"; e a sala da Biblioteca não deixou de seguir esse padrão.

Quanto aos funcionários da Biblioteca, observamos que em 3 de junho de 1835, cerca de um ano após a abertura da Biblioteca, é criado o lugar de ajudante do porteiro da Academia, servindo ao mesmo tempo de contínuo da Biblioteca (RIO DE JANEIRO, 1551, 1835). Como citado nos estatutos, o porteiro, também possuía algumas atribuições em relação aos serviços da Biblioteca. Em 1837, Antonio Roberto da Silva Peixoto prestava serviços à Biblioteca da AIBA, sendo também ajudante do porteiro.

1518

O Regente interino em nome do Imperador a Sr.
 D. Pedro Segundo manda remeter a V. Ex.^{cia}
 Requirimento incluído de Antonio Roberto da Silva
 Peixoto, em que, allegando serviços prestados na
 pratica da Fazenda, pede ser provido no Lugar de
 Ajudante do Porteiro da Academia das Bellas
 Artes desta Corte, encarregado da respectiva Bibliothe-
 ca. E Ha por bem que V. Ex.^{cia} informe como que
 he o estado acerca desta pretensão.
 D. João VI. Rio de Janeiro 3 de Junho
 de 1837.

Bernardo Pereira de Vasquez

Sr. João Emílio de Vasquez

Figura 18: Documento 1518, registro dos serviços de Antonio Roberto da Silva Peixoto que prestava à Biblioteca da AIBA, sendo também ajudante do porteiro, 1837. Fonte: Museu D. João VI.

Ao cotejarmos os documentos primários do Museu D. João VI, notamos que após Taunay pedir exoneração do cargo de diretor, em 1851, Job Justino de Alcântara Barros³⁶ até então, secretário, professor substituto de arquitetura, arquivista e também apontado como bibliotecário da Academia (Figura 18) assume interinamente a direção até 1854. Job Justino continua coordenando a Biblioteca.

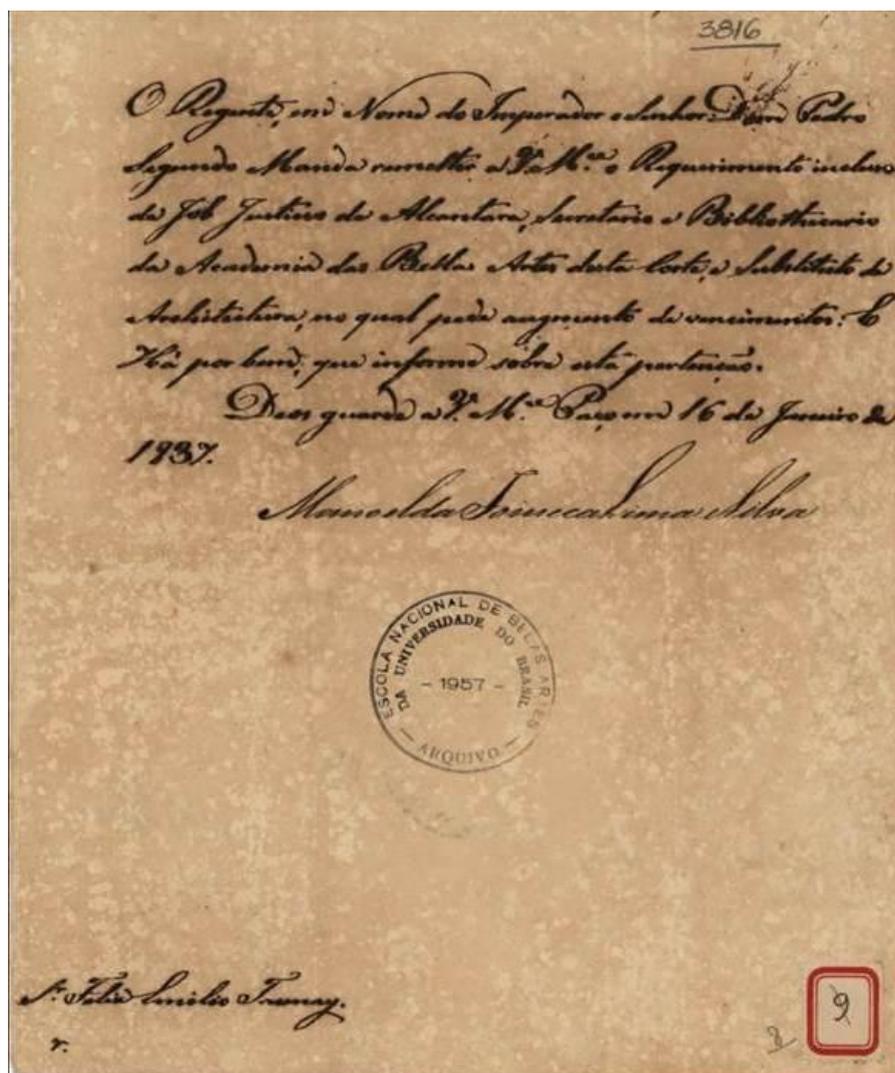


Figura 19: Ofício citando Job Justino como bibliotecário, 1837. Fonte: Museu D. João VI.

Já em 1855, ainda em relação ao cargo de bibliotecário na AIBA, Porto-alegre no Ofício de 30 de agosto do mesmo ano, menciona a presença de um bibliotecário, elogiando-o pelas suas qualificações:

³⁶ Arquiteto português Job Justino de Alcântara Barros, matriculou-se na Academia com a idade de 20 anos e foi professor de Arquitetura da Academia, além de Diretor do estabelecimento de 1851 a 1854. Era discípulo do arquiteto Grandjean de Montigny, e do próprio Felix Taunay.

O muito erudito e ilustrado Bibliotecário, apesar do seu louvável zêlo pelo que respeita às riquezas e esplendor do estabelecimento, concordará sem dúvida neste pensamento, porque ninguém melhor do que êle o conhece praticamente, pois, viveu sempre nas bibliotecas de França, e viu os seus resultados naquele magnífico país (GALVÃO, 1959, p. 65).

Essa citação faz menção a certos livros, estampas e desenhos originais que existiam em duplicatas na Biblioteca Pública e que seriam de suma utilidade se incorporadas ao acervo da Biblioteca da AIBA. São citadas: obras especiais de certos artistas, plantas de certos palácios notáveis, as *Batalhas de Van der Meulen*, as estampas de Alberto Dürer, o *Palácio de Caserta* (Itália) e obras de *Bibiena*.

No período que corresponde à direção de Henrique José da Silva, como diretor da AIBA, Taunay se destaca como secretário, com excelente atuação que conseqüentemente refletia nas suas atividades em relação à Biblioteca. Com a morte do diretor Henrique José, Taunay assume a direção da AIBA e continua se dedicando à Biblioteca, tornando seu acervo cada vez mais rico. Também ministrava aulas de pintura de paisagem e ainda dava especial atenção ao curso de arquitetura. Taunay era reconhecido como homem de letras, erudito e intelectual, conquistou espaço na AIBA dando prosseguimento às ideias de Debret, ou seja: luta pela reorganização dos estatutos e pela formação de uma instituição sólida e produtiva, inicialmente como secretário e depois como diretor. Buscava, sobretudo, tornar a Academia um órgão útil ao Império Brasileiro.

Para compreendermos as ações de Taunay, assim como de outros dirigentes da AIBA, responsáveis pela formação do acervo da Biblioteca, é imprescindível voltarmos o olhar para a Europa e à formação que esses emigrantes receberam em seu país de origem. Em 1835 foi nomeado pelo Marquês de Itanhém como professor de desenho e paisagem da Família Imperial. Em 1838 é nomeado também professor de francês de D. Pedro II, tornando-se cada vez mais influente por meio da educação imperial. Muitos foram os cargos de responsabilidade que Taunay ocupou durante sua trajetória: Sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1935) e membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838). Em seu currículo também podemos citar alguns títulos que contribuíram para sua ascensão: detentor do Hábito da Ordem de Cristo, em 1841; Chevalier de la Légion d'Honneur, em 1843; membro honorário da AIBA, em 1852; comendador da Ordem da Rosa, em 1867; e finalmente, Barão de Taunay, em 1871 (DIAS, 2009, p.22). Considerando sua formação, fica evidente compreender o quanto foi simples para ele selecionar o que de melhor havia na literatura de artes, e assim ir formando o acervo da Biblioteca de forma exemplar.

Seu secretário, Job Justino de Alcantara Barros, do mesmo modo, tinha uma formação excelente (RIO DE JANEIRO, 3827, 1868; 4040, 1837; 4052, 1859).

O discurso de Taunay era político e doutrinário, visava à glória nacional, projeto ao qual os artistas poderiam ser de grande utilidade. Eles deveriam ser aproveitados pela associação política. "Taunay pedia a presença do imperador nas dependências da AIBA, pois isso exaltava a ambição dos mestres e alunos" (MANTOVANI, 2008). Na solenidade do dia 12 de dezembro de 1840 em que comparecia D. Pedro II, Felix Emilio Taunay lhe diz: "Senhor! São as Belas Artes instrumentos de civilização e de glória; e, como tais, elas, não menos que as ciências e as letras, merecem proteção aos soberanos, nem tão pouco se pode dizer que no Rio de Janeiro elas se achem em estado de desamparo e orfandade" (SANTOS, 1996, p. 133).

Taunay, por toda sua experiência, trabalhava para compor um acervo que atendesse as demandas do currículo da Academia, que refletisse a sua ideologia política e social, tornando a Biblioteca um local acessível e útil ao seu público. Diversos discursos corroboram com o fato de que Taunay era um diretor que agia em favor do desenvolvimento desse acervo. Como considera Sônia Gomes Pereira, em entrevista concedida à essa pesquisadora, "a constituição da Nação, na década de 1830, foi formada por uma geração que teve grande influência neste processo" (PEREIRA, 2014). Essa geração foi formada por políticos, historiadores e escritores, que muito contribuíram para a formação do acervo-base da Biblioteca da AIBA.

No Ofício de 29 de junho de 1834, Taunay agradecia, em nome da congregação, ao Diretor da Biblioteca Pública da Corte o recebimento pela Academia de um exemplar do Relatório da Repartição dos Negócios do Império para ficar nos Arquivos da Academia, enfatiza sua importância e aproveita para solicitar que fosse doado à Biblioteca da Academia tratados relativos às artes que se achassem na Biblioteca Pública, assim como a coleção ou parte da coleção de retratos, desenhos e peças notáveis das diferentes Galerias e Museus da Europa, à que alude o Relatório (RIO DE JANEIRO, 6124, 1833-1843, p.41). Por diversas vezes em seus discursos de abertura dos anos letivos, Taunay mencionava a Biblioteca que ia se formando, para seu orgulho e satisfação. No ano de 1835, referia-se ao Ministro de Estado, Sr. Joaquim Vieira da Silva e Souza, "atento à formação da nossa bibliotheca e às suas ações para conseguir da Biblioteca Pública a remessa de exemplares de livros de arte que nela existissem em duplicata" (RIO DE JANEIRO, 6150, 1831-1841, p.116). No ano seguinte, em discurso para alunos e membros da Congregação, elogia o andamento da Academia em relação aos discentes, não deixando de mencionar a Biblioteca, inclusive identificando a sua missão:

Assim se deu principio à biblioteca, a qual não só nos proporcionará facilidades de estudo e iniciar-vos há na historia das Artes, más também vos será ainda mais útil, porque hé publica; porque com o andar dos tempos tornara geraes certos conhecimentos necessários para julgar as produções dos artistas (RIO DE JANEIRO, 6150, 1831-1841, p. 129).

Taunay ambicionava constituir uma Biblioteca útil e patriótica. Um grande benefício para o desenvolvimento das Artes e um instrumento para a definitiva formação da identidade do Brasil.

No Ofício de 22 de abril de 1835, Felix Emilio Taunay solicita à Biblioteca Pública da Corte o envio, pela Secretaria d’Estado dos Negócios do Império, de uma coleção completa da *Flora Fluminensis*³⁷, e igualmente um exemplar de quaisquer obras relativas às Belas Artes, que existam em duplicata na mesma Biblioteca (RIO DE JANEIRO, 4418, 1835). O historiador francês Ferdinand Denis relata que *Flora Fluminensis* é a primeira obra a registrar o maior tesouro bibliográfico da Biblioteca Publica, descrição decorrente da sua visita em 1833. Segundo Denis, “obra magnífica” sobre as flores do Rio de Janeiro (SILVA, 2010). Frei Mariano da Conceição Veloso, botânico, chegara a Portugal em 1790, trazendo na bagagem para serem publicados os manuscritos e as pranchas relativos à sua *Flora Fluminensis*, obra resultante de longos anos de pesquisa de campo na província do Rio de Janeiro. Veloso costumava afirmar que “sem livros não há instrução”.

Segundo Lilia Schwarcz (2002, p.338), “o olhar estrangeiro’ foi sempre muito importante, para consolidar não só a representação de uma cultura nacional, como para a própria imagem da realeza lusitana isolada em terras tropicais”. As ilustrações a bico de pena de Ender e Rugendas, entre outros, mostra a iconografia e a documentação histórica de paisagens brasileiras regionais. Segundo Dias, 2009, p. 320:

Aspectos fisionômicos das vegetações e dos ecossistemas são ilustrados e analisados através da escrita, informando as famílias, os gêneros e as espécies conhecidos pelos naturalistas na flora brasileira, tratados sistematicamente e delimitados pelos domínios fitogeográficos, isto é, a caatinga, o cerrado, o pantanal, as florestas Atlântica e Amazônica.

Taunay justifica-se afirmando que essas obras eram de “utilidade nacional”. Atendendo à solicitação desse ofício, verificamos uma relação de obras enviadas à Academia de Belas Artes, pela Bibliotheca Nacional e Publica (RIO DE JANEIRO, 4418, 1835), com um total de 16 volumes, como os onze volumes da *Flora Fluminensis* e o in-fólio

³⁷Com a divisão do acervo da Biblioteca com o Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), em 1937, esses volumes passaram a fazer parte do acervo deste.

Architecture Toscane, ou Palais Maisons et autres edifices de la Toscane, mesurés et dessinés, de Grandjean de Montigny³⁸ (Figura 19). Segundo Uzeda (2001-2002, p. 45) em relação ao livro *Architecture Toscane*, Montigny reuniu textos e esboços, no qual destaca construções de Florença e arredores. Importante mencionar que na planta baixa do projeto original para o prédio da Academia (Figura 2), Montigny incluíra o ateliê de arquitetura para seus alunos, demonstrando que a intenção desde o início era a de reunir teoria e prática num só local. *Architecture Toscane* certamente foi de grande utilidade para o ensino teórico de arquitetura. A autora afirma ainda que: “Além dos ensinamentos arquitetônicos, os estudantes entravam em contato com a visão urbanística e a preocupação higienista do mestre” (UZEDA, 2001-2002, p.45). Para Morales de los Rios (1942, p. 27) essa obra dentre outras duas, *Recueil des plus beaux tombeaux executés en Italie dans le XVe. et XVIIe. siècles*; e *Le Palais des Etats et sa nouvelle Salle à Cassel*, são obras valiosas, primorosamente desenhadas, mencionando inclusive o privilégio de consultá-la na Biblioteca da ENBA: "tivemos a oportunidade, entretanto, de consultá-las na tranquila e bela sala da biblioteca do antigo edifício da Academia".

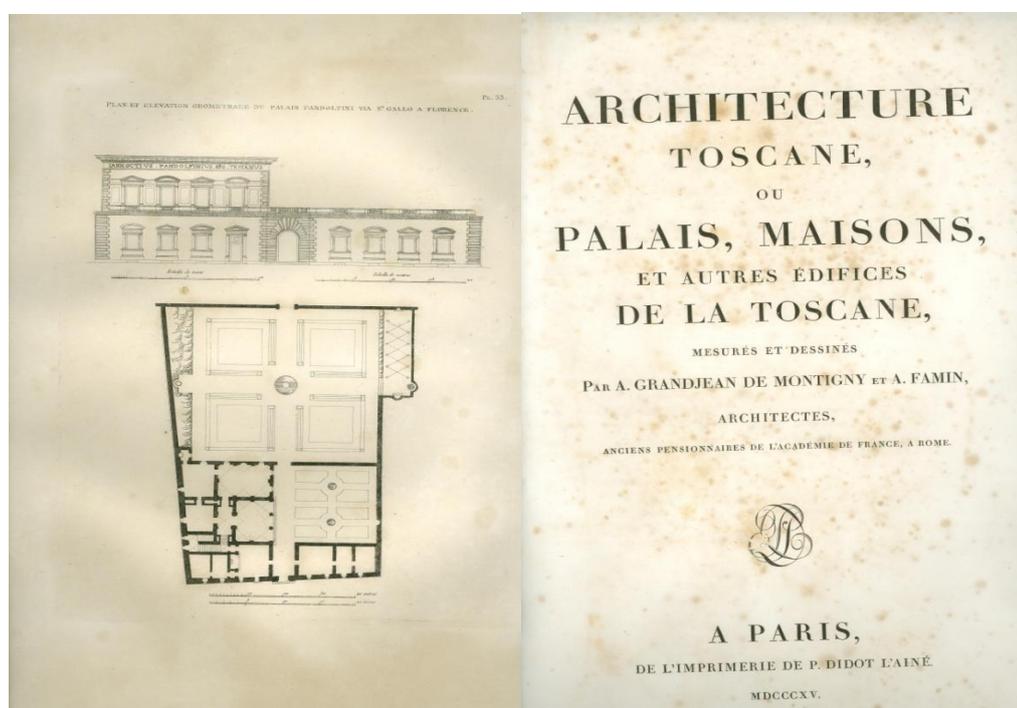


Figura 20: Página de rosto e ilustração do livro *Architecture Toscane*, de Grandjean de Montigny, 1815. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Foto da autora (2014).

³⁸ Grandjean publicou este livro antes de vir ao Brasil, com a colaboração de Augusto Famin (1776-1850), distinto arquiteto que recebeu o grande prêmio de Roma em 1801 e era conservador do palácio de Rombouillet, Paris, França.

Grandjean de Montigny ainda publicou uma obra editada por Pierre Didot, em 1814-1815, em dois tomos infólios intitulada *Collecção dos mais bellos tumulos executados na Italia, nos seculos XV e XVI, segundo os desenhos dos mais celebres architectos e esculptores*³⁹.

Observamos também o ofício de 20 de novembro de 1836, o qual menciona outro discurso do diretor Taunay em solenidade na sala semi-circular, que também servia de Biblioteca, como dito anteriormente. A solenidade contava com a presença de ministros, membros da congregação, dos alunos e de numeroso público. Taunay declara que “a bibliotheca do estabelecimento bem que nascente e mui escassa, vos oferecerá nomes capazes de atemorizar a qualquer gênio” (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 160). Em pronunciamento posterior, na sessão da presidência em 1844, Taunay também reforça o fato de que os poucos livros que ainda existiam na Biblioteca foram cuidadosamente selecionados para atender os objetivos de propagação do ensino:

Quanto aos preceitos geraes da arte, a nossa biblioteca, ainda que pouco numerosa, vos offerece recursos mui superiores ás minhas fracas concepções e, relativamente á cultura particular de cada um dos ramos que se estudão nas diversas classes, os vossos dignos professores põem ao vosso alcance todos os anseios de realização do pensamento artístico (RIO DE JANEIRO, 1841-1856, p. 145).

Dentre os diversos projetos de Taunay para contribuir com a construção da identidade do Brasil, estava o desejo de que o Rio de Janeiro apresentasse uma arquitetura que manifestasse informações geográficas, sociais e políticas, e isso se concretizaria fundamentalmente com a formação dos alunos na Academia, especificamente, nas aulas de arquitetura ministradas por Grandjean de Montigny. Com os alunos aptos a construir monumentos públicos na cidade do Rio de Janeiro, poderiam assim, contribuir para a valorização da arquitetura, em uma época inexistente de tais construções.

Ele [Taunay] associa seu argumento fortemente social à eterna busca pelo desenvolvimento artístico da cidade do Rio de Janeiro, carente de monumentos públicos, ressaltando o seu 'desejo de ver nas praças, nos passeios povoados, [...] belas e grandes e sublimes representações dos filhos bem-amados da pátria e da virtude' (MEMORIAL, s.d. apud DIAS, 2009, p. 23).

³⁹ Foi esta obra reeditada em 1815, em Paris, com 109 estampas (saira originalmente em 72) e, de novo, em 1875 por L. Ducher & C. Ambas as obras de Grandjean são clássicas e muito consultadas (REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO, 1911, p. 187).

As palavras de Moreira de Azevedo no *Pequeno panorama ou descrição dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro*, referindo-se à Estátua Equestre de D. Pedro I nos remetem às ideias de Taunay:

Este monumento é bello e magestoso, digno de heróe a quem foi consagrado, e digno do Brasil; e talvez na Europa poucos hajão que o possam igualar. Mas que honra não resultaria à nação se essa obra monumental, em vez de sahir de mão estrangeira, fosse modelada por artistas nacionaes! E talvez provenha disso o não haver no vulto do heróe a naturalidade, a expressão, a originalidade que haveria se a obra fosse executada por um artista inspirado pelas auras da patria (AZEVEDO, 1867, p. 54).

Em trecho do Relatório dos Ministros consideramos as palavras de Taunay reforçando a necessidade de fomentar o sentimento de nacionalidade e produzir artistas que interferissem na construção da pátria:

Se esta tem de ser a sorte dos homens preparados na Academia das Bellas Artes (referindo-se aos poucos recursos que o país lhes oferecia ao terminarem seus estudos na Academia e estarem agora, muito bem preparados para executarem trabalhos dignos das suas habilidades) para porem debaixo dos nossos olhos as maravilhas da imaginação, e da natureza; para nos conservarem presentes, e vivos, a despeito da foice do tempo, e da fugacidade dos séculos, os factos Historicos das Nações; melhor fora que não existisse aquelle Estabelecimento. [...] Pondo de parte as utilidades phisicas, e moraes, que se devem tirar da criação destes Estabelecimentos, já influindo na elegância, e comodidade dos nossos edificios públicos, e particulares [...] Se vos dignardes de prestar a esta ideia a vossa attenção, as paredes dos nossos edificios, **hoje adornadas com tapeçarias, e gravuras estrangeiras** (grifo nosso), em breve tempo brilharão com quadros das nossas encantadoras paisagens, e dos acontecimentos mais notáveis da Historia do Brasil (BRASIL, 1839, p. 14-15).

As anotações pessoais, discursos, atas, ofícios e relatórios produzidos para o governo durante a gestão de Taunay, como diretor da AIBA, enfatizam a importância que ele dispensava à nacionalização da pátria, deixando clara a influência positiva da educação artística na formação do caráter humano. Segundo Taunay (1844 apud Dias, 2009, p.23):

“O papel dos monumentos públicos é fundamental na afirmação das virtudes do homem e de seus atos em defesa da pátria, assim como foi outrora cultivado pelos gregos. Aparece aqui o caráter clássico da formação e da orientação pedagógica de Taunay”.

Segundo Gomes Junior (2008), se o francês e o italiano eram na época as “línguas gerais” dos artistas, havia, no entanto, indícios de que os jovens alunos as desconheciam. Daí o esforço de Taunay no sentido de tornar acessível parte desta literatura por meio da tradução de alguns livros considerados estratégicos para o ensino. O próprio Taunay, sempre

colaborando para que o ensino de artes fosse bem-sucedido, traduziu do inglês *Arte de pintar a óleo conforme prática de Bardwel*, baseada no estudo e na imitação dos primeiros mestres das escolas italiana, inglesa e flamenga (Figura 20). Pelas características observadas, pressupomos que esse livro tenha sido a primeira tradução do inglês de um livro de artes, cujo conteúdo apresenta-se importante para o ensino de pintura por conter técnicas de uso de diversos materiais. A tradução desta obra não iria beneficiar somente aos alunos da AIBA, mas também às Bibliotecas, Academias ou Escolas de Desenho das Províncias do Império. Foram impressos cinquenta exemplares com a finalidade de suprir as necessidades dos alunos de artes em toda província. Essas edições da Academia no Rio de Janeiro buscavam não só oferecer recursos para seus próprios trabalhos internos, mas também fornecer subsídios para outras instituições, como é apontado em um de seus prefácios:

A Academia entende assim preencher, como estabelecimento central, um dos fins de sua existência, procurando, debaixo da aprovação do Governo, espalhar elementos de instrução capazes de despertar o gênio em qualquer parte em que se acha, e por ele promover o renome nacional na cultura das Artes (A ARTE DE PINTAR..., 1836 apud GALVÃO, 1968, p. 141-142).

Concordamos com Gomes Junior, 2008, ao afirmar que a Biblioteca da AIBA "já era considerada um lugar estratégico na rotina acadêmica".

De acordo com o Relatório dos Ministros, a Congregação dos Lentes da Academia fez presente ao Governo desses exemplares que foram remetidos aos Presidentes das Províncias de Pernambuco, São Paulo e Minas, para terem o conveniente destino (BRASIL, 1836, p.12-13). Em ofício de 21 de julho de 1836, o Regente, em nome do Imperador o Senhor Dom Pedro Segundo, agradece à Congregação dos Lentes da Academia a remessa desses exemplares (RIO DE JANEIRO, 4419, 1836).

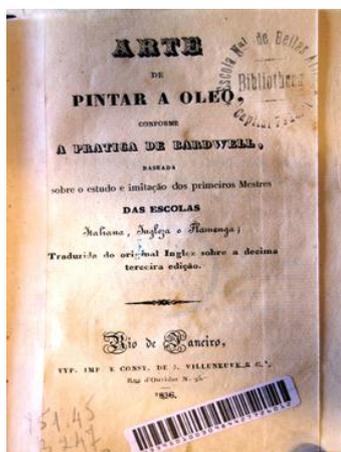


Figura 21: Página de rosto do livro *A Arte de pintar a óleo conforme prática de Bardwel*, 1836. Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA. Fotografia da autora (2014).

Destacamos também a tradução e edição de Taunay de um compêndio de vários autores intitulado *Epítome de anatomia relativa as Bellas-Artes, seguido de hum compendio de physiologia das paixões, e de algumas considerações geraes sobre as proporções, com as divisões do corpo-humano*⁴⁰, que foi oferecido aos alunos da AIBA. Esta tradução, na parte voltada para à Osteologia e Miologia – ossos e músculos, com textos de Roger de Piles (1635-1709); na parte relativa à fisiologia das paixões reproduz estudos de Charles Le Brun (1619-1690); e sobre o tópico das proporções utiliza as ideias gerais de Aubin Louis Millin de Grandmaison (1759-1818) (GOMES JÚNIOR, 2008). O primeiro trabalho foi impresso com as próprias verbas da Academia, o segundo foi pago, segundo matéria publicada no Correio Official do dia 20 de março de 1837, p. 326, pelo Governo na importância de cento e trinta e quatro mil réis. No prefácio é esclarecido que o objetivo do folheto é "simplesmente despertar as idéas dos estudantes sobre diversos corollarios indispensaveis no exercicio das bellas artes". O porta-voz do Governo, ministro interino do Império, Francisco Ramiro de Assis Coelho, assinala que "necessario se torna mandar gravar as [respectivas] estampas, que são indispensaveis para a sua [dos alunos] intelligencia".

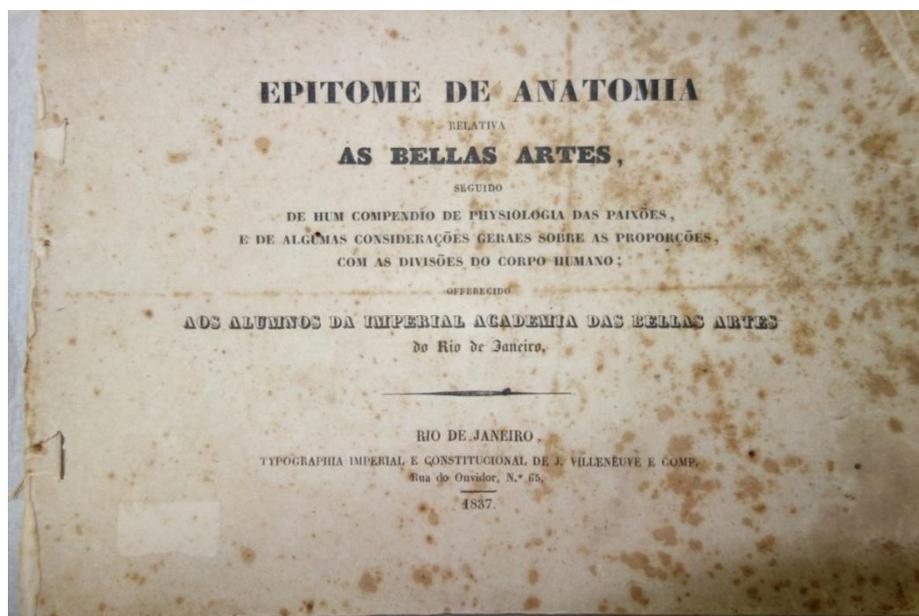


Figura 22: Página de rosto do livro *Epítome de anatomia relativa as Bellas-Artes, seguido de hum compendio de physiologia das paixões, e de algumas considerações geraes sobre as proporções, com as divisões do corpo-humano*, 1837. Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

⁴⁰ Mesmo após a Reforma Pedreira em 1855 o Epítome sobre anatomia, ainda seria material didático obrigatório nas aulas, junto a outros tratados e pranchas anatômicas (ALFREDO, CERQUEIRA, FRÓES, 2013, p. 245). A importância da cadeira de anatomia ser fundamentada na ciência médica justifica o fato dos professores dessa cadeira serem todos médicos.

De acordo com Galvão (1968, p. 142), o *Epítome de Anatomia* não apresentava nenhuma ilustração elucidativa porque a Academia possuía as gravuras pelas quais os estudantes poderiam seguir as explicações do texto. Porém em 1839, em Ofício de 24 de maio, a Academia pede ao Governo que determine a reprodução⁴¹ das “tábuas originais para que se pudesse dar toda a extensão à utilidade do Epítome de Osteologia, enviando-o às Províncias, pois, só na Academia existiam as gravuras indispensáveis ao estudo do assunto” (BRASIL, 1839).

Felix Taunay, enquanto diretor da AIBA, além de traduzir as obras anteriormente mencionadas e outras, cuidou, desde o tempo em que exerceu o cargo de secretário, de organizar e tornar útil o acervo da Biblioteca. Organizou um catálogo, datado de 1846, suas páginas contêm a rubrica de Taunay e tem como título *Elementos do Catálogo da Biblioteca*. Incluem 89 títulos, com diversos volumes (Figura 35) (ANEXO 3). Segundo nota, no próprio catálogo, os livros que se encontram citados foram encadernados⁴² em fins de 1846 à custa da Academia, passando a ser propriedade da mesma em 1848 (RIO DE JANEIRO, 4135, [1846]).

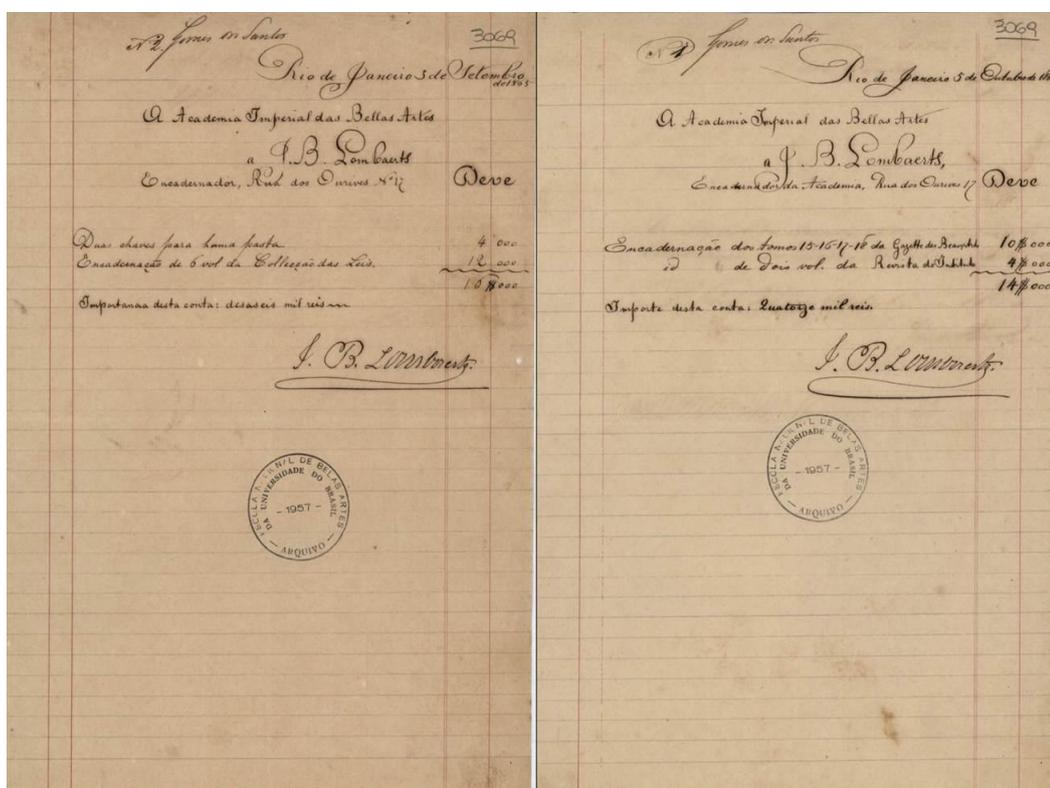


Figura 23: Documento 3069, 5 de outubro de 1865. Fonte: Museu D. João VI.

⁴¹ De acordo com o Relatório dos Ministros 1839, p. 17, a despesa calculada era de 400\$000 réis para a impressão de seis pranchas.

⁴² Os livros eram encadernados principalmente na J. B. Lombaerts, na própria Academia e também no Instituto dos Surdos-Mudos, conforme documentos primários existentes no arquivo do Museu D. João VI.

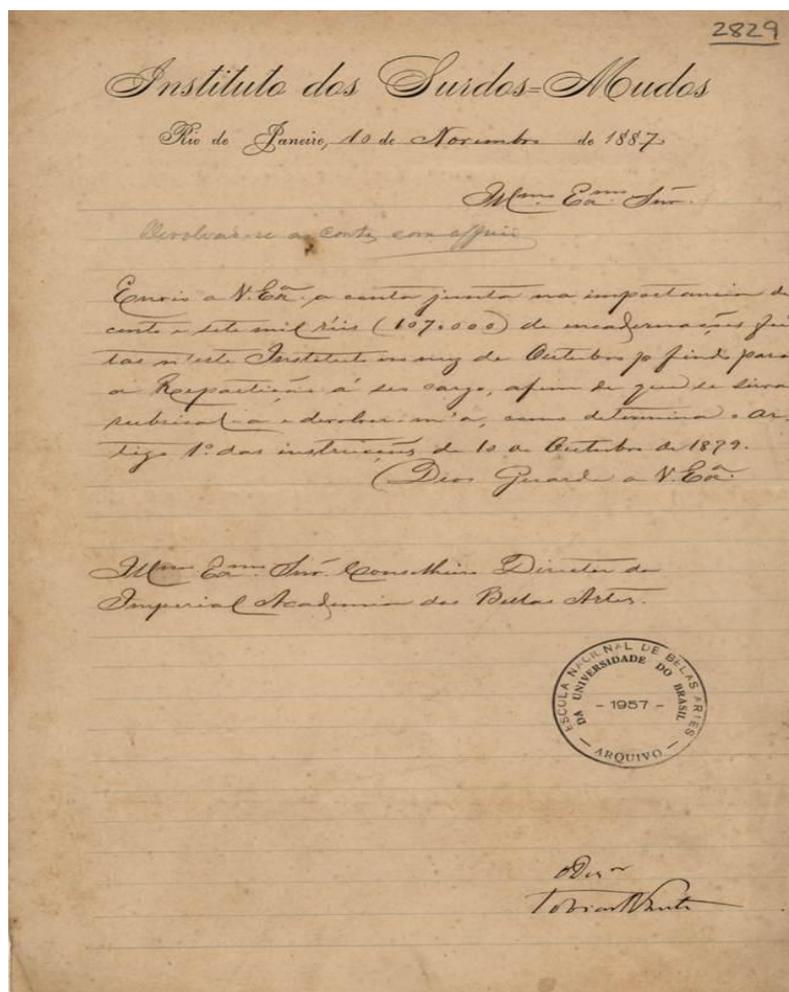


Figura 24: Documento 2829, 10 de novembro de 1887. Fonte: Museu D. João VI.

O pequeno catálogo nos informa os nomes dos autores, títulos, número de volumes, local, editor e data de publicação, fornecendo, inclusive, a importante informação da procedência das obras. O catálogo não obedece à ordem alfabética nem por título, tão pouco por autor. Pressupomos que foram listados de acordo com a entrada na Biblioteca, visto que o mais antigo documento a respeito da constituição do acervo data de 1827, é o item número um. Trata-se de uma oferta preciosa do Imperador D. Pedro I: *Le musée français*, conforme Guilherme Simões (2007) "versão em papel do Museu Napoleão". Esse livro pertencia à biblioteca do seu pai D. João VI, conforme anotação de Taunay no catálogo citado acima.

Visto o que foi explanado podemos afirmar que Felix Emilio Taunay se sobressaiu, como diretor, pela firmeza com que defendia a Academia e também a Biblioteca, realizando, dentro do possível, os desejos e necessidades da Instituição.

Com o fim da gestão de Taunay como diretor da AIBA, Job Justino d' Alcântara assume o cargo interinamente, sendo sucedido por Manuel de Araujo Porto-alegre.

Segundo Rafael Cardoso, “Falar de Araújo Porto Alegre é falar da fundação da cultura brasileira. Forte candidato ao título de inventor da identidade nacional, não lhe faltam predicados que justifiquem sua consagração histórica” (CARDOSO, 2008, p. 38).

Manuel José de Araujo Porto-alegre (Barão de Santo Ângelo), nasceu em São José do Rio Pardo em 29 de novembro de 1806, e faleceu em Lisboa, Portugal, em 30 de dezembro de 1879. Aos cinco anos perdeu seu pai, negociante de fazendas e trigo; órfão, ia, pelo próprio esforço, trilhar um caminho de ascensão e reconhecimento. Era filho de Francisco José de Araújo e de Francisca Antônia Viana. Porto-Alegre estudou pintura inicialmente com o francês François Thér e com os cenógrafos Manuel José Gentil e João de Deus.

Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1827, para estudar pintura na Academia de Belas Artes, na qual teve como professor, João Batista Debret, que o recebeu com carinho paternal. Segundo Lobo, 1945, p. 15: “[...] são ainda palavras suas, ‘que começou uma amizade entre o mestre e o discípulo, que só a morte embarçou’. O idioma francês, que já senhorava, mais os aproximou”. Cursou também a Escola Militar e aulas de anatomia do curso médico, além de Filosofia. Sua vocação, desde cedo, já o inclinava ao desenho e às ciências naturais, “motivo porque frequentou os retratistas e pintores, que iam ter à província, mandando buscar à corte estampas e livros elementares, que lhe abriam o caminho da arte” (LOBO, 1945, p.14).

Porto-alegre sempre lutou muito por recursos materiais, para sua subsistência. Pobre, foi ajudado por alguns amigos que tornaram possível prosseguir em seus estudos artísticos, ainda que com recursos escassos. As dificuldades enfrentadas por Porto-alegre, devido às inúmeras necessidades financeiras que sofreu nos faz entender, como veremos a seguir, o porquê desse artista e mestre se importar tanto com a vida e o futuro dos jovens alunos da AIBA.

Cursados já os primeiros anos da Escola Militar, o sonho de Porto-alegre era aperfeiçoar seus estudos na Itália. Dominava já anatomia e fisiologia, mas sentia necessidade de conhecer as velhas civilizações, imprescindível para aquele que almejava aperfeiçoar os estudos nas belas artes. D. Pedro I planejou enviá-lo à Itália, porém com sua abdicação, foi adiada a sua ambição. As condições financeiras escassas de Porto-alegre o impediam de seguir seus sonhos, porém, segundo Lobo (1945, p. 16), recebeu uma carta de José Bonifácio para o Almirante Grivel, que lhe deu passagem gratuita a bordo do navio de guerra *Endurance*, e de Evaristo da Veiga a soma de quatrocentos mil réis, de uma subscrição que promoveu. Em 25 de julho de 1831, seu sonho foi realizado, Porto-alegre viajou para Paris, em companhia de seu mestre e amigo Debret, que deixava definitivamente o Brasil. Na Europa, frequenta a Escola de Belas Artes de Paris e viaja pela Itália, onde estuda com o

arqueólogo Antonio Nibby⁴³. Viaja para a Inglaterra, Países Baixos e Bélgica com o poeta Gonçalves de Magalhães. Porém, no início, nada lhe era fácil. Sem muito recurso financeiro e sem condições de se manter na Europa, Debret lhe cedeu um quarto na sua oficina, mas não o podia socorrer mais do que isso. Porto-alegre não podia sequer pagar as aulas de David, o pintor famoso, tendo que abandoná-las. Nesta época o Ministro Rocha ofereceu-lhe ajuda a qual Porto-alegre só aceitou a quantia de cento e quarenta francos mensais por achar ser o necessário para se manter com dignidade (LOBO, 1945, p. 17-18).

A amizade com Debret lhe deu a oportunidade de conhecer muitas pessoas influentes que o ajudariam financeiramente ao longo dos seus anos de estudos. Voltou para o Rio de Janeiro em maio de 1837 passando a desenvolver atividades variadas como professor de desenho e pintura histórica, poeta e, inclusive, crítico e historiador de arte, área na qual também é considerado como fundador da disciplina no Brasil.

Em 1840 foi nomeado pintor da Câmara Imperial e foi responsável pelos trabalhos de decoração para a coroação do imperador D. Pedro II e seu casamento com D. Teresa Cristina. Como arquiteto executou diversos projetos no Rio de Janeiro, dos quais se destacam as obras no Paço Imperial, o plano arquitetônico da antiga sede do Banco do Brasil, da Escola de Medicina e do prédio da Alfândega (ZEIGER, s.d.).

Manuel de Araujo Porto-alegre foi vereador no Rio de Janeiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, lutando pela justiça, pela liberdade, defesa e honra de sua pátria. Sua influência educativa é notável ao estudarmos suas ações durante toda a sua vida, colocando em prática diversos projetos que idealizava.

Com o desenvolvimento do nacionalismo os Estados, cidades e províncias, através de associações privadas ou não, desejavam erguer museus, monumentos, bibliotecas, identificar suas histórias locais ou nacionais, preservar sua memória. Segundo Fernandes (1996, p.152), foi nesse lastro que se implantou a Reforma Pedreira, por Porto-alegre, que ficou conhecida pelo nome do então Ministro do Império da época: Luiz Pedreira de Couto Ferraz, num projeto estruturado a partir de suas ideias e dos anseios do Imperador. Em 4 de agosto de 1853, o Imperador D. Pedro II convida Porto-alegre para assumir a direção da AIBA, ressaltando seu desejo de implantar uma reforma radical no ensino da Academia. Segundo as palavras do Imperador, referindo-se a Porto-alegre:

⁴³ A obra *Le mura di Roma* de 1820 foi doada à Biblioteca da AIBA por Porto-alegre, de acordo com dedicatória na página de rosto, em 1857. Nibby, o autor, foi do seu mestre na Itália, conforme citado anteriormente.

O Senhor tem uma cabeça ativa e inteligente; é um homem laborioso e patriota, e eu invoco o seu patriotismo nesse meu pedido. Escreva-me o quanto antes as suas idéias, que tenho pressa de que passe o quanto antes nas Câmaras esta reforma (GALVÃO, 1959, p.20).

A chamada Reforma Pedreira, “talvez o projeto cultural mais ambicioso do Império”, segundo Squeff (2000b) buscava modificar a realidade da época quanto aos cursos superiores e Academias mantidos pelo governo central, que tinham falta geralmente de estatutos e regras internas minuciosas.

Porto-alegre só tomaria posse como diretor da Academia em 11 de maio de 1854, devido a problemas de saúde. Durante sua direção, retomou algumas propostas iniciais de Lebreton, como a reforma no ensino das Belas Artes. Diferente de Taunay que incentivava a criação de uma cadeira de História das Belas Artes e de Teoria da Composição Artística, como melhor forma de preparar os alunos, Porto-alegre achava que mais importante era o ensino de Desenho, com o ensino da Anatomia, da Perspectiva, das Sombras e dos Modelados. Com o novo método de ensino, criaria os cursos técnicos e conseqüentemente novas cadeiras: Matemáticas Aplicadas e Perspectiva para os jovens artistas e as de Desenho Geométrico e Desenho e Escultura de Ornatos para os industriais (GALVÃO, 1959, p.98). Conforme Bello Junior: "O estudo do desenho geométrico, que é a mais concreta das ciências matemáticas, servia para disciplinar o raciocínio, dentro do rigor lógico, e desenvolver uma faculdade importantíssima: a intuição espacial" (BELLO JUNIOR, 1960, p. 122).

Em 1860 foi criado ainda um curso noturno para aprendizes de ofícios (SQUEFF, 2000b).

Nesse período o maior mecenas da Escola era D. Pedro II, demonstrando o seu interesse pelo campo das ciências e da arte. O Imperador tinha plena convicção que ao estimular o ensino e a arte, o país se desenvolveria. Daí a razão pela qual frequentava a Academia, acompanhando o desenvolvimento do ensino e incentivando a cultura (LUZ, 2005, p. 64). As ideias de Porto-alegre ao assumir a direção da AIBA eram patrióticas, seu desejo era cuidar do ensino e estabelecer-lhe uma base permanente e mais progressiva, substituir o método imitativo pelo método racional, fazer criadores ao invés de copistas. Nacionalizar a arte, pois a natureza brasileira pedia intérpretes (LOBO, 1945, p. 28).

O espaço destinado à Academia, a reorganização e remodelação do espaço da Biblioteca, assim como o desenvolvimento do seu acervo, também eram alvos de mudanças. Porto-alegre propunha a conclusão do edifício na parte correspondente ao segundo pavimento, já que não havia espaço suficiente para as salas de aulas e estudos e, continuamente, pensava na Biblioteca como um dos instrumentos para alcançar os objetivos da Reforma Pedreira:

Para que a Academia, no desempenho de fim de sua instituição, e no intuito de promover o progresso das artes no Brasil, de combater os erros introduzidos em matéria de gosto, de dar a todos os artefatos da indústria nacional a conveniente perfeição, e enfim no de auxiliar o Governo em tão importante objeto – pudesse realizar com eficiência o que fora determinado nos Estatutos do Governo, ficavam estabelecidos mais os seguintes processos de difusão cultural: concursos, prêmios, aplicação dos estudos do curso regular ao desenvolvimento da Nação, conferências públicas (com debates), **criação de uma biblioteca especializada** (grifo nosso) e publicação de uma revista (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 229).

Durante os três anos de sua gestão determinou a reforma de seus estatutos e ampliou os currículos, inclusive na sua aproximação e aplicação na indústria, com vistas à formação de profissionais úteis. Reorganizou também a Pinacoteca da Academia. Essa breve trajetória ajuda a compreender quais os referenciais de arte e história de Porto-alegre. Segundo Isis Pimentel de Castro:

A grande expressão desse gênero artístico nesse momento [referindo-se à Exposição de 1872] se deve às mudanças implementadas por Araújo Porto-alegre, na Reforma Pedreira de 1855. Segundo Carlos Zílio, foram essas reformas que propiciaram a criação do conceito de arte brasileira. Para Porto-alegre, arte brasileira seria aquela que preferencialmente representasse temáticas da história nacional, ou seja, que servisse à exaltação da glória a pátria. O estilo deveria ser de inspiração europeia, para assim marcar seu pertencimento junto às nações ditas civilizadas, mas a temática deveria valorizar a paisagem e os feitos históricos do Império (FERRARI, 2009, p. 11 apud CASTRO, 2007, p.17).

Ainda em relação à Biblioteca da AIBA, examinamos diversos ofícios enviados ao Governo, por Porto-alegre, em que aponta o próprio Imperador como criador e protetor da Biblioteca da AIBA, além de apoiar outras instituições culturais do Rio de Janeiro, como a Biblioteca Pública. Este fato é de grande importância para a história da Biblioteca da Academia, pois com o apoio de D. Pedro II e os talentos de Porto-alegre, inclusive as ideias inovadoras que trouxe da Europa, contribuíram para o efetivo desenvolvimento da Biblioteca da AIBA. Apoiado pelo governo, o diretor recebia cinco mil réis para realizar seus projetos na AIBA, uma quantia expressiva para a época. Segundo Angela Luz⁴⁴ (2005, p. 69):

É nessa época que ele investiu na aquisição de livros especializados, ilustrados com estampas que poderiam oferecer subsídios aos estudantes de

⁴⁴ Diretora da EBA no período de 2002 a 2010.

artes, dando uma nova configuração à Biblioteca que passou a ter um catálogo, primeiro esforço de documentação de suas obras.

Como já citamos acima, um dos principais cuidados de Porto-alegre se consubstanciou na reforma e apresentação da Biblioteca da Academia. Galvão (1959, p.63) ao assinalar a constante preocupação de Porto-alegre em relação à Biblioteca faz uso das seguintes palavras: “como homem de invulgar cultura na sua época, e no Brasil, era natural a preocupação com os livros, principalmente no nosso país, onde ainda hoje são raras as bibliotecas de arte”.

Seu interesse dedicado à Biblioteca e para com a vida acadêmica dos alunos da Academia, associado à gratidão ao Imperador pelo apoio dado à mesma foi demonstrado desde o início de sua gestão, como fica evidente no ofício enviado ao Governo em 5 de janeiro de 1855 em que solicita verbas para a efetivação das suas ideias, conforme veremos a seguir:

Ilmo. Exmo. Sr.: Para completar o ilustrado pensamento de V.Exa. na concessão que fêz a esta Academia de um bom número de obras clássicas tão preciosas pelo seu valor e raridade para o estudo e desenvolvimento dos artistas, tenho a honra de propor a V. Exc. a criação de uma Biblioteca especial nessa Academia a fim de que os mestres, discípulos e amadores aí encontrem o que a pobreza os impede de adquirir, e mesmo a incompatibilidade das horas de serviço no ensino e no estudo ; tanto mais que o nosso país ainda é pouco rico de bons livros darte mormente os que se têm publicado de há quarenta anos a esta parte. Apesar de que seja limitado o número de obras especiais que possui a Academia, há contudo atualmente algumas muito preciosas, sobressaindo entre elas a magnífica coleção de Piranesi, (Figura 24) devida a proteção e luzes de V. Exc. Na fundação e edificação desta casa houve a ideia da criação de uma biblioteca, e para ela se construiu a sala superior e central do edifício, que representa, exteriormente, um templo jônico. É, pois para esta sala que convém passar os livros que já temos, e coloca-los em estantes de madeira incorruptível e envidraçadas, porque não há já lugar para acomodar as obras que nos vieram da Europa. Às três grandes estantes, que pede a sala, será preciso juntar uma boa mesa e cadeiras para reuniões acadêmicas e leituras ordinárias, mas nada disto será realizável sem que V. Exc. um benigno acolhimento, por estar em harmonia com as vistas previdentes e protetoras de V. Exc. Êste novo fato será um toque de remate na grande obra começada para a realização do magnânimo pensamento de Sua Majestade Imperial, no que é relativo à propagação do gôsto das artes, e o futuro dos artistas que se estão criando à custa de grandes sacrifícios dos dinheiros públicos [...] A sala da biblioteca tem um teto bem disposto para aí se pintar uma alegoria à reforma dos estudos, ou ao pensamento da atualidade [...] Avalio em 800\$000 a despesa do material desta pintura, que juntos à soma de dois contos e oitocentos, perfazem a quantia de três contos e seiscentos mil réis, que me parecem suficientes para a conclusão e embelezamento desta nobre sala da Academia, onde ficará a imagem e o nome de V. Exc., como o seu digno fundador e regenerador do estabelecimento. Muito satisfeito ficarei se V. Exc. dignar-se proteger a nossa biblioteca, e deixar nessa Academia mais um documento de

sua ilustrada e benigna administração (RIO DE JANEIRO, 1855 apud GALVÃO, 1959, p.61-62).



Figura 25: Le Antichità Romane de Giambattista Piranesi, 1835, v.8. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2015).

Porto-alegre tinha consciência do seu dever educativo, de contribuir a fim de melhorar as condições de estudos dos seus alunos. O fato dele, durante o início da sua vida acadêmica, ter sido ajudado por amigos como D. Pedro I, Debret, Luís de Menezes, Ministro Rocha, Evaristo da Veiga e tantos outros (LOBO, 1945, p.18), que acreditavam no seu potencial, influenciou sobremaneira suas obras educativas. Nesse momento, Porto-alegre tem a oportunidade de ajudar os alunos da AIBA, pois conhecia de perto os problemas que possuíam como a falta de recursos financeiros e dificuldades em relação às horas de estudo. Apesar de ser um homem austero, como visto em suas atitudes, tinha um bom coração e conhecia intensamente os sentimentos e anseios que seus alunos viviam. Todas as privações vividas, o tornaram um homem com uma maior capacidade de entender o sofrimento que os alunos da Academia enfrentavam naquela época. Acima dos seus ideais, priorizava a educação e o bom aproveitamento dos alunos. Sua preocupação com o acervo da Biblioteca demonstra que tinha a consciência de que sem livros jamais poderiam ser colocados em prática todos os seus projetos em relação à reforma no ensino que almejava para a Academia, pois já havia traçado um diagnóstico da biblioteca. O acervo deixado pelos quatro diretores anteriores à sua gestão merecia ser ampliado e, assim como a Biblioteca, precisava de mudanças para alcançar todas as medidas que a reforma no ensino exigiria.

Ressaltamos que o interesse de D. Pedro II frente à Biblioteca se faz notório. Porto-alegre e D. Pedro II tinham total consciência da importância dos livros como apoio aos estudos dos alunos da AIBA. Observamos que as reivindicações de Porto-alegre, quanto ao aumento do acervo da Biblioteca, são baseadas na nova concepção de ensino. A complementação do acervo visava atender a necessidade do novo ensino proposto por ele (DUQUE ESTRADA, 1995 apud GOMES JUNIOR, 2008, p.113). Diversas obras da coleção particular de Porto-alegre foram doadas para a Biblioteca.

Para auxiliar esta ideia já escolhi nas minhas coleções mais de duzentos exemplares que pretendo oferecer à Academia. Estas coleções serão de um preço incalculável no futuro [...] Destas [referindo-se às estampas] tenho mais de mil para oferta-las à Academia, assim como alguns desenhos originais de grandes mestres que terão mais valor no estabelecimento do que em minha casa depois da minha morte (GALVÃO, 1959, p.65).

Nessa época foram acrescentados à Biblioteca os livros mais técnicos, gravuras de fauna e flora nacionais para conhecimento dos espécimes da natureza nacional e livros sobre o estudo do corpo humano, fundamental para a pintura histórica e poemas que refletiam uma ação civilizadora (CASTRO, 2007).

As notas de Porto-alegre, transcritas por Galvão (1959) mencionam que quando os professores souberam da sua exoneração, juntamente com o secretário Mafra, vão até à sua casa, onde Mafra lhe profere as seguintes palavras:

Senhor Diretor: A Academia das Belas Artes recebeu com profunda mágoa a triste notícia de que V. S. havia pedido e obtido sua exoneração do lugar de Diretor que tão dignamente ocupava na mesma Academia e nos manda agradecer-lhe os muitos e importantes serviços prestados durante a sua mui digna administração à Academia, aos artistas e às Belas Artes: [...] uma biblioteca limitada, mas preciosíssima, em substituição de alguns livros pela maior parte roídos da traça [...] (GALVÃO, 1959, p.98).

Mesmo após sua exoneração, Porto-alegre ainda permanecia investindo na Biblioteca. Não seriam suas decepções e desavenças na AIBA que o fariam desistir de um projeto que acreditava ser essencial para o bom andamento da Academia. Em documento da 4ª Seção do Ministério dos Negócios do Império, em ofício de 10 de setembro de 1859, podemos constatar a doação de 40 volumes de obras, relativas às Bellas-Artes, à Biblioteca da Academia (RIO DE JANEIRO, 4350, 1859). Seu poema *Colombo* também foi oferecido à Biblioteca da AIBA (RIO DE JANEIRO, 4365).

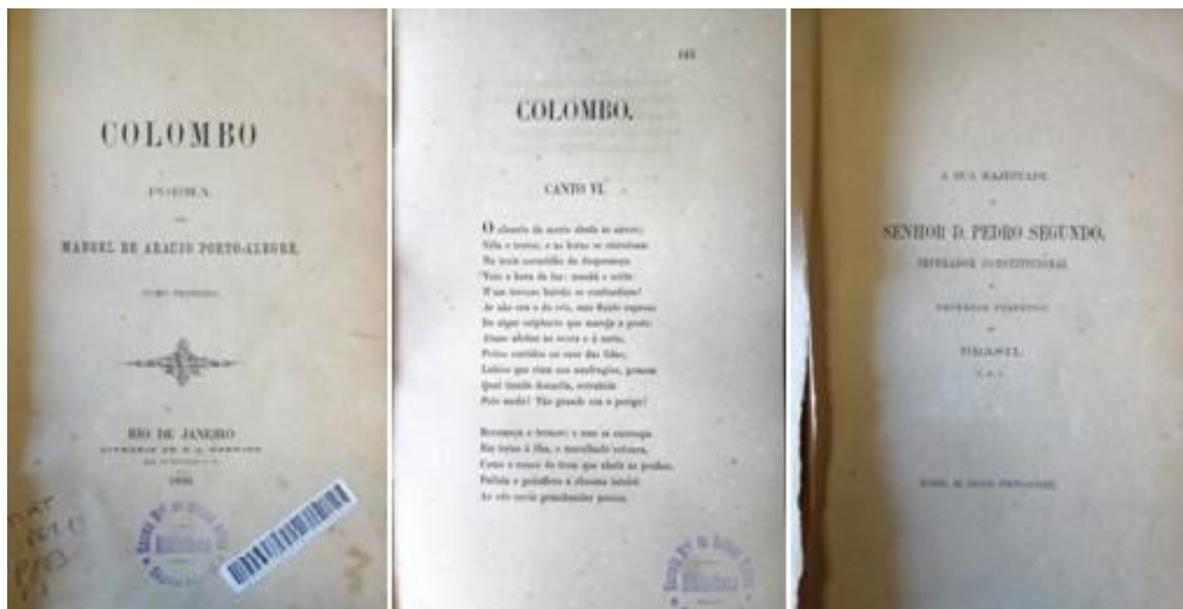


Figura 26: Página de rosto, falsa página de rosto e poema da página 143 do livro Colombo, de Manuel de Araujo Porto-alegre, 1866. Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA. Fotografia da autora (2014).

Em relação à obra *Colombo*, percebemos a valorização que é concedida pelo autor aos europeus e sua importância na história da arte no Brasil. Castro (2005) tece o seguinte comentário:

Neste poema, assim como nos demais artigos que escreveria ao longo de sua vida, enfatiza que somente foi possível pensar numa nacionalidade brasileira graças a ação civilizatória dos colonizadores europeus, responsáveis por trazer o progresso e as luzes aos trópicos. Somente a medida que o País se igualasse as nações civilizadas, seria possível pensar em arte brasileira.

Para Porto-alegre, o gênio, as inspirações do artista não são suficientes, é necessário também o conhecimento técnico e erudição, ou seja, na educação adquirida para compreender as manifestações do pensamento. Segundo Ferrari, 2009:

A base dessa educação seria constituída, para Porto-alegre, primeiro pela gramática, chave de todas as línguas; a geometria onde se encontra a lógica e o conhecimento dos números e da extensão e por último, o desenho que possibilita a perfeição da vista na apreciação das formas e na compreensão do belo.

Fora dos padrões da Academia temos, artífices, artesões, vocação para a arte, uma infância da humanidade, reconhecidas por Porto-alegre de forma pragmática dentro da evolução da História Universal e de cunho inferior dentro da tradição que faz parte da sua formação. Porto-alegre reconhece a necessidade desse tipo de mão de obra dentro da sociedade, mas não aceita a sua tradição e propõe que esses profissionais também tomem

aulas na Academia, ou sigam as orientações de artistas formados por esta, para que os seus trabalhos possam progredir no aspecto matéria e estético (FERRARI, 2009).

Porto-alegre possuía um forte desejo de que a biblioteca da AIBA cumprisse seu papel social, incluindo seus alunos na sociedade. Afirmava que “[...] O aluno que nasceu para as artes no ano de 1855 será sempre um homem útil à sociedade e respeitado por ela, porque recebeu a base de uma educação sólida, e com ela a segurança de seu futuro” (RIO DE JANEIRO, 602, 1855). Em trecho do ofício ao Marquês de Olinda, datado de 2 de outubro de 1857, Porto-alegre declara:

Deixo a Academia das Belas Artes muito melhorada em sua disciplina interna; com novos professores capazes de bem ensinar suas especialidades e de infundir no coração da mocidade princípios salutares; deixo-a com um fundo de biblioteca precioso, e com modelos plásticos para o estudo clássico da arquitetura... (GALVÃO, 1959, p.96).

Segundo Gomes Júnior (2008) no cânone da AIBA destacam-se dois dos mais importantes teóricos do neoclassicismo dos séculos XVIII e XIX: Winckelmann e Quatremère de Quincy, ambos com cinco títulos, sendo que sete deles entraram na Biblioteca por doação de Porto-alegre.

O fato deste aporte bibliográfico estar associado a ele [Porto-alegre] é coerente com sua trajetória de artista letrado, que se dedicou à história, às biografias de artistas, à estética e à arqueologia, e foi sem dúvida o mais relevante pensador das artes no Brasil de seu tempo. É coerente também com um dos tópicos da reforma da Academia, realizada sob sua gestão, que criou a disciplina de História das Belas-Artes, Estética e Arqueologia (GOMES JUNIOR, 2008).

A Reforma Pedreira recuperou muito do projeto original de Lebreton no que diz respeito à valorização dos cursos técnicos e de uma formação mais ampla e profunda dos estudantes, resultando que em seguida fossem oferecidas aulas de desenho de ornamentos, escultura de ornamentos, desenho geométrico, história e teoria das artes, estética, arqueologia, desenho industrial e matemáticas aplicadas, como já mencionamos anteriormente.

Fica claro, como mencionamos, que Porto-alegre, assim como Taunay, foi um grande incentivador da biblioteca da AIBA, enriquecendo-a com inúmeras doações de livros de sua coleção particular. Consideramos que Porto-alegre, no tempo em que morou na França, (1831-1837) observou atentamente os acervos das Bibliotecas de Artes lá formadas e traçou um modelo para o que pretendia realizar na Biblioteca da AIBA. Para compreendermos a

dimensão dos seus planos em relação à Biblioteca da Academia, transcrevemos o ofício de 30 de agosto de 1855, ao Governo, enviado por Porto-alegre:

Ilmo. E exmo. sr. Em vésperas da conclusão da pintura, dourados e armários da biblioteca desta Academia, criada por V. Exc. para a dignidade e ilustração dos artistas, julgo de meu dever lembrar já, por decreto, a realização do pensamento de V. Exc. em favor desta nobre fonte de progressos para que V. Exc. se digne, se achar dadas as circunstâncias, de dar começo, pois, ainda temos que esperar algum tempo pelo encadernador, e pode-se aprontar tudo igualmente. A criação de uma bibliotheca puramente artística, ou depósito de estampas de todos os gêneros, deu à França um imenso resultado industrial com que todos os artistas aí encontram um imenso depósito de originais a consultar. O pintor histórico, o cenógrafo, o estatuário, o arquiteto, o ornamentista, o gravador, e os mesmos artífices, se felicitam de semelhante manancial, que os faz lucrar tempo, despesas e colherem ideas não só nas obras ali expostas, como nas informações que recebem dos empregados da casa [...] (RIO DE JANEIRO, 4343, 1855).

A AIBA sempre enfrentou muitas dificuldades, desde a sua formação e ao longo da sua existência, como já mencionado. Na segunda metade do século XIX, a Academia atingiu, graças aos atos de Araujo Porto-alegre, sua melhor fase.

Para o ano que vem maiores frutos começará a produzir esta casa, hoje destinada a um mais amplo proveito social. Entrarão em exercício as outras aulas industriais, onde por meio do desenho e da arte de cerâmica, os nossos artistas aprenderão a compor e a modelar toda a espécie de ornato [...]. A reforma acadêmica ainda não foi compreendida pelo seu lado utilitário; mas eu espero que será em breve. A fundação que se acaba de fazer de uma sociedade para propagar o gosto das Belas Artes justifica o pensamento da Reforma, porque as bases da sua constituição são as mesmas dos nossos novos estatutos, e não poderiam ser outras, porque a experiência e a prática de todos os tempos assim o tem ensinado (GALVÃO, 1959, p. 51, 83).

Como vimos acima, ao assumir o cargo em 1854, e promover no ano seguinte a chamada Reforma Pedreira, Porto-Alegre deixou nítida suas intenções progressistas e renovadoras. Sua completa divergência de pontos de vista, percebida nas cartas endereçadas a Felix Emilio Taunay (GALVÃO, 1959, p. 15), contudo não interfere negativamente na direção da Biblioteca. Notamos que os serviços implantados por Taunay, em relação ao desenvolvimento do acervo foram continuados por Porto-alegre. Apesar das diferenças pessoais que existiam entre esses dois grandes homens, a Biblioteca foi um ponto em comum entre eles.

Ao abordarmos a formação do acervo da Biblioteca da AIBA, no início do século XIX, é considerável observamos alguns conceitos de teóricos no campo da Biblioteconomia.

Segundo Vergueiro (1989) ao abordar o tema Desenvolvimento de Coleções em Bibliotecas, o processo de formar e desenvolver coleções sempre esteve presente ao longo da história do livro e das bibliotecas, porém o termo propriamente dito “Desenvolvimento de Coleções” passa a ser adotado somente no século XX, especificamente a partir de 1960 (VERGUEIRO, 1989).

No entanto, o verbo 'desenvolver' foi encontrado no texto de Maire ao se referir às coleções produzidas por um país: Fundar [formar], se ainda não existe, e desenvolver, se já existe, um grupo, uma série fechada de obras e coleções de revistas próprias do País, tratando de sua história sobre todas as formas: essa será a característica distintiva de todas as nossas bibliotecas provinciais (MAIRE, 1896 apud WEITZEL, 2012, p. 83).

No século XIX, período da formação da Biblioteca da AIBA, como vimos anteriormente, não existia ainda o termo "Desenvolvimento de Coleções", "Seleção" e "Aquisição", aparecendo sob variada denominação ao longo do tempo (WEITZEL, 2002). No artigo de Luis Antonio Silva, intitulado *Bibliotecas brasileiras vistas pelos viajantes no século XIX*, e, que aborda as impressões registradas desses viajantes em relação às bibliotecas visitadas no Brasil, há um trecho que menciona uma das medidas oficiais do governo imperial em benefício da Biblioteca Pública. Observamos o termo "engrandecimento" sendo utilizado na fala do Trono de Dom Pedro I à Assembleia Geral Constituinte e Legislativa de maio de 1823, ao anunciar que entre as medidas tomadas para a promoção dos estudos públicos, comprou, "para engrandecimento da Biblioteca Pública, uma grande coleção de livros de melhor escolha" (GRAHAM, 1956, p. 267, apud SILVA, 2010). No Relatório dos Ministros de 1865, p. 22, em trecho que cabe à Academia Imperial de Belas Artes e em diversos outros documentos observamos o termo "augmentar-se a bibliotheca". Podemos afirmar que ambos equivalem ao termo Desenvolvimento de coleções.

Em 1627 Gabriel Naudé (1600-1653) submete ao Presidente do Parlamento de Paris um respeitável projeto intitulado *Advis pour dresser une bibliothèque* [*Conselhos para organizar uma biblioteca*].⁴⁵ Para Naudé as bibliotecas deveriam adotar critérios de seleção para formar coleções úteis (WEITZEL, 2012, p.181). Segundo Amorim (2010), Naudé

⁴⁵ Naudé era um renomado letrado francês, que organizou inúmeras bibliotecas na Europa, dentre elas a que serviu ao Primeiro Ministro da França, Cardeal Richelieu (1585- 1642) e a que organizou para seu sucessor Cardeal Mazarino (1602-1661), na segunda metade do século XVII, considerada a maior e mais significativa biblioteca europeia da época, toda concebida sob a sua orientação. E, mais importante ainda: esse modelo de biblioteca viria a espalhar-se pela Europa, principalmente no Norte, em bibliotecas públicas e privadas, universitárias e áulicas, que buscaram se adequar à concepção marcadamente ilustrada de Biblioteca Universal (OLIVEIRA, 2012).

contribuiu para a sociedade do século XVII, com reflexos na Biblioteconomia até os dias atuais. Descrevem a biblioteca como instrumento para o progresso e para a liberdade de pensamento. Muitos dos “conselhos” de Naudé podem ser verificados nas ações de Taunay enquanto diretor da AIBA e na atuação dos demais diretores da mesma instituição. No que diz respeito à formação do acervo da Biblioteca, percebemos que, no início do seu desenvolvimento, Taunay, por exemplo, preocupa-se, ao selecioná-lo, em dar mais ênfase aos assuntos, e não aos títulos e, segundo Gomes Júnior (2008) corroborando com a afirmação:

Nenhum outro autor possui mais de dois títulos na biblioteca. O que leva a pensar que, para Taunay, o assunto era mais importante do que o autor; ou, a dizer de outra forma, a função do livro como eventual recurso pedagógico era mais visada por Taunay do que a autoridade daquele que tem seu nome inscrito na obra, preocupação mais típica de um artista letrado, de um teórico, como foi Porto-alegre (GOMES JUNIOR, 2008).

Naudé, assim como Taunay, e posteriormente Porto-alegre, era um homem à frente do seu tempo, com ideias inovadoras.

Quando consideramos as ações de Taunay e Porto-alegre que eram os responsáveis pela seleção das aquisições dos livros para a formação do acervo, no período em que estiveram à frente da direção da AIBA, notamos que a preocupação de ambos também era a de formar um acervo útil à Biblioteca. “Afinal uma coleção só se justifica pelo uso que se fará dela” (AZEVEDO, 2008).

Na época em que começa a se desenvolver o acervo, era imperativo realizar a seleção do que iria ser adquirido pela Academia. A escassez dos fundos destinados à AIBA não permitia que o valor disponível para a sua administração fosse desperdiçado com compras que não fossem extremamente necessárias.

Enfatizamos que o acervo da Biblioteca da AIBA tinha como diferencial ter sido selecionado por Felix Emilio Taunay e posteriormente por Manuel de Araujo Porto-alegre, ambos homens extremamente cultos e comprometidos com o ensino de artes da AIBA. Podemos denominá-lo como o acervo-base por identificarmos nele, o período fundador da Biblioteca da AIBA e, especialmente por ter sido formado para servir aos primeiros alunos da Academia, servindo ainda de apoio para futuras aquisições durante a gestão de outros diretores da AIBA. Pode ser visto também como referência de um conjunto bibliográfico representativo do ensino acadêmico oitocentista, como declara Guilherme Simões Gomes Júnior:

Na medida em que a escola possui um caráter normativo, a biblioteca reveste-se de autoridade e adquire o caráter de dispositivo, pois nela se encontram os preceitos que fundamentam a arte e seus fazeres. É nela em que estão as obras clássicas, o cânone da literatura artística que merece figurar no currículo e participar de rotina dos ateliês (GOMES JUNIOR, 2008).

Com a divisão do acervo em 1937, devido à criação do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA), conforme mencionado anteriormente, foi necessário dividir o acervo das duas instituições. A maior parte do acervo da Biblioteca passou a ser cuidado pelo MNBA e a outra parte, voltada ao ensino e, portanto, mais didática, foi distribuída entre as salas e os ateliês da então Escola Nacional de Belas Artes (ENBA). Apesar desse critério, o processo do desmembramento do acervo não foi feito com a preocupação em se manter um conjunto.

Alguns anos mais tarde, em 1941, foi elaborada uma listagem do acervo da Biblioteca da ENBA e publicada no *Guia das Bibliotecas Brasileiras*, pelo extinto Instituto Nacional do Livro (INL). Supondo que esse acervo listado no Guia fosse valioso pela sua origem e verificada uma quantidade apreciável de obras de grande valor, decidiu o Diretor do INL que se executasse a catalogação dessa interessante parte do acervo geral da Biblioteca.

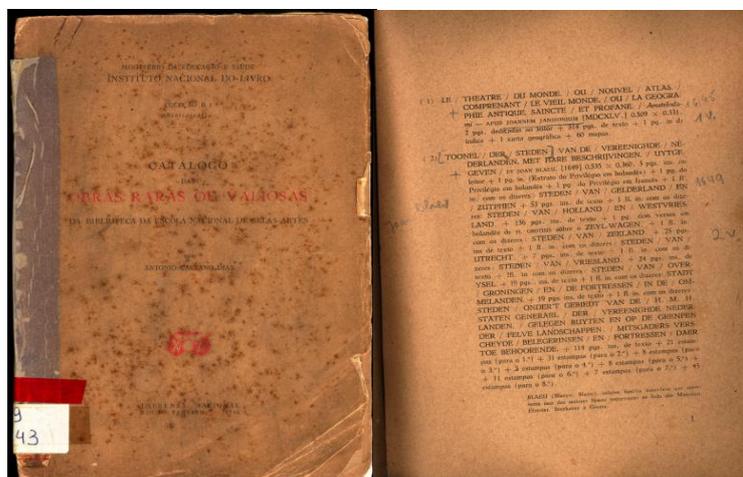


Figura 27: Capa e primeira página do Catálogo de Obras Raras ou Valiosas da Biblioteca de Obras Raras da Escola Nacional de Belas Artes, 1945. Fonte: Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2015).

Sendo assim, em 1945 foi publicado por Antonio Caetano Dias⁴⁶ um precioso catálogo sob o título: *Catálogo de Obras Raras ou valiosas da Biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes*, no qual faz o seguinte comentário:

⁴⁶ O catálogo foi iniciado pelo Dr. José Honório Rodrigues, que não pôde concluí-lo. Foi Antonio Caetano Dias que deu continuidade à ilustre tarefa, auxiliado pelo bibliotecário da Biblioteca da ENBA Sr. Luís Siqueira.

O presente catálogo de Obras Raras ou Valiosas da Biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes, tem por finalidade principal dar início ao levantamento geral das preciosidades bibliográficas espalhadas pelas bibliotecas brasileiras, servindo como modesta contribuição ao futuro tombamento do nosso patrimônio na espécie, cuja importância para os estudiosos não será necessário assinalar (DIAS, 1945, p. v).

A ordem de catalogação desse catálogo é a cronológica, que inicia com a data de impressão mais antiga. A transcrição dos títulos obedece rigorosamente às páginas de rosto das obras catalogadas. Foi tomada como ponto de referência a conhecida obra de Jacques Charles Brunet *Manuel des Amateurs des Livres*, 1921.

Segundo Dias (1945), citando artigo publicado na “Notícia Histórica”, o Ministro Amaro Cavalcanti informava que a Biblioteca da ENBA, em 1898, possuía cerca de 2.500 obras, 10 pastas contendo desenhos, gravuras, litografias, aquarelas, fotografias e plantas. Dias afirma ainda que na época da publicação do Guia (1945), a Biblioteca já contava com cerca de 7.000 volumes.

Em relação às obras a serem adquiridas pela AIBA, constatamos que nas reuniões de Congregação, discutiam-se diversos assuntos referentes à Biblioteca, mas principalmente o desenvolvimento do acervo. O diretor e os professores apresentavam as listas desideratas de títulos a serem incluídos. A avaliação da importância destes títulos era baseada na indicação dos diretores e professores, acrescentados dos seus pareceres. Namur⁴⁷ recomenda que o selecionador seja responsável durante o processo de seleção, que os critérios estabelecidos sejam aplicados a partir de um plano geral e que seja elaborada uma lista com os itens de interesse ou úteis como forma de “prevenir abusos” (NAMUR, 1834, p. 97 apud WEITZEL, 2012) e que as bibliotecas deveriam adotar critérios de seleção para formar coleções úteis (NAUDÉ, 1903). Para Ranganathan (2009) "a seleção é uma atividade que ocorre diariamente, onde os itens selecionados estão de acordo com as exigências dos usuários, do movimento editorial e dos recursos disponíveis". Fica evidente o fato de que Taunay se utilizava de alguns critérios de seleção para a aquisição, tais quais: escolha de livros por assuntos relevantes e já utilizados no ensino de artes na Europa, livros escritos por artistas/autores consagrados, indicação de catálogos de livreiros, pareceres dos professores, recursos disponíveis na Academia, tornando a Biblioteca apta a cumprir com sua missão.

Os diretores e professores da AIBA organizavam listas, com os títulos dos livros para que fossem analisados por membros da congregação. De acordo com Figueiredo (1998, p. 84), a seleção é um processo de tomada de decisão título a título. De acordo com essa

⁴⁷ Namur publicou o clássico *Manuel du bibliothecaire*, 1834.

afirmação, esse era um dos motivos da eficiência na escolha das obras a serem incorporadas ao acervo.

O cuidado e atenção que os diretores e seus respectivos secretários tinham ao considerar o tipo de acervo que passariam a adquirir eram pautados nas necessidades acadêmicas dos alunos, para apoiá-los nas aulas ministradas pelos professores e nas necessidades dos artistas que passariam a utilizar.

Estudo realizado por Denise Gonçalves⁴⁸, em 1997 e 1998, constitui um inventário dos livros referentes ao estudo de arquitetura pertencentes ao acervo da Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes da UFRJ. Este estudo nos informa da importância do conjunto bibliográfico desenvolvido em meados do século XIX, adquiridas a partir da Reforma Pedreira em 1855 e passível de inúmeras possibilidades de exploração do material, ainda constituindo um instrumento para se avaliar o próprio ensino de arquitetura ministrado pela Academia Imperial de Belas Artes. Segundo Denise Gonçalves :

Pudemos observar, e isto deve ser enfatizado, que o conjunto inventariado é da maior importância, reunindo títulos que podem ser encontrados hoje nas principais bibliotecas de língua francesa, o que mostra o cuidado com que foram escolhidos no momento de sua aquisição (GONÇALVES, 2010, p. 45)

De acordo com WEITZEL, 2006, p. 26, citando Figueiredo (1998), "cada título deve ter seu lugar no acervo, uma razão para estar ali".

O acervo da Biblioteca da AIBA tinha a necessidade de ser completo o bastante para capacitar o artista na execução de quadros, monumentos, painéis, etc. que fariam parte na representação da construção da civilização brasileira. Pressupomos que a intenção do diretor e do secretário não era simplesmente enriquecer a Biblioteca com grande quantidade de livros, mas estimavam a qualidade do conteúdo.

Segundo Fernandes (2001/2002, p. 9) "os alunos eram muito despreparados". Isto se justifica historicamente tendo em vista que o fato relatado se dava no período Imperial onde a educação no país ainda era considerada precária. Os alunos também não conheciam outras línguas impedindo-os de utilizarem os livros técnicos da biblioteca, além de não terem contato com a história da arte antiga, e nem terem condições financeiras para viajarem à Europa. Constatamos pelas listagens de obras incorporadas à Biblioteca um grande número delas

⁴⁸ Estuda a História da Arquitetura e da Cidade atuando principalmente nos seguintes temas: arquitetura século XIX, arquitetura metálica para exportação, preservação do patrimônio histórico, ensino acadêmico de Arquitetura e historiografia de arquitetura brasileira.

fartamente ilustradas com imagens de galerias, museus e monumentos da Europa. Os alunos eram “apresentados” à Europa por meio desses livros.



Figura 28: Ilustração do livro *L’antichità romana*, de Luigi Rossini, [1820]. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

Observamos que os pareceres dos diretores e professores eram essenciais e minuciosos. Era de fundamental importância avaliá-los antes das aquisições, inclusive pela dificuldade em comprar material bibliográfico devido aos poucos recursos que dispunha a AIBA, como dito anteriormente.

Jacques-Charles Brunet⁴⁹, no prefácio da quinta edição do *Manuel du libraire et de l’amateur de livres* ressalta a importância em dar atributos às obras pelo seu valor intrínseco para realizar escolhas eficazes no momento da aquisição:

[...] então não é mais suficiente indicar simplesmente só os títulos, como fizemos em edições anteriores, dos escritos que diariamente aparecem em toda a Europa. Nesta edição foi necessário juntar aos títulos indicações e apreciações mais ou menos fundamentadas a respeito do mérito intrínseco ou o grau de utilidade relativa de certas obras, assim cada um poderá, de acordo com a natureza dos seus estudos, facilmente fazer uma escolha nesta massa sempre crescente de livros de méritos diversos. Para responder à esta nova necessidade do público, a bibliografia associou-se a crítica literária (BRUNET, 1860).

Interessante observar, mais uma vez, os diretores e secretários realizando algumas práticas da biblioteconomia, como a seleção. Consideramos pelos ofícios cotejados, a resposta

⁴⁹ Bibliógrafo francês, nascido em Paris (1780-1867).

de João Maximiano Mafra, secretário e professor de Desenho de Ornatos, em que enviava, a pedido do vice-diretor, a relação de obras necessárias para suas aulas:

Em resposta ao officio de V. S^a. em que me determina não só pedir o que eu julgar necessário para o bom ensino da minha aula, como também comunicar a V. S^a. o que me ocorrer á cerca das medidas que convem tomar para o maior progresso de todo o estabelecimento, tenho a honra de submeter a V. S^a a inclusa relação das estampas, livros, e gessos, cuja aquisição me parece não só útil, mas até necessária, e lembrar a conveniência de abrir-se este anno a aula do modelo vivo [...]. Para o que concerne especialmente á minha aula, estão incluídos na relação que remeto, os originaes de que preciso, e só rogo a V. S^a, e muito encarecidamente, distribuir á minha aula 3 a 5 horas de trabalho diariamente, pois que o progresso nas belas-artes só se consegue com muito trabalho, Deos guarde a V. S^a Secretaria da Academia das Bellas Artes, em 11 de Fevereiro de 1858.

Ilm. Sr. Dr. José Joaquim Oliveira
Dignmo. Vice Diretor da Academia
João Maximiano Mafra
Secretario e Professor de Desenho de Ornatos (RIO DE JANEIRO, 5597, 1858).

Transcrevemos a seguir, por sua pertinência, o parecer da obra *Ornithologia brasileira* de José Correia de Lima, Professor de Pintura Histórica e João Ignacio da Costa, Professor de Desenho Figurado para a direção da AIBA:

A Seção de Pintura, à qual fora presente a obra de ornithologia Brasiliense pelo Dr. Descourtilz afim de sobre a mesma emitir um parecer; depois de a ter examinado, julga ser ella perfeita, na qualidade de trabalho cromo lithographico; e outrossim que farão bem compreendidas as configurações e cores próprias dos pássaros contidas na referida obra: sendo, além disso, de nossa pericia e nitidez com que além do merecimento que reúne a obra em questão, pode ser ella de bastante utilidade; pois que, sendo colorida, virá a formar uma collecção dessa importante parte da historia natural, pondo assim ao alcance daqueles que se dão ao estudo deste ramo, objectos, para aqui, de difficil aquisição. Quanto porem às imperfeições que se poderião notar, no que diz respeito á parte artística, deixa a Secção de interpor juízo, visto não ser este o fim com que se espera tal publicação (RIO DE JANEIRO, 320, 1855).

O livro *Les Galeries Publiques de l' Europe* é enviado de Paris por José Marques Lisboa, inspetor intendente das Obras Públicas juntamente com um officio ao Diretor Porto-alegre recomendando que collocasse o referido exemplar na Biblioteca da AIBA, já que o mesmo tinha grande aceitação na Europa: “prevaleço-me para pedir-lhe um favor de colocar na Livraria da nossa Imperial Academia um exemplar, (V.S^a recebê-lo-há com este Officio) de uma recente publicação [...] que tem aqui tido mais lisonjeira aceitação” (RIO DE JANEIRO, 4920, 1857). Além da notícia de livros que eram de importância para o ensino de Artes na Europa, era costume o Ministério dos Negocios do Imperio enviar à Biblioteca

impressos que continham documentos e notícias importantes sobre as Belas Artes em diferentes Estados da Europa (RIO DE JANEIRO, 4382, 1877). Pereira (2014) em entrevista concedida para esta pesquisadora concorda com essa afirmação quando explica que:

Para Porto-alegre, a cultura brasileira tem que se constituir sabendo tudo o que é para saber da Europa, é neste universo que eles consideram que é universal, ver onde é que o Brasil vai poder deixar a sua marca. Ele insiste loucamente em se conhecer a Europa. Nas suas cartas a Vitor Meirelles ele enfatiza para que ele aproveite as oportunidades, veja tudo, e não apenas olhe, mas desenhe. Não era para fazer alguma coisa 'em lugar de', era um projeto civilizatório, como se diz agora, para implantar a civilização europeia, mas a esta civilização depois dar um cunho, que seria uma contribuição e que ele achava que seria na natureza que era a nossa marca diferencial; aí vem o indianismo, que saiu deste pensamento: o que o Brasil tem que os outros países não têm? (PEREIRA, 2014).

Essa afirmação também nos esclarece que Porto-alegre concordava com a aspiração de Taunay no que diz respeito ao incentivo que dava aos alunos, não só a viajarem pela Europa, mas observar tudo o que pudessem enquanto estivessem lá.

Outra providencia importante submete o Governo á vossa consideração, e vem a ser a de mandarmos viajar pela Europa, depois de se terem ali aperfeiçoado em algumas Escolas mais acreditadas, certo numero de alunos dos mais distintos da nossa Academia, prescrevendo-se-lhes as obrigações, que devem desempenhar e dando-lhes os meios, que parecem proporcionados aos trabalhos de que forem incubidos, e á satisfação das suas necessidades. Nossas cidades, enseadas, rios, minas, florestas, o Brasil inteiro tem sido visto, examinado, estudado, copiado, e por Artistas da Europa; encaminhemos a nossa juventude para imita-los, transplantando da Europa ao Brasil tudo, quando pôde dilatar a esfera dos nossos conhecimentos, e dos nossos gozos (BRASIL, 1839, p.15-16).

Era prática da Academia prestar contas ao Ministério do Império, não somente de serviços realizados na AIBA, mas também das obras adotadas para o uso das aulas, inclusive com o nome dos autores, lugar e data da edição (RIO DE JANEIRO, 335, 1861). Os professores, então, redigiam pareceres antes e após as compras das obras.

De acordo com Miranda (1980, p.65 apud Weitzel, 2006, p.23) "no período anterior a década de 1980 a maioria dos casos de seleção em Bibliotecas Universitárias limitava-se ao rotineiro processo de aquisição a partir de listas preparadas por professores, sem qualquer ingerência do especialista de Biblioteconomia no processo decisório". No caso da Academia, os diretores, secretários e professores responsáveis pela seleção do acervo foram bem sucedidos na aquisição de obras que realmente atendiam às necessidades da Biblioteca,

mesmo não sendo bibliotecários, porque eram homens extremamente cultos e com vasto conhecimento nas Artes.

Pela leitura e análise das Atas, Relatórios, Ofícios e Pareceres da AIBA que tivemos oportunidade de cotejar, pressupomos que era prática da Academia, desde a formação de sua Biblioteca, a nomeação de uma Comissão de professores incumbidos de avaliar as obras oferecidas por livreiros. Seus pareceres eram compostos de itens que iam desde o conteúdo das obras, o estado de conservação física, a data da publicação até o valor solicitado pelos livreiros, como exemplificamos nas figuras 28 e 29.

Transcrevemos o parecer referente à obra *Il costume antico e moderno di tutti a popoli*, por Giulio Ferrari (Figura 28):

A Comissão nomeada para examinar a obra intitulada *Il costume antico e moderno di tutti a popoli* pelo Dr. Julio Ferrari, tem a honra de informar a V. Exc.^a que esta obra é uma das mais completas que há sobre costumes.

Em seu vasto plano comprehende a historia do Governo, milicia, religião, artes, sciencias, e usos de todos os povos do universo, antigos e modernos, tudo provado com os monumentos da antiguidade e representado em 1647 estampas gravadas em aço e quase todas coloridas a aquarella. É pois ella, não só util mas até indispensavel em uma bibliotheca de Bellas-Artes, sendo certo que são os artistas quem mais frequentem e precisão indagar quaes os trajes dos personagens que devem reviver na tela, no marmore, ou sobre o palco.

No exemplar que nos foi apresentado falta o 14º volume da obra, que é a 2ª parte do 3º tomo da Europa. Esta obra, que consta de 18 tomos divididos em 23 grandes volumes in-4º, encadernados em 21, está inteiramente nova, e a sua encadernação é optima.

Deos guarde a V.Exci.^a. - Academia das Bellas-Artes, 24 de outubro de 1874.
Illm. Exm. Sir. Conseeleiro Antonio Nicolau Tolentino.

Dignissimo Director da Academia das Bellas-Artes.

Victor Meirelles de Lima. João Maximiano Mafra. E. G. Mor^a Maia (RIO DE JANEIRO, 4453, 1874).

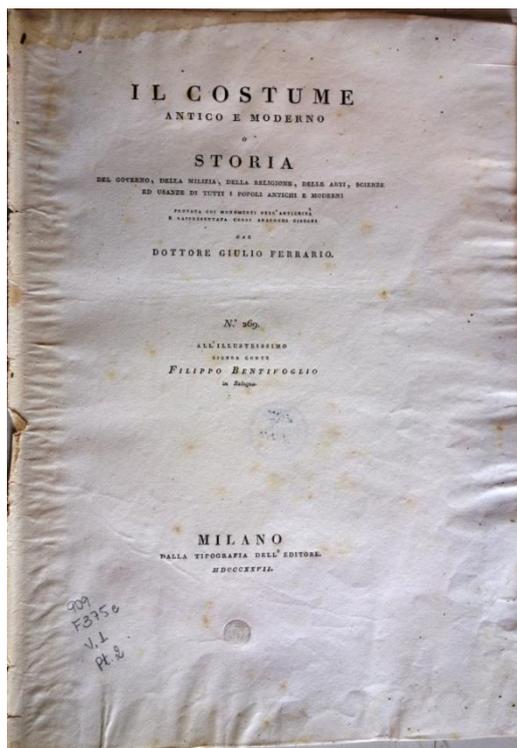


Figura 31: Página de rosto do livro *Il costume antico e moderno*, de Giulio Ferrario, 1827-1834. Fonte: Acervo da biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2015).



Figura 32: Ilustração do livro *Il costume antico e moderno*, 1827-1834. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

Outra função concernente ao processo de seleção das Comissões de Professores, encontrada nos documentos primários, era a análise da autenticidade das obras oferecidas à Academia. O documento 3650 (s.d.) é um exemplo. Nesse documento o Sr. Antonio José Barbosa de Oliveira oferece à AIBA, para possível aquisição, uma coleção de 97 gravuras soltas e um volume da obra *Natali's Evangelicae Historiae Imagines*. A Comissão nomeada

para esta análise conclui que a obra citada possuía autenticidade duvidosa. Somente 38 das gravuras avulsas oferecidas foram aprovadas.

Como dito anteriormente, a Biblioteca da AIBA recebia frequentes doações da Biblioteca da Corte, muitas destas eram solicitadas pelos dirigentes da Academia. A biblioteca da Real Academia, transportada para o Brasil pela Corte portuguesa – juntamente com outra biblioteca mais famosa e volumosa (SCHWARCZ, 2002) – era composta por obras que foram classificadas por Maria de Fátima Nunes como sintomáticas de “uma certa pedagogia de ensino e do contexto nacional e europeu, que influenciou a criação e o crescimento da Academia” (NUNES, 1988, p. 29).

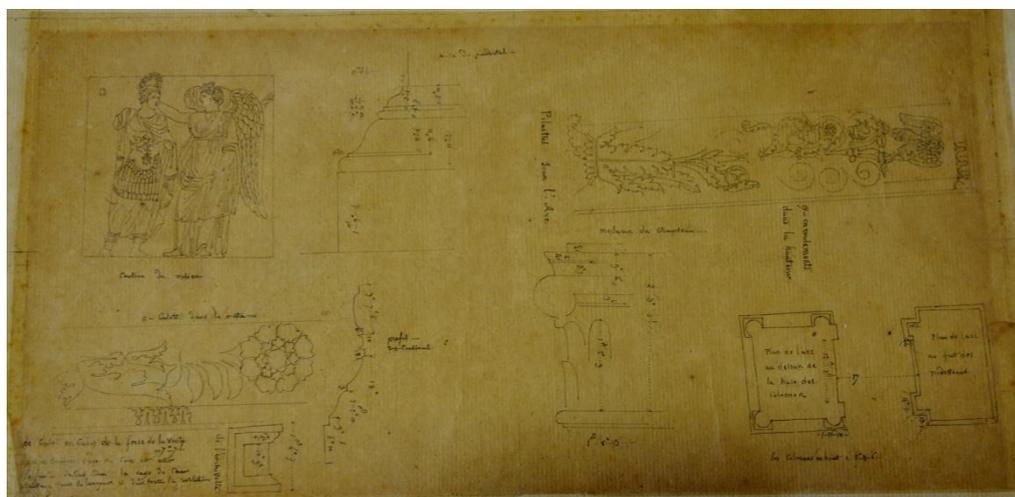


Figura 33: Desenho Grandjean de Montigny. Detalhamento de Arco. Nanquim sobre papel. [s.d.]. Documento 000.904. Fonte: Museu D. João VI. Fotografia da autora (2014).

Fica evidente, por meio dos documentos primários, que Taunay, e posteriormente Porto-alegre, doavam grande número de volumes de suas propriedades. Taunay, com coleções de gravuras e esculturas e diversos desenhos de sua autoria para estudo e obras que comporiam o acervo didático. Segundo a obra Estudos Brasileiros (s.d. apud Palliere, 18-?, p. 71) alguns desses desenhos foram queimados: “Há vários anos, um diretor da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro mandou queimar todos os documentos da Missão Artística Francesa porque estavam atacados pelas traças, inclusive os desenhos de Grandjean de Montigny” (Tradução nossa).

Os desenhos de Montigny são trabalhos os quais não se podem estipular preço, alguns dos mais importantes ornavam há muitos anos uma das salas da Academia, outros serviam de modelo para aulas. Após a morte de Montigny, sua viúva os solicitou para que pudesse vendê-los e conseguir um valor que lhe fosse útil para ajudar nas necessidades por qual passava

(RIO DE JANEIRO, 3565, 1865) porém a Academia chegando a um acordo com a mesma, comprou-lhes os mediante a quantia de 10:000\$000, por serem de grande importância permanecerem no acervo da Academia (BRASIL, 1865, p.23). Para Rubens Borba de Moraes (1998, p.29):

Quando se estuda a história das grandes bibliotecas do mundo, das grandes bibliotecas nacionais que fazem o orgulho de muito povo, vê-se logo que elas se formaram, tendo como base uma coleção particular e foram enriquecendo com a aquisição ou doação de outras coleções particulares.

Abaixo, transcrevemos o ofício do Visconde de S. Leopoldo referente à doação de cinco volumes que pertenciam à coleção particular do Imperador:

Sua Magestade o Imperador reconhecendo quanto pode ser útil a obra intitulada – Museo Francez – em cinco grandes volumes, às pessoas, que se applicão aos diferentes ramos das Artes do Dezenho e Pintura e querendo auxilia-las, facilitando-lhes meios do seu adiantamento: Há por bem que a dita obra seja colocada na Imperial Academia das Bellas Artes, e franqueada a todos os Professores, que a quizerem consultar, com a expressa proibição de se remover qualquer dos volumes para fora da mesma Academia. O que participo a V. Mce. Para sua inteligência e execução. – Deos guarde a V. Mce. Paço em 16 de Agosto de 1827 – Visconde de S. Leopoldo. Snr. Henrique José da Silva (RIO DE JANEIRO, 4410, 1827).

A obra ingressou no acervo antes mesmo da inauguração do edifício onde, depois de sua abertura em 1826, a Academia funcionou. Segundo Gomes Junior (2007):

Essa obra era acessível no Rio de Janeiro por volta de 1817, época em que Durand e Dumont, comerciantes franceses de edições e materiais artísticos, anunciavam na Gazeta do Rio de Janeiro que *Le musée français* podia ser adquirido em sua loja na rua do Ouvidor, em cinco volumes em fôlio que compreende uma coleção completa de quadros, estátuas, e baixos relevos, que compõe a coleção nacional, com explicação dos objetos, e discursos históricos sobre pintura, escultura e gravura.

Cabe aqui mencionar que em 1957, Alfredo Galvão (1900-1987) transcreve esse catálogo com notas sobre os livros que ainda encontravam-se no acervo da Biblioteca da ENBA, juntamente com uma listagem por ordem de autor que publicou com o título *Catálogo da Biblioteca com indicação das obras raras ou valiosa*. Nesse catálogo Galvão faz uma avaliação de todos os livros listados com breves anotações quanto ao seu nível de importância em relação ao ensino de artes na AIBA. Era seu costume avaliar os diversos livros que lia. É comum encontrar nos livros que pertenceram à Galvão marginálias com comentários interessantes aos estudiosos das Artes. Diretor da Escola Nacional de Belas Artes no período

de 1955 a 1958, Galvão foi mais um dos que doaram inúmeras obras da sua biblioteca particular para a biblioteca da ENBA, e, sempre demonstrou muito interesse pela formação do acervo.

A obra intitulada *Real Museo Borbonico*⁵⁰, 1824, doado pela Imperatriz Tereza Cristina Maria foi também outra importante doação de valor histórico para a Biblioteca. Segundo Relatório enviado ao Governo, Porto-alegre relata que a doação da Imperatriz se deu em um dia de visita à Academia onde ocorria a Exposição de modelos e desenhos apresentados em concursos:

[...] Por ocasião teremos a honra de receber e beijar as mãos de Suas Magestades Imperiais e possuímos a Sua Magestade a Imperatriz por mais duas horas, durante o tempo em que Sua Magestade o Imperador foi à Escola Militar assistir a exercícios científicos. A demora de Sua Magestade a Imperatriz foi assinalada por um presente da mesma Augusta Senhora à Academia; constando este de um exemplar do Museu Borbônico, obra clássica que se está concluindo em Nápoles [...] (RIO DE JANEIRO, 1855).

Esse livro é o primeiro de uma coleção de dezesseis volumes, que como Porto-alegre menciona acima, estaria, na época da doação, ainda estavam sendo impressos em Nápoles.



Figura 34: Frontispício e página de rosto do livro *Real Museo Borbonico*, 1824. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA. Fotografia da autora (2014).

No Relatório dos Ministros, Sessão Ordinária de 1838, o Ministro e Secretário de Estado Bernardo Pereira Vasconcellos, lamentava a situação do pequeno orçamento da Academia que não satisfazia às necessidades decorrente das novas aulas e do aumento dos preços e objetos indispensáveis ao ensino:

⁵⁰ O Real Museu Borbônico, atualmente *Museo Archeologico Nazionale*, em Nápoles, Itália.

A consignação votada para a Academia das Belas Artes he muito inferior às suas despesas, em razão do estabelecimento das novas aulas, e do aumento no preço dos objetos para o ensino. Torna-se indispensável aumentar essa consignação, e estabelecer huma quantia para compra de colecções preciosas, que algumas vezes aparecem á venda, e por falta de fundos não podemos obter (BRASIL, 1837, p.17).

A Biblioteca continua a receber obras doadas e também adquiridas por compra, quando possível, e seu acervo ia sendo enriquecido. Podemos acrescentar que vários títulos foram incorporados por compra diretamente da França e de livreiros instalados no Rio de Janeiro com verba da própria Academia. Na concepção de Gomes Junior (2008) “O ‘Fundo da Academia’ nos faz pensar que nos dezessete anos da gestão de Felix Emilio Taunay, houve um esforço sistemático para equipar a Biblioteca com livros importantes para o ensino, para o próprio uso de professores, de alunos e, provavelmente, de artistas que gravitavam em torno da Academia”.

Observamos que a maioria dos títulos do acervo foi composto por livros de língua francesa, seguida à distância pela italiana e em ordem decrescente pela alemã, espanhola e portuguesa. De acordo com Malta (2011, p. 547):

Essa evidência reforça o vínculo do ensino artístico da Academia de Belas Artes brasileira ao paradigma francês, e ainda pela predominância do comércio livreiro no Rio de Janeiro por casas comandadas por franceses, o que pode ser corroborado por algumas notas de compra existentes no acervo do arquivo do Museu D. João VI.

Dentre essas Livrarias citamos a B. L. Garnier⁵¹, J. G. Azevedo, H. Lombaerts⁵² (RIO DE JANEIRO, 2417, 1862), Firmin Didot (RIO DE JANEIRO, 2649, 1861) e Luso Brasileira. Segundo Machado (2008, p. 53) na década de 1840 o comércio era dominado totalmente por estrangeiros. As lojas de luxo, em mãos dos franceses, estavam estabelecidas sobretudo na rua do Ouvidor, que lembrava um recanto parisiense. Da Europa, algumas Livrarias também apresentavam, constantemente, à Academia catálogos oferecendo livros

⁵¹ Inaugurada em 1845 por Baptiste Leon Garnier, foi a livraria mais importante do Rio de Janeiro no século XIX e início do XX, sendo ponto de encontro de intelectuais da época. Seus preços eram elevados, porém determinados livros só eram possíveis serem encontrados lá (MACHADO, 2008, p. 45).

⁵² O tipógrafo belga Jean-Baptiste Lombaerts, emigrou para o Rio de Janeiro em 1848. Logo que chegou, inaugurou a Tipografia e Livraria Lombaerts, na rua dos Ourives, 7, plena zona de influência da rua do Ouvidor. Era essa a tipografia mais conceituada da época e a encadernadora (Ao Missal Lombaerts, nome específico da encadernadora), preferida de D. Pedro II, por seus serviços primorosos. A Lombaerts recebia sempre as últimas novidades de livros franceses (MACHADO, 2008, p. 53).

com o que havia de mais raro, valioso e curioso, como: D. Charnay, Cavalier e Despres, Ângelo Bertola, Bernard Guaritch (Londres) (RIO DE JANEIRO, 4432, 1864), Libraire d'Architecture de Bance (Paris) (RIO DE JANEIRO, 4428, 1862).



Figura 35: Primeira página do catálogo da Fimin Didot, 1861. Fonte: Museu D. João VI.

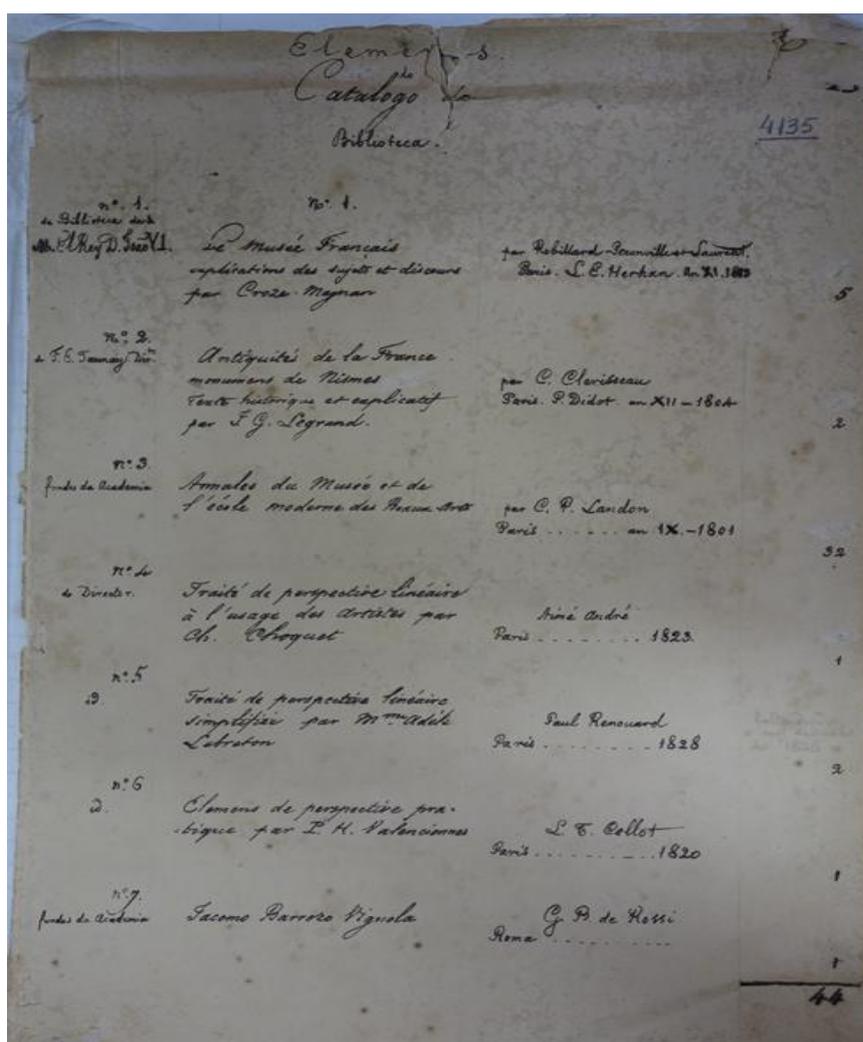


Figura 36: Primeira página do catálogo Elementos do Catálogo da Biblioteca, manuscrito por Taunay, 1846. Fonte: Museu D. João VI.

de 12 de maio de 1890, assinado pelo diretor Ernesto Gomes Moreira Maia, fica evidente a preocupação dos dirigentes da Academia em economizar os gastos. Esse ofício encaminhado a Benjamin Constant Botelho de Magalhães, Ministro da Instrução Publica, Correio e Telegraphos justificava a compra de livros diretamente da Europa, como sendo o modo mais econômico de aquisição.

Cidadão Ministro Faleis quão elevado e até muitas vezes exagerado é o preço dos livros no mercado desta Capital e como se póde fazer economias relativamente grandes, fazendo-os vir directamente dos mercados da Europa; entretanto se póde dizer do que é relativo ao material de execução necessário às aulas de uma escola de belas artes. Certo como estou de que levarei a bem que se zele com o maior cuidado o bem emprego do dinheiro publico, peçovos que me autorizeis a fazer vir daqueles mercados, sempre nos estricto limites das consignações orçamentarias todos os livros e revistas necessários ao aumento da biblioteca desta Academia, assim também o fornecimento das aulas no que for imprescindível ao estudo dos alunos, encomendas que farei com prévia aprovação vossa. Por esse modo se conseguirá por certo comprar com maior vantagem para os cofres públicos (RIO DE JANEIRO, 1439, 1890).

Em 27 de maio de 1890, é dada autorização, assinada por Benjamin Constant, para a realização do pedido acima (RIO DE JANEIRO, 1439, 1890).

Segundo Rubens Borba de Moraes (2006, p. 167) no início do século XIX não havia dificuldades para a importação de livros, porém, toda vez que os dirigentes da Academia de Belas Artes desejavam retirar da alfândega os livros destinados ao ensino, adquiridos no estrangeiro, enfrentavam as maiores dificuldades por parte dessa repartição fiscal, o que causava grandes prejuízos financeiros à Administração da AIBA. Sendo assim, o Ministro do Império autorizou, pelo aviso de 7 de outubro de 1847, o despacho, livre de direitos, destes livros (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 192).

Durante toda a trajetória da Academia, as aquisições para a Biblioteca e pinacoteca da AIBA não eram rotineiras, devido às frequentes faltas de verbas, embora os pedidos de compra fossem constantes, principalmente pelos dirigentes da AIBA, em especial os secretários, responsáveis pela Biblioteca e por professores. Em diversos períodos, solicitavam a compra de livros e de preciosas gravuras, importantes para o ensino, assim como assinaturas de publicações sobre Belas Artes, ao governo. Os documentos primários do Museu D. João VI confirmam que esses pedidos eram sempre solicitados e analisados pelo diretor e demais professores pelas Comissões e, sempre que possível, autorizados pelo Ministério da Instrução Publica. Nos Relatórios dos Ministros também aparecem trechos que se referem ao fato:

O edifício da Academia não se acha no estado de asseio que conviria. Esta necessidade, bem como a de aumentar-se a biblioteca com obras clássicas, das quaes muito carece, não tem sido satisfeitas por deficiência de meios (BRASIL, 1865).

Pela sensível falta de autorização especial a biblioteca da Academia só se aumentou com mais um anno da *Gazeta das Bellas-Artes*, de que é assignante; com um compendio de musica offerrecido pelo Sr. João de Deos Dias Braga, e com o poema *Colombo* do distincto Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, por ele offerrecido á Academia (BRASIL, 1866).

Apesar das dificuldades por que passou a Academia, notamos o esforço por parte de Taunay em relação às aquisições, conforme ofício ao Ministro e Secretário de Estado Antonio Paulino Limpo de Abreu, "desejando aumentar a sua nascente biblioteca, em que já entrarão diversas obras compradas com as economias das prestações trimestrais, ou oferecidas por vários Lentes" (RIO DE JANEIRO, 6124, 1836).

A importância total arrecadada com as matrículas dos alunos na Academia, abertas no dia 3 de fevereiro de cada ano, também era empregada na compra de livros para a Biblioteca. O valor da matrícula de cada aluno era de 4\$000 (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 243). Como já mencionamos anteriormente, outra forma de aquisição realizada pela Biblioteca da AIBA eram os frequentes pedidos de doação da Academia e do governo à Biblioteca Publica, de obras que existissem em duplicata, a fim de enriquecer o acervo da Biblioteca da AIBA.

Embora não necessariamente declarada, existia uma “política de aquisição” implícita realizada na Biblioteca da AIBA. Iniciada com Taunay e durante toda a trajetória da Academia, notamos que era da competência do diretor utilizar o fundo da Academia da melhor forma possível a fim de aproveitar ao máximo a consignação fornecida pelo Estado.

5 O PAPEL DA BIBLIOTECA DA ACADEMIA IMPERIAL DE BELAS ARTES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ARTISTA NO SÉCULO XIX

O artista não se faz, nasce, diz o provérbio, mas segundo Gerson Pompeu Pinheiro⁵³, 1950, [esta afirmação] “não é bem verdade”. É lógico que é necessário que haja talento inato, que a vocação seja manifesta, mas ainda há mais a ser feito, é indispensável que:

O trabalho dos mestres venha a completar a sua personalidade, realizando o que se chama – a formação do artista. Porque, o artista é mais que o pintor ou o escultor: ele é por excelência um criador, e, para criar, é mister possuir superior formação cultural” (PINHEIRO, 1950, p. 9).

Antes da vinda da Missão Artística Francesa o ensino, no Brasil, era feito por meio de contato dos mestres de ofícios e obras com seus aprendizes, sempre em oficinas realizadas nos conventos, pelos jesuítas e outras ordens religiosas, aprendendo na prática. Um ensino totalmente empírico. Segundo Ângela Luz (2005, p. 51) só a partir de 1669 se ministram as primeiras aulas, e ensina-se a desenhar e a fortificar. Mais de um século se passa, com a Real Academia do Rio de Janeiro para o início do ensino oficial da arquitetura civil, em 1793.

No século XIX, o academicismo vigente no período norteou o ensino na AIBA. Os primeiros alunos, instruídos diretamente pelos mestres franceses, os sucederam como professores na própria instituição (SILVA, 2013, p.45). Dentre estes destacamos:

- José dos Reis de Carvalho (1800-1872). Aluno de Debret. Professor de Pintura de Marinhas em 1830 (WANDERLEY, 2011a);
- Simplício Rodrigues de Sá (1785-1839). Um dos primeiros discípulos de Debret a se tornar pensionista da Academia em 1820. Tornou-se professor de Pintura em 1831, substituindo Debret, e de Desenho em 1834 com o falecimento de Henrique José da Silva (WANDERLEY, 2011a);
- Francisco de Souza Lobo (1800-1855). Foi um dos alunos fundadores da classe de pintura da Academia Imperial de Belas-Artes, ainda em 1824, antes mesmo da inauguração oficial da Academia (DEBRET, 1834, v.3, p. 99). Admitido ao Concurso para professor substituto da classe de Paisagem (RIO DE JANEIRO, 116, 1833);
- Manoel Joaquim de Melo Côrte Real (1810-1848). Aluno da turma iniciada em 1826. Em 1837 tornou-se professor substituto da classe de Desenho. Substituiu Simplício Rodrigues de Sá em 1839 (WANDERLEY, 2011a);

⁵³ Diretor da Escola Nacional de Belas Artes de 1958 a 1961.

- José Correia de Lima (1814-1857). Aluno de pintura em 1826. Professor de Pintura Histórica em 1837. Primeiro sucessor oficial de Debret em 1840 (WANDERLEY, 2011a);
- Augusto Muller (1815-1890). Em 1829 matriculou-se na classe de pintura como discípulo de Debret. Em 1835 participou do concurso promovido pela Academia e tornou-se professor da classe de Pintura de Paisagem (WANDERLEY, 2011a);
- Joaquim Lopes de Barros Cabral Teive (1816-1862). Foi aluno, em 1826 de Pintura Desenho e Arquitetura. Em 1850 tornou-se professor substituto da classe de Desenho. Nomeado catedrático na classe de Pintura Histórica em 1857 (WANDERLEY, 2011a);
- Vitor Meirelles de Lima (1823-1903). Nascido na província de Santa Catarina. Matriculou-se na AIBA em 1847, conquistando o Prêmio de Viagem em 1852. Foi nomeado professor de Pintura da Academia em 1862 (EXPOSIÇÃO..., 1941, p. 17);
- Pedro Américo (1843-1905) nasceu na Paraíba do Norte. Em 1854 matriculou-se na AIBA "onde foram verdadeiramente notáveis os seus progressos". Em 1859 teve uma pensão concedida pelo Governo para estudar na Europa. Foi aprovado em concurso para professor de Desenho da Academia no ano de 1864 (EXPOSIÇÃO..., 1941, p. 2);
- Rodolpho Amoêdo (1857-1873). Nasceu em Salvador, BA. Solicitou e obteve matrícula na Academia em 1874. Após seu período de estágio na Europa como pensionista, de 1878 a 1887, foi eleito professor Honorário da Seção de Pintura da AIBA e também professor interino de Paisagem, de 1889 a 1890 (EXPOSIÇÃO... 1957, p. 6-8);
- Araujo Porto-alegre, como mencionamos na seção anterior.

Segundo Castro (2007) a AIBA além de ter sido inspirada na Académie Royale et Sculpture da França, também teve grande influência de Winckelmann⁵⁴, assim como seus estudos, sendo citado diversas vezes por Taunay em seus discursos. Suas obras também faziam parte do acervo da Biblioteca da Academia (CASTRO, 2007, p. 14) como por exemplo *Histoire de l'art chez les anciens*, 1793, em 3 volumes e *Monumenti antichi inediti*, 1821, em 2 volumes.

Como citado acima, o modelo acadêmico adotado no Brasil foi o da instituição francesa. Constatamos pelas observações de Sulzer, popular escritor alemão de final do século

⁵⁴ Foi um historiador de arte e arqueólogo alemão. Nasceu em Stendal, 1717 e morreu perto de Trieste, em 1768. Era um Helenista e foi o primeiro a estabelecer distinções entre arte Grega, Greco-Romana e Romana, o que seria decisivo para o surgimento e ascensão do neoclassicismo durante o século XVIII.

XVIII, alguns dos procedimentos do ensino acadêmico e seus materiais de apoio, procedimentos esses utilizados também pela Academia Imperial de Belas Artes:

A academia deve estar bem equipada com livros de desenho que mostrem, em primeiro lugar, as partes separadas das figuras, a forma e proporção das cabeças, dos narizes, das orelhas, lábios, olhos e depois as figuras completas. A cópia delas será a primeira tarefa dos principiantes (PEVSNER, 1982, p. 120 apud FERNANDES, 2010, p. 938).

Quando o ensino artístico, antes realizado em guildas⁵⁵, sob a supervisão de um mestre, passou a ser exercido em instituições especializadas patrocinadas pelo Governo, essas instituições enfatizavam a necessidade de uma “formação completa do artista” (PEVSNER, 2005, p. 141) que por sua vez foram fundamentadas nas premissas do mundo antigo (WANDERLEY, 2011b). Na Academia, os alunos eram levados a copiar, conhecer e estudar as obras, a história, a cultura e a filosofia do mundo antigo, sempre utilizando como modelo a Academia francesa. Darnton (2010, p. 189-190) ao afirmar que “as ideias são transmitidas sob forma impressa e a exposição à palavra impressa afeta o pensamento e a conduta da humanidade”, corrobora com o que acontecia no cotidiano da Academia. Os livros eram utilizados como instrumentos de mudanças e transformações na vida dos jovens alunos da AIBA.

Fundada e mantida pelo Estado, a Academia ampliou os horizontes das artes plásticas no país, criando um novo estatuto para o artista, fornecendo-lhe uma formação técnica aprimorada e expandindo o repertório temático. Sonia Gomes Pereira acrescenta que:

A primeira Academia foi criada na Itália no século XVI, mas elas eram Academias autônomas, não tinham nenhuma ligação com o Estado. O artista, até o Renascimento, se formava dentro da oficina com um mestre. Na França do século XVII, época de Luis XIV em que foram criadas várias Academias, é o Estado que toma à frente da Academia. Assim a Academia passa a ser estatal. Transforma-se a Academia que era simplesmente do mundo artístico em algo estatal e com o objetivo de formar artistas para trabalhar para o Estado. A arte dirigida era a grande novidade da época. A interferência do Estado é muito grande. Já na Inglaterra a Academia é particular, sem nenhuma ligação do Estado (PEREIRA, 2014).

Boa parte da formação do artista estava baseada no exercício continuado da cópia das pinturas da Pinacoteca ou das estampas da biblioteca. O que não era específico do ensino artístico no Rio de Janeiro, mas característica geral das academias. Como lembra Pevsner (2005 apud GOMES JUNIOR, 2008) a Academia de Pintura e Escultura francesa, desde o

⁵⁵Tipo medieval de associação formada entre as corporações de artesãos, negociantes e outros profissionais para mútua assistência e proteção dos respectivos membros e, até certo ponto, dos próprios clientes.

tempo de Le Brun, e até mesmo no século XIX, comportava uma classe elementar e outra superior, as quais se dividiam em três fases do aprendizado: primeiro apenas a cópia de desenhos, pinturas e gravuras⁵⁶, das quais a AIBA possuía um bom número, depois o desenho a partir de baixos-relevos em moldagem direta em gesso, tomados às escolas clássicas, recomendados ao ensino acadêmico, e esculturas antigas e por fim, o desenho a partir de modelos vivos (PEVSNER, 2005 apud GOMES JUNIOR, 2008).

Gomes Junior, (2008), acrescenta: "A biblioteca da Academia Imperial das Belas Artes estava ao alcance dos professores e alunos, apesar de pequena, com um acervo contendo obras práticas para o ensino das artes do desenho, cuja pedagogia estava fundada, sobretudo, no exemplo".

Constatamos que a maior parte dos livros pertencentes ao acervo é fartamente ilustrada, isto porque, segundo Marize Malta, a Academia utilizava, como um dos métodos de ensino, as imagens:

Os manuais, didaticamente alicerçados nas estampas depositadas em suas páginas, estão inseridos no bojo das transformações relativas à produção de imagens que ocorreram no século XIX, quantitativas e qualitativas, sendo co-responsáveis no estabelecimento da centralidade da imagem na construção de sentido (...) As gravuras, na sua maioria, não eram apenas ilustrações, mas evidências visuais. O mundo na sua dimensão histórica e geográfica, poderia ser sintetizado em coleções de figuras, estampas, repertórios ornamentais, fazendo-se conhecer por meio da experiência visual (MALTA, 2011, p.544).

Estima-se que o número de imagens impressas durante o século XIX tenha sido consideravelmente maior que o total produzido até 1801 (IVINS JUNIOR, 1973, p.94). Para este mesmo autor, a imagem impressa “é igualmente suscetível de uma utilização autônoma que lhe confere função própria”, tornando-a, no corpus investigado pelo conjunto de estudos relatados, objeto ritual, imagem de devoção, ou um sinal de reconhecimento. Além disso, assinala que sua carga afetiva e seu papel de fornecer uma representação adequada da verdade das coisas faz com que conquiste a adesão de quem a vê, produzindo, mais que o texto, persuasão e crença.

Lebreton, desde o início, já no projeto inicial da Academia, em 1816, diz ser necessário dar o exemplo das escolas pictóricas, pois sabia que precisava equipar o aluno com um material que tornasse possível o trabalho dele. Isto seria impossível sem os livros e sem as

⁵⁶ Como a *Coleção das loggias do Vaticano*, de Giovanni da Udine e Pierino del Vaga, alunos de Rafael; *Le guide de l'ornementiste*, de Charles Normand; o *Dictionnaire des beaux-arts*, de A L. Millin, dentre outros.

estampas incluídas no acervo. Não existia outra maneira de se ver e aprender (PEREIRA, 2014).

Enfatizamos que as aquisições de gravuras realizadas pela AIBA, continham uma importância significativa para o ensino, o que pode ser confirmado ao examinarmos os documentos⁵⁷ do Museu D. João VI que as mencionam:

Ilmo e Exmo Conselheiro Diretor, Tenho a honra de transmitir à Exca., por ordem do Exmo. Sr Ministro, Secretario D'Estado dos Negocios do Imperio, huma collecção de trinta e oito quadros de varias dimensões, contendo gravuras, coloridas à guache, das Lojas de Raphael⁵⁸, que existião na Bibliotheca Nacional, e que o Governo Imperial manda attribuir à Academia Imperial das Bellas, para servirem de modelo nas aulas de Desenho de Ornamentos. Deos guarde a Vossa Excellencia Bibliotheca Nacional Publica na Côrte, em 28 de setembro de 1870. Frei Camillo de Monserrat (RIO DE JANEIRO, 1343, 1870).



Figura 39: Detalhe da Loggia (Pilastra XI) de Giovanni Ottaviani. Buril/Têmpera/Papel. Fonte: Acervo do Museu D. João VI/EBA/UFRJ - Documento nº 3451, [18-?] - Mapoteca 9. Fotografia de Guilherme Xavier (2015)

⁵⁷ Nesse mesmo documento, arquivado no Museu D. João VI, consta uma nota datada de 1957, sem assinatura, com as seguintes palavras: “Essas gravuras foram retiradas das molduras ‘bichadas’ e guardadas na Biblioteca da Escola - São preciosas – 1957”.

⁵⁸ A Loggia era o santuário interno do poder papal, acessível apenas para o papa e sua equipe mais estreita, exigindo assim um estilo particular.



Figura 40: A última ceia de Giovanni Ottaviani. Buril/Têmpera/Papel. Fonte: Acervo do Museu D. João VI/EBA/UFRJ - Documento nº 3440, [18-?] - Mapoteca 9. Fotografia de Guilherme Xavier (2015).

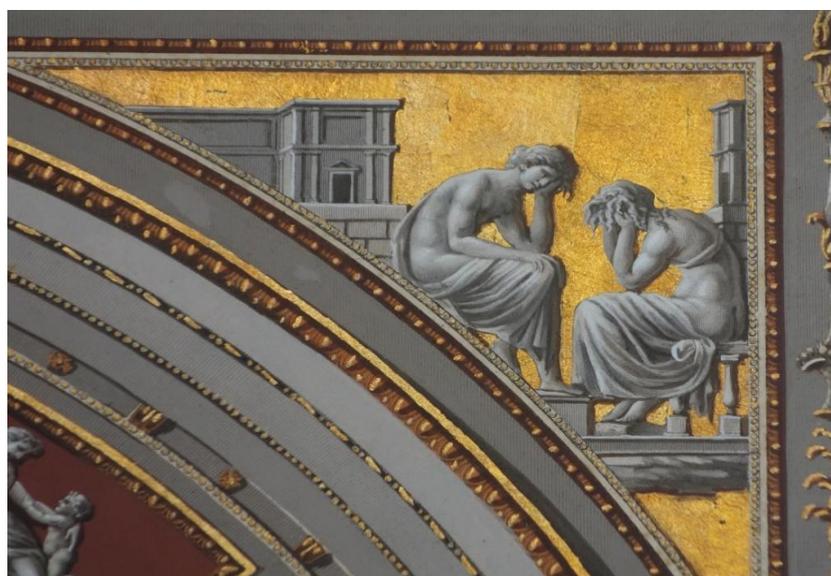


Figura 41: Detalhe da A última ceia de Giovanni Ottaviani.. Buril/Têmpera/Papel. Fonte: Acervo do Museu D. João VI/EBA/UFRJ - Documento nº 3440, [18-?] - Mapoteca 9. Fotografia de Guilherme Xavier (2015).

O principal objetivo da pintura, a partir do Renascimento, era contar a história, a pintura histórica. Durante os quinze anos que esteve no Brasil, Jean-Baptiste Debret⁵⁹

⁵⁹ A importância de Debret é muito grande para o ensino artístico no Brasil. Sua contribuição se faz pelo fato de não se restringir ao rigor da regra e da norma (LUZ, 2005, p. 58).

ministrou aulas de Pintura Histórica na AIBA e concomitantemente colheu abundante material, tão aviltado quanto precioso, que o habilitou a escrever uma obra que se tornaria emblemática: *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou Séjour d'un artiste français au Brésil*. Esta obra, segundo o historiador Affonso d' Escragnolle Taunay, (1911, p. 171):

Foi dedicada à Academia das Bellas Artes do Instituto da França, e ainda que 'não há quem desconheça o grande valor desta obra, repertorio inigualável, quadro fiel, quanto possível dos costumes nacionaes no periodo obscuro dos primeiros annos do Brazil imperio, tão mal documentado quanto à imaginaria'. Debret a escreve em três volumes, sendo o primeiro publicado em 1834. Refere-se exclusivamente aos aborígenes brasileiros, com trinta e seis estampas representando os seus costumes, armas, utensílios, ornatos, etc.; o segundo volume, datando de 1835, é a pintura e descrição da sociedade brasileira, com quarenta e oito estampas, 'preciosíssimas, graças às quais podemos reconstituir perfeitamente o meio fluminense tão pitoresco, de princípios do século XIX, abrangendo todas as manifestações da vida doméstica e social' (TAUNAY, 1911, p. 171).

No terceiro volume, publicado em 1839, é retratado a história política e religiosa e ao estudo das Belas Artes. Há ainda numerosas estampas, de costumes fluminenses gravadas por Pradier e todas litografadas no estabelecimento de Thierry Frères, sucessores de Engelmann, o inventor da litografia (TAUNAY, 1911, p. 171), à estas Debret juntou reproduções de seus quadros, desenhos de cerimônias, retratos da família Imperial, e de personagens ilustres, seus trajés, insígnias, vistas tomadas de vários pontos do Rio de Janeiro, frutas e flores brasileiras etc.

Segundo Ângela Luz (2005, p. 57) o artista, como um anotador de seu tempo, registra diferentes assuntos que documentam o ensino da arte, a sociedade, hábitos e profissões, escravos e nobres. Suas aquarelas tornam-se o testemunho do dia a dia na vida do Rio de Janeiro à época da Missão Francesa.

Taunay, analisando a obra de Debret, afirma que:

O texto é sempre interessante, embora contenha diversos deslises serios e, frequentemente, falsas apreciações acerca de factos e acontecimentos. Quer parecer-nos que Debret, escrevendo em época já afastada dos successos que relatara, recorreu muitas vezes - e unicamente - à memoria [...] Não há obra que se compare ao *Voyage pittoresque et historique au Brésil* para o estudo da região fluminense, ao começar o seculo 19, recheada de documentos humanos da maxima valia (TAUNAY, 1911, p. 171-2).

Curiosamente, estes volumes só foram adquiridos pela Academia durante a gestão de Tolentino, 1874 a 1889, segundo nota fiscal, sem data, assinada pelo diretor. Os volumes foram adquiridos pela Academia por cento e quarenta mil réis (RIO DE JANEIRO, 451, [18-?]).

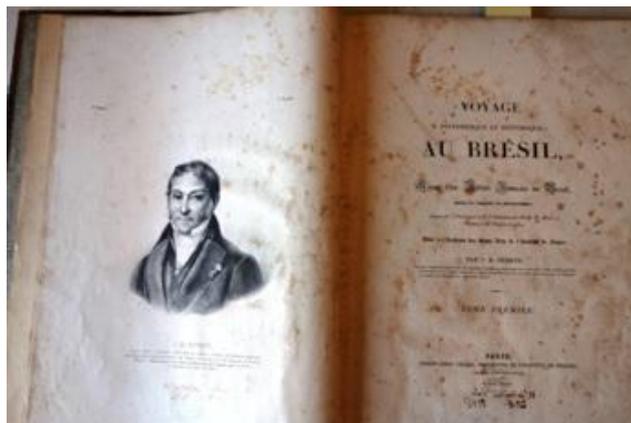


Figura 42: Frontispício e página de rosto do livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean Baptiste Debret, 1834-1839. Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).



Figura 43: Ilustração do livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, de Jean Baptiste Debret, 1834-1839. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

Essa imagem diz respeito aos Goyaycours que ocuparam o Brasil, perto da fronteira com o Uruguai. Eles eram conhecidos como guardiões e comerciantes de todos os tipos de gado e hábeis em domar cavalos selvagens. As mulheres eram famosas por tecelagens de algodão.

Os alunos da Academia precisavam passar narrativa para a imagem, pois as pinturas desse período são realistas. "Eles necessitavam de leitura e, ao se utilizarem da Biblioteca da AIBA, adquiriam o conhecimento e o repertório visual necessário para saber como os grandes artistas, tanto antigos, como depois do Renascimento resolveram o problema, trataram desse tema" (PEREIRA, 2014).

O modelo de artista requerido demandava o domínio das principais matérias das artes liberais, os números e formas da aritmética e da geometria, os princípios da poética e da retórica para instruí-lo no âmbito das narrativas da pintura histórica (GOMES JUNIOR, 2008). Esse domínio se revelaria de extrema importância quando estabelecidos os Prêmios de Viagens criados em 1845, oficializados pelo então diretor, Felix Emilio Taunay. Esse possibilitava a ida de alunos brasileiros a Roma e a Paris com o objetivo de aperfeiçoamento na formação do corpo docente. Esse era o prêmio mais valioso dos concedidos na Academia Imperial de Belas Artes. Com a ida à Europa o aluno poderia conhecer museus e monumentos inexistentes no Brasil do início do século XIX. O aluno da Academia, que desejasse tornar-se pensionista do Estado, devia inscrever-se no concurso para o Prêmio de Viagem, também chamado de Prêmio de Primeira Ordem (CAVALCANTI, 2001-2002, p. 70). A prova do concurso do Prêmio de Viagem era realizada por sorteio de temas propostos pelo júri e abrangiam temas variados sobre a História do Brasil, ou representando personagens brasileiros, temas religiosos, de referência à antiguidade clássica e os nus. Esses alunos vencedores tinham seus estudos custeados pelo Estado, na Europa. A permanência no estrangeiro ficava fixada em seis anos para o pintor histórico, escultor ou arquiteto, e em quatro anos para o gravador ou paisagista (BRASIL, 1855).

A razão para o Estado intervir na educação prendia-se ao fato de a educação ser entendida como um bem coletivo, que possibilitava a criação de condições mais favoráveis ao progresso econômico, por meio da qualificação da mão-de-obra. Assim, a intervenção do Estado na cultura cruzava-se com a missão de “educar” e civilizar os indivíduos. [...] foi um período historicamente marcado pela criação de bibliotecas e museus públicos, arquivos e gabinetes de leitura abertos aos cidadãos (PRIMO, 2006, p.8).

Acompanhando essas premissas a Academia de Belas Artes no Brasil foi estruturada de modo a atender às necessidades mais exigentes, no que se refere ao material de apoio ao ensino. Destacam-se: a coleção de quadros trazidas no veleiro Calphe por Lebreton, a coleção de pintura e a biblioteca, trazidas por D. João VI, quando a Corte se transferiu para o Brasil (FERNANDES, 1996, p.151).

Em 1851, a Pintura Histórica era a mais importante disciplina na Academia. Tanto professores quanto os alunos precisavam cumprir exigências para ministrá-la, no caso dos professores e para frequentá-las, no caso dos alunos. O Ofício 5596, desse mesmo ano, se refere ao Requerimento do Professor João Maximiano Mafra, que desejava obter a cadeira de Professor-Substituto de Pintura Histórica e que se encontrava vaga. Nele constatamos o que era exigido para que pudessem assumir esta cadeira na Academia.

Diz João Maximiano Mafra, Cidadão Brasileiro, formado em Pintura-Histórica pela Academia Imperial das Bellas-Artes do Rio de Janeiro, e por ella premiado diversas vezes, como mostra pelos documentos juntos, conhecendo perfeitamente as linguas franceza e ingleza, e possuindo cabal conhecimento da história antiga e moderna, e da mythologia, que, desejando obter a cadeira de Professôr-Substituto de Pintura-Historica da referida Academia [...] (RIO DE JANEIRO, 5596, 1851).

No caso dos alunos, segundo Fernandes (2001-2002, p. 19) o bom aproveitamento nas disciplinas do curso básico era a primeira condição para frequentar essas aulas consideradas muito importantes, sendo destinadas aos melhores alunos da AIBA. Os alunos deveriam, nessa aula, pintar cabeças, troncos e o corpo inteiro, roupagens e composição de assuntos históricos. Somente frequentavam a aula de pintura histórica, quando dominavam o desenho da figura humana.

Verificamos dois trabalhos significativos que tomam como base o catálogo elaborado por Taunay, *Elementos do Catálogo da Biblioteca*, 1846. Estes são: o artigo da professora Sonia Gomes Pereira, *A influência da tratadística europeia na arte brasileira: o caso da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro*, e o artigo de Guilherme Simões Gomes Júnior, intitulado *Biblioteca de arte. Circulação internacional de modelos de formação*, onde o autor analisa o acervo dividindo-o por áreas, de acordo com as divisões do ensino: Arquitetura, Pintura e Escultura.

Pereira avalia a ênfase que era dada ao ensino artístico na época da formação do acervo da Biblioteca abordando "a importância da matriz italiana no pensamento artístico da Academia carioca, apesar da forte presença de professores franceses na primeira metade do século XIX" (PEREIRA, 2011). A autora divide o acervo em quatro temas que se referem à: Cultura clássica antiga e à arte italiana do Renascimento; Cultura francesa; Portugal e Espanha; e Brasil, enquadrando os livros em temáticas genéricas, mas que são de interesse especial para a compreensão da importância da leitura e do manuseio destes livros, em grande parte ilustrados, na prática dos professores e na formação dos alunos. Pereira esclarece que, do ponto de vista da edição, é constituído por 26 edições italianas, 48 francesas, 1 inglesa, 1 espanhola, 1 portuguesa e 7 brasileiras. Quanto à temática, constata que 38 obras tratam da cultura clássica antiga e à arte italiana do Renascimento, 35 referem-se à cultura francesa, 3 sobre arte espanhola, 1 de retratos históricos de Portugal e 7 referem-se ao Brasil com temática muito variada. Pereira (2011) ressalta, ainda, que a preocupação da Academia era integrar o jovem artista no conhecimento mais amplo da cultura ocidental, e não apenas das técnicas artísticas. Explica que essa afirmação fica evidente ao analisar o acervo da

Biblioteca, principalmente o que diz respeito à cultura francesa. A autora esclarece que, devido à diferente natureza do Brasil, em comparação com a natureza da Europa, há uma dificuldade de valorizá-la. Os estrangeiros, viajantes e/ou naturalistas, sentiam a necessidade de registrá-la, assim como retratar o homem comum, “visto de um lado, pelo ângulo do exotismo e do pitoresco ou, por outro lado, através do interesse científico” (PEREIRA, 2011). As obras como a *Flora fluminensis e Rio de Janeiro pitoresco*, por L. Buvelot et A. Moreau, editados no Rio de Janeiro por firmas de estrangeiros estabelecidos no Brasil, são exemplos emblemáticos.

Gomes Junior (2008) ao abordar a parte do acervo que diz respeito à arquitetura, afirma que essa cadeira era complementada pelas matérias que faziam parte da formação geral do artista. O autor assumiu que, para a formação do arquiteto, havia uma miscelânea de livros que poderiam ser classificados em três grupos: os dogmáticos⁶⁰, os técnicos e os de exemplares (GOMES JUNIOR, 2008 apud MALTA, 2011). Dentre estes citamos: *I cinque ordini d'architecture*, de Giacomo Barozzi Vignola [s.d.]⁶¹; a obra em três volumes, *Principii di architettura civile*, de Francesco Milizia [s.d.]⁶², 1823; *Des principes de l'architecture, de la sculpture et de la peinture et d'autres arts qui em dépendente avec um dictionaire des termes propes à chacun de ces arts*, de Félibien, 1697⁶³; e *Nuovo corso d'architettura civile dedotta dai migliori monumenti greci, romani, e italiani del cinquecento*, de Antonio Ginesi, 1835⁶⁴. No grupo de livros técnicos, Gomes Junior (2008), afirma que se encontram alguns muito úteis: *Traité sur l'art de la charpente, théorique et pratique*, de J. Ch. Krafft [s.d.]⁶⁵, que aborda obras técnicas sobre estruturas de madeira, teatros e construções militares (PEREIRA, 2010), carpintaria de telhados, desde as formas mais simples às mais sofisticadas; *Architectonographie des théâtres de Paris ou parallèle historique et critique de ces édifices consideres sous le rapport de l'architecture et de la décoration*, de Donnet et Orgiazzi, 1837⁶⁶; e *Architecture de Bullet, ou le nouveau Bullet de la ville et des campagnes*, 1831⁶⁷, em seu subtítulo: “Obra indispensável aos arquitetos, mestres de obras, empreiteiros, aparelhadores, verificadores, agrimensores, operários, e para a verificação dos trabalhos dos

⁶⁰ Aqueles que sistematizavam conhecimentos antigos, que eram a base da formação neoclássica, e tinham em seu centro a teoria das ordens arquitetônicas (GOMES JUNIOR, 2008).

⁶¹ Aquisição com os Fundos da Academia

⁶² Oferecido por Antonio Batista Rocha.

⁶³ Com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: “compras de Henrique José da Silva (espólio)” (PEREIRA, 2010).

⁶⁴ Oferecido pelo Sr. Antonio Batista Rocha.

⁶⁵ Aquisição com os Fundos da Academia. Obra trilingüe em francês, inglês e alemão.

⁶⁶ Oferecido por Joaquim Lopes Cabral.

⁶⁷ Aquisição com os Fundos da Academia.

particulares que mandam construir” (GOMES JUNIOR, 2008). Há livros sobre o passado e a atualidade. Há ainda outro grupo formado por livros de viagem com simples registros e também para seu uso em estudos hidrográficos ou de história natural, livros de biografias de arquitetos, tratados de anatomia e perspectiva, tratados teóricos de Félibien, que é "exemplar do pensamento da Academia Real de Arquitetura de Paris" (PEREIRA, 2011).

Há também uma obra sobre arquitetura francesa recente (PEREIRA, 2010) comprovando assim, que a Biblioteca era uma Biblioteca atualizada. Considerando que os professores eram os grandes doadores e que procuravam estar atualizados, era natural que as obras doadas por eles fossem obras em pleno uso no ensino de artes.

Segundo PEREIRA (2010), a Biblioteca possuía alguns importantes registros da arquitetura italiana: *Percier et Fontaine. Palais, maisons et autres édifices modernes*, 1798⁶⁸; *Architecture Toscane*, de Grandjean de Montigny, 1815⁶⁹; *Monuments et ouvrages d'art antique restitués*, etc...., de Quatremère de Quincy, 1839⁷⁰. “Pode-se dizer que fazem parte de um significativo conjunto dedicado a imagens italianas, certamente a região do mundo mais bem documentada na biblioteca [...] estas obras são classificadas como livros de exemplos" (GOMES JUNIOR, 2008). O motivo de tanta informação sobre a Itália é esclarecido por Pereira (2014):

O artista que desejasse alcançar seu mais alto nível não poderia deixar de estudar na Itália. O grande referencial, até chegar à arte moderna, é a Itália. Mesmo na França do século XIX, como maior país do mundo culturalmente, os franceses tinham uma reverência para com a Itália muito grande, já que ela representava as raízes de tudo que eles acreditavam na época. De um lado existia a antiguidade clássica, porque à Grécia não se podia ir, já que era tomada pelos Turcos, só após a Independência. Sendo assim, todos os grandes artistas não conheciam a Grécia, só conheciam a antiguidade indo à Itália, Roma. Havia também a veneração pelos grandes artistas como Rafael, Leonardo, etc. A Itália tem uns três ou quatro séculos de produção que é uma coisa inacreditável, juntando século XIV, XV, XVI e XVII observamos uma produção avassaladora, de pintura e escultura, mais a pintura, que é como se tivéssemos revivido a antiguidade. Aqui eles sempre tiveram essa consciência que lá na Itália eles viveram um momento privilegiado. Isto não é só para os franceses, mas para toda a Europa. Não se formava um artista sem que ele fosse à Itália. Tinham que ir à Itália para ter conhecimento. Eu já encontrei um texto em que os franceses, no século XIX dizem assim: 'Nós somos os herdeiros'. Eles se achavam o máximo, mas se colocam como herdeiros. A arte italiana a partir do século XVIII, perde bastante daquele ímpeto, daquela generosidade. Os próprios italianos sentem isso. Assim os franceses dizem: 'A luz de lá se apagou, agora ela brilha aqui'. É uma genealogia. (PEREIRA, 2014).

⁶⁸ Oferecido por F. E.Taunay.

⁶⁹ Transferido da Biblioteca Pública.

⁷⁰ Aquisição com os Fundos da Academia.

De acordo com Gomes Junior (2008), dos livros orientados para a formação do arquiteto, citamos também: *Remarques sur l'architecture des Anciens*, de Winckelmann, e *Histoire de la vie et des ouvrages des plus célèbres architectes du XI^e siècle jusqu'à la fin du XVIII^e*⁷¹, 1835, de Quatremère de Quincy, obras de caráter histórico que se complementam e que também se adequam ao grupo de obras de exemplos, já que apresentam inúmeras reproduções de esculturas antigas e modernas. A primeira trata dos estilos antigos e a segunda faz a biografia dos arquitetos *modernos* mais importantes desde Buschetto, do século XI, até Soufflot, autor do projeto da igreja de Sainte-Généviève, obra que o próprio Quatremère de Quincy adaptou transformando-a no Panthéon, depois da Revolução de 1789.

A cadeira de arquitetura também obedecia à tradição francesa que a incluía entre os cursos ministrados pelas Academias de Belas Artes. Porém, o grande desenvolvimento da área gerou a necessidade de serem criadas escolas especializadas para o seu estudo quebrando assim, como mencionamos, a tradição francesa (PINHEIRO, 1950, p. 11). Para a arquitetura havia duas etapas divididas em teóricas e práticas. Na teoria: História da arquitetura através de estudo dos antigos; Construção e perspectiva; Estereotomia⁷². Na prática: Desenho; Cópia de modelos e estudo de dimensões; Composição (LEBRETON, 1959).

Na Reforma de 1890, o ensino torna-se mais descentralizado e o curso de Arquitetura mais eficiente e importante (LUZ, 1999, p. 80).

No estudo de Gomes Junior (2008), o autor sugere que na parte dedicada ao desenho, alguns títulos devem ser destacados, sobressaindo os tratados de perspectiva: *Direzioni de la prospettiva teórica*, 1753 de Bibiena⁷³, *Traité de perspective linéaire à l'usage des artistes*, 1823, de Charles Cloquet⁷⁴, volume um e dois do livro intitulado *Perspectiva pictorum, et architectorum*, de Putei⁷⁵, 1737, 1741, *Éléments de perspective pratique à l'usage des artistes*, de Pierre-Henri Valenciènes, 1820⁷⁶, *Elementi di prospettiva secondo li principii di Brook Taylor, con varie aggiunte spettanti all'ottica e alla geometria, de François Jacquier*, [s.d.]⁷⁷, que segundo Pereira (2011), era um livro de pintura que continha tratados de perspectiva.

⁷¹ Oferecido por M. Araújo Porto-alegre.

⁷² Matéria muito em foco, por ser extraordinariamente prática na época.

⁷³ Com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: “Compras de Henrique José da Silva (espólio)” (PEREIRA, 2010).

⁷⁴ Oferecido por F. E. Taunay.

⁷⁵ Ambos transferidos da Biblioteca Pública.

⁷⁶ Oferecido por F. E. Taunay.

⁷⁷ Aquisição com os Fundos da Academia.

Na parte dedicada à pintura, Gomes Junior (2008) destaca os livros: *Des principes de l'architecture, de la sculpture et de la peinture*, de Félibien, 1697⁷⁸, este servia a todas as áreas, um tratado teórico e dois tomos do *El museo pictórico y la escala óptica, con noticias, elogios e vidas de los pintores y scultores eminentes Españoles*, de A. Palomino de Castro y Velasco, 1724, cujo primeiro tomo intitula-se: *Theoria de la pintura, en que se describe su origen, essencia, especies, y qualidades*, o segundo: *prática de la pintura, en que se retrata el modo de pintar à el olio, temple, y fresco*. Segundo o autor, estes dois livros são compêndios dos saberes acadêmicos sobre as artes do desenho. Para Pereira (2011):

É interessante observar que a presença na Biblioteca da Academia de obras sobre arte espanhola, já na primeira metade do século XIX, parece ter influenciado muito pouco a prática dos artistas, pois não encontramos nos exercícios escolares desta época nenhuma cópia de mestres espanhóis, que só serão realizadas na segunda metade do século (PEREIRA, 2011).

Dentre os livros sobre pintura existem importantes tratados de perspectiva e anatomia, motivos pitorescos e indumentária, obras sobre a vida de artistas, obras gerais, especialmente com retratos de artistas e obras de Museus da França. “A historiografia da arte brasileira tem enfatizado a predominância da pintura histórica e do retrato em grande parte do século XIX, em contraste com o menor número de paisagens e naturezas-mortas” (PEREIRA, 2011).

Os livros dedicados à escultura formam um magnífico conjunto de publicações, que compreendiam os maiores tesouros da arte antiga e moderna. Gomes Junior (2008) avalia que o acervo nessa área do conhecimento é muito rico na parte dogmática e nos exemplos, porém muito limitado no que diz respeito à técnica. “O único livro que contém ensinamentos técnicos relativos à arte de esculpir é *Due trattati di Benvenuto Cellini*, [s.d.]⁷⁹, obra já bastante antiga, que havia sido reeditada em 1811, com uma parte dedicada à ourivesaria” (GOMES JUNIOR, 2008), e que segundo Pereira (2010) é uma obra sobre anatomia do corpo humano. O motivo de haver poucos livros teóricos na Biblioteca se deve ao fato de que naquela época o aprendizado era, em maior parte, pela prática, nas oficinas. “Não havia sido publicado quase nada na teoria” (PEREIRA, 2014).

Quanto aos livros dogmáticos citados por Gomes Junior (2008), destacamos o *Le Musée Français recueil complet des tableaux, statues et bas-reliefs qui composent la Collection Nationale*, e que “apresenta as mais preciosas esculturas que haviam sido trazidas

⁷⁸ No *Elementos do catálogo da Biblioteca*, com a observação manuscrita feita pelo Prof. Alfredo Galvão: “compras de Henrique José da Silva (espólio)” (PEREIRA, 2010).

⁷⁹ Aquisição com os Fundos da Academia.

para Paris depois das vitórias dos exércitos de Napoleão e que enriqueceram a já significativa coleção de esculturas presentes no Louvre" (GOMES JUNIOR, 2008).

As obras de Winckelmann, intituladas *Histoire de l'art chez les anciens*, que se completa com duas outras fartamente ilustradas: *Ricerche sopra um apolline dele villa dell'eminentissimo sig. Cardinale Alessandro Albani*, do padre Stefano Raffei e o suplemento *Monumenti antichi inediti*, dele mesmo, é dedicada à escultura antiga, possui dois volumes em formato infólio, bem didática, contendo textos explicativos, sete dissertações acompanhadas das reproduções das obras analisadas, um tratado e 208 reproduções de frisos, baixos relevos, vasos e estátuas gravadas (GOMES JUNIOR, 2008).

Segundo Pereira (2011) na Biblioteca as obras sobre anatomia do corpo humano, tratados, coleções de esculturas dos museus romanos e obras de Thorwaldsen, livros de viagem da Grécia antiga e Itália mais recente, coleção sobre a história romana, escultura de Versalles, pintura e escultura de ornamentos eram muito proveitosos para o ensino.

Pereira (2011) observa que no acervo da Biblioteca da AIBA havia uma obra sobre gravura e duas sobre medalhística, que atendiam ao curso de medalhística, devido certamente à presença do escultor Zeferino Ferrez, que também trabalhava na Casa da Moeda, já que no projeto inicial da Academia esse curso não constava. Quanto ao curso de gravura, não chegou a ser implantado, mesmo sendo previsto no plano inicial da Academia, em parte devido ao regresso do gravador Charles Pradier à França em 1818.

Há apenas um livro de literatura, traduzido para o português em edição brasileira: *Tancredo de Voltaire*, traduzido em versos pelo Sr. Odorico Mendes. Publicado no Rio de Janeiro, na Laemmert em 1839. Este livro foi oferecido à Biblioteca da AIBA por Taunay. Há ainda algumas obras de filosofia, história, geografia e história natural, e somente um sobre indústria intitulado *Discours sur l'industrie*, de 1825.

De acordo com Pereira (2011), ao analisarmos este conjunto de livros sobre a cultura francesa, ficam evidentes alguns tópicos:

Um primeiro aspecto aparece na comparação entre os grupos das chamadas Belas Artes – arquitetura, escultura e pintura: é evidente a diferença especialmente entre a arquitetura – mais tradicional, voltada para os exemplos e teorias do passado acadêmico francês –, enquanto, na pintura, já está aparente o interesse pela arte do momento, isto é, do início do século XIX, chamada, inclusive, de escola moderna – que, pelas datas das edições (1801 e 1831), correspondia certamente ao neoclassicismo e ao romantismo. Esta mesma relação pode ser feita na produção artística produzida pela Academia carioca na época. Enquanto a arquitetura, liderada pelo professor Grandjean de Montigny, segue um neoclassicismo estrito, os pintores mais rapidamente atuaram num campo mais complexo em que soluções

neoclássicas e românticas se alternam: isto é evidente na obra dos franceses Debret e Nicolas Taunay, assim como nos alunos brasileiros, como Manuel de Araujo Porto-alegre.

Esta afirmação enfatiza o fato da Biblioteca da AIBA ser atualizada contendo o que havia de mais moderno no momento.

Em relação ao terceiro aspecto, que Pereira (2011) aborda sobre a cultura francesa, verificamos a presença de livros de temáticas variadas: livros de viagens, literatura, filosofia, história, geografia, história natural, evidenciando a preocupação da Academia em não apenas dar uma formação técnica, mas sim integrar o jovem artista no conhecimento mais amplo da cultura ocidental, conforme já mencionamos anteriormente. Pereira afirma que a Academia estaria cumprindo o papel próprio de uma academia, e não, de uma simples oficina:

A academia não ia ensinar ninguém a desenhar, nem esculpir nem pintar, isso as oficinas faziam. A academia discutia arte, o que era o belo, quais eram os modelos antigos: gregos ou romanos? A Academia existia para fazer discussões teóricas sobre arte e ensinar o desenho porque achavam que se dessem um reforço nos desenhos o trabalho das oficinas melhoraria muito, para isso formavam as coleções de moldagens, que era para as pessoas verem e copiarem, a Academia Italiana e todas as outras que se seguiram tinham esse objetivo muito direto na formação do artista para melhorar a arte. (PEREIRA, 2014).

Denise Gonçalves (2010), em artigo que analisa o conjunto de livros de arquitetura da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ (EBAOR), antiga AIBA, assinala a amplitude dos temas e tipos de publicação, utilizados no ensino da Arquitetura: teoria, arqueologia, história antiga e moderna, ornamentação, arquitetura e construção, ensino de arquitetura, desenho, geometria e matemática, arquitetura contemporânea de várias tendências e de localidades diversas, cidades antigas e modernas. Todos esses assuntos se encontram reunidos em obras de vários tipos: livros tradicionais, como os tratados italianos de Alberti, Palladio e Vignola, assim como os *recueils* (inventários) setecentistas de monumentos da Antiguidade, são acrescidos de novos formatos (GONÇALVES, 2010), considerando ainda que essas obras de modelos para o ensino da Academia, atualmente, permitem:

[...] entrever a orientação dada pela instituição ao ensino das artes no período, quanto da própria produção arquitetônica oitocentista que se encontra amplamente documentada em seus principais aspectos [...]. Seu estudo pode contribuir tanto para a compreensão da orientação do ensino propriamente dito como para a discussão mais ampla sobre modelos

culturais, aspecto fundamental de nossa produção artística no período (GONÇALVES, 2010).

Gomes Junior (2008) complementa que há uma adequação bastante razoável entre o conjunto de livros dedicados à arquitetura e o que era previsto para seu ensino nos estatutos, uma orientação neoclássica impressa ao ensino. A citação referente aos preceitos metodológicos relativos aos estudos que se refere à arquitetura corrobora com essa afirmação:

O estudo da arquitetura, ou da ciência da arte de edificar, segundo as regras e proporções determinadas, será teórico e prático. O professor ensinará cronologicamente a mudança de gostos e estilos que tem experimentado a arquitetura, desde a sua mais antiga origem até o seu estado florescente, tendo sempre em vista o conhecimento dos diversos modos de arquitetura adotados pelos gregos e romanos dos quais vários mestres dos séculos XV e XVI a exemplo de Vitrúvio, e, segundo a doutrina, compuseram as diferentes ordens de arquitetura; mas, para evitar todo sistema a este respeito, fará conhecer donde ele as tem coligido, dando somente aos discípulos exemplos extraídos dos monumentos existentes na Grécia e na Itália, e as cinco ordens de arquitetura de Vignola. Passar-se-á depois à aplicação destes diferentes modos às partes dos edifícios, seguindo-se o estudo da construção considerada debaixo de todas as suas relações, isto é, das partes que pertencem à composição, proporção e decoração dos edifícios em geral; e por isso é de grande importância que os discípulos da classe de arquitetura se apliquem ao desenho de figura e ornatos, para se dirigirem com boa escolha na parte decorativa de suas composições. Destes conhecimentos reunidos à teoria desta arte resulta o bom gosto de arquitetura, observando sempre as regras do referido Vignola (MORALES DE LOS RIOS, 1942, P. 92-93).

Considerando a função da Biblioteca como fonte de modelos para o aprendizado dos alunos, Uzeda (2000, p. 218) afirma que pelo conteúdo das publicações sobre arquitetura compradas pela instituição em meados do século XIX, mais precisamente a partir de 1875: *Histoire de la décoration russe; Arts Arabes; Architecture des Nations Étrangères; Monuments de la Perse; Toscane Moyen Age; Sculpture Gothiques*, conforme Nota Fiscal da editora francesa V. A. Morel et Cie. É evidente uma tendência ao “relaxamento dos rígidos padrões clássicos implantados pela Missão [...] ainda que para ilustrar as aulas de História da Arte, a Academia brasileira abria espaço a outras referências que não a clássica, fornecendo material para que seus alunos interpretassem outras ideias arquitetônicas”.

LIBRAIRIE CENTRALE D'ARCHITECTURE		
V. A. MOREL ET C ^o . LIBRAIRES-EDITEURS		
13, rue Bonaparte, 13		
Paris le 4 ^e Décembre 1875		
Pour M ^r l'Académie des beaux arts		
1	dictionnaire d'architecture	10 vol 350 "
1	dictionnaire de sculpture	5 " 325 "
1	Encyclopédie d'architecture 2 ^e ed	5 " 174 "
1	Encyclopédie "	14 ^e 12 " 600 "
1	habitations modernes	1 " 145 "
1	art pour tous 18 années	2 " 550 "
1	imitation de marbre	1 " 110 "
1	imitation de bois	1 " 110 "
1	architecture romaine	3 " 585 "
1	collection Basileusky	2 " 560 "
1	histoire de l'art industriel	3 " 250 "
1	histoire de la décoration russe	2 " 540 "
1	art arabe	1 " 270 "
1	architecture du Japon échange	1 " 140 "
1	gazette de l'architecture	7 " 280 "
1	Eglises bourgs et villages	2 " 175 "
1	architecture communiale	2 " 175 "
1	monument de la pierre	1 " 220 "
1	Galilhabaud	4 " 580 "
1	Palais et Châteaux de France	4 " 585 "
1	ornement de marbre	1 " 210 "
		70 vol 6,294 "

1	palais de commune	report 70 vol 6,294 "
1	hôtel de ville de Lyon	1 " 170 "
1	St. Chapelle	1 " 220 "
1	Chapelle de Notre Dame	1 " 70 "
1	tombeaux moyen âge	2 " 265 "
1	palais de l'Institut de France	2 " 270 "
1	monument funéraire	1 " 120 "
1	Adam. Sculpture gothique	2 " 205 "
1	marbre	1 " 120 "
1	motifs de décoration	1 " 120 "
1	Jean Fouquet	2 " 285 "
		85 vol 8,814 "
plus 5% remise droit de frais		440 "
		total - 9,254 "

Ouvrages à leur disposition à la bibliothèque de l'Académie des beaux arts avec facilité de paiement jusqu'à la fin décembre de l'année 1875
 Rio Janeiro le 4^e Dec. 1875
 — D. Charney
 4 rue Douvador —

7 Recibo em duas páginas dos livros recomendados à Libreria Central d'Architecture pela Academia de Belas Artes em 1875.
 Fonte: Arquivo Nacional, RJ — arquivado na SDE: anotação IE¹ - Pasta DC1-2DC

Figura 44: Recibo de compra de Livros da A. Morel, 1875. Fonte: UZEDA, H. C. O ensino de arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro: 1826-1889, 2000, p. 219. Fotografia da autora (2015).

Ainda segundo Uzeda:

Em 1875, época em que a compra dos livros franceses foi efetuada pela Academia, a tentativa de quebra do monopólio clássico dentro do curso de arquitetura francês já fora derrotada havia uma década. Na *École*, o tradicional sistema acadêmico francês baseado no neoclassicismo retomava com vigor, atraindo estudantes de várias partes do mundo, inclusive do Brasil. Entretanto, o grande desenvolvimento da técnica de impressão na Europa nesse período ajudaria a divulgação dos estilos historicistas e regionais, que viajariam o mundo através de inúmeras publicações com desenhos e explicações sobre projetos das mais variadas referências, que respondiam ao interesse dos arquitetos por novos modelos de arquitetura (UZEDA, 2000, f. 218).

Desde o início da Academia, precisamente em 1831, o ensino da AIBA buscava conteúdo científico para a cadeira de Anatomia para a representação do corpo humano e algumas mudanças foram realizadas na grade curricular. A Osteologia, Miologia e Fisiologia das Paixões e aula de Desenho de Modelo Vivo começaram a fazer parte do currículo. Eram matérias voltadas às ciências naturais (ALFREDO, CERQUEIRA, FRÓES, 2013, p.244). O estudo da anatomia com base científica, através de dissecações de cadáveres, foi iniciado pelos gregos (500 a.C.). A difusão dos livros foi beneficiada, posteriormente à invenção da

impressa, com a reprodução em série de livros e o aperfeiçoamento da gravura por meio das ilustrações e dos conhecimentos sobre anatomia, o que facilitaria os estudos aos artistas plásticos. Os artistas necessitavam de estudos mais profundos das formas musculares. Segundo Barreto (1960) "na AIBA a introdução dessa ciência veio tarde, não obstante já ter tido artistas de reais valores". Era imprescindível que as aulas de anatomia fossem oferecidas por médicos. A falta destes no rol de professores que se candidataram a ministrar a disciplina Osteologia, Miologia e Fisiologia das Paixões foi uma das causas dessa demora. Ponderando que sua abertura se deu em 1826 e que em 1837 foi o ano do estabelecimento desse curso na Academia, notamos que, para início do século XIX, este período foi razoável. Foi então nomeado como professor o Dr. Joaquim Candido Soares de Meirelles, médico (BARRETO, 1960, p.104-105).

Diversos infólios que fazem parte do acervo da Biblioteca, referentes a esses temas, comprovam essa afirmação. Dentre esses livros voltados para o científico e que fazem parte do acervo da Biblioteca da Academia, mencionamos alguns de fundamental importância: *Pittore e geômetra chiarissimo dela simmetria de i corpi humani*, 1591; *The anatomy of painting*, 1769; *Iconum anatomic*, 1802; *Anatomie du gladiator*, 1812; *Anatomie elementare*, 1842.

Pereira (2011) afirma que a temática voltada para o classicismo antigo e renascentista italiano é demonstrado através dos importantes tratados técnicos e teóricos. O livro *Études des Passions appliquées aux Beaux-Arts*, utilizado na disciplina Fisiologia das Paixões, é um exemplo. Livros desse tipo eram muito importantes na arte figurativa,

[...] pois como o artista iria narrar uma história que se desenvolve temporalmente, no espaço estático da escultura e da pintura? Como passar ao espectador o clima emocional que envolve a história através de um meio artístico que só conta com a modelagem do volume, num caso, e a pintura num plano bidimensional, no outro caso? (PEREIRA, 2011).

Ainda se referindo ao artista ter a capacidade de transmitir o clima emocional que envolve a história, Pereira, citando Alberti, Sêneca e Baxandall, declara:

Alberti diz que 'O objetivo da pintura é o mesmo da poesia', e Sêneca tem uma frase em que diz: 'Na pintura como na poesia', essa teoria é fundamental. Baxandall, historiador da arte, diz que um pintor em um espaço imóvel, que é a tela, só pode contar um momento da história. É preciso ter muita habilidade para captar esse momento, ainda mais em uma época de analfabetos. Os pintores se beneficiavam muito dos estudos do corpo humano, por meio dos livros de anatomia que existiam no acervo da Academia. Os alunos precisavam estudar os livros, que eram fartamente

ilustrados, e eles gostavam que fossem, pois não conheciam a língua francesa (PEREIRA, 2014).

Pereira (2011) alega que isso só seria possível através da postura corporal, com ênfase especial nas expressões faciais (Figura 45). No acervo da Biblioteca, observamos várias obras com estudos das expressões faciais que representam diferentes sentimentos: dor, alegria, espanto, medo, tristeza, surpresa, indiferença, etc.

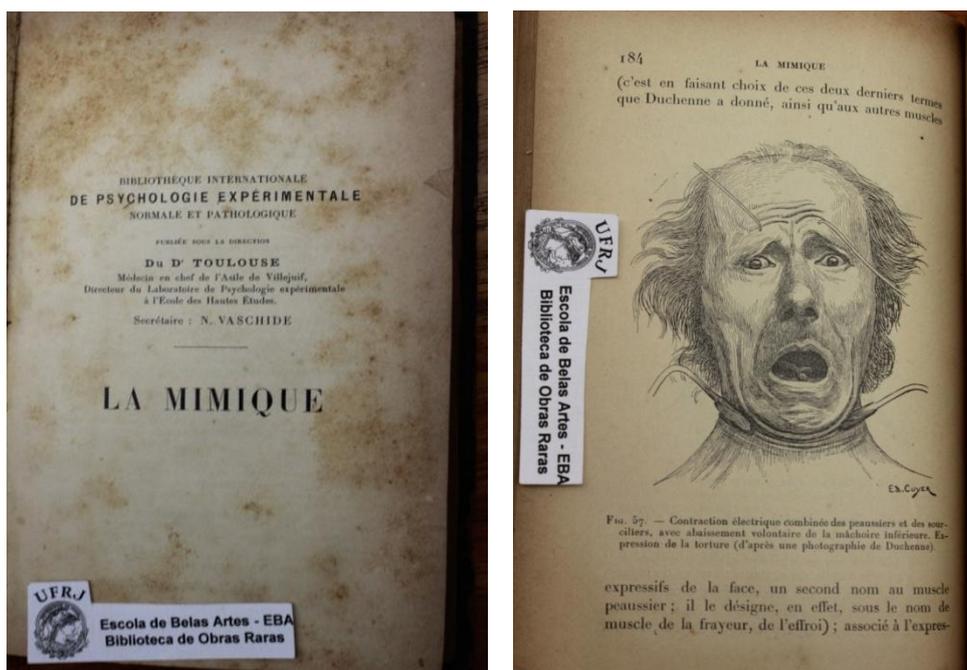


Figura 45: Página de rosto e p. 185 do livro *La mimique*. 1902. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2015).

A imagem da obra acima representa o estudo de expressões utilizando pessoas com paralisia facial. Esse tipo de estudo era comum no século XIX. Por meio de eletrodos, choques eram aplicados em pessoas com esse tipo de problema para a observação da contração dos músculos.

Na obra *Le geste* (Figura 46) a expressão do corpo acompanha o gesto, o discurso da pessoa. A figura representada pela autoridade é um exemplo com sua atitude firme e fisionomia austera retratando o momento em que prende dois delinquentes.

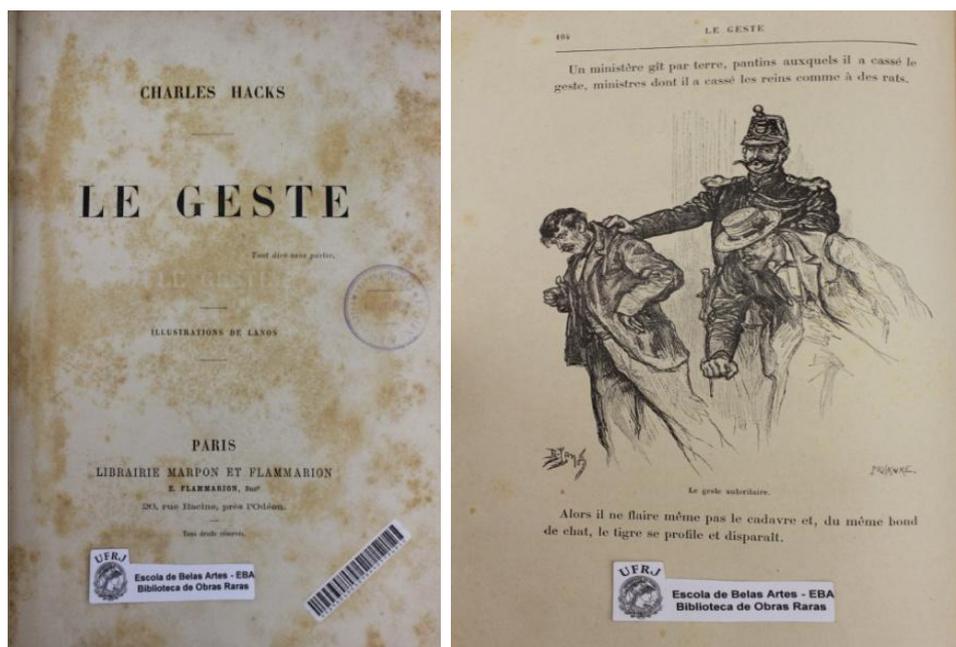


Figura 46: Página de rosto e p. 104 de *Le geste*. [1892] por Charles Hacks. Fonte: Acervo da biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2015).

A obra *Anatomie du gladiateur combattant, applicable aux beaux arts, traité des os des muscles, du mécanisme des mouvements, des proportions et des caractères du corps humain*, de Jean-Galbert Salvage, de 1812, que era amplamente utilizada no ensino na AIBA foi analisada pela professora Dalila dos Santos Cerqueira Pinto (EBA/UFRJ) atualmente adjunta da mesma instituição, ministrando aulas de Desenho anatômico e Desenho artístico. Em seu depoimento, explica: Esse livro refere-se ao estudo de uma estátua clássica, a do Gladiador Combatente. É um tratado que faz os estudos de ossos, músculos, de caracteres do corpo humano e até da pele que o recobre, assim como mecanismos de movimentos e proporções do corpo humano. O livro reúne o texto e as pranchas com as imagens. Apresenta a osteologia, que é o estudo dos ossos de modo bem didático. A segunda parte apresenta a miologia, a parte dos músculos e também descreve cada uma das diversas partes do corpo. A figura do Gladiador está em movimento. Logo em seguida o autor trata do mecanismo desses movimentos. Faz uma associação interessante com dobradiças, movimentos dos cotovelos, das mãos, mostrando o limite do movimento dos braços e das pernas. A professora ressalta que em suas aulas ela chama atenção dos alunos para esse fato: “Até onde o braço ou a perna pode esticar? Quais são os limitadores? Até onde podemos girar o fêmur para fora e para dentro?” Prosseguindo com a explicação a Professora Dalila nos informa que o autor apresenta a relação das proporções do corpo humano, sendo um livro feito para estudos. Contém o corpo do homem, da mulher, da criança, o tamanho dos cânones (8 cabeças), um cânone bem moderno, já utilizado no século XIX. No século XVIII o cânone era de 7 a 7,5

cabeças. No século XXI já é utilizado um cânone de 10 cabeças. Um cânone bem grande. São apresentadas as relações do tamanho desses cânones acrescidos do cabelo, grande testa e a cabeça de um ser normal. O livro faz a diferença entre as proporções dos negros, brancos e deuses. Diferença nítida dos crânios desses três tipos. As quatro idades dos humanos também são exploradas. Esse livro é extremamente didático aplicado às Belas Artes. Foi escrito por um médico. O livro contém anotações a lápis, como se fossem anotações de estudos. Segundo a professora, as gravuras, em talho doce, são extremamente bonitas, pois houve uma preocupação em imprimi-las com um detalhe gracioso, representando os músculos na cor vermelha. Estas aulas de desenho, na época do início da Academia precediam as de pintura. Para pintar um quadro era necessário ter o domínio do desenho, estudar as estátuas gregas e conhecer muito bem a anatomia do corpo humano.



Figura 47: Página de rosto Anatomie du gladiateur combattant..., de Jean-Galbert Salvage, 1812. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).



Figura 48: Ilustração do livro Anatomie du gladiateur combattant... de Jean-Galbert Salvage, 1812, prancha 10. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Foto da autora (2014).

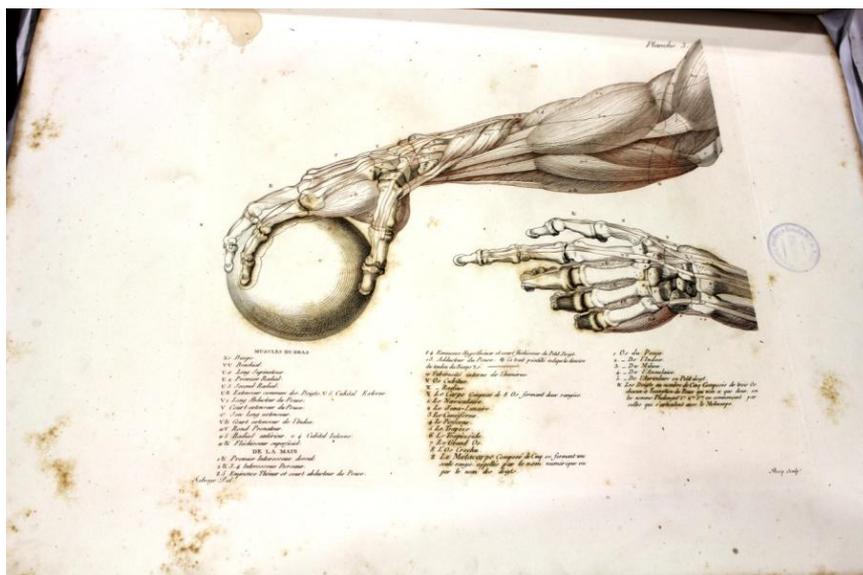


Figura 49: Ilustração do livro *Anatomie du gladiateur combattant...*, de Jean-Galbert Salvage, 1812, prancha 3. Fonte: Acervo da Biblioteca de Obras Raras da EBA/UFRJ. Fotografia da autora (2014).

De acordo com Pereira (2014), quando se trabalha com o ensino de artes do século XIX, precisamos saber como ele funcionava:

Depois do Impressionismo, o artista ia para o ar livre e observava os fenômenos. A tradição clássica já não era sensorial, não achavam que os sentidos eram bons guias para chegar àquela verdade, é a razão, como Platão dizia. Espontaneidade e sinceridade não eram colocadas na pintura, mesmo quando se pintava paisagem. Pintavam como ela deveria ser, um filtro da idealidade. Esse fato fazia os artistas insistirem nos temas da literatura. Não se podia formar artistas sem biblioteca. Na Europa, ainda existiam os museus, mas no Brasil os livros eram fundamentais. Até meados do século XX não se formava um artista sem esses livros, pois caso contrário, ele não conseguiria se manter. Aprendiam a desenhar, porém o que fazer com essa aprendizagem? Aí entra todo esse repertório, formado pela Biblioteca e Pinacoteca (PEREIRA, 2014).

A disciplina Desenho de Ornatos, criada na Reforma de 1855, abrangia uma grande variedade de ornamentos arquitetônicos e industriais, assim como tudo o que fosse relativo às formas e ornatos da arte da cerâmica, o que seria um começo para que os alunos pudessem dominar trabalhos em madeira, granito, mármore e outros materiais (UZEDA, 2000, f. 167). A importância dessa disciplina é inegável, na medida em que oferecia aos alunos um grande campo de trabalho na ornamentação de edifícios públicos e privados, muitas vezes agradavelmente associada à decoração pictórica. Para tanto, não se tratava de preparar o artesão, mas o artista sensível que trabalharia as superfícies das paredes, considerando-as definidoras de um espaço que deveria ser apreendido da forma mais agradável possível (FERNANDES, 2001-2002).

A biblioteca prossegue exercendo papel fundamental para o apoio ao ensino, comprovando que os responsáveis pela formação do acervo estavam atentos às necessidades dos professores e alunos da Academia. Conforme citação de Homem de Mello, professor de História da Arte, em relatório prestado ao diretor da Academia, em 1897:

Servio de thema as preleções da Cadeira o livro de C. Bayet, Précis D'Histoire de L'Art, obra que se pode dizer um modelo no seu gênero. [...] Devo acrescentar que para o ensino concreto, como tenho procurado acentuar em minhas lições, muito me auxiliaram os excellentes modelos plásticos que possuimos em nossa secção de esculptura, e as preciosas obras que possui a nossa Bibliotheca, entre outras as que são relativas às obras de Phidias de Canova, de Thonvaldsen, ao Gladiador, etc; la Gazete de Beaux-Arts, L'Histoire de Peintres de Toutes Les Ecoles, par Ch. Blanc, verdadeiro monumento da Historia da Arte, e outras (RIO DE JANEIRO, 293, 1897).

A fundação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, uma escola superior de arte, e sua Biblioteca representou um imenso benefício para o Brasil. Sem estas não se haveria dado o incontestável avanço cultural e não se teriam formado os numerosos artistas que tanto contribuíram para a História da Arte no Brasil (MORALES DE LOS RIOS, 1942, p. 54).

A Biblioteca da Academia foi privilegiada, por ter sido constituída em um momento da construção da nação, era uma geração comprometida com a independência. Tanto Felix Emilio Taunay quanto Manuel de Araujo Porto-alegre, que eram intelectuais e homens profundamente atualizados com o que se passava com a Europa, participaram efetivamente desse processo civilizatório e da formação da Biblioteca. Desse modo, trouxeram a cultura europeia para o Brasil através dos livros, possibilitando que a Academia se tornasse eficiente em formar artistas e representar o Brasil por meio da arte.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da biblioteca é a história do registro da informação, sendo impossível destacá-la de um conjunto mais amplo: a própria história do homem (MILANESI, 1984, p. 16).

A Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA), objeto de estudo dessa pesquisa, foi criada em uma época de intensa prosperidade cultural, em que o governo português realizou missões científicas e criou, no Brasil, várias instituições culturais, como a Academia Imperial de Belas Artes, Biblioteca Nacional, a construção e funcionamento de um grande teatro, a criação do Jardim Botânico, entre outras instituições.

A formação da AIBA se fazia necessária para atender às demandas do ensino oficial de artes no Brasil. O tema *Processos de formação da Biblioteca da Academia Imperial de Belas Artes (AIBA) – 1834 a 1857* aborda o início do ensino de artes no século XIX que é considerado decisivo para a formação da identidade cultural do País. As particularidades da AIBA e da sua Biblioteca, observadas ao longo da pesquisa e através dos documentos primários, confirmam seu dever histórico e educacional, corroborando com as premissas abordadas nos objetivos traçados.

A iniciativa de D. João VI e demais representantes da Missão Artística Francesa, ao estabelecerem a primeira Academia de Artes no Brasil, objetivava a formação de artistas aptos a emancipar a arte em território brasileiro. Para tal feito, foi preciso constituir um acervo com livros que eram utilizados para o ensino na Academia Francesa no século XIX, já que o modelo de ensino da AIBA, nesse mesmo século, era o francês. Verificou-se que o acervo constituído tornou possível viabilizar o ensino de artes.

A importância proporcionada à Biblioteca foi destacada desde o início do seu planejamento, ocupando o segundo andar superior da sala central. Percebemos que, desde os primórdios da criação da Academia, a Biblioteca já era considerada um lugar estratégico em sua rotina. A sala destinada à Biblioteca era decorada com muita atenção, já que ainda servia para receber o Imperador, ministros, professores e alunos para as solenidades habituais da Academia. Era, portanto, um espaço de sociabilidade. Nas paredes da Biblioteca se encontravam expostas as pinturas realizadas pelos alunos que haviam participado dos concursos durante o ano. Essas exposições temporárias revelam que a Biblioteca contribuía para a difusão da cultura nacional.

Mesmo sem ter uma política de aquisição declarada, os diretores e seus respectivos secretários, sempre à frente da Biblioteca, eram os responsáveis pela seleção e aquisição do

acervo, inclusive realizando práticas biblioteconômicas, como vimos. Eram homens extremamente competentes e experientes, pois haviam exercido cargos de destaque na Europa e também no Brasil. A realização de formação de Comissões de Professores para avaliarem as obras a serem incorporadas ao acervo foi observada desde o início da formação da Biblioteca, apresentando um efeito positivo, já que os professores designados eram profundos conhecedores na área. Os critérios de seleção observados foram influenciados por diversos fatores, tais quais: atualidade e autenticidade da obra, conteúdo didático e valor financeiro. Fica evidente que os diretores e professores, ao selecionarem o acervo, priorizavam o assunto e não o autor, a função do livro como recurso pedagógico era mais visada do que a autoridade. É notório o esforço dos dirigentes da AIBA, no momento das aquisições por compra: analisavam os catálogos oferecidos por livreiros estabelecidos no Brasil e na Europa, preocupando-se em selecionar as obras necessárias, por um menor valor financeiro, sempre que possível. A Academia investiu na aquisição e no incentivo à doação de obras de interesse à formação do artista, formando uma Biblioteca atualizada e competente mesmo para os padrões europeus da época.

Durante a pesquisa notamos diversos fatos indicando que os dirigentes da AIBA assentavam o acervo da Biblioteca como alicerce para o ensino de artes.

Era imprescindível que os mestres e os alunos do Brasil tivessem conhecimento do que se passava na Europa, não só em relação ao ensino de artes, mas de tudo o que lá sucedia. Concluímos que essas informações, que chegavam ao Brasil através de jornais e impressos, e que continham documentos e notícias importantes do que ocorria em diferentes Estados da Europa, contribuíram com a formação da mentalidade, de conduta, ideias e visão de mundo que os alunos, até então, possuíam já que viviam em um Brasil carente de qualquer manifestação artística. Sem estas informações seria impossível constituir um acervo do nível da Biblioteca da AIBA, mantida em constante atualização. Este fato é comprovado quando analisamos os títulos que fazem parte do primeiro catálogo da Biblioteca, *Elementos do Catálogo da Biblioteca*, elaborado por Taunay em 1846, demonstrando que a Biblioteca possuía o que havia de mais moderno para ser utilizado em sala de aula. Ao longo da pesquisa observamos a relevância do acervo e o que esse significou na vida dos alunos atestada nos documentos primários que analisamos, os quais continham os pareceres dos professores referentes às obras da Biblioteca. A magnitude da obra *Le Musée Français*, de 1803, foi observada ao longo da pesquisa pelas diversas citações sobre a mesma. Desde a verificação dos documentos primários, inclusive pelas palavras do Imperador, foi constatado seu valor por sua procedência, utilidade e riqueza de imagens. É uma obra unânime entre os teóricos

das artes que apontam sua importância para o conhecimento artístico e cultural dos alunos da época.

A importância de Felix Emilio Taunay e Manuel de Araujo Porto-alegre se destaca em todo o processo de formação da Biblioteca, sendo eles os responsáveis pela composição do acervo-base, norteando os futuros dirigentes da AIB a darem prosseguimento aos serviços de seleção e aquisição. O interesse e a capacidade administrativa desses dois dirigentes foram fatores que contribuíram para a formação de um acervo útil e eficaz na formação do artista. O modelo de ensino utilizado pela Academia trouxe resultados tão eficientes que modificou toda uma geração de artistas. As aulas ministradas pelos grandes mestres que formaram a primeira geração de artistas e que tinham como material de apoio o seleto acervo da Biblioteca, foram fundamentais para o sucesso profissional desses artistas. Ao terem contato com as obras didáticas da Biblioteca tiveram suas trajetórias de vida afetadas de forma positiva. Superaram seus limites, como a pobreza e a falta do conhecimento de outras línguas, principalmente a francesa, tornando-se artistas de renome e mestres na própria AIBA. O legado desses mestres formados pela Academia aos seus discípulos deixou um lastro para toda uma sociedade. Fica evidente que o acervo contribuiu para a formação dos artistas que desenvolveram técnicas e habilidades na AIBA. Ao abordarmos a história da Biblioteca da Academia, por consequência, temos a visão de uma parte da própria história do Brasil.

A divisão do acervo em 1937, com o recém-criado Museu Nacional de Belas Artes, foi mais um dos acervos que por ordens do governo, nesse período, foi desmembrado resultando na ruptura desse conjunto.

Sem dúvida o comprometimento nesse objetivo não teria sido o mesmo sem o auxílio oferecido pelo acervo das obras formadoras da Biblioteca da AIBA, hoje pertencentes à Biblioteca de Obras Raras da Escola de Belas Artes (EBAOR), que atualmente, como uma biblioteca de âmbito universitário, possui a missão de prover infraestrutura bibliográfica, documental e informacional para apoiar as atividades acadêmicas.

A EBAOR busca focar seus objetivos nas necessidades de informação do corpo docente e discente. Como suporte à produção de conhecimento, tem assumido uma política de preservação do acervo histórico-cultural e, por meio desta documentação, auxiliar em pesquisas que tragam benefícios para o futuro, reconstruindo o registro da história do ensino de artes no Brasil, servindo como fonte de informação, possibilitando a geração e a criação de novas informações. As obras contidas no acervo, atualmente, representam valor extremamente significativo por serem parte importante da história, da arte e da cultura brasileira, e também, pela raridade do acervo que lhe concede valor patrimonial indiscutível:

- Obras que abrangem o período do século XVI a meados do século XX;
- Obras com assinaturas de personalidades importantes para a história da Academia Imperial de Belas Artes e Escola Nacional de Belas Artes;
- Obras com tiragens limitadas;
- Obras ilustradas com pranchas originais;
- Obras de valor histórico para a Escola de Belas Artes e UFRJ.

Ao concluirmos esta pesquisa assinalamos que deve ser continuada, pois há muitos aspectos ainda a serem pesquisados. Ao analisarmos os documentos históricos nos deparamos com uma abundância de informação e conhecimento que nos permite afirmar que o histórico da biblioteca estará sempre em construção.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Fátima, CERQUEIRA, Dalila, FROÉS, Maria. O corpo humano entre a arte e a ciência. In.: CONGRESSO SCIENTIARUM HISTORIA, 6, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2013. p. 241-251.

AMORIM, Margarete Jacques. **As contribuições de Gabriel Naudé para a sociedade no século XVII e os reflexos dessas contribuições para a Biblioteconomia no século XXI.** 2010. 94 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ARRUDA, Guilhermina Melo. **História e memória da Biblioteca Pública do Amazonas (1870 a 1910).** 2000. 140 f. Dissertação (Mestrado em Natureza e Cultura da Amazônia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade do Amazonas, Manaus. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/16826748/MELO2000Historia-e-Memoria-da-Biblioteca-Publica-do-Amazonas-18901910>>. Acesso em: 22 jun. 2010.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. Contributo para o perfil do público leitor do Real Gabinete Português de Leitura (1837-1847). **Ci. Inf., Brasília**, v. 37, n. 2, p. 20-31, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v37n2/a02v37n2.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. **A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura brasileira.** 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964. p. 452-459. (Obras completas; 13).

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. A importância dos instrumentos auxiliares de seleção: considerações da literatura do século XIX e usos no Real Gabinete Português de Leitura. **DataGramaZero**, v. 9, n. 4, 2008. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/3878/1/Instrumentos_Auxiliares_de_Sele%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 27 set. 2014.

AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. **Pequeno panorama, ou, descrição dos principais edifícios da cidade do Rio de Janeiro.** [s.l. : s.n.], 1861-1867.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian (orgs.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente.** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

BARDWELL. A arte de pintar a óleo. Rio de Janeiro: Typ. de J. Villeneuve, 1836. 60 p.

BARRETO, Calmon. Palestra do Prof. Calmon Barreto: O que é a anatomia artística? In.: Arquivos da Escola Nacional de Belas Artes, 6, Rio de Janeiro, 1960. **Anais...** Rio de Janeiro, 1960. p. 103-110.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BELLO JUNIOR, Mario de Faria. Palestra do Prof. Mário de Faria Bello Jr: Que é geometria descritiva? Por quê e como é ensinada na Escola Nacional de Belas Artes? In.: Arquivos da Escola Nacional de Belas Artes, 6, Rio de Janeiro, 1960. **Anais...** Rio de Janeiro, 1960. p. 113-131.

BESSONI, Tania Maria. **Palácios e destinos cruzados**: bibliotecas homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BRASIL. Decreto nº 1.603, de 14 de maio de 1855. **Coleção de Leis do Império do Brasil de 1855**, Rio de Janeiro, v.1, pt.2, p. 402, 1855.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório dos trabalhos e aquisições do Museu Nacional, 1834**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório anual, 1836**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório anual, 1837**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório anual, 1839**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 25 jan.2015.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório anual, 1865**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 25 set. 2014.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório anual, 1866**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 25 set. 2014.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Relatório anual, 1872**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Império. **Sobre as viagens dos alunos para Europa, 1839**. Assunto: Relatórios. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/provincial>>. Acesso em: 25 jan.2015.

BRUNET, Jacques Charles. **Manuel du libraire et de l'amateur de livres**. 5. ed. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1860. v. 1, p. xvii-xiiij.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 2 v.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da Imprensa Régia**. São Paulo: Edusp: Kosmos, 1993.

CAMPOFIORITO, Quirino. **História da pintura brasileira no século XIX**. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1983.

CÂNFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida**: histórias da Biblioteca da Alexandria. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CARDOSO, Rafael. **A arte brasileira em 25 quadros**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARVALHO, Gilberto Vilar de. **Biografia da Biblioteca Nacional (1807-1990)**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1994.

CASTRO, Cesar Augusto; PINHEIRO, Ana Luiza Ferreira. Trajetória da biblioteca pública no Maranhão Provincial. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 38-50, jul./dez. 2006. Disponível em: <file://4(1)2006lt%3Bb>%3Btrajetoria_da_biblioteca_publica_no_maranhao_provincial<%3B-b>%3B_<%3Bbr>%3B_<%3Bi>%3B_path_of_the_public_library_in_provincial_maranhao_<%3Bbr>%3B_p__38-50.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2010.

CASTRO, Isis Pimentel de. **Os pintores de história**: a relação entre arte e história nas telas de batalhas de Pedro Américo e Victor Meirelles. 2007, 178 f. Dissertação. (Mestrado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

CASTRO, Isis Pimentel de. Pintura, memória e história: a pintura histórica e a construção de uma memória nacional. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.38, p.335-352, out. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/viewFile/18260/17132>>. Acesso em: 26 mar. 2015.

CAVALCANTI, Ana Maria Tavares. Os prêmios de viagem da Academias em pintura. . In: PEREIRA, S.G. (Org.). **185 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001-2002. p. 69-92.

CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES. **Ministerial Reporters**, 1832-1888. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial>>. Acesso em: 17 out. 2013.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, p. 77-105, 2001.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1999.

CHARTIER, Roger. O príncipe, a biblioteca e a dedicatória. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006. p. 182-199.

CHARTIER, Roger. Uma revolução da leitura no século XVIII. In: NEVES, Lucia Maria Bastos (Org.). **Livros e impressos**: retratos do Setecentos e do Oitocentos. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009. p. 93-106.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Dir.). **História**: novos objetos. Tradução Terezinha Marinho. 4.ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995. p. 99-115.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: cultura e imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

CUNHA, Almir Paredes. **Dicionário de artes plásticas**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2005. v.1.

CUNHA, Dulce F. Fernandes. **A biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro**: 1863-1963. Rio de Janeiro: Museu Nacional, RJ, 1966.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**: e outros episódios da história cultural francesa. São Paulo: Graal, 2011.

DARTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Tradução Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DARTON, Robert. O que é história do livro. In: _____. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109, 131, 152.

DEBRET, Jean Baptiste. **Voyage pittoresque et historique au Bresil**. Paris: Firmin Didot Freres, 1834. v.3.

DIAS, Antônio Caetano. **Catálogo de Obras Raras ou Valiosas da Biblioteca da Escola Nacional de Belas Artes**. Rio de Janeiro: INL, 1944.

DIAS, Elaine. **Paisagem e academia**: Felix Émile Taunay e o Brasil (1824-1851). Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

DIAS, Elaine. A representação da realeza no Brasil: uma análise dos retratos de D. João VI e D. Pedro I, de Jean-Baptiste Debret. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 243-261, jan./jun. 2006.

EXPOSIÇÃO Pedro Américo e Victor Meirelles. [Rio de Janeiro]: Ministério da Educação e Saúde; Museu Nacional de Belas Artes, 1941.

EXPOSIÇÃO Rodolpho Amoêdo comemorativa do centenário de seu nascimento: 1857-1957. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Museu Nacional de Belas Artes, 1957.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. O ensino de pintura e escultura na Academia Imperial das Belas Artes. In: PEREIRA, S.G. (Org.). **185 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001-2002. p. 9-29.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. João Zeferino da Costa e o ensino de pintura na segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro. In: CONDURU, Roberto, SIQUEIRA, Vera Beatriz (Org.). ANAIS DO XXX COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 30, 2010. Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes, 2010. p. 935-942. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2010/anais/site/pdf/cbha_2010_vidal_cybele_art.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. A polêmica atuação de Manoel de Araujo Porto-alegre como Professor e Diretor da Academia Imperial de Belas Artes. **Arquivos da Escola de Belas Artes**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 43-61, 2006.

FERNANDES, Cybele Vidal Neto. A Reforma Pedreira de 1855 na AIBA e sua relação com o panorama internacional do ensino nas academias de arte. In: PEREIRA, S. G. (Org.). SEMINÁRIO EBA 180 ANOS, 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1996. p. 147-156.

FERRARI, Paula. Considerações sobre História e Arte nos manuscritos de Porto-alegre. **19&20**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/criticas/mapa_pf.htm>. Acesso em: 21 ago. 2013.

FERRARI, Paula. **Manoel Araújo Porto-alegre: reflexões sobre o historiador**. Dissertação (Mestre em História Social da Cultura) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. **Palácio de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro (1870-1920)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento & avaliação de coleções**. 2.ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Thesaurus, 1998.

FONSECA, Edson Nery da. **Bibliotecas e bibliotecários da província**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação, 1959

FONSECA, Edson Nery da. **A Biblioteconomia Brasileira no Contexto Mundial**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FONSECA, Edson Nery da. Desenvolvimento da biblioteconomia e da bibliografia no Brasil. **Revista do Livro**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, p. 95-124, mar. 1957.

FONSECA, Edson Nery da. Ramiz Galvão bibliotecário e bibliófilo. Rio de Janeiro: Livraria São Jose, 1963.

GALVÃO, Alfredo. **Catálogo da biblioteca com indicação de obras raras ou valiosas**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil: Escola Nacional de Belas Artes, 1957.

GALVÃO, Alfredo (org.). Felix Emílio Taunay e a Academia das Belas-Artes. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 141-142, 1968.

GALVÃO, Alfredo. Manuel de Araujo Pôrto-Alegre: sua influência na Academia Imperial das Belas Artes e no meio artístico do Rio de Janeiro. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, p. 61-62, 1959.

GALVÃO, Alfredo. **Subsídios para a história da Academia Imperial da Escola Nacional de Belas Artes**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1954.

GOMES, Hagar Espanha, MOTTA, Dilza Fonseca da, CAMPOS, Dilza Fonseca da. **Revisitando Ranganathan: a classificação na rede**. Disponível em: <<http://www.conexao rio.com/bit i/revisitando/revisitando.htm>>. Acesso em 19 de fev. 2015.

GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na primeira república brasileira: fatores sócio – culturais que atuaram na criação e instalação de bibliotecas de 1890 a 1930**. 1981. 113 f. Dissertação (Mestrado em Administração de Bibliotecas) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

GOMES JÚNIOR, G. S. Biblioteca de arte. Circulação internacional de modelos de formação. **Novos estudos CEBRAP**, São Paulo, n.81, jul. 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002008000200012>>. Acesso em: 12 jul. 2012.

GOMES JÚNIOR, G. S. Le musée français: guerras napoleônicas, coleções artísticas e o longínquo destino de um livro. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**. São Paulo, v. 15, n. 1, jan./jun. 2007.

GONÇALVES, Denise. Modelos para o ensino de arquitetura: a coleção de obras raras do Museu D. João VI. In: MALTA, Marize (org.). **O ensino artístico, a história da arte e o museu D. João VI**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010. p. 44-50.

IVINS JUNIOR, William. **Prints and visual communication**. Cambridge: MIT Press, 1973.

LEBRETON, Joachim. Memória do Cavaleiro Joachim Lebreton para o estabelecimento da Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 14, Rio de Janeiro: IPHAN, 1959.

LIMA, M. O. **D. João VI no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LIMA, V. A. E. de. Os portugueses na direção da Academia. In: MALTA, M. (Org.). **O ensino artístico, a história da arte e o Museu D. João VI**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 2010. p. 66-74.

LOBO, Hélio. **Manuel de Araújo Pôrto-Alegre**. Rio de Janeiro: Agir, 1945. (Nossos Grandes Mortos, 3).

LUZ, Angela Ancora. A Escola de Belas Artes – uma história da arte. **Arquivos da Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1999. p.71-91.

LUZ, Angela Ancora. **Uma breve história dos salões de arte: da Europa ao Brasil**. Rio de Janeiro: Caligrama, 2005.

MACHADO, F. T. **Os museus de arte no Brasil moderno**: os acervos entre a formação e a preservação. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP).

MACHADO, Ubiratan. **Pequeno guia histórico das livrarias brasileiras**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

MALTA, M. Aprender a ver: modelos para o decorativo nas Obras Raras do Museu D. João VI. In: COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 31, 2011, Campinas. **Anais...** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

MANTOVANI, Rafael. Caramuru: uma ferramenta de nacionalismo. **Revista Letra Magna**. ano 4, n. 8, 1º Semestre de 2008. Disponível em: <<http://www.letramagna.com/caramurui.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

MANTOVANI, Rafael Leite. **Elites e formação nacional**: as gerações de 1830 do Brasil e da Argentina. 2009. 183 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

MARIA, M. C. de S. et. al. Reflexões sobre a formação do acervo da academia de direito do Largo de São Francisco: do século XIX aos nossos dias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/43673>>. Acesso em: 28 nov. 2013.

MARTÍNEZ. T. H. **Bibliotecas privadas en el mundo colonial**: la difusión de libros e ideas en el virreinato del Perú (siglos XVI-XVII). Frankfurt: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 1996. v.1.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**. 3.ed. Brasília, DF : Briquet de Lemos, 1998.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia brasiliana**. São Paulo: Kosmos, 1993.

MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MORALES DE LOS RIOS FILHO, Adolfo. **O Ensino Artístico**: subsídios para a sua história. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

MOTTA, Rosemary Tofani. **Baptista Caetano de Almeida**: um mecenas do projeto civilizatório em São João d'El-Rei no início do século XIX - a biblioteca, a imprensa e a sociedade literária. 2000. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/EARM-6ZCP6D/1/mestrado__rosemary_tofani_motta.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2014.

MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES. **Exposição da missão artística francesa de 1816**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1940.

NAUDEUS, Gabriel. **Of what quality and condition books ought to be**. In.: _____. **Instructions concerning erecting of a library**: presented tom y lord the presidente de Mesme. Cambridge: Houghton, Mifflin, 1903. Cap. 4.

NAMUR, R. **Manuel du bibliothécaire**. Bruxelles: Chez J. B. Tircher, 1834.

NOTÍCIA do Palácio da Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro, e da exposição de 1859. Rio de Janeiro: Typ. Imparcial, 1859.

NUNES, Maria de Fátima. **O liberalismo português: ideário e ciências: o universo de Marino Miguel Franzini (1800-1860)**. Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1988.

ODDONE, Nanci. **Ciência da Informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação (Brasil, 1930-1970)**. 2004. 157 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - IBICT/UFRJ/ECO, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

ODDONE, Nanci. Lydia Sambaquy e a biblioteca do DASP: contribuições para a constituição do campo biblioteconômico no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 77-91, jul.-dez. 2013. Disponível em: <<http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/654/497>>. Acesso em: 2 jan. 2014.

OLIVEIRA, Ricardo de. **A UFRRJ e o desafio do princípio da Biblioteca Universal**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2012. Disponível em: <<http://www.ufrj.br/portal/modulo/home/noticia.php?noticia=3339>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramaZero**, v. 5, n. 5, out. 2004.

PALLIÈRE, Leon. **Leon Palliere** : diario de viaje por la America del Sud, con una introduccion sobre la vida y la obra del artista ilustrada con acuarelas grabados y dibujos desconocidos... Buenos Aires : Peuser, [18-?]. 344 p.

PEREIRA, Sônia Gomes. **A arte brasileira no século XIX**. Belo Horizonte : C / Arte, 2008, p.13-15.

PEREIRA, Sônia Gomes. O ensino de arquitetura e a trajetória dos alunos brasileiros na École des Beaux-Arts em Paris no século XIX. In: PEREIRA, S.G. (Org.). **185 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001-2002. p.93-114.

PEREIRA, Sônia Gomes. A influência da tratadística europeia na arte brasileira: o caso da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro. **Revista População e Sociedade: a matriz italiana na arte luso-brasileira**, n. 19, p. 94-103, 2011.

PEREIRA, Sônia Gomes. Revisão historiográfica da arte brasileira do século XIX. **Revista ieb**, São Paulo, n. 54, p. 87-106, set.-mar. 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br/rieb/article/download/49114/53192>. Acesso em 4 fev. 2015.

PEREIRA, Sônia Gomes. **Sônia Gomes Pereira**: depoimento [nov. 2014]. Entrevistador: Rosani Godoy. Rio de Janeiro, 2014. Entrevista concedida à pesquisa de dissertação.

PERUZZO, T.; OLIVEIRA, G. O. O. As teses da seção de obras raras da biblioteca de Ciências Biomédicas da FIOCRUZ e a saúde pública no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 14, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/schedConf/presentations?searchInitial=P&track=12>>. Acesso em: 23 nov. 2013

PEVSNER, N. **Academias de arte**: passado e presente. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PINHEIRO, Gerson Pompeu. **Das artes plásticas**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1950.

PINTO, Dalila dos Santos Cerqueira. **Avaliação do livro Anatomie du gladiateur combattant de Jean-Galbert Salvage**. Rio de Janeiro: UFRJ, 26 jun. 2014. Depoimento concedido pela professora à Rosani Parada Godoy.

PRIMO, Judite. A museologia como instrumento estratégico nas políticas culturais contemporâneas. **Musas**, Rio de Janeiro, n. 2, 2006.

PROJECTO do plano para a Imperial Academia das Bellas-Artes do Rio de Janeiro que por ordem...Rio de Janeiro: P. Plancher, 1827.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIO DE JANEIRO. **Decreto**, 12 de agosto de 1816. Coleção Leis do Império. p. 77. v.1. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/antioresa1824/decreto-39494-12-agosto-1816-569795-publicacaooriginal-93002-pe.html>. Acesso em: 20 mar. 2013.

RIO DE JANEIRO. Academia Imperial de Belas Artes. **Decreto**, 30 de dezembro de 1831. Coleção Leis do Império. p. 91. v.1. pt. 2. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/antioresa1824/decreto-39494-30-dezembro-1831-569795-publicacaooriginal-93002-pe.html>. Acesso em: 20 mar. 2013.

RIO DE JANEIRO. Academia Imperial de Belas Artes. **Decreto n. 1.603**, 14 de maio de 1855. Coleção Leis do Império. p. 402. v.1. pt. 2. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret_sn/antioresa1824/decreto-39494-14-maio-1855-569795-publicacaooriginal-93002-pe.html>. Acesso em: 20 mar. 2013.

RIO DE JANEIRO. Academia Imperial de Belas Artes. **Relatório enviado ao governo**. 1 de agosto de 1855b.

RIO DE JANEIRO. Escola Nacional de Belas Artes. **Decreto n. 983**, 8 de novembro de 1890. Rio de Janeiro: ENBA, 1890.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ata 6124, 1833-1843**. Assunto: Correspondências recebidas. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ata 6150, 1831-1841**. Assunto: Reformas dos Estatutos da Academia e ofícios das reuniões de congregação. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 7 fev. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ata 6151, 1841-1856**. Assunto: Proposta do secretário na reunião de congregação. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 116, de 13 de maio de 1833**. Assunto: Admissão de Francisco de Souza Lobo para professor substituto da cadeira de Paisagem na AIBA. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 18 de junho de 2015.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 293, 30 de dezembro de 1897**. Assunto: Relatório apresentado ao diretor. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 320, 18 de junho 1855**. Assunto: Parecer da obra Ornithologia brasiliensi. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 335, 7 de março 1861**. Assunto: O Ministério do Império solicita ao diretor da Academia, informações sobre as obras adotadas nas aulas da AIBA. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 451, [18-?]**. Assunto: Notas de compras de livreria da BL Garnier. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 602, 27 de setembro 1855**. Assunto: Ata da segunda sessão. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 1343, 28 de setembro de 1870**. Assunto: Doação da Biblioteca da Corte. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 1439, 27 de maio de 1890**. Assunto: Autorização para a vinda de livros. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 1551, 3 de junho de 1835**. Assunto: Criação da função de ajudante de porteiro. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 2197, s.d.** Assunto: Solicitação do diretor de devolução de livros. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 2417, 10 de junho de 1862**. Assunto: Nota de compra da Livraria de B. L. Garnier. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 2649, 26 de fevereiro de 1861**. Assunto: Nota de compra da Firmin Didot. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 2649, 10 de novembro 1887**. Assunto: Encadernação no Instituto dos Surdos e Mudos. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 3069, 3 de setembro - 5 de outubro de 1865**. Assunto: Nota de encadernação. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 3565, 8 de novembro de 1865**. Assunto: Compra dos desenhos da viúva de Grandjean de Montigny. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 17 fev. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 3650**, [s.d.]. Assunto: Sr. Antonio José Barbosa de Oliveira oferece à AIBA, para possível aquisição, uma coleção de 97 gravuras soltas e um volume da obra Natali's Evangelicae Historiae Imagines. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 5 maio 2015.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 3816, 16 de janeiro de 1837**. Assunto: Requerimento incluindo Job Justino de Alcântara como secretário e bibliotecário da Academia. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 3827, 6 de junho 1868**. Assunto: Serviços prestados por Job Justino. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4040, 9 de outubro de 1837**. Assunto: Cargos de Job Justino na Academia. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4052, 17 de abril de 1859**. Assunto: Requerimento de Job Justino para o cargo de professor substituto de arquitetura civil. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4135, [1846]**. Assunto: Elementos do catálogo da Biblioteca. Disponível em: <

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 14 jun. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4136, 19 de fevereiro de 1858**. Assunto: Aquisição de obras. Disponível em: <

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4343, 30 de agosto de 1855**. Assunto: Criação da biblioteca. Disponível em: <

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4350, 10 de julho de 1859**. Assunto: Minuta de ofício de livros doados por Araujo Porto-alegre. Disponível em: <

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4365, de 22 de janeiro de 1867**. Assunto: Doação da obra Colombo. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 20 jun 2012.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4382, 8 de maio 1877**. Assunto: Notícias da Europa. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 2 fev. 2015.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4387, 25 de maio de 1881**. Assunto: Solicitação de funcionário para Biblioteca. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 20 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4410, 16 de agosto de 1827**. Assunto: Ofício de doação da Obra Musée Français à Imperial Academia das Bellas Artes. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4418, 28 de abril de 1835**. Assunto: Relação de obras. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4419, 21 de julho de 1836**. Assunto: Agradecimento à congregação pela remessa de cinquenta exemplares do livro A arte de pintar a óleo. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4420, 21 de dezembro de 1837**. Assunto: Doação de dois exemplares do Relatório do Ministério do Império. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4425, 31 de outubro de 1855**. Assunto: Empréstimo de obras. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4428, 20 de maio de 1862**. Assunto: Relação livros e estátuas de gesso encomendada pela Academia Imperial de Bellas Artes. Disponível em: <
<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 5 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4432, 25 de março de 1864**. Assunto: Rascunho da relação de obras do catálogo que resume o que há de mais raro, valiosos e curiosos dos livros que estão na livraria de Mr. Guaritch. Disponível em <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 6 fev. 2015.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4434, 30 de agosto de 1865**. Assunto: Minuta de compra de livros para a biblioteca com relação de livros. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 3 set. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4438, 30 de agosto de 1864**. Assunto: Minuta de compra de livros para a biblioteca. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 3 set. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4439, 20 de novembro de 1865**. Assunto: Lista de livros emprestados. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 6 set. 2013

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4447, 03 de maio de 1872**. Assunto: Prestação de contas ao Ministério do Império acerca da Biblioteca. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>>. Acesso em: 3 set. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4453, 24 de outubro de 1874**. Assunto: Parecer. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=>>>. Acesso em: 15 out. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 4920, 22 de dezembro de 1857**. Assunto: Ofício de José Marques Lisboa, inspetor intendente das Obras Públicas, ao diretor da Academia, remetendo o abono de aproveitamento do pensionista Vítor Meireles de Lima, e comunicando a remessa da publicação "Les Galeries Publiques de l'Europe". Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 5118, 3 de novembro de 1837**. Assunto: Antônio Roberto da Silva Peixoto solicita o lugar de ajudante de porteiro. Disponível em: <<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 3 set. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 5152, 27 de abril de 1832**. Assunto: Zeferino Ferrez. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 3 set. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 5596, 14 de abril de 1851**. Assunto: Qualificações de João Maximiano Mafra. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 3 set. 2013.

RIO DE JANEIRO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. **Ofício 5597, 11 de fevereiro de 1858**. Assunto: pedido de João Maximiano Mafra das relações de obras necessárias para suas aulas. Disponível em:

<<http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=MuseuDJoaVI&pasta=Avulsos&pesq=4438>>. Acesso em: 3 jan. 2015.

SANTOS, Carlos Marques dos. "A Academia Imperial de Belas Artes e o Projeto civilizatório do Império". In: **180 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: EBA, 1996.

SCHULER, Alessandra Frota Martinez, LIMEIRA, Aline de Moraes. Ensino particular e controle estatal: a Reforma Couto Ferraz (1854) e a regulamentação das escolas privadas na corte imperial. **Revista Histedbr**, Campinas, n.32, p.48-64, dez.2008. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/32/art03_32.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O sol do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Angela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, A. L. **Civilizadoras Instituições: bibliotecas provinciais brasileiras no século XIX**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Relatório de estágio de pós-doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) – IBICT-UFRJ. Disponível em: <http://www.ibict.br/capacitacao-e-ensino/pesquisa-em-ciencia-da-informacao/pos-doutorado/pesquisas-concluidas-1/as-bibliotecas-brasileiras-no-seculo-xix/Luiz%20Antonio_parte%20textual%20revisada.pdf> Acesso em: 03 nov. 2013.

SILVA, C. H. Gomes da. **O Estado Novo (1937-1945) e a política de aquisição de acervo do Museu Nacional de Belas Artes**. 2013. 173 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, MAST, Rio de Janeiro.

SILVA, Diana Rocha da. **Recomeço de uma história: percurso histórico e a recriação da Biblioteca Pública do Maranhão na Primeira República**. 2008. 102 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Curso de Biblioteconomia) - Centro de Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008. Disponível em: <<http://www.nedhel.ufma.br/introducao.pdf>>. Acesso em: 22. jun. 2010.

SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. Bibliotecas brasileiras vistas pelos viajantes no século XIX. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 1, p.67-87, jan./abr., 2010. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1773/1358>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

SILVA, Sérgio Almeida da; MAZZUCO, Neiva Gallina. História e políticas de educação no Brasil império. In: SEMINÁRIO NACIONAL ESTADO E POLITICAS SOCIAIS NO BRASIL, 2, 2005, Cascavel (PR), **Anais...**Cascavel. Disponível em: <<http://cacphp.unioesse.br/projetos/gpps/midia/seminario2/poster/educacao/pedu15.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2012.

SILVEIRA, F. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Minas Gerais, v.15, n.3, p. 67-86, set./dez. 2010.

SOUZA, Edi Meneses Simas de. [M.N.B.A. 1937-1986]. In: Museu Nacional de Belas Artes. **Histórico do Museu Nacional de Belas Artes**. Rio de Janeiro: M.N.B.A., 1990.

SQUEFF, Letícia Coelho. **O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-79)**. 2000a. 258 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

SQUEFF, Letícia Coelho. **O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre**. Campinas: Ed. Unicamp. 2004.

SQUEFF, Letícia Coelho. A reforma pedreira na academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista. **Cadernos Cedes**, ano 20, n. 51, p.103-118, nov. 2000b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n51/a08v2051.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

TAUNAY, A. de E. **A missão artística de 1816**. Brasília: Universidade de Brasília, 1956.

TAUNAY, A. de E. A Missão artística de 1816. **Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**. 1911. Parte I.

THIESEN, I. A coleção Arthur Ramos: da formação à in(visibilidade). In: BARROS, L. O. C. B. (Org.). **Arthur Ramos**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2011. (Memória do saber). p. 97-134.

UZEDA, H. C. O ensino de arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro: 1826-1889. In: PEREIRA, S.G. (Org.). **185 anos de Escola de Belas Artes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001-2002. p. 41-67.

UZEDA, H. C. O ensino de arquitetura no contexto da Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro: 1826-1889. 2000. 268f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

VALLE, A.; DAZZI, C. Relatórios ministeriais sobre a Academia das Belas Artes: Período Imperial. **19&20**, Rio de Janeiro, [s.d.]. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/documentos/rlt_mntr.html>. Acesso em: 7 agosto 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis, 1989.

VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan./abr. 1993.

VILLALTA, Luiz Carlos. **A história do livro e da leitura no Brasil colonial**: balanço historiográfico e proposição de uma pesquisa sobre o Romance. Minas Gerais: UFMG, [s.d]. Disponível em:
<<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/livroeleitura.pdf>>. Acesso em: 16.ago. 2010.

WANDERLEY, Monica Cauhi. **A criação da Imperial Academia e Escola das Belas Artes e o primórdio da pintura acadêmica no Brasil**. 2011a. 256 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

WANDERLEY, Monica Cauhi. História da Academia - diferentes nomes, propostas e decretos. **19&20**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, abr./jun. 2011b. Disponível em:
<http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/academia_mcw.htm>. Acesso em: 16 jul. 2014.

WANDELLI, Raquel. Entre pergaminhos humanos e bits eletrônicos: o livro na era do computador. In: SOUZA, Ieda Maria de et al. (Org.). **Biblioteca Universitária da UFSC**: memória oral e documental. Florianópolis: [s.n.], 2002. p. 39-42. Disponível em:
<<http://www.bu.ufsc.br/design/Memoria%20Texto.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectiva Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan-jun. 2002.

WEITZEL, Simone da Rocha. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

WEITZEL, Simone da Rocha. Desenvolvimento de coleções: origem dos fundamentos contemporâneos. **TransInformação**, Campinas, v. 24, n.3, set. a dez 2012. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a03v24n3.pdf>>. Acesso em 25 set. 2014.

ZEIGER, Sergio. **Manuel de Araújo Porto-Alegre**: pintor, caricaturista, crítico e historiador da arte, professor e escritor. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em:
<<http://sergiozeiger.tumblr.com/post/103980627753/manuel-jose-de-araujo-porto-alegre-rio-pardo-29>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

ZILIO, C. A modermidade efemera: anos 80 na Academia. In: PEREIRA, S. G. (Org.). SEMINÁRIO EBA 180 ANOS, 1996, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: EBA/UFRJ, 1996. p.237-242.

ANEXO 1

(402)

DECRETO N.º 1603 — de 14 de Maio de 1855.

Dá novos Estatutos à Academia das Bellas Artes.

Usando da autorisação concedida pelo Decreto N.º 805 de 23 Setembro de 1854: Hei por bem que na Academia das Bellas Artes se observem os Estatutos que com este baixão assignados por Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, do Meu Conselho Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, que assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em quatorze de Maio de mil oitocentos cincoenta e cinco, trigesimo quarto da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

*Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.***Estatutos da Academia das Bellas Artes.****TITULO I.***Do Corpo Acadêmico.*

Art. 1.º A Academia tem por fim o ensino theorico e pratico das Bellas Artes, e a sua propagação e aperfeiçoamento.

Este ensino será dado por professores nomeados pelo Governo Imperial sobre proposta do Corpo Acadêmico.

Art. 2.º Os professores formarão duas classes distinctas; a dos effectivos, e a dos honorarios.

A reunião destas duas classes, presidida pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, ou pelo Director da Academia, constituirá o Corpo Acadêmico.

TITULO II.*Do plano dos Estudos.*

Art. 3.º O Curso de Estudos será dividido em 5 Secções: a saber:

Architectura.
Escultura.
Piutura.

(403)

Sciencias accessorias.

Musica.

Art. 4.º As Secções serão compostas pela maneira seguinte:

A de Architectura comprehenderá as cadeiras de

Desenho Geometrico ;

Desenho de Ornatos ;

Architectura Civil ;

A de escultura abrangerá as cadeiras de

Escultura de Ornatos ;

Gravura de medalhas e pedras preciosas ;

Estatuaria ;

A de pintura se comporá das cadeiras de

Desenho figurado ;

Paisagem , flores e animaes ;

Pintura historica ;

A de Sciencias accessorias terá as cadeiras de

Mathematicas applicadas ;

Anatomia e Phisiologia das paixões ;

Historia das Artes , Esthetica e Archeologia.

A de Musica será formada de todas as cadeiras , que existem , e das que se crearem no respectivo Conservatorio.

Art. 5.º Cada Secção formará huma Commissão da Academia , composta dos respectivos Professores , sendo cada huma das materias , em que se achão divididas , ensinadas por hum professor especial.

TITULO III.*Dos Empregados.*

Art. 6.º Além de hum Director , e dos professores acima declarados , haverá na Academia hum Secretario , hum Conservador da Pinacotheca , hum Porteiro , e hum Guarda.

Art. 7.º O Director será nomeado por Decreto Imperial , o Conservador , o Secretario e os Professores effectivos e honorarios , serão nomeados pela mesma fórma , mas sobre proposta do Corpo Academico.

O Porteiro e o Guarda se-lo-hão por Portaria do Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio , precedendo proposta do Director da Academia.

Art. 8.º Além dos Professores effectivos e honorarios , que são membros natos da Academia , esta terá mais 2 classes de socios , com a denominação de — Membros honorarios e Membros correspondentes.

Huns e outros serão escolhidos pelo Corpo Academico com approvação do Governo Imperial.

Art. 9.º O Director e os Professores effectivos ou honorarios , o Secretario , e o Conservador , prestarão no dia , em que

(404)

tomarem posse, o juramento constante da formula que for designada pelo Governo.

Os outros empregados prestarão o juramento do estylo.

TITULO IV.

Dos trabalhos Academicos.

Art. 10. A Academia das Bellas Artes no desempenho do fim de sua instituição, e no intuito de promover o progresso das Artes no Brasil, de combater os erros introduzidos em materia de gosto, de dar a todos os artefactos da industria nacional a conveniente perfeição, e em fim no de auxiliar o Governo em tão importante objecto, empregará na proporção dos recursos que tiver os seguintes meios:

1.º O ensino theorico e pratico das materias declaradas no art. 4.º

2.º Concursos publicos e particulares;

3.º Exposições publicas;

4.º Premios aos melhores trabalhos artisticos;

5.º Viagens de seus alumnos mais distinctos á Europa a fim de se aperfeçoarem;

6.º Applicação das materias que formão o plano de seu ensino á industria nacional;

7.º Huma Bibliotheca especial ao objecto de sua instituição;

8.º Sessões publicas, em que se leião escriptos sobre as artes, e se discutão materias concernentes ao seu progresso;

9.º Publicação de hum periodico constando de texto e estampas apropriadas;

Art. 11. O ensino theorico e pratico será dado nas horas que forem designadas em huma tabella organizada pelo Corpo Academico e approvada pelo Governo no mez de Fevereiro de cada anno.

Os Professores não podem diminuir o tempo do ensino nem prolonga-lo por mais de meia hora além do prazo que for marcado na dita tabella para cada aula.

Art. 12. Os Cursos academicos começarão no 1.º dia util do mez de Março, e findarão no ultimo de Outubro.

Exceptuão-se as aulas de Mathematicas e de Anatomia, que deverão continuar, por ordem do Director, até o dia 15 de Novembro, se assim for necessario.

Art. 13. A Academia durante o tempo lectivo estará aberta todos os dias que não forem de guarda, de festa, ou de luto nacional declarado pelo Governo, e excepto ás segundas feiras, que serão dias feriados, quando não houver outro na semana, os dias de entrudo até quarta feira de cinza, os da Semana Santa e os da Paschoa até segunda feira inclusive.

(405)

TITULO V.*Do ensino e programma das aulas.*

SECÇÃO I.

Da aula do modelo vivo.

Art. 14. Além das aulas especificadas no Art. 4.º haverá mais huma denominada a Aula do modelo vivo, a qual será regida em cada semana por hum Professor effectivo ou honorario segundo as instrucções, que forem expedidas pelo Corpo Academico.

Art. 15. A escolha dos modelos vivos para esta aula será feita pelos Professores das Secções de Pintura, e Escultura, que os deverão procurar em todas as variedades da especie humana, a fim de que os artistas os possam estudar e fielmente representar em suas composições.

Art. 16. Ao Professor que estiver de semana nesta aula compete: exercer a policia e a vigilancia necessaria á ordem e regularidade dos respectivos trabalhos.

Art. 17. Só serão nella admittidos os alumnos que por suas habilitações forem designados pelo Corpo Academico no principio do anno, os professores, e os artistas que obtiverem do Director licença especial para ahi se exercitarem.

SECÇÃO II.

Do desenho geometrico e industrial.

Art. 18. A aula de desenho geometrico será dividida em duas series: a 1.ª complementar da cadeira de mathematicas constará do desenho linear: a 2.ª de applicações especiaes do mesmo desenho á industria conforme a profissão ou destino dos alumnos.

Art. 19. Todos os alumnos são obrigados a frequentar o ensino da 1.ª serie antes de passarem para o estudo de qualquer outro ramo artistico.

Os trabalhos desta serie durarão hum anno lectivo, durante o qual o respectivo professor ensinará aos alumnos o desenho de figuras geometricas, o das tres ordens gregas e a theoria das sombras.

O alumno que dentro do anno não se achar habilitado nesta materia continuará a frequentar a mesma aula no anno seguinte.

(406)

SECÇÃO III.

Do Desenho de ornatos.

Art. 20. Na aula de desenho de ornatos, dever-se-ha ensinar toda a sorte de ornatos e architectonicos e industriaes.

SECÇÃO IV.

Da Architectura civil.

Art. 21. O Professor da aula de Architectura civil explicará a seus alumnos tudo quanto for relativo ao character e composição dos edificios, á eurythmia, á construcção, distribuição, e orçamentos dos mesmos.

Art. 22. Nenhum alumno poderá matricular-se nesta aula sem que tenha sido approvedo na de Mathematicas, e frequentado satisfactoriamente, ao menos por hum anno, as aulas de desenho geometrico e de ornatos.

SECÇÃO V.

Da Escultura de ornatos.

Art. 23. Nesta aula se ensinará a escultura de toda a sorte de ornatos tanto architectonicos como industriaes.

Art. 24. A Arte ceramica no que he relativo ao estudo das fórmas e ornamentos dos vasos, tambem será ensinada nesta aula, bem como a Arte de modelar e esculpir plantas e animaes.

Art. 25. O Professor desta cadeira procurará por si, e por conselhos de pessoas habilitadas, melhorar entre nós a dita Arte, não só no tacante á belleza, arranjo, e elegancia das fórmas, como no que he concernente ao ensaio das melhores argillas, e dos methodos mais aperfeiçoados de pintar e vidrar vasos.

Para o bom preenchimento da 2.^a parte deste Artigo o Director mandará fornecer tudo quanto for necessario.

Art. 26. Aos alumnos mais adiantados o Professor fará trabalhar em madeira, granito, marmore, e outros materiaes que julgar convenientes ao exercicio, e progresso da respectiva industria.

(407)

SECÇÃO VI.

Da Gravura de medalhas e de pedras preciosas.

Art. 27. O Professor da Cadeira de Gravura de medalhas e de pedras preciosas, além dos estudos e exercicios proprios d'esta arte fará com que seus alumnos desenhem em ponto maior os modelos que lhes apresentar, assim como se exercitem por meio do desenho na composição de grupos e allegorias.

Os alumnos durante estes exercicios se applicarão sempre a trabalhos metallicos, e de pedras.

Art. 28. Só poderão ser matriculados n'esta aula os alumnos que tiverem sido approvados na de Mathematicas applicadas, e frequentado as de Desenho geometrico, e figurado, tendo adquirido na ultima pleno conhecimento das fórmãs, e do claro escuro.

SECÇÃO VII.

Da Estatuaria.

Art. 29. A Estatuaria será ensinada conforme os bons principios da escola classica, e segundo a pratica recommendada aos escultores e gravadores nos Arts. 26 e 27, assim como os prescriptos aos pintores historicos nos Arts. 36 e 37. Só poderão ser matriculados n'esta aula os alumnos habilitados na conformidade do Art. 28.

SECÇÃO VIII

Do Desenho figurado.

Art. 30. O ensino do Desenho figurado será dividido em duas series, a de copias de estampas, e de copias do natural, ou estudo do claro escuro.

Art. 31. O Professor desta cadeira deverá empregar todo o seu zelo e esforços a fim de que seus alumnos se aperfeiçoem na arte de bem contornar, e na de exprimir com perfeição as fórmãs por meio da luz.

Art. 32. O ensino desta materia não tem tempo limitado, ficando dependente da aptidão e aproveitamento dos alumnos a sua passagem para as outras aulas, que será determinada pelo Corpo Academico.

Art. 33. A matricula de qualquer alumno nesta aula depende essencialmente de previa approvação na de Mathematicas applicadas, e de frequencia com aproveitamento na de Desenho geometrico.

(408)

SECÇÃO IX.

Da aula de paisagem, flores e animaes.

Art. 34. O Professor de Paisagem ensinará o desenho da sua cadeira, e fica obrigado a ir com os seus alumnos mais adiantados estudar a natureza, e fazer-lhes á vista della as explicações que forem convenientes.

Art. 35. Os alumnos que pretenderem matricular-se nesta aula deverão mostrar que forão approvados em Mathematicas applicadas, e que frequentarão com proveito a aula de Desenho geometrico.

SECÇÃO X.

Da Pintura historica.

Art. 36. O Professor da cadeira de Pintura historica terá especial cuidado em aperfeiçoar os seus alumnos na arte de modelar as fórmãs, nas regras de compor e grupar, e nos conhecimentos necessarios para bem illuminarem os objectos.

Para este fim fará com que pintem grupos de bustos, e estatuas antigas, e se exercitem na aula do Modelo vivo, e no estudo da anatomia e physiologia dos pintores.

Art. 37. Aos alumnos mais adiantados adestrará na composição de objectos historicos, preferindo sempre os nacionaes, ou religiosos.

Art. 38. Ninguem será matriculado nesta aula sem ter sido approvado no curso de Mathematicas applicadas, e frequentado com proveito o do Desenho geometrico, e o do figurado.

SECÇÃO XI.

Das Mathematicas applicadas.

Art. 39. Para qualquer alumno poder ser admittido na aula de Mathematicas applicadas he indispensavel que saiba ler, escrever e contar as quatro especies de numeros inteiros.

Para verificar-se esta circumstancia serão todos os annos nomeados dous examinadores pelo Director da Academia, que os presiderá, e com elles votará.

Art. 40. O Professor desta Cadeira ensinará todos os elementos indispensaveis ao Artista, e no correr do seu curso irá fazendo as devidas applicações.

Art. 41. Logo que tiver ensinado a Stereonomia, os obrigará a exercicios praticos e graphicos; assim como ao levantamento de plantas e nivelamento de terrenos quando explicar Trigonometria e a iguaes exercicios no ensino da perspectiva.

(409)

Taes exercicios deverão acompanhar o anno lectivo até o fim.

Art. 42. Os exames da aula de Mathematicas começarão logo que ella se encerre: servirá de examinador o respectivo Professor, e serão julgados por elle, e por mais dous Professores effectivos ou honorarios nomeados pelo Director.

SECÇÃO XII.

Da Anatomia e Physiologia das paixões.

Art. 43. O curso de Anatomia dividir-se-ha em theorico e pratico.

Os alumnos desta aula, sob a inspecção do respectivo Professor, desenhão e esculpirão ossos e musculos, exercitar-se-hão em desenhar o modelo vivo e descrevel-o anatomicamente a fim de conhecerem perfeitamente o arcabouço humano, e seu revestimento.

Art. 44. Nesta aula deverão haver concursos especiaes de myologia e esteologia, assim como hum estudo assiduo sobre os caracteres exteriores de todas as modificações da especie humana, conforme for declarado no respectivo programma formulado segundo o disposto no Art. 102.

SECÇÃO XIII.

Da Historia das Bellas Artes — Esthetica e Archeologia.

Art. 45. Este curso além da exposição oral que deve fazer o Professor dos factos e das theorias que lhe são proprios constará tambem de demonstrações graphicas e plasticas já em pedra, já por via de modelos, de sorte que os alumnos comprehendão com a conveniente perfeição o objecto da Cadeira.

Art. 46. Nenhum alumno poderá ser admittido a este curso, sem que tenha tres annos completos de estudos na Academia.

SECÇÃO XIV.

Perspectiva e theoria das sombras.

Art. 47. No curso de perspectiva, e de theoria das sombras haverão concursos entre os alumnos de Mathematicas e Desenho geometrico, com o fim de resolverem problemas variados, que sirvão de exercital-os e de apurar o seu desenvolvimento nas respectivas materias.

(410)

Todos os discipulos da Academia, sem excepção, concorrerão tres vezes por anno a estes concursos nos quaes se irão augmentando as difficuldades á proporção do seu tempo na Academia, e de seu aproveitamento.

Art. 48. Aos Professores de Mathematicas applicadas, e das secções de Pintura e Architectura compete a direcção destes concursos.

SECÇÃO XV.

Da Musica.

Art. 49. O Director e Professores do Conservatorio de Musica formarão a secção ou commissão de Musica.

Reger-se-hão todavia por suas instrucções especiaes, não ficando sujeitos aos Regulamentos da Academia senão nas disposições geraes a todas as artes.

Art. 50. O ensino e os concursos em Musica se farão no edificio do Conservatorio, onde serão dirigidos e julgados pelos respectivos Professores

Art. 51. As outras commissões ou secções não terão voto nas materias desta secção, assim como os Professores do Conservatorio não o terão nos objectos do ensino artistico da Academia.

Exceptua-se sómente os casos em que o corpo Academico representar as Bellas Artes em geral, e como tal tiver de dirigir-se aos altos poderes do Estado.

Exceptua-se tambem a collação dos premios, que será feita na Academia em sessão publica, formando o Conservatorio a secção de Musica.

Art. 52. Para que tenha lugar a collação dos premios, o Director do Conservatorio, depois do julgamento dos premiandos officiará ao Director da Academia para que mande apromptar as medalhas, e se designe o dia para a distribuição dos premios.

Art. 53. As composições originaes, que tiverem dado lugar a estes premios, ou os authographos dos mesmos, ficarão em deposito na Bibliotheca da Academia.

TITULO VI.*Dos Concursos publicos e particulares.*

Art. 54. Todos os Artistas podem tomar parte nos concursos da Academia, ainda mesmo que não sejam filhos della.

Exceptua-se :

- 1.º Os que tiverem mais de 30 annos de idade ;
- 2.º Os que tiverem feito seus estudos fóra do Imperio ;

(411)

3.º Os estrangeiros que não forem filhos da Academia ;

4.º Os Membros do Corpo Academico.

Art. 55. Para a admissão a estes concursos basta que o candidato dirija huma petição ao Director.

Para os concursos publicos porèm he indispensavel a inscripção, a qual se obterá por meio de requerimento ao Director, e por deliberação do Corpo Academico.

Art. 56. As vagas de Professores da Academia serão preenchidas por concurso, sempre que o Corpo Academico não julgue mais conveniente apresentar ao Governo Imperial algum Professor honorario de merito transcendente.

Art. 57. As sobreditas vagas poderão concorrer e ser para ellas propostos pelo Corpo Academico os estrangeiros; mas só serão nomeados por contracto com o Governo Imperial.

Quando se queirão naturalisar Cidadãos Brrsileiros terão direito á sua jubilação, contando o seu tempo de serviço do dia em que depois de Professores fizerem suas declarações perante a Illustrissima Camara Municipal.

Art. 58. Em todas as materias do ensino Academico haverá concursos que se denominarão — Particulares — no fim de cada trimestre.

No fim do anno terão lugar outros com a denominação de concursos publicos para os premios de 1.ª ordem.

Art. 59 Nos concursos publicos os trabalhos deverão ser mais importantes, e serão exhibidos ao publico por mais de hum dia.

Nos particulares que não passarem de hum meio de emulação entre os alumnos, serão os trabalhos expostos nas aulas para serem julgados pelo Corpo Academico.

Art. 60. O Corpo Academico não ultimarâ o seu juizo ácerca de qualquer concurso, sem que a Commissão a que pertencer a materia, tenha apresentado sobre elle o seu parecer por escripto.

Este parecer será discutido pelo mesmo Corpo e só depois de approvado por elle produzirá seus effeitos.

Art. 61 Os concursos publicos principiarão no dia 5 de Novembro, e findarão no tempo que for marcado.

Os concursos para os premios serão regulados por Instrucções especiaes do Corpo Academico, precedendo approvação do Governo.

TITULO VII.

Das Exposições publicas.

Art. 62. As Exposições publicas serão feitas no salão da Pinacotheca, e reguladas da maneira seguinte:

No fim de cada anno escolar haverá huma Exposição pu-

(412)

blica dos trabalhos de todas as classes da Academia, a qual durará tres dias, findos os quaes se fará a distribuição dos premios.

No dia da distribuição, o Conservatorio de Musica executará composições vocaes e instrumentaes, entrando nestas as obras que forem premiadas.

De dous em dous annos, a contar do anno de 1856, se fará huma Exposição geral publica de todos os trabalhos artisticos feitos na Capital do Imperio e nas Provincias.

Estas Exposições durarão 15 dias, e serão solemnizadas tambem com a presença do Conservatorio, que de tres em tres dias executará as composições que escolher, tendo sempre preferencia a dos mestres nacionaes.

Art. 63. Todos os artistas nacionaes e estrangeiros terão direito de expor suas obras na Academia, assim como os curiosos amantes das artes; huma vez que sejão acceitas pelo Jury Academico.

Art. 64. O Jury Academico será composto das Comissões cujas materias de ensino estiverem mais em relação com os trabalhos apresentados.

À este Jury compete o acceitar ou recusar qualquer obra offerecida á Exposição.

Art. 65. O Director presidirá o referido Jury, e nelle votará sómente em caso de empate.

Hum dos Membros de cada comissão servirá de relator conforme a maior relação que houver entre a obra exposta e a materia que professar e dará em tempo o seu trabalho ao Secretario, para que este possa coordenar no catalogo geral da Exposição.

Art. 66. Os premios conferidos aos que expuzerem suas obras serão dados em presença do Corpo Academico no ultimo dia da Exposição.

Art. 67. Todos os artefactos industriaes, que tiverem hum cunho artistico, e se acharem em relação com alguma das materias do ensino, serão recebidos e collocados separadamente.

TITULO VIII.

Dos premios.

Art. 68. Os premios conferidos pela Academia serão de 1.^a, 2.^a e 3.^a ordem.

O de 1.^a ordem será dado ao alumno brasileiro mais distincto da Academia, e constará de huma Pensão annual na Europa pelo tempo que lhe for designado na conformidade do Art. 74.

(413)

Os de 2.^a ordem serão conferidos aos artistas que mais se distinguirem nas Exposições publicas, ou áquelles a quem a Academia julgar dignos destas distincções por seus trabalhos artisticos.

Nestes trabalhos se comprehendem monumentos, decorações de edificios, estatuas nas praças publicas, medalhas, scenarios, e em fim qualquer objecto d'arte, que não podendo ser exposto na Academia deva não obstante ser premiado por seu merecimento transcendente.

Os de 3.^a ordem serão distribuidos pelos alumnos durante o anno escolar nos concursos de emulação, e nas Exposições finaes.

Art. 69. O alumno que dentro de hum anno se não utilizar do Premio, de 1.^a ordem sem motivo justificado, perderá o direito á Pensão do Estado, e não poderá obtel-a segunda vez na mesma arte.

Art. 70. Os premios de 2.^a ordem poderão ser conferidos por muitas vezes ao mesmo individuo, e constarão de medalhas especiaes ou distinctivos que o Corpo Academico solicitará do Governo Imperial.

Art. 71. Os de 3.^a ordem constarão de medalhas de ouro e prata semelhantes as que até agora tem sido conferidas.

As medalhas de ouro só serão dadas no fim do anno, e as de prata durante o anno nos concursos trimensaes.

Art. 72. O alumno que obtiver a primeira medalha em huma classe de estudos, ou materia de concurso, não a poderá ter 2.^a vez pelo mesmo motivo.

TITULO IX.

Dos Pensionistas do Estado.

Art. 73. Os concursos para premio de 1.^a Ordem só se farão depois da Exposição annual, de que trata o Art. 62 e depois de fechada a Academia.

Esta disposição só terá vigor, em quanto não houver no edificio os commodos proprios para esta sorte de concursos.

Art. 74. De tres em tres annos partirá hum pensionista o qual ficará seis annos na Europa se for Pintor Historico, Escultor, ou Architecto, e quatro se for Gravador ou Paisagista.

Art. 75. Os Pensionistas seguirão as instrucções que lhe forem expeditas pelo Corpo Academico, depois de approvadas pelo Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio, e as recommendações do mesmo Corpo, e deverão corresponder-se com o Director frequentemente sobre o estado de seus trabalhos, e a maneira porque forem desempenhando as ditas instrucções.

(414)

TITULO X.*Do ensino industrial.*

Art. 76. As aulas de Mathematicas applicadas, de Desenho geometrico, de Escultura de Ornatos e de Desenho de Ornatos, que fazem parte do ensino Academico, tem por fim tambem auxiliar os progressos das Artes e da industria Nacional.

Art. 77. Haverá sempre nestas tres ultimas aulas duas especies de alumnos: os Artistas e os Artifices, os que se dedicão ás Bellas Artes, e os que professão as Artes mechanicas. Os alumnos desta segunda especie terão hum livro proprio de matricula, no qual se declarará a profissão que seguem, para que os Professores o saibão e possão dirigir os seus estudos convenientemente.

Art. 78. Estes alumnos deverão ser apresentados por hum mestre approved pela Academia, o qual certificará o ramo da arte a que se dedicão.

Os alumnos de fóra da Capital serão apresentados pela Camara Municipal ou pela autoridade principal do lugar, em que habitarem, juntando ao seu requerimento certidão de baptismo.

Art. 79. Os alumnos desta ordem que forem approved em Mathematicas, e julgados sufficientemente habilitados no desenho geometrico, obterão hum attestado do Corpo Academico.

Se a estes estudos theoreticos juntarem hum exame pratico de sua Arte ou Officio, perante huma Junta de mestres, nomeada pelo referido Corpo, poderão alcançar o diploma de mestres.

Hum Regulamento especial será feito para esta ordem de alumnos, no qual se marcará a maneira de proceder-se a estes exames praticos fóra da Academia.

Art. 80. O Corpo Academico nomeará tantas commissões compostas de mestres praticos de officios de reconhecida pericia quantas julgar necessarias para o bom desempenho das disposições anteriores.

TITULO XI.*Da Bibliotheca.*

Art. 81. A Bibliotheca da Academia estará aberta e franca todos os dias uteis das 8 da manhã ás 2 horas, e das 4 ás 6 da tarde, e nella poderão estudar:

Os Membros da Academia.
Os alumnos.

(415)

E as pessoas que obtiverem licença do Director.

Art. 82. Ninguém poderá levar consigo obra alguma sem licença do Director. Esta licença nunca excederá do prazo de vinte dias, e jamais comprehenderá as obras raras e preciosas.

Art. 83. A pessoa que extraviar qualquer livro, ou o transmittir sem autorização a outra pessoa perderá para sempre o direito de obter a licença do Artigo antecedente, além de ser obrigado a indemnizar o valor da obra.

Para a boa ordem do serviço, além do Catalogo, haverá hum livro de recibos, onde os professores escreverão de proprio punho as obras que levão para as suas aulas, e onde se notarão as que forem restituídas.

Haverá além disto outro livro, para os recibos das pessoas que obtiverem a licença do Art. 81.

Art. 84. He expressamente prohibida a transfoliação nas estampas dos livros.

O individuo que tal praticar, nunca mais poderá entrar na Bibliotheca da Academia.

TITULO XII.

Das Sessões do Corpo Academico.

Art. 85. As Sessões do Corpo Academico serão publicas e particulares.

Nas Sessões publicas deverão comparecer todos os Membros da Casa, presididos pelo Ministro do Imperio ou pelo Director.

Nellas tomarão assento promiscuamente os Professores effectivos e honorarios, e os Membros honorarios e correspondentes.

Para haver Sessão particular basta a presença de mais de metade dos Professores em effectivo serviço.

Art. 86. Durante o anno haverá quatro Sessões publicas, e tantas particulares quantas o Corpo Academico ou o Director julgarem necessarias.

Nas Sessões publicas se farão a distribuição dos premios e leituras de memorias e discussões sobre objectos artisticos, que sejam interessantes.

Nas sessões particulares se occupará o Corpo Academico; De tudo quanto for a bem do ensino e progresso das Bellas-Artes;

Das representações que tenha de dirigir aos altos poderes do Estado a bem do progresso das artes e dos melhoramentos da Academia;

(416)

Da organização dos programmas das aulas;
Do julgamento dos Concursos;
Das propostas para as nomeações dos Professores effectivos e honorarios;

Das nomeações dos Membros correspondentes e honorarios;
Das emendas, alterações e additamentos que a experiencia aconselhar nestes Estatutos ou nos Regulamentos, e praticas da Academia;

Das modificações que se tornarem necessarias nos programmas das aulas;

Da moralidade dos membros do mesmo Corpo em questões artisticas;

Das cartas de habilitação aos professores de Desenho e Pintura, que ensinão fóra da Academia, e que desejarem este documento de sua capacidade.

Art. 87. O Corpo Academico se constituirá em tribunal interno da Academia todas as vezes que hum dos seus membros o requerer por escripto ao Director ou que este por si ou de ordem superior o convocar para o dito fim.

Neste tribunal se discutirão e julgarão as faltas dos professores e as causas internas que possão destruir a harmonia do Corpo Academico, o seu esplendor, e o respeito que deve merecer da sociedade, para se providenciar sobre o caso, como for acertado.

Art. 88. As representações, ou queixas, depois de apresentadas e lidas, não serão discutidas, mas logo entregues ao accusado para que este responda por escripto o que tiver de allegar em sua propria defesa.

Feito isto, o Director nomeará huma Comissão para tomar conhecimento do facto, e dar o seu parecer, o qual poderá ser contrariado pelo accusado se quizer.

Do contrario passará a ser votado sem discussão alguma.

Art. 89. O accusado poderá recorrer ao Governo Imperial, no caso de se não conformar com a decisão do Corpo Academico.

Todo este processo será reservado, devendo os professores guardar segredo a respeito das votações academicas antes de publicadas.

Art. 90. Nenhum membro da Academia poderá usar de palavras affrontosas nas discussões e leituras academicas, nem de phrases que se possão julgar offensivas para com qualquer de seus collegas.

O que infringir este preceito será immediatamente chamado á ordem pelo Director; se insistir, este o fará sahir da sessão; e se recalcitrar, o suspenderá do exercicio e ordenado pelo espaço de hum mez, contado do dia immediato ao da sessão em que o facto acontecer, fazendo-se do que oecorrer expreça menção na acta. A suspensão só produzirá seus effectos depois de approvada pelo Governo.

(417)

Art. 91. Haverá todos os annos huma sessão particular do Corpo Academico 15 dias antes do marcado para a abertura das aulas, tendo por fim distribuir as horas das lições, verificar a presença dos professores, e designar as pessoas que devão reger as cadeiras cujos professores se acharem impedidos.

Art. 92. Os professores em effectividade são obrigados a comparecer em todas as sessões do Corpo academico, e serão multados na perda do ordenado de hum dia por cada vez que faltarem sem motivo justificado.

Art. 93. Esta pena será imposta pelo Director no fim da Sessão em que a falta se der, fazendo-se disto menção na respectiva acta.

Art. 94. Nos objectos em que se tratar de causas e interesses individuaes a votação será por escrutinio secreto.

TITULO XIII.

Do Pessoal.

CAPITULO I.

Do Director.

Art. 95. Ao Director compete:

1.º Observar e fazer observar os Estatutos, Regulamentos, Instrucções ou ordens concernentes ao serviço da Academia.

2.º Inspeccionar o ensino das Bellas Artes fiscalizando o methodo adoptado pelos Professores, e evitando que se desviem dos programmas approvados.

3.º Convocar o Corpo Academico, designar os dias e horas das sessões, presidi-las, e regular seus trabalhos.

4.º Representar a Academia em todos os actos publicos e solemnes.

5.º Assignar com os Professores presentes as actas das sessões do Corpo Academico, assignar tambem a correspondencia official, assim como todos os termos lavrados em nome ou por deliberação do mesmmo corpo, ou em virtude destes Estatutos, ou por ordem do Governo.

6.º Fazer organizar pelo Secretario, fiscalisar e assignar as folhas dos vencimentos dos professores e empregados, e as de quaesquer depezas do estabelecimento, bem assim o orçamento annual que devem propor ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio.

7.º Dar ao Ministro do Imeprio de 3 em 3 mezes conta circumstanciada do que de mais notavel tiver occorrido na

(418)

Academia, e da maneira porque os professores e empregados cumprem os seus deveres, enviando por essa occasião a relação das faltas que os mesmos tiverem dado.

8.º Propor ao Governo todas as medidas ou providencias de que a academia carecer, ou que forem de reconhecida vantagem para as artes.

9.º Despachar os requerimentos dos alumnos que pretenderem matricular-se.

10. Inspeccionar e regular o serviço do Secretario e do Bibliothecario, determinar o serviço interno da Academia e providenciar sobre tudo que for necessario para sua regularidade.

11. Exercer a policia no recinto do edificio, procedendo do modo prescripto nestes Estatutos contra os que pertubarem a ordem, e empregar a maior vigilancia na manutenção dos bons costumes.

12. Admoestar os professores e empregados que se deslitem dos seus deveres, providenciando na fórma destes Estatutos sobre os casos mais graves e trazendo-os logo ao conhecimento do Governo, bem como as faltas, em que reincidirem depois de advertidos.

13. Reprehender os empregados, que mal procederem, e suspende-los até 8 dias, dando tambem logo parte disto ao Governo circumstanciadamente, a fim de que resolva o que entender mais acertado.

14. Providenciar sobre qualquer occurrencia, que não admitta demora.

15. Designar e convocar os professores honorarios que devem substituir os effectivos.

16. Velar na conservação, asseio, e melhoramento do edificio, e do material da Academia.

17. Corresponder-se directamente com todas as Faculdades e Estabelecimentos litterarios do Brasil, e com as Academias estrangeiras.

18. Assignar os diplomas que forem conferidos pela Academia.

19. Remetter annualmente ao Governo hum relatorio circumstanciado de todos os trabalhos do anno, com a noticia do aproveitamento dos alumnos e regularidade do seu procedimento.

Art. 96. No impedimento ou ausencia do Director fará suas vezes hum Vice-Director nomeado por Decreto, e na falta deste o Professor mais antigo.

Art. 97. O Director poderá exigir dos Professores todas as informações de que carecer, devendo estes satisfazer-las promptamente, bem como prestar-se aos trabalhos academicos de que os incumbir o mesmo Director.

(419)

CAPITULO II.

Do Secretario.

Art. 98. Para este cargo será preferido sempre que for possível hum dos professores effectivos ou honorarios mais habilitados no conhecimento geral das Bellas Artes e das linguas franceza e italiana pelo menos.

Art. 99. O Secretario tem as seguintes obrigações:

- 1.^a Escrever e registrar toda a correspondencia e expediente da Academia.
- 2.^a Redigir e ler as actas das Sessões Academicas.
- 3.^a Transmittir pontualmente as ordens do Director.
- 4.^a Inscrever os nomes dos alumnos que se quizerem matricular abrindo para isso, encerrando e assignando os respectivos termos em livro especial.
- 5.^a Organisar as folhas dos vencimentos dos Empregados, tendo em vista a lista das faltas que houver organizado conforme o disposto no § 12 deste Artigo; extrahir e apresentar ao Director as contas das despezas do Estabelecimento.
- 6.^a Dirigir o Archivo, e cuidar da Bibliotheca.
- 7.^a Auxiliar o Director, na policia, e asseio da casa.
- 8.^a Fazer o catalogo da Exposição.
- 9.^a Dar certidão do que lhe for determinado por despacho.
10. Organisar o catalogo de todas as obras que possuir a Academia.
11. Notar em livro especial os dias das faltas dos Professores e mais empregados a qualquer dos serviços da Academia.
12. Organisar á vista do livro de que trata o § antecedente a lista das faltas durante o mez, e apresental-a ao Director no 1.^o dia do mez seguinte.

Art. 100. Na ausencia ou impedimento do Secretario fará suas vezes quem o Director designar, percebendo quando o impedimento exceder de 15 dias huma gratificação igual a do effectivo.

CAPITULO III.

Dos Professores effectivos.

Art. 101. Os Professores effectivos devem:

- 1.^o Comparecer em suas aulas a hora marcada, e nellas se conservarem durante o tempo designado nos respectivos programmas.
- 2.^o Manter dentro dellas o silencio, o respeito e a conveniente disciplina, admoestando os alumnos pouco applicados ou que procederem mal, reprehendendo-os, se o caso assim o exigir, com palavras comedidas; impondo-lhes as penas

(420)

do Capitulo 8.º quando incorrerem nas faltas a que se referem os artigos relativos á policia das aulas e frequencia dos alumnos.

3.º Prestar o devido respeito ao Director a quem são subordinados como Chefe da Academia.

4.º Participar por escripto ao Director o seu impedimento sempre que faltarem, salvo quando forem accommettidos de molestia repentina, ou tiverem causa inesperada, em que a participação póde ter lugar no dia seguinte.

5.º Observar fielmente os programmas a que se refere o Artigo seguinte, e as disposições dos presentes Estatutos, e dos Regulamentos, Instrucções ou ordens concernentes á Academia na parte que lhes tocar.

6.º Guiar os seus alumnos por maneira conveniente no estudo do bello, excitando-lhes a emulação, e promovendo o seu adiantamento.

Art. 102. Cada Professor deverá além disto formular hum programma circunstanciado de ensino da respectiva Cadeira, declarando o methodo que terá de seguir, e a maneira por que desempenhará suas funcções.

Este programma será submettido por escripto á approvação do Corpo Academico.

Art. 103 O programma huma vez approvedo não poderá ser alterado sem que precedão as seguintes formalidades:

Representação por escripto do Professor da Cadeira.

Parecer favoravel da Commissão ou secção respectiva.

Approvação do Corpo Academico.

A 1.ª formalidade póde ser dispensada quando o Director por si, ou sob representação da Commissão ou secção indicada propuzer a alteração ao Corpo Academico.

Art. 104. A antiguidade dos Professores actuaes será contada como até agora nas classes a que pertencem.

Para os que de novo forem nomeados regulará a data da posse, e havendo mais de huma no mesmo dia, a data do diploma.

Em igualdade desta data prevalecerá a antiguidade nas funcções publicas, que até ali houverem exercido; e em ultimo caso a idade.

Art. 105. O Professor que contar 25 annos de serviço effectivo poderá ser jubilado com o ordenado por inteiro.

Aquelle que antes desse prazo ficar impossibilitado de continuar no magisterio poderá requerer a sua jubilação com o ordenado proporcional ao tempo em que houver effectivamente servido, não podendo porém gozar deste favor antes de haver ensinado por 10 annos.

Art. 106. Para o tempo de effectivo serviço serão abonadas:

§ 1.º As faltas que forem dadas por serviço publico em

(421)

outros empregos ou commissões, com tanto que dentro dos 25 annos, não comprehendão hum espaço maior de 5.

§ 2.º As faltas por molestias justificadas pelo modo declarado nestes Estatutos, não excedendo de 20 em cada anno, ou de 60 em hum triennio, salvo se a molestia for adquirida em serviço publico.

§ 3.º As que procederem de suspensão judicial ou academica, quando a final o Professor suspenso seja declarado innocente.

Art. 107. O Professor que se jubilar aos 30 annos, tendo servido pelo menos 25 effectivamente terá além do ordenado huma gratificação correspondente á metade do mesmo.

Art. 108. O Professor que obtiver permissão do Governo para continuar a leccionar depois de haver completado 25 annos de effectivo exercicio, terá huma gratificação de 400\$ em quanto for pelo mesmo Governo conservado no magisterio.

Art. 109. Os Professores só terão direito ao ordenado deixando de comparecer: quando faltarem por motivo justificado de molestia não lhes sendo abonadas sem essa circumstancia mais do que 2 faltas em hum mez; quando obtiverem licença com ordenado, a qual só lhes poderá ser concedida até 6 mezes dentro do anno com ordenado por inteiro, sendo por causa de enfermidade, e quando as faltas forem dadas por serviço publico gratuito obrigatorio por Lei.

Art. 110. As faltas dos Professores durante o tempo lectivo só poderão ser justificadas até o 3.º dia depois da 1.ª

Art. 111. As faltas dos Professores ás sessões das Congregações, e quaesquer actos e funcções da Academia, a que são obrigados, serão contadas como as que derem nas Aulas.

Art. 112. Na Secretaria da Academia haverá hum livro em que o Secretario lançará o dia de serviço, de lições ou de exames, no qual notará as faltas dos Professores, e os nomes dos que comparecerem.

Art. 113. O mesmo Secretario á vista deste livro e das notas que haja tomado sobre quaesquer actos academicos, organizará a lista das faltas dadas durante o mez e a apresentará ao Director no 1.º dia do mez seguinte. O Director abonará as que tiverem em seu favor condições justificativas.

Art. 114. A decisão do Director sendo desfavoravel será immediatamente communicada pelo Secretario ao interessado e este dentro de 3 dias apresentará, querendo, a sua reclamação ao mesmo Director, que a poderá attender, reformando a decisão.

Art. 115. Se porém não for reformada será admittido dentro de 3 dias recurso suspensivo para a Congregação do mez, e desta no effecto devolutivo para o Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Imperio no prazo de outros 3 dias contados da data em que teve lugar a Sessão.

(422)

Art. 116. Se não se apresentar reclamação, ou não se interpuzer recurso, segundo as hypotheses dos artigos antecedentes, o Director mandará lançar as faltas em livro especial para serem trazidas oportunamente ao conhecimento do Governo.

Art. 117. Os Professores ou Substitutos que deixarem de comparecer para exercer as respectivas funcções por espaço de 3 mezes, sem que alleguem perante o Director motivo que justifique a ausencia, incorrerão nas penas do Art. 157 do Codigo Criminal.

Se a ausencia exceder de 6 mezes reputar-se-ha terem renunciado ao magisterio, e os seus lugares serão julgados vagos pelo Governo, ouvida a Congregação e a Secção dos Negocios do Imperio do Conselho d'Estado.

Art. 118. O Professor nomeado que dentro de 6 mezes não comparecer para tomar posse sem communicar ao Director a razão justificativa da sua demora, perderá a Cadeira para a qual foi nomeado, sendo-lhe a pena imposta pelo Governo Imperial, depois de ouvida a respectiva Secção do Conselho d'Estado.

Art. 119. Espirado o prazo, na primeira hypothese do Art. 117 o Director convocará a Congregação, a qual tomando conhecimento do facto, e de todas as suas circumstancias decidirá se tem lugar ou não o processo, expondo minuciosamente os fundamentos da decisão que tomar.

Se for affirmativa, o Director a remetterá por copia extrahida da acta com todos os documentos que lhe forem concernentes ao Promotor Publico para intentar a accusação judicial por crime de responsabilidade, e dará parte ao Governo assim do que resolveo a Congregação, como da marcha e resultado do processo, quando este tiver lugar. Na segunda hypothese do citado Artigo 117 o Director dará parte ao Governo do occorrido, a fim de proceder-se na conformidade do mesmo Artigo.

Art. 120. Na hypothese do Art. 119 verificada a demora da posse, e dividida pela Congregação a procedencia ou improcedencia da justificação, se tiver havido, o Director participará ao Governo o que occorrer para sua final decisão.

CAPITULO IV.

Dos Professores honorarios.

Art. 121. Os Professores honorarios serão eleitos pelo Corpo Academico sobre proposta do Director, ou de tres membros de qualquer das Secções.

As propostas serão sempre acompanhadas de huma noticia sobre os trabalhos artisticos, e habilitações dos propostos.

(423)

Art. 122. A sua eleição terá lugar por maioria absoluta de votos, mas ainda assim não tomarão posse os eleitos sem que sejam approvados pelo Governo.

Art. 123. Qualquer Membro do Corpo Academico tem direito de exigir hum adiamento até 30 dias para a nomeação do proposto; no fim deste prazo porém será obrigado a motivar na 1.ª Secção as razões que o levirão a isto; e se assim não praticar será estranhado o seu procedimento pelo Corpo Academico, e lavrado na acta o seu procedimento.

Art. 124. O Pensionista que completar os seus estudos á satisfação do Governo, e á do Corpo Academico por votação deste, será eleito Professor honorario, se as suas habilitações reunir hum procedimento honroso na sociedade.

Art. 125. Os Professores honorarios que se deslisarem de seus deveres na sociedade, e se tornarem por seu máo procedimento moral indignos de pertencerem ao Corpo Academico poderão ser demittidos pelo Governo, seguindo-se para isto o processo marcado nos Artigos 87, 88 e 89.

Art. 126. O Professor assim excluido por Decreto do Governo entregará o seu Diploma ao Secretario no prazo que lhe for marcado depois de intimado, e se o não fizer findo esse prazo o Director mandará annunciar nas folhas publicas a sua exclusão da Academia.

Art. 127. A' posse de cada Professor honorario precederá sempre a apresentação de huma obra sua ao Corpo Academico a qual ficará pertencendo ao Estabelecimento.

São isentos desta formalidade sómente os nomeados para a secção de Sciencias accessorias, que tiverem sido ou forem Lentes de qualquer das Faculdades, Escolas ou Academias de ensino superior.

Art. 128. São obrigados a reger as cadeiras dos effectivos na falta ou impedimento destes, quando forem designados pelo Director.

Aquelle que se recusar ao ensino nestas circumstancias depois de designado por mais de duas vezes pelo Director sem justificar impedimento que absolutamente o vede, será considerado no caso de ser riscado da Academia, e sujeito por isso ao processo instituido nos Artigos 87, 88 e 89.

CAPITULO V.

Dos Membros correspondentes e honorarios.

Art. 129. A classe de Membros correspondentes da Academia será composta de artistas illustrados, residentes fóra da Capital do Imperio.

(424)

A esta classe ficarão pertencendo os Professores honorarios que se ausentarem, assim como gosarão de todas as honras e regalias de Professores honorarios e os Membros correspondentes que vierem habitar na Córte.

Art. 130. A' classe de Membros honorarios da Academia podem pertencer as pessoas distinctas por seu merecimento litterario e scientifico, que forem amigas e protectoras das Bellas Artes, e as que por suas producções tiverem adquiridos hum nome notavel.

Taes Membros serão eleitos por proposta do Director e por votação do Corpo Academico.

CAPITULO VI.

Do Restaurador de quadros e Conservador da Pinacotheca.

Art. 131. O Restaurador de quadros e Conservador da Pinacotheca tem por dever :

1.º Reparar e illuminar os paineis que se deteriorarem.

2.º Fazer manter o asseio e a ordem na Pinacotheca, representando ao Director contra quaesquer abusos que ahí se commetterem.

3.º Impedir absolutamente a deslocação dos paineis, a applicação sobre elles de vernizes, oleos, transparentes, ou qualquer outra cousa que os possa damnificar.

4.º Fazer sahir immediatamente da sala, prohibindo que tornem a nella entrar os que violarem qualquer dos preccitos acima declarados, os que procederem mal perturbando a ordem, e recalcitrando a suas observações.

5.º Observar e fazer observar as instrucções que o Director deve expedir para o melhor desempenho de suas obrigações.

Art. 132. A Pinacotheca deve ser conservada sempre no maior asseio possivel e será franqueada diariamente a qualquer pessoa, ainda mesmo estranha, que a quizer visitar.

CAPITULO VII.

Do Porteiro e do Guarda.

Art. 133. O Porteiro he obrigado :

1.º A abrir as portas do edificio meia hora antes da designada para as aulas, e fechal-as quando terminarem os trabalhos.

2.º A cuidar no asseio de todo o edificio, dirigindo e instruindo os serventes que lhe são subordinados.

(425)

3.º A prover o edificio de tudo quanto for necessario segundo as ordens que receber do Director ou do Secretario.

4.º A entregar os officios e a correspondencia do Corpo Academico.

5.º A vigiar na policia do estabelecimento, dando parte ao Director dos abusos que dentro d'elle commetterem os alumnos fóra das aulas.

6.º A impedir que se perturbe o silencio no vestibulo da Academia, ou nas proximidades das aulas.

7.º A fazer as despezas miudas da Academia segundo as ordens que o Director ou o Secretario lhe transmittirem.

8.º A embaraçar a sahida de qualquer livro ou painel, ou objecto d'arte, ou movel do edificio sem ordem por escripto, que lhe será entregue, do Director ou do Secretario, excepto se for algum trabalho proprio de Professor ou alumno da casa, ou de pessoa que o levar.

Art. 134 O Guarda, além de substituir o Porteiro nos seus impedimentos, deve diariamente:

1.º Achar-se na Academia meia hora antes da abertura das aulas, e ahí conservar-se até que terminem os trabalhos do dia.

2.º Fazer o signal do começo das aulas, e a chamada dos alumnos de cada huma dellas.

3.º Marcar as faltas destes no livro do ponto, entregando a cada Professor huma nota das mesmas faltas no fim da respectiva aula.

4.º Receber para este fim do Secretario, e entregar-lhe findos os trabalhos de cada dia, o dito livro.

5.º Cumprir fiel e promptamente todas as ordens concernentes ao serviço que lhe forem dadas pelo Director, Secretario e Professores dentro das aulas, e pelo Porteiro no que for relativo ao asseio e conversação do edificio.

Art. 135. O Guarda deverá marcar o ponto com a maior exactidão, sob pena de immediata suspensão, e de demissão na reincidencia; e só o poderá riscar se assim o ordenar o Professor no unico caso de comparecer o alumno dentro do primeiro quarto de hora, depois da designada para a abertura da respectiva aula.

Tres destas dispensas, porém, que o alumno obtiver equivalerão a hum ponto, que lhe será marcado.

CAPITULO VIII.

Dos Alumnos e sua frequencia, e da Policia academica.

Art. 136 A Academia terá huma só classe de alumnos que será a dos matriculados nos Cursos e Mathematicas appli-

(426)

çadas e de Desenho geometrico, os quaes d'ahi proseguirão para as outras aulas segundo o seu aproveitamento.

A estas aulas são admittidas quaesquer pessoas que as queirão frequentar, independente da matricula, com tanto que se sujeitem á policia e disciplina do estabelecimento.

Art. 137. Nem hum alumno poderá mudar de aula sem terminar o anno em que se tiver matriculado.

Art. 138. Todos os alumnos são obrigados a respeitar o Director, Professores e mais Empregados, a conservar o maior silencio durante as aulas, e a terem a maior applicação e assiduidade.

Art. 139. He-lhes prohibido fazerem vozerias e passarem em grupos dentro da Academia.

Art. 140. O que deixar de cumprir esta recommendação, provocar desordem com seus companheiros, insultal-os, e faltar ao respeito a seus superiores, incorrerá nas penas declaradas em diversos artigos deste Capitulo.

Art. 141. As matriculas se abrirão no dia 3 de Fevereiro, devendo ter lugar os exames de que trata o Art. 49 oito dias antes da abertura das aulas.

Art. 142. O alumno que tiver dez pontos no 1.º trimestre não poderá obter certidão de frequencia, e o que chegar a vinte pontos sem justificar as faltas, será riscado da matricula por ordem do Director, e o seu nome publicado em Edital na Academia. As faltas serão justificadas perante os respectivos professores, que ficarão autorisados para abona-las, se acharem fundadas as razões, ou documentos apresentados.

Art. 143. Os alumnos pagarão 4,000 por cada anno de matricula, que serão applicados á compra de livros ou quadros conforme da somma total.

Art. 144. As faltas dos alumnos serão todos os dias notadas pelo Guarda ou Porteiro em huma caderneta, que no fim de cada lição será examinada, corrigida e rubricada pelo respectivo Professor na pagina do dia.

Art. 145. Incorre em falta, como se não tivesse vindo á aula, o alumno que comparecer de:ois do 1.º quarto de hora, o que sabir da aula sem licença do Professor, e o que não se prestar aos trabalhos que lhe forem commettidos.

Art. 146. O alumno que perturbar o silencio, causar desordens dentro da aula, ou nella proceder mal, será reprehendido pelo Professor.

Se não se contiver o Professor o fará immediatamente sahir da sala, ordenando ao Guarda ou Porteiro que lhe marque huma falta, e tome nota do facto na sua caderneta, para ser levado ao conhecimento do Director.

Se o alumno recusar sahir, ou se usar de palavras desrespeitosas, o Professor fará tomar por termo isso mesmo pelo Guarda ou Porteiro, e dará logo parte do occorrido ao Director.

(427)

Se o Professor ver que a ordem não pôde ser restabelecida, suspenderá a lição, mandando pelo Guarda ou Porteiro tomar os nomes dos autores da desordem para o fim acima indicado.

Art. 147. O Director logo que tiver noticia do facto, nas duas ultimas hypotheses do Artigo antecedente, fará vir á sua presença o culpado ou culpados, e depois de ler publicamente a parte do Professor, e o termo lavrado pelo Porteiro ou Guarda, imporá a pena de prisão correccional de 1 a 8 dias.

Art. 148. A prisão correccional terá lugar, logo que for possível, dentro do edificio da Academia, e em lugar convenientemente preparado, e donde nos dias de trabalhos sahirá o delinquente para assistir ás lições, ou para ir fazer, acto, se este tiver lugar em occasião em que o alumno ainda não tenha preenchido os dias de prisão.

Art. 149. Se a desordem for dentro do edificio, porém fóra da aula, qualquer Professor ou empregado que presente se achar, procurará conter os autores em seus deveres.

No caso de não serem attendidas as admoestações, ou se o successo for de natureza grave, o Professor ou empregado que o presenciar deverá immediatamente communicar o facto ao Director.

Art. 150. O Director, logo que receber a participação, ou ex-officio, quando por outros meios tiver noticia do facto tomará d'elle conhecimento, fazendo comparecer perante si o alumno ou alumnos que o praticarão.

O comparecimento terá lugar na Secretaria.

Art. 151. Se depois das indagações a que proceder, o Director achar que o alumno merece maior correcção do que huma simples advertencia feita em particular, o reprehenderá publicamente.

Art. 152. A reprehensão será neste caso dada na Secretaria, em presença de dous Professores, e dos empregados, e de 4 ou 6 alumnos pelo menos; ou na aula a que o alumno pertencer, presentes o Professor e os outros alumnos da mesma, que se conservarão nos respectivos lugares.

A todos estes actos assistirá o Secretario, e de todos elles, bem como dos casos referidos no Artigo, lavrará hum termo, que será presente na 1.ª Sessão da Academia, e transcripto nas informações dadas ao Governo sobre o procedimento dos alumnos.

Art. 153. Se o Director entender que qualquer dos delictos marcados nos Artigos antecedentes... merece, pelas circumstancias que o acompanhárão mais severa punição do que a do Artigo mandará lavrar termo de tudo pelo Secretario, com as razões que o alumno allegar a seu favor, e com os depoimentos das testemunhas que souberem do facto,

(428)

e o apresentará ao Corpo Academico. Este, depois de empregar os meios necessarios para se conhecer a verdade o condemnará á prisão até 40 dias, e a perda do anno, quando não haja pena maior imposta por estes Estatutos.

Art. 154. Se os alumnos combinarem entre si para nenhum delles ir á aula, a cada hum dos que não justifiquem a ausencia será imposta a pena de 5 faltas, e os cabeças serão punidos com a perda do anno.

Art. 155. Os alumnos que arrancarem edital dentro do edificio da Academia ou estragarem quadros, transfolhearem as estampas ou livros da Bibliotheca ou praticarem acto de injuria dentro ou fóra do edificio, por palavras, por escripto, ou por qualquer outro modo ao Director, ou Professores serão punidos com as penas de prisão de hum até tres mezes, ou com a de perda de hum até dous annos, conforme a gravidade do caso.

Art. 156. Se commetterem dentro do edificio da Academia actos offensivos da moral publica, e da Religião do Estado, ou se em qualquer lugar, ou por qualquer modo que seja dirigirem ameaças, tentarem aggressão, ou vias de facto contra as pessoas indicadas no Artigo antecedente, serão punidas com o dobro das penas alli declaradas.

Se effectuarem as ameaças, ou realisarem as tentativas serão punidos com a exclusão dos estudos da Academia.

As penas deste Artigo e do antecedente não excluem aquellas em que incorrerem os delinquentes, segundo a Legislação Geral.

Art. 157. As penas de prisão correccional por mais de 8 dias, de retenção dos diplomas, de suspensão do acto, de perda do anno, e de exclusão serão impostas pelo Corpo Academico, do qual se admittirá nos 4 ultimos casos recurso para o Governo, sendo interposto dentro de 8 dias contados da intimação.

O recurso terá tambem lugar quando a pena de prisão for por mais de 2 mezes.

O recurso será suspensivo nos casos de perda do anno, ou de exclusão.

O Governo Imperial, a quem serão presentes todos os papeis que formarem o processo, resolverá por Decreto confirmando, revogando ou modificando a decisão, depois de ouvida a Secção respectiva do Conselho d'Estado.

Art. 158. Todos os mezes o Porteiro ou Guarda apresentará ao Secretario a lista das faltas commettidas pelos alumnos durante o mez anterior: o Secretario formará huma lista de todas, com declaração dos dias em que forão dadas, e a transmittirá ao Corpo Academico.

Art. 159. Nesta serão combinadas com a lista do Guarda as notas dos Professores, que declararão as faltas

(429)

que houverem abonado. Sendo tudo considerado pelo Corpo Academico: este as julgará, podendo ser recebidas as justificações que até esse momento o alumno exhibir.

Art. 160. Terminando o julgamento do Corpo Academico, o Secretario organizará a lista das faltas commettidas durante o mez, acrescentando as dos mezes anteriores, e fazendo-a acompanhar das notas correspondentes a publicará por edital.

Art. 161. O julgamento das faltas não terá lugar se não depois que o alumno comparecer: as que forem dadas antes dessa epoca serão lançadas na lista com a observação de continuação da ausencia. Se o alumno perder o anno far-se-ha esta observação no mez em que isto se verificar, não sendo mais inscripto na lista.

Art. 162. Os alumnos, quando as faltas procederem do não comparecimento ás aulas, poderão reclamar, assim contra a nota que lhes for lançada pelo Professor, como contra a decisão do Corpo Academico.

As reclamações deverão ser apresentadas dentro de 3 dias contados ou da nota do Professor, ou da publicação da lista, ao mesmo Professor, ou ao Director, para serem presentes ao Corpo Academico. No caso de continuarem as faltas, os 3 dias serão contados do em que comparecerem.

Art. 163. As reclamações de que falla o Artigo antecedente não serão admittidas senão em dous casos: 1.º se o alumno negar as faltas: 2.º se o julgamento dellas for dado na sua ausencia.

Art. 164. Os Professores exercerão a policia dentro das respectivas aulas, e deverão auxiliar o Director na manutenção da ordem e respeito dentro do edificio da Academia.

CAPITULO IX.

Disposições Geraes.

Art. 165. Serão respeitadas e mantidas na Academia os usos até agora admittidos bem como as decisões do Corpo Academico, que não forem de encontro aos presentes Estatutos.

Art. 166. Os actuaes substitutos das Cadeiras de Pintura, Desenho e Anatomia serão conservados como adjunctos das mesmas Cadeiras. Os respectivos lugares, porém, serão extintos logo que vagarem, na fórma da Lei.

Art. 167. Os presentes Estatutos serão desde já postos em execução, dependendo porém da definitiva approvação do Poder Legislativo na conformidade do Artigo 2.º do Decreto n.º 805 de 23 de Setembro de 1854.

(430)

Art. 168. Enquanto não forem definitivamente approvados o Governo poderá fazer em alguma ou algumas de suas disposições as alterações que a experiencia aconselhar.

Palacio do Rio de Janeiro em 14 de Maio de 1855. —
Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.

DECRETO N.º 1.604 de 14 de Maio de 1855.

Separa o Termo de Mangaratiba do de Angra dos Reis, na Provincia do Rio de Janeiro; e crea nelle hum Juiz Municipal, que accumulará as funcções de Juiz dos Orphãos.

Hei por bem separar o Termo de Mangaratiba do de Angra dos Reis, na Provincia do Rio de Janeiro; e crear nelle hum Juiz Municipal e de Orphãos, ficando revogadas as disposições em contrario.

José Thomaz Nabuco de Araujo, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Justiça, assim o tenha entendido, e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em quatorze de Maio de mil oitocentos cincoenta e cinco, trigesimo quarto da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade o Imperador.

José Thomaz Nabuco de Araujo.

(431)

COLLEÇÃO DAS LEIS DO IMPERIO DO BRASIL.

1855.

TOMO 18.

PARTE 2.^aSECÇÃO 36.^a

DECRETO N.º 1.605—de 19 de Maio de 1855.

Altera as disposições do Decreto numero trezentos e cinco de dous de Junho de mil oitocentos e quarenta e tres, relativas ás dimensões das Bandeiras de signaes dos Navios da Armada.

Hei por bem que as Bandeiras de signaes dos Navios da Armada sejam feitas, em conformidade da Nota, annexa ao presente Decreto, e assignada por José Maria da Silva Paranhos, do Meu Conselho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios da Marinha; ficando nesta parte alteradas as disposições do Decreto numero trezentos e cinco, de dous de Junho de mil oitocentos quarenta e tres. O mesmo Ministro e Secretario d'Estado o tenha assim entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro em dezanove de Maio de mil oitocentos cincoenta e cinco, trigesimo quarto da Independencia e do Imperio.

Com a Rubrica de Sua Magestade O Imperador.

José Maria da Silva Paranhos.

Nota, a que se refere o Decreto desta data, sobre as dimensões das Bandeiras de signaes, que se devem fornecer aos Navios da Armada.

Para Nãos, Fragatas e Corvetas.

Bandeiras. — Largura— seis pannos— comprimento— igual á largura e mais hum quinto desta.

Bandeiras farpadas. — As mesmas dimensões das bandeiras.

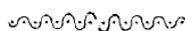
ANEXO 2

DECRETO — DE 12 DE AGOSTO DE 1816

Concede pensões a diversos artistas que vieram estabelecer-se no paiz.

Attendendo ao bem commum que provém aos meus fleis vassallos de se estabelecer na Brazil uma Escola Real de Sciencias, Artes e Officiós, em que se promova e diffunda a instrucção e conhecimentos indispensaveis aos homens destinados não só aos empregos publicos da administração do Estado, mas tambem ao progresso da agricultura, mineralogia, industria e commercio, de que resulta a subsistencia, commodidade e civilisação dos povos, maiormente neste Continente, cuja extensão, não tendo ainda o devido e correspondente numero de braços indispensaveis ao tamanho e aproveitamento do terreno, precisa dos grandes soccorros da estatistica, para aproveitar os productos, cujo valor e preciosidade podem vir a formar do Brazil o mais rico e opulento dos Reinos conhecidos; fazendo-se portanto necessario aos habitantes o estudo das Bellas Artes com applicação e referencia aos officios mecanicos, cuja pratica, perfeição e utilidade depende dos conhecimentos theoreticos daquellas artes e diffusivas luzes das sciencias naturaes, physicas e exactas; e querendo para tão uteis fins aproveitar desde já a capacidade, habilidade e sciencia de alguns dos estrangeiros benemeritos. que tem buscado a minha real e graciosa protecção para serem empregados no ensino e instrucção publica daquellas artes: Hei por bem, e mesmo emquanto ás aulas daquelles conhecimentos, artes e officios não formam a parte integrante da dita Escola Real das Sciencias, Artes e Officiós que eu houver de mandar estabelecer, se pague annualmente por quartéis a cada uma das pessoas declaradas na relação inserta neste meu real decreto, e assignada pelo meu Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra, a somma de 8:032\$000 em que importam as pensões, de que por um effeito da minha real munificencia e paternal zelo pelo bem publico deste Reino, lhes faço mercê para a sua subsistencia, pagas pelo Real Erario, cumprindo desde logo cada um dos ditos pensionarios com as obrigações, encargos e estipulações que devem fazer a base do contracto, que ao menos pelo tempo de seis annos hão de assignar, obrigando-se a cumprir quanto fôr tendente ao fim da proposta instrucção nacional, das bellas artes, applicadas á industria, melhoramento e progresso das outras artes e officios mecanicos. O Marquez de Aguiar, do Conselho de Estado, Ministro Assistente ao Despacho, encarregado interinamente da Repartição dos Negocios Estrangeiros e da Guerra assim o tenha entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro 12 de Agosto de 1816.

Com a rubrica de Sua Magestade.



ANEXO 3

Elemens
du
Catalogo de
Biblioteca.

4135

n ^o . 1. de Biblioteca de Abb. El Rey D. Juan VI.	n ^o . 1. Le Musée Français explications des sujets et discours par Croze-Magnan	par Robillard-Leconville et Saurant. Paris. L. E. Herhan. an XI. 1803	5
n ^o . 2. de F. G. Tournay Dir ^{te}	Antiquités de la France monumens de Nîmes texte historique et explicatif par F. G. Légrand.	par C. Clérissac Paris. P. Didot. an XI - 1804	2
n ^o . 3. fonds de Academia	Annales du Musée et de l'école moderne des Beaux-arts	par C. P. Landon Paris an XI. - 1801	32
n ^o . 4. de Directeur.	Traité de perspective linéaire à l'usage des Artistes par Ch. Choquet	Arné André Paris 1823.	1
n ^o . 5. id.	Traité de perspective linéaire simplifié par M ^{me} Adèle Labrotton	Paul Renouard Paris 1828	2
n ^o . 6. id.	Elemens de perspective pra- ctique par P. H. Valenciennes	L. E. Cellot Paris 1820	1
n ^o . 7. fonds de Academia	Jacomo Barozzo Vignola	G. P. de Rossi Roma	1

44

no. 8.	<i>Scelto</i> (Tutte l'opere di Archi- tettura di Sebastiano Serlio Bolognese.)	Francesco de' Franceschi Venezia 1584.	4135		2
no. 9	<i>Felicien.</i> des principes de l'architecture &c.	Neuve Colquard & fils. Paris 1697.			1
no. 10	<i>Thomassin.</i> Recueil des figures, groupes, thermes &c de Versailles.	Paris. 1694.		1715 1716	1
no. 11	<i>Bibiana</i> (Ferdinando Galli) architettura	Lelio della Volpe. Bologna 1745			1
no. 12.	<i>Bibiana</i> (Ferdinando Galli) Teorica della prospettiva	Lelio della Volpe Bologna 1753.		1715 1750	1
no. 13.	<i>Percier et Fontaine, Palais,</i> maisons de Rome &c &c.	Baudouin Paris 1798			3
no. 14.	<i>Collection de statues et bas-reliefs</i> des divers muséum de Rome, Flo- rence &c				1
no. 15	<i>Dictionnaire des beaux arts</i> par A. L. Millin	Crapelet Paris 1806			3
no. 16	<i>Flora Fluminensis</i>	ex off. lith. Senefelder. Paris 1827			5

		Tramp.		59
Biblioteca pública	n.º 17.	Andrea Putti. Prospettiva Pictorum pars prima	ex typ. Joannis Zempel Roma 1741	4135
		Andrea Putti. Prospettiva Pictorum pars secunda	ex typ. Antoni de Rubbis Roma 1737	1
	n.º 18	Serlio cinque libri d'architettura	Pietro da Niccolini de Sabbio Venetia 1551	1
	n.º 19	Grandjean de Montigny et Famin. Architecture Toscano	Didot aîné Paris 1815.	1
	n.º 20.	Portraits de tous les Souverains de l'Europe & par M. Meyer	Paris 1818	1
	n.º 21	Beauveau, collection de toutes les espèces de bâtimens de guerre &c	Paris 1814	1
	n.º 22.	Dechevallier, voyage dans la Toscade	Paris Lavan an VIII-1799	1
	n.º 23	Recueil des costumes Français depuis Clovis & par Beauve mier et Rathier	Paris Firmin Didot 1810	4
	n.º 24	Museo Fiorentino - ritratti degli eccellenti pittori dipinti di propria mano colle vite in compendio de' medesimi descritte da Francesco Meucci	nella Stamperia Medicea Firenze 1752	6
	n.º 25.	El museo pictorico y escala optica. con noticias, elogios e vitas de los pintores y escultores eminentes Españoles por St. Palomino de Castro y Nebasco	Madrid 1724	2
				78

		Frang. ^{to} 78	
n.º 26 de Director	Dictionnaire des arts de l'École Française au 18 ^{siècle} par Ch. Gabat peintre	M ^{me} Vergue Imprimerie de Machez du Cornil 1831.	4135
n.º 27 d ^{re}	Institut Imp. de France 1815	Firmin Didot 1815.	3
n.º 28... de S ^{re} Manoel de Arago Portugais	Histoire de la vie et des ouvrages de Raphaël par Quatremière de Quincy	Paris Firmin Didot 1835...	3
n.º 29... de mesmo	Histoire de la vie et des ouvrages de Michel Ange Buonarroti par Quatremière de Quincy	Paris ... Firmin Didot 1835. ...	3
n.º 30... de mesmo	Pisa illustrata nelle arti del disegno da Alessandro da Morrona	Livorno ... presso Giovanni Martini 1812. ...	3
n.º 31... de Director.	Tancredi de Voltaire tradurido en verso pto 1 ^o m. O dorio Mendes	Rio de Janeiro Lacour. 1839. ...	1
n.º 32 Funders de Academia em 1840	Biographie des plus célèbres architectes de 1050 à 1800 par Quatremière de Quincy.	Paul Renouard Jules Renouard 1830	2
n.º 33. Funders de Academia em 1840	Monuments et ouvrages d'art antique restitués K K par Quatremière de Quincy	imprimerie de Lignou Jules Renouard Libraire 1839. ...	2
n.º 34. Funders de Academ. em 1841	Études des Passions appliquées aux beaux-arts par. S. B. Delestre.	Paris chez Soubelet Libraire. 1833. ...	1
n.º 35. Funders de Academia em 1841	Anatomie des formes extérieures du Corps Humain par P. N. Gerdy	Paris Petit imprimerie Drouellez ...	1

N ^o 36 offrande pub. Musée National Paris de l'Empire 1804	Notices sur les premières statues de la Galerie, Aquandre surveys devant les statues sur grand de la Galerie, Aquandre	Folio 92 Goussier 4135 1839 Paris	
N ^o 37 Fondos de l'Etat Paris - 1842	Statistique de Bouillet Description de l'Etat	Folio 1831 Paris	
N ^o 38	Discours sur l'industrie par le 15 ^e Charles Dupin	Folio 1817 Paris	2
N ^o 39	Deux cahiers de documents tirés de l'histoire de l'Empire (1804)		1
N ^o 40 offrande pub. sur l'Empire	Collection des médailles de rogne de Louis XV sur G. R. Fleury		1
N ^o 41 Fondos de l'Etat Paris - 1842	3 ^e cahier de la galerie contemporaine Statistique par G. R. Fleury	Folio Paris	1
N ^o 42 Fondos de l'Etat Paris - 1842	2 ^e cahier de la galerie contemporaine par L. Rouvier et G. R. Fleury	Folio Paris	1
N ^o 43	Atlas genealogique	Folio Paris	1
N ^o 44 offrande pub. sur l'Empire	3 ^e cahier de la galerie contemporaine Statistique par G. R. Fleury	Folio 1806	1
N ^o 45 offrande pub. sur l'Empire	2 ^e cahier de la galerie contemporaine Statistique par G. R. Fleury	Folio 1807	3
N ^o 46 Fondos de l'Etat Paris - 1842	1 ^{er} cahier de la galerie contemporaine Statistique par G. R. Fleury	Folio Paris	1

22			Francq - 105	
N° 47	opuscule de	de	de	
N° 48	Fondos da Academia	Spanish Secerary by G. Viviani scq.	Almaghi & Co. Pall mall east London 1802.	1
N° 49	Date Date	Traité sur l'art de la Charpente &c. par Kraft	Lester A. L. Lond.	1
N° 50	Date Date	Almanach Royal et Satra	Lester A. L. Lond.	1
N° 51	de de	Discours remarquables du Pape	Lester A. L. Lond.	1
N° 52	de de	Trage trovate da Gio: Battista Formosi	Rouilly 1803 France	1
N° 53	de de	Discours de Casadei Napoli	Heaton Rensburg 1805 N. Juncosa	1
N° 54		Dictionnaire nouveau d'histoire & de geographie par M. A. Brumet	L. Haslet Paris 1805	1
N° 55	opuscule de L. Montigny	Vite dei pittori Sabari		3
N° 56	opuscule de L. Montigny	St. Volume dell'Opera Romana per Rollin	Les Foyes Librairie 1789 a Paris	10
N° 57	opuscule de L. Montigny	Principes de l'Architecture civile en France		3
				135

n.º 59 offrendo pila di A. S. da Barba	Nuova Corso di Architettura Civile, da Antonio Bause (Dopo le lezioni fatte)	Trattato 1837 Firenze - 1	4135
n.º 60 offrendo pila di A. S. da Barba	Voyage autour du monde par les marchés de l'Inde occidentale par la Corée de la Favorite - Paris - 1833	1	1
n.º 61	Atlas hydrographique de même titre de l'Atlas pittoresque de même titre	1	1
n.º 62	Atlas hydrographique de la Corée l'Atlas de même titre de même titre	1	1
n.º 63	Atlas d'histoire naturelle du voyage autour du monde occidental par la France la Corée de la Favorite	1	1
n.º 64	Architectonographie des Théâtres par Monsieur Dubut et D'Argenti, continuée par Jacques Auguste Rouffmann, architecte	Paris chez L. Mathis 1837	1
n.º 65	Le guide de l'Ornamenterie Charles Normand	Paris chez L. Mathis 1836	1
n.º 66	L'Épique de Virgile, traduite de Clemente Banti, commentata et incisa all'acquaforte, da Dante Lamus Lucilio Romano.	Roma Pispe Luigi Fabri.	1
n.º 67	Raccolta di Cento Costumi antichi Ricerche dei Monumenti, e degli Statuoli antichi. Disegnati, ed inci- si all'acquaforte da Donatone Piselli.	Roma Pispe Luigi Fabri.	1
n.º 68	Nuova raccolta di cinquanta motivi Pittoriche e Costumi di Roma. P. Piselli.	Roma 1810 Pispe Luigi Fabri.	1

67.	Raccolta di singolari Costumi di Napoli. B. Pinelli.	Roma 1817 Prof. Gio. Battista	Cadorna - 1
68.	Biblioteca d'opere d'istruzione per uso degli artisti. Raccolta per cura di Giuseppe Grassano.	Milano Prof. R. G. Bellardi	Cadorna 2
69.	Treatato Completo di Cosmografia, e Geografia - storica, fisica, e commerciale, antica e moderna. Per J. B. C. Casade Giraldes.		4
70.	La Divina Pittura e suoi disegni. Per St. Martens. 2 ^a Ediz.		1
71.	Compendio della pittura Toscana.		2
72.	Opere e trattati di Benvenuto Cellini Scultore Fiorentino.		1
73.	Clemente di Propetere secondo le pitture più di Roschi Taylor & del Padre Francesco Jacquier.		1
74.	Antica collezione di tutte le opere. Del Cav. Alberto Thomsen.		1
75.	Monumenti Antichi descritti e spiegati ed illustrati da Giovanni Winckelmann.	2 ^a Ediz.	2
76.	Ricerche sopra un Apollino della villa dell'Eminentissimo sig. Cardinale Alessandro Albani. In servizio di supplemento all'opera dei monumenti antichi inediti di Gio. Winckelmann.	Del P. Stefano Profici	1

Obras

que se acham em deposito na biblioteca.

			4135
64	64	Obras d' historia natural e de Philosophia de Charles Bonnet. Neuchâtel 1777	10.
65	65	Obras de Catter e Della reunil	1
66	66	Portraits divers 2 ^{to} tom. reunil	1
67	67	Portraits divers 1 ^{to} tom. reunil	1
68	68	Portraits divers 1 ^{to} tom. reunil	1
69	69	Portraits divers 1 ^{to} tom. reunil	1

Arquivadas em fim de 1866
na biblioteca da Academia

Passaram a ser propriedade da Academia em 1868.